

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

DEINER LUCIAN BARILI

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ITALIANIDADE E TURISMO: Uma análise do caso de
Flores da Cunha/RS**

Porto Alegre

2023

DEINER LUCIAN BARILI

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ITALIANIDADE E TURISMO: Uma análise do caso de
Flores da Cunha/RS**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Mario Kerber

Porto Alegre, maio de 2023

CIP - Catalogação na Publicação

Barili, Deiner Lucian
Patrimônio Histórico, Italianidade e Turismo: Uma
análise do caso de Flores da Cunha/RS / Deiner Lucian
Barili. -- 2023.
292 f.
Orientador: Alessandro Mario Kerber.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2023.

1. Bens Culturais. 2. Identidade Étnica. 3.
Imigração Italiana. 4. Italianidade. 5. Turismo
Cultural. I. Kerber, Alessandro Mario, orient. II.
Título.

DEINER LUCIAN BARILI

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ITALIANIDADE E TURISMO: Uma análise do caso de
Flores da Cunha/RS**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Mario Kerber

Porto Alegre, 26 de maio de 2023.

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

Alessander Mario Kerber
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carla Brandalise
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Luis Fernando Beneduzi
Dipartimento di Studi Linguistici e Culturali Comparati
Università Ca' Foscari Venezia

Regina Weber
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria de Lurdes, pelos eternos e incessantes cuidados e por ter me ensinado, ainda criança, o gosto pela leitura e pelos estudos.

Ao meu pai Euzebio, pela eterna amizade, por ser meu maior admirador e por sempre estender a mão ou ter uma palavra de incentivo nos momentos de dificuldade.

À minha companheira Barbara, pelo amor compartilhado, por dividir todos os momentos de construção dessa dissertação, pela paciência, por todas as palavras de acolhimento e incentivo ao longo dessa jornada e por sempre acreditar.

A todos os professores e professoras que, em algum momento de suas vidas, cruzaram suas trajetórias com a minha e dedicaram seu tempo a me ensinar.

A todos os professores e professoras que cruzei ao longo de meus estudos em História, desde a Graduação até o Mestrado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul por me oferecerem uma formação pública e de qualidade.

Ao professor Fernando Felizardo Nicolazzi, por me oportunizar a primeira experiência em pesquisa histórica, através de uma bolsa de iniciação científica durante a Graduação.

À professora Carla Simone Rodeghero, por me oportunizar a primeira experiência como bolsista de extensão, onde pude vivenciar o ambiente mágico de um arquivo público e ter meus primeiros contatos com o ensino básico de História.

Ao professor Benito Bisso Schmidt, por ministrar as aulas onde nasceu a ideia de meu projeto de Conclusão de Curso, considerado por mim os primórdios dessa pesquisa de Mestrado, e pela sua instigante orientação naquele momento fundamental de minha formação.

Às professoras Regina Weber e Letícia Brandt Bauer, por terem me oportunizado uma discussão inspiradora ao participar da banca de meu Trabalho de Conclusão de Curso e, sem saber, terem semeado em mim, naquele momento, a ideia de continuar a pesquisa no âmbito do Mestrado.

Ao professor Alessandro Mario Kerber, por acolher e acreditar na realização dessa pesquisa, pela meticulosa, incessante e competente orientação, pelo acolhimento, empatia e incentivo em todos os momentos de dificuldade, pela voluntariosa disposição de apontar caminhos alternativos e ajudar na resolução de problemas ao longo da pesquisa, por tudo isso, minha afetuosa gratidão e admiração.

Às professoras Carla Brandalise e, mais uma vez, Regina Weber e ao professor Luis Fernando Beneduzi, por aceitarem o convite de participar da banca dessa pesquisa e por

contribuírem com tamanha qualidade para o aprimoramento desse trabalho. Foi uma honra ter a oportunidade de aprender com vocês.

Ao Carlos Raimundo Paviani, por me abrir as portas do jornal O Florense, por me receber com tamanha cordialidade ao longo do processo de pesquisa ao acervo do jornal O Florense. Agradeço em extensão a todos os demais funcionários do jornal que dividiram seu ambiente de trabalho cotidiano comigo durante esse extenso processo e sempre estiveram à disposição para colaborar com a pesquisa.

Aos proprietários e funcionários dos diversos empreendimentos turísticos por onde passei durante minha saída de campo, meu agradecimento e admiração.

E, por fim, a você leitor, pelo seu tempo e pelo interesse na presente pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa investigou a construção de um setor de turismo étnico vinculado à expressões de italianidade que, atualmente, manifesta-se através de uma diversidade de roteiros turísticos, localizados nas cidades da região conhecida como Serra Gaúcha. Para isso, definiu-se como recorte geográfico a cidade de Flores da Cunha-RS. Partindo do pressuposto de que cidade, turismo e identidade são construções sociais, a pesquisa girou em torno do objetivo de identificar as disputas, os agentes e as estratégias que estiveram envolvidas na construção dessa modalidade de turismo, que apresentou como objetivo transformar os bens culturais do grupo identificado como descendentes de imigrantes italianos de Flores da Cunha em atrativos e mercadorias turísticas. No mesmo sentido, investigou-se a respeito das relações entre os processos de construção das identidades étnicas do grupo envolvido e a promoção do turismo. Para isso, utilizou-se como metodologia uma saída de campo, realizada entre 2020 e 2023, no intuito de mapear marcas da paisagem vinculadas a esse fenômeno. Posteriormente, através de pesquisa sobre os espaços mapeados em acervos de jornais e estudo de bibliografia temática, buscou-se compreender aspectos sobre a construção do setor de turismo da cidade.

PALAVRAS CHAVE: Bens culturais. Identidade étnica. Imigração italiana. Italianidade. Turismo cultural.

ABSTRACT

The present research investigated the construction of a field of cultural tourism linked to expressions of Italianity which, currently, is manifested through a variety of touristic itineraries, located in the region known as Serra Gaúcha. For this purpose, the city of Flores da Cunha-RS was defined as a geographical frame. Assuming that the city, tourism and identity are social constructions, the research aimed to identify disputes, the agents and strategies that were involved in this type of tourism which presents the objective of transforming the cultural heritage of the group identified as descendants of Italian immigrants from Flores da Cunha in touristic attractions and goods. In the same sense, this research also investigated the relationship between the ethnical identities construction process of the mentioned group and the promotion of tourism. For this, a field trip was used as a methodology, carried out between 2020 and 2023, in order to identify places linked to this phenomenon. Subsequently, through research about the identified spaces in newspaper archives and the study of the thematic bibliography, I aimed to understand aspects about the construction of the city's tourism sector.

KEY WORDS: Cultural heritage. Ethnic identity. Italian Immigration. Italianity. Cultural Tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da localização da cidade de Flores da Cunha no Rio Grande do Sul	14
Figura 2 - Foto de propaganda de roteiros turísticos de Flores da Cunha em outdoor localizado na ERS-122 que liga Caxias do Sul à Flores da Cunha.....	16
Figura 3 - Mapa da divisão das léguas da antiga colônia de Caxias desenhado sobre a planta original em 04/07/1962.....	53
Figura 4 - Mapa da cidade de Flores da Cunha e seus distritos em 2023.....	54
Figura 5 - Foto do pórtico de acesso sul de Flores da Cunha.....	60
Figura 6 – Reportagem sobre a construção do pórtico de entrada de acesso sul da cidade de Flores da Cunha.	61
Figura 7 – Foto do canteiro de flores em formato de uva ao lado do pórtico de acesso sul da cidade de Flores da Cunha.....	73
Figura 8 Foto de parada de ônibus estampada com ilustração de uva na cidade de Flores da Cunha. Não foi possível identificar qual a origem da medida ao longo da pesquisa.	74
Figura 9 – Foto de placa do programa de <i>Gemellagio</i> inserida ao lado do pórtico de acesso sul da cidade de Flores da Cunha.	78
Figura 10 - Reportagem sobre Flores da Cunha no Jornal Estado de São Paulo.	88
Figura 11 - Reportagem do jornal O Florense ativando simbolicamente a trajetória de Eloy Kunz com o objetivo de estimular o turismo municipal.....	94
Figura 12 – Foto do monumento do galo e do letreiro com o nome da cidade acompanhado pelo símbolo da uva, no Parque da Vindima Eloy Kunz, onde é realizada atualmente a Festa Nacional da Vindima.	95
Figura 13 – Imagem representativa do pórtico de entrada de acesso sul da cidade de Flores da Cunha, incluída no projeto de revitalização da Avenida 25 de Julho.....	103
Figura 14 - Foto do entorno da Praça da Bandeira, localizada na Av. 25 de Julho, onde pode-se ver a Estátua do apóstolo Pedro (esquerda), o Prédio do Salão Comunitário de Nossa Senhora de Lourdes (ao centro) e o prédio rosa do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi (direita).	108
Figura 15 – Foto da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, do Campanário e da Estátua do apóstolo Pedro, localizados em frente à Praça da Bandeira na Av. 25 de Julho.	109
Figura 16 – Reportagem do Jornal O Pioneiro noticiando a inauguração do Campanário da Igreja Matriz de Flores da Cunha.	111

Figura 17 – Reportagem do jornal O Florense sobre o Campanário de Flores da Cunha.	121
Figura 18 – Foto do Campanário de Flores da Cunha em obras.	128
.....Figura 19 – Tapumes ilustrados no entorno do Campanário em obras.	129
Figura 20 – Foto da estátua do apóstolo Pedro, próxima ao Campanário de Flores da Cunha.	131
Figura 21 – Estátua do Leão Alado de São Marcos na Praça da Bandeira.	132
Figura 22 - Divulgação de atrativos turísticos durante a 11ª Fenavindima retirada do jornal O Florense.	170
Figura 23 – Foto do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi.	173
Figura 24 – Capa e contracapa de panfleto turístico produzido pela Prefeitura Municipal de Flores da Cunha.	177
Figura 25 – Interior de panfleto turístico produzido pela Prefeitura Municipal de Flores da Cunha.	180
Figura 26 – Mapa dos interiores de Flores da Cunha.	181
Figura 27 – Panfleto do roteiro Compassos da <i>Mérica Mérica</i>	183
Figura 28 – Foto de placas do roteiro Compassos da <i>Mérica Mérica</i> em frente ao Campanário.	184
Figura 29 – Panfleto do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial.	185
Figura 30 – Mapa do Roteiro dos Vinhos dos Altos Montes.	186
Figura 31 - Reportagem sobre roteiros turísticos de Flores da Cunha no jornal O Florense.	200
Figura 32 - Reportagem sobre lançamento da rota turística Vales da Serra.	202
Figura 33 - Reportagem sobre lançamento do roteiro turístico Compassos da <i>Mérica Mérica</i>	203
Figura 34 - Reportagem sobre lançamento da rota turística Otávio Rocha Vila Colonial.	204
Figura 35 - Reportagem sobre lançamento do roteiro turístico Caminhos do Alfredo.	205
Figura 36 - Reportagem sobre lançamento do roteiro turístico Passo do Vinho.	206
Figura 37 – Foto de placa do roteiro Compassos da <i>Mérica Mérica</i> na ERS-122.	208
Figura 38 – Foto de parreiras de uva ao longo do roteiro Compassos da <i>Mérica Mérica</i>	209
Figura 39 – Foto da Capela, do Campanário e do cemitério de Nossa Senhora do Carmo.	211
Figura 40 – Foto de placa do roteiro Compassos da <i>Mérica Mérica</i> em frente à Capela Nossa Senhora do Carmo.	211
Figura 41 - Foto do túmulo do poeta Angelo Giusti.	214
Figura 42 – Foto da lápide do túmulo do poeta Angelo Giusti.	215

Figura 43 – Foto 1 de mensagem sobre o túmulo de Angelo Giusti.	216
Figura 44 - Foto 2 de mensagem sobre o túmulo de Angelo Giusti.	216
Figura 45 - Foto 3 de mensagem sobre o túmulo de Angelo Giusti.	217
Figura 46 - Foto da Capela e do Campanário de São Roque.	218
Figura 47 – Casarão antigo localizado próximo à Capela de São Roque.	218
Figura 48 – Foto de exposição de objetos antigos no porão de uma residência vinculada ao roteiro turístico Compassos da <i>Mérica Mérica</i>	220
Figura 49 – Foto de placa com ditado em <i>talian</i>	222
Figura 50 – Foto de passeio de carretão com vista para a Capela de Nossa Senhora do Carmo ao fundo.	222
Figura 51 – Foto 1 de casarões antigos ao longo do passeio de carretão.	223
Figura 52 - Foto 2 de casarões antigos ao longo do passeio de carretão.	223
Figura 53 – Foto de parreirais de uva visitados ao longo do passeio de carretão.	224
Figura 54 – Foto do local onde é realizado a pisa de uvas.	225
Figura 55 – Foto de placa e malas inseridas ao longo da trilha do <i>sanguanel</i>	227
Figura 56 – Placa do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial na rótula de entrada do município de Flores da Cunha.	228
Figura 57 – Foto da Praça Regional da Uva.	231
Figura 58 – Foto do Monumento do Leão Alado de São Marcos na Praça Regional da Uva.	234
Figura 59 – Foto de parreiras na Praça Regional da Uva.	234
Figura 60 – Foto de canteiros de flores com nomes de cidades da Serra Gaúcha na Praça Regional da uva.	236
Figura 61 – Foto de Placa da Praça Regional da Uva.	236
Figura 62 – Foto do Túnel da Uva, localizado em frente à Capela, ao Campanário e ao Salão Comunitário de São Marcos.	238
Figura 63 – Foto de placa com nomenclatura de ruas do distrito de Otávio Rocha.	239
Figura 64 – Foto de Marco Vivo da Praça Regional da Uva em homenagem ao Centenário da Colonização Italiana em Otávio Rocha.	247
Figura 65 – Foto de placa e escadaria do Monte Calvário em Otávio Rocha.	249
Figura 66 – Vista para o distrito de Otávio Rocha do topo do Monte Calvário.	249
Figura 67 – Foto de Monumento em homenagem à Nossa Senhora da Uva na Praça Regional da Uva.	254
Figura 68 – Estátua de Nossa Senhora da Uva na Praça Regional da Uva.	255

Figura 69 – Foto de placa do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial.....	258
Figura 70 – Foto de Placa do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial ao lado de um capitel.	259
Figura 71 – Capela, Campanário e Salão Comunitário de Nossa Senhora de Caravaggio no distrito de Otávio Rocha.	259
Figura 72 – Foto de lápide no Cemitério da Capela Nossa Senhora de Caravaggio no distrito de Otávio Rocha.	260
Figura 73 – Foto de Vinícola vinculada ao roteiro Otávio Rocha Vila Colonial.	261
Figura 74 – Foto de garrafas enfeitando cerca em Vinícola vinculada ao roteiro Otávio Rocha Vila Colonial	261
Figura 75 – Foto do Casarão dos Veronese em Otávio Rocha no dia da inauguração de seu restauro.	262
Figura 76 – Foto antiga do Casarão dos Veronese, sem registros do ano ou do fotógrafo.	264
Figura 77 – Foto do Casarão dos Veronese feita no dia 15/07/2011 por Daniela Xu.	265

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Apresentação da temática	14
Referenciais Teórico-Methodológicos.....	18
A pesquisa dividida em capítulos	37
1 - CAPÍTULO 1 - A PRIMEIRA FACE DE FLORES DA CUNHA: IDENTIDADE, TURISMO E ATIVAÇÕES SIMBÓLICAS NA CHEGADA À CIDADE	45
1.1 - Das placas aos <i>websites</i> : As primeiras representações simbólicas ao chegar em Flores de Cunha no tempo presente	45
1.2 - Da rememoração à mercantilização: A imigração italiana enquanto ativação simbólica do turismo	50
1.3 - A primeira face de Flores da Cunha: O pórtico de entrada lido como mosaico identitário	59
1.3.1 – De Nova Trento a Flores da Cunha: A definição do nome do município	63
1.3.2 - Da fartura alimentar à prosperidade econômica: O símbolo da uva.....	72
1.3.3 - Cidades-Irmãs: Reinvidicações étnicas através do programa do Gemellaggio ...	77
1.3.4 - A trajetória de Eloy Kunz e o símbolo do Galo: Os primórdios do desenvolvimento do turismo em Flores da Cunha	81
1.3.5 – O pórtico de entrada da cidade: Passado, presente e futuro na primeira face do município.....	97
2 - CAPÍTULO 2 – A PRAÇA DA BANDEIRA E O SEU ENTORNO: PAISAGEM URBANA, IDENTIDADE ÉTNICA E TURISMO NO CENTRO DE FLORES DA CUNHA	106
2.1 – Identidade, turismo e religiosidade: As disputas e ativações simbólicas em torno do Campanário de Flores da Cunha	109
2.2 – Identidade étnica e demarcação de fronteiras: Marcas da italianidade e do catolicismo nos monumentos do entorno da Praça da Bandeira	130
2.3 – O Salão Paroquial Nossa Senhora de Lourdes e as Festividades: A construção da identidade étnica e do turismo através da Festa Nacional da Vindima	137
2.4 – Do Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi para os interiores do município: Placas e Panfletos dos Roteiros Turísticos	173
2.5 – Revitalização da Av. 25 de Julho no entorno da Praça da Bandeira: O turismo futuro enquanto ativação simbólica para a transformação do presente	187
3 - CAPÍTULO 3 – DO CENTRO AOS INTERIORES DO MUNICÍPIO: AS ROTAS DE TURISMO ÉTNICO E RURAL DE FLORES DA CUNHA	194
3.1 – A Criação das rotas de turismo em Flores da Cunha.....	195

3.2 – Uma saída de campo pelos interiores de Flores da Cunha: Análise do roteiro Compassos da <i>Mérica Mérica</i>	207
3.3 – Uma saída de campo pelos interiores de Flores da Cunha: Análise do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial.....	227
3.3.1 – Usos e ativações simbólicas do Patrimônio Histórico-Cultural: O caso do Casarão dos Veronese	262
3.4 – Os bens culturais enquanto atrativos turísticos: O entrelace entre turismo, memória e identidade nos roteiros Compassos da <i>Mérica Mérica</i> e Otávio Rocha Vila Colonial de Flores da Cunha	274
4 - CONCLUSÃO	276
5 - REFERÊNCIAS	280
5.1 – Leis.....	280
5.2 - Documentos	280
5.3 – Documentos de Propagandas	281
5.4 - Fontes da Internet	281
5.5 - Fontes Jornalísticas.....	284
5.6 - Referências Bibliográficas.....	289

LISTA DE SIGLAS

ABAP	Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas
ADECA	Associação Cultural e de Desenvolvimento dos Caminhos da Colônia
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CAU/RS	Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul
COMVERS	Comitatu Vêneto do Rio Grande do Sul
CPHAE-RS	Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual do Rio Grande do Sul
ERS-122	Estrada de Domínio Estadual do Rio Grande do Sul nº 122
FECOUBA	Festa Paroquial da Uva
FENAVINDIMA	Festa Nacional da Vindima
FEPROCOL	Festa de Produtos Coloniais
IAB RS	Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio Grande do Sul
IBRAVIN	Instituto Brasileiro do Vinho
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
LIC-RS	Lei de Incentivo à Cultura – Rio Grande do Sul
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PDT	Partido Democrático Brasileiro
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PRL	Partido Republicano Liberal
PP	Partido Progressista
PRP	Partido de Representação Nacional
PT	Partido dos Trabalhadores
RBS TV	Rede Brasil Sul de Televisão
RS	Rio Grande do Sul
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TV	Televisão
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

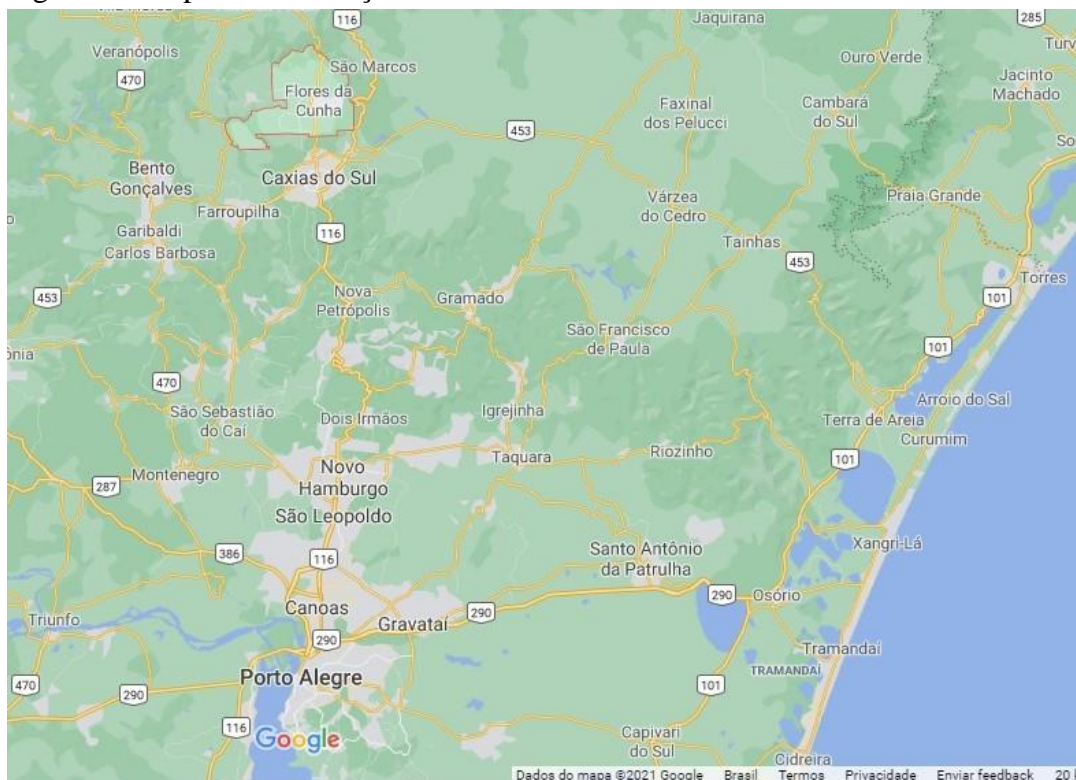
INTRODUÇÃO

Apresentação da temática

A presente pesquisa se desenvolveu no município de Flores da Cunha e teve como objetivo investigar o fenômeno de turismo cultural vinculado às expressões de italianidade, com o intuito de compreender sua construção, lógicas de funcionamento e suas relações com a construção identitária dos indivíduos que se identificam como descendentes de imigrantes italianos localmente e que estão vinculados a esse setor.

A cidade de Flores da Cunha está localizada no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, e integra a Região de Colonização Italiana (RCI)¹, também conhecida como Serra Gaúcha, nomenclatura frequentemente utilizada para auto projeção turística. Nela, morei desde o nascimento até os meus 17 anos, momento em que me mudei para a cidade de Porto Alegre para cursar História.

Figura 1 - Mapa da localização da cidade de Flores da Cunha no Rio Grande do Sul



Fonte: Google Maps 2021.

¹ De acordo com Kieling Júnior: “A Região de Colonização Italiana do nordeste do Rio Grande do Sul (ou da Serra Gaúcha) compreende o território de escarpas limitado a sul pela área de vales dos Rios Taquari e Caí, e a norte pelos Campos de Cima da Serra. Atualmente engloba 38 municípios, a grande maioria com poucos milhares de habitantes. Os principais municípios da região, cada qual com centenas ou dezenas de milhares de habitantes, que experienciaram de forma mais decisiva processos de industrialização em seus centros urbanos são os municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha, São Marcos, Garibaldi, Carlos Barbosa, Guaporé, Flores da Cunha e Veranópolis” (KIELING JÚNIOR, 2021, p. 21, nota 1).

O vínculo com a cidade se manteve, pois, com certa frequência, eu voltava para visitar meus pais nos finais de semana. Em 2017, momento em que estava em busca de uma temática para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), passou a prender minha atenção, toda vez que retornava para lá, a divulgação da restauração de um bem patrimonial tombado pelo estado do Rio Grande do Sul. Estava em placas de *outdoors*, em reportagens de jornais regionais e nos círculos de conversa local. Dessa curiosidade, nasceu a pesquisa “‘Uma casa para sempre’: do tombamento ao restauro do Casarão dos Veronese (Flores da Cunha-RS, 1986-2017)”, onde investiguei como esses eventos estimularam a construção de memórias e identidades dos descendentes de imigrantes italianos da cidade (BARILI, 2018).

Finalizada a pesquisa, voltei a morar em Flores da Cunha e me mantive afastado da universidade até 2020, quando ingressei no mestrado. Pouco tempo após à inauguração do restauro do Casarão dos Veronese, notei a presença de placas de turismo ao longo das estradas que davam acesso ao município, bem como em seu interior e em espaços como praças e rótulas de trânsito mais intenso. Entre elas, algumas sinalizavam para um roteiro do qual o Casarão, agora restaurado, fazia parte. Toda vez que as via, recordava da pesquisa e alimentava novos questionamentos. Provavelmente pelo fato do meu olhar estar direcionado para isso, passei a perceber novos indícios desse fenômeno que, na época, não sabia exatamente do que se tratava: o jornal local noticiava atrações turísticas, alguns pontos da cidade começaram a ser reformados, comecei a me deparar com placas de roteiros e pontos turísticos espalhadas pela paisagem local. À medida que os percebia ficava em dúvida: será que já estavam ali e eu não havia percebido ou se tratavam de novidades?

Entre os espaços divulgados encontravam-se interiores e pátios de vinícolas que se abriam à visitação, restaurantes que associavam a sua gastronomia à Itália, mirantes espalhados pelos interiores, parques e grutas em meio à natureza, entre outros. Esse conjunto de elementos me levou a buscar informações acerca desses atrativos turísticos: Quem estava por trás das iniciativas? Como funcionavam? Estavam organizados de modo coletivo? Eram espaços públicos ou privados?

Seguindo esse rastro, me deparei com uma face do município que, como morador, desconhecia. Espalhados pelos interiores da cidade, existia uma diversidade de espaços, organizados através do formato de roteiros, que vinham se projetando como pontos turísticos. Percebi que se tratava de um movimento mais intenso quando, em 2020, a Prefeitura Municipal de Flores da Cunha passou a executar uma campanha de divulgação dos roteiros turísticos do município em redes sociais, no site oficial da Prefeitura e em *outdoors* (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 202X).

Figura 2 - Foto de propaganda de roteiros turísticos de Flores da Cunha em outdoor localizado na ERS-122 que liga Caxias do Sul à Flores da Cunha.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em dez/2021.

Diante dessa constatação, enquanto morador da cidade e historiador, nasceu a seguinte curiosidade: como o fenômeno do turismo se relacionaria com a construção de representações, memórias e identidades do município e de seus moradores? No que diz respeito à produção de representações, o site oficial da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha me apontou um primeiro exemplo:

Contornada pela natureza exuberante, praças aconchegantes, igrejas, torres, cascatas e pelo sabor da farta gastronomia e dos vinhos que exalam o perfume da uva, Flores da Cunha, que já foi chamada de Nova Trento, é chamada carinhosamente de Terra do Galo.

[...]

A paisagem tipicamente europeia é intercalada pela arquitetura italiana, construída pelos imigrantes que aqui chegaram por volta de 1877. A herança dos imigrantes, preservada nos casarios e no dialeto vênето até os dias de hoje, na cidade e no interior, atribui ao município uma imagem acolhedora e familiar. Além do cenário, a farta gastronomia, os vinhos, as malhas e os móveis aconchegantes são

pontos fortes para aquecer os turistas (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 20XX).

Através da breve descrição acima, é possível perceber como o fenômeno do turismo costuma mobilizar representações e símbolos identitários como mecanismo para atrair turistas e divulgar seus espaços. Dessa maneira, é possível olhar para esse tipo de processo através das lentes da Historiografia, amparado por conceitos da História Cultural, cujas preocupações também incluem investigações a respeito do processo de construção das representações e do seu impacto na vida social dos indivíduos e em suas relações materiais e simbólicas. Nesse sentido, José Newton Coelho Meneses é um dos autores que nos ajuda a pensar nas diferentes interpretações provenientes do entrecruzamento entre a História e o Turismo:

A questão da memória, da busca identitária e da apreensão do passado como patrimônio memorialístico apresenta-se como uma rica fronteira entre a História e o Turismo. A construção/invenção do passado como atrativo para quem viaja parte de interpretações que são instrumentalmente inseridas no método da História, mas, também por construções de caráter popular, lendário e mitológico. A disciplina História (aqui grafada com H maiúsculo) se adere à história (com h minúsculo), vivência construída no tempo. Turismo (com T maiúsculo), disciplina planejadora que constrói interpretações a serem transformadas em atrativos comerciais, se encontra com o turismo (t minúsculo), atividade corrente no mundo dos homens e que toma dimensão moderna a partir da Revolução Industrial. A ideia de patrimônio histórico-cultural e o conceito de patrimônio memorialístico e identitário fazem mediação entre disciplinas e vivências. Interpretações de uma disciplina e práticas de outra têm interferido nas formas de comunicação de ambas (MENESES, 2006, p. 15).

Nascida nesse limiar entre a História e o Turismo, pode-se dizer que a presente pesquisa teve como objetivo central investigar a construção do fenômeno de turismo cultural no município de Flores da Cunha e compreender de que maneira os indivíduos a ele relacionados passaram a mercantilizar seus bens culturais através dessa nova atividade econômica, bem como investigar a influência do turismo na construção das identidades sociais dos indivíduos envolvidos com esse setor.

Levando em consideração que o objeto central da pesquisa se mostrou como um fenômeno em pleno desenvolvimento no município, sem nenhum apontamento que indicasse uma ruptura característica do fim de um recorte temporal, busquei amparo em metodologias

inspiradas para trabalhar com objetos de estudo do tempo presente. De acordo com as historiadoras Lucilia Delgado e Marieta Ferreira:

[...] o tempo presente refere-se a um passado atual ou em permanente processo de atualização. Está inscrito nas experiências analisadas e intervém nas projeções de futuro elaboradas por sujeitos ou comunidades. Nesse sentido, o regime de historicidade do tempo presente é bastante peculiar e inclui diferentes dimensões, tais como: processo histórico marcado por experiências ainda vivas, com tensões e repercussões de curto prazo; um sentido de tempo provisório, com simbiose entre memória e história; sujeitos históricos ainda vivos e ativos; produção de fontes históricas inseridas nos processos de transformação em curso; temporalidade em curso próximo ou contíguo ao da pesquisa (DELGADO e FERREIRA, 2013, p. 25).

Logo, diante de uma cidade em plena transformação no presente, onde foi possível detectar uma série ações motivadas pela atividade do turismo, busquei adotar uma metodologia eficiente em analisar esse fenômeno, caracterizado pela produção de uma diversidade de fontes históricas. Assim, iniciei a pesquisa através da realização de uma saída de campo com o intuito de mapear e registrar espaços que, atualmente, se projetam como turísticos na cidade. Em seguida, busquei realizar uma genealogia de suas existências, amparado por fontes documentais e jornalísticas, com o objetivo de entender como foram constituídos e transformados em espaços turísticos, envolvendo nessa etapa da pesquisa a identificação de motivações, agentes, estratégias, disputas e escolhas. Por fim, busquei realizar uma leitura de suas simbologias, guiado por uma bibliografia temática. Ao longo de todo esse processo, o interesse central da pesquisa, que atuou como uma espécie de fio-condutor da investigação, voltou-se para as relações entre as noções de turismo e identidade.

Diante desse cenário, para ler a realidade estudada, busquei constante amparo nos referenciais teórico-metodológicos selecionados para a realização da pesquisa, sobretudo no que diz respeito à conceituação dessas duas noções centrais envolvidas na presente investigação.

Referenciais Teórico-Metodológicos

Logo, uma vez que o tema central da pesquisa é a construção de um setor de turismo da cidade de Flores da Cunha, detectado como em pleno desenvolvimento no tempo presente e vinculado com a mercantilização de uma identidade étnica, meu ponto de partida foi pensar nas

relações entre cidade, turismo, cultura e identidade. Nesse sentido, Aragão e Macedo colocaram que:

Com o passar do tempo, as cidades tornam-se lugares com um ambiente propício para diversas manifestações de caráter cultural, de produção de bens e identidade coletiva. [...]

Essa gama de manifestações que resultam na cultura local – quer seja ela material ou imaterial – acaba sobremaneira se tornando atraente para o turismo no espaço urbano. Acrescentando as memórias, histórias e tradições das cidades, formata-se um produto potencial para ser mostrado e divulgado, a partir dos seus aspectos únicos. O turismo como atividade relacionada ao fluxo de pessoas, pode auxiliar no intercâmbio de diferentes culturas e assim, influenciar o cotidiano dos lugares visitados (ARAGÃO E MACEDO, 2011, p. 2).

Partindo desse ponto de vista, onde cada cidade pode ser entendida como um espaço produtor de bens culturais e identidades coletivas, tornou-se necessário refletir acerca das relações desses elementos com a atividade econômica do turismo, cada vez mais difundida com os fenômenos de urbanização e globalização da modernidade. Acerca dessa temática, Meneses escreveu que:

O crescimento dos centros urbanos a partir do século XIX e a revitalização dos mesmos em várias partes do mundo trouxeram junto um novo olhar sobre as cidades: a cidade deixou de ser para o homem apenas o espaço de concentração de pessoas, mas, de outro modo, se transformou em cidade espetáculo, cenário de uma modernidade que quer exaltar a velocidade e, por outro lado, guardar a memória das mudanças. A cidade passa, assim, a ser vista como construção histórico-cultural, como patrimônio de seus moradores, como espaço de memória. A cidade, enfim, é monumento e é documento. Para o historiador, esse fato é parte de seu cotidiano de entender todas as suas leituras do passado: ele vê todo documento como monumento, como construção intencional. A cidade é, para ele, mais um documento/monumento. Outros profissionais o acompanham nessa percepção: no século XX, então, ocorre a construção dessa nova visão para arquitetos, literatos e tantos outros profissionais, inclusive aqueles que promovem o turismo. A cidade é mais que espaço físico; é mais que materialidade. Ela é o *locus continuum* de cultura, onde natureza, construção material, símbolos, significados e representações se constroem em diversidade e harmonia. Separar, portanto, patrimônio material e “imaterial” é ficar desatento a essa compreensão histórica do espaço urbano, a essa visão global de cidade. Construções arquitetônicas, mitos, manifestações culturais, história, interpretação de patrimônio,

compreensão pelo turista, tudo isso se dá em continuidade no espaço das cidades. Assim elas devem ser apreendidas (MENESES, 2006, p.86-87).

Através da perspectiva do autor, podemos compreender como a cidade pode ser significada e lida de diferentes formas, de acordo com as finalidades dos sujeitos envolvidos. Nessa dinâmica, a construção da cultura torna-se um processo em permanente transformação, sendo alvo de disputas e apropriações diversificadas. Logo, sendo um dos elementos envolvidos nesse contexto, torna-se notável como o setor de turismo passa a se relacionar com os fenômenos de construções culturais e identitárias. Assim, tais interações, que deixam marcas e vestígios, apresentam-se como potenciais objetos de estudo do ofício do historiador. Sobre essa questão, Oliveira, que pesquisou a respeito do setor de turismo histórico, baseado na visitação de ruínas, da região das Missões do Rio Grande do Sul, escreveu que:

Estas relíquias intratemporais são os monumentos em torno dos quais se articula o turismo histórico. Elas também são, na recriação dos agentes do turismo, os caminhos de acesso ao passado. Visitar ruínas e os monumentos antigos é fazer uma verdadeira viagem no tempo, ir ao encontro do passado e viver a história. O turismo histórico promete este deslocamento no tempo, sem tirar os pés do presente. É este tipo de relação que o turismo estabelece entre passado e presente que o torna particularmente interessante para o historiador. É um objeto de estudo do presente que se constrói na interface dos tempos, com uma face voltada para o passado (OLIVEIRA, 2009, p. 158).

Logo, é diante dessa perspectiva que busquei construir a minha investigação a respeito da construção do setor de turismo da cidade de Flores da Cunha. Partindo de seus vestígios no tempo presente para investigar suas construções no passado. Nesse sentido, empreendi esforços para identificar e mapear significações, intervenções, usos e leituras da cidade no presente, realizadas pelo setor de turismo, para, posteriormente, investigar suas constituições. O meu objetivo com isso, através da investigação histórica, foi o de tentar compreender de que maneira a cidade de Flores da Cunha foi se construindo como um atrativo turístico e quais os impactos desse processo na construção identitária dos indivíduos envolvidos.

Ao longo dessa investigação, ainda pensando nas relações entre cidade, turismo e identidade, um dos pressupostos centrais que levei em consideração foram as colocações de Roswithia Weber, que estudou a constituição da Rota Romântica, roteiro de turismo étnico localizado na região de colonização alemã do Rio Grande do Sul:

Assim como a cidade é sistematizada aos seus leitores, também a atividade turística o é para o turista. A experiência turística está inserida num sistema de signos sociais que emergem na cidade. A atividade turística não pode, portanto, ser pensada como tendo características intrínsecas – cidade e turismo são organizados socialmente. Tanto o desenvolvimento do turismo quanto a construção de uma identidade local são processos datáveis; nesse sentido, não ocorrem naturalmente (WEBER, 2006, p. 28).

Ao longo da tese, Weber demonstra como as representações em torno da cidade de São Leopoldo, ponto de partida do roteiro, se modificaram ao longo do tempo, buscando exaltar traços alemães em determinados momentos e escondê-los em outros. Outra revelação interessante da pesquisa da autora é como se deram as disputas internas para decidir quais cidades e pontos turísticos seriam vinculados ao roteiro, bem como as alterações na paisagem que foram realizadas com objetivos turísticos (WEBER, 2006). Somado a isso, no que se refere aos produtos que costumam ser mercantilizados no âmbito do turismo étnico, a autora coloca que “Entende-se que esses elementos são qualificados como típicos, autênticos, sendo fonte de significação cultural e comportando um valor simbólico” (WEBER, 2006, p. 30).

Logo, tais abordagens foram úteis ao pensar o meu objeto estudo, uma vez que me levou a questionar que elementos estiveram em jogo para definir as representações presentes nas divulgações turísticas da cidade de Flores da Cunha? Como foram definidos os símbolos e produtos típicos do município? Quais as influências que o estabelecimento da atividade de turismo étnico trouxe para as inscrições e marcas da cidade? Quais as modificações que trouxe para as representações feitas em relação a cidade e ao grupo de descendentes de imigrantes italianos?

Enfim, diante do que foi colocado até aqui, pode-se entender que as cidades são espaços propícios para a construção de culturas e identidades. Com o crescimento da prática do turismo propiciado pela modernidade, esses elementos, em diversos exemplos, passaram a ser apropriados por agentes interessados no desenvolvimento turístico, tornando-se componentes de uma atividade econômica lucrativa. Nesse sentido, turismo, identidade e cultura passam a interagir entre si, influenciando-se mutuamente. Nessa dinâmica, estimulados pelos setores de turismo, criam-se condições para recriações de narrativas e símbolos identitários da cidade. Sendo esse um processo datável e fruto de construção social, deixa vestígios que, ao serem estudados pelo historiador, podem fornecer elucidações a respeito de sua natureza.

Assim, levando em consideração que o fenômeno de construção do turismo se mostrou diretamente relacionado com a produção e circulação de representações, em primeiro lugar, é

importante salientar que busquei amparo para a realização dessa pesquisa debaixo do guarda-chuva da História Cultural, interessada em investigar processos de disputas simbólicas. Essa abordagem é caracterizada por demonstrar que não existe um contraste entre o estudo de estruturas e o estudo de representações, uma vez que não existem estruturas sem a produção de representações (CHARTIER, 1991). Nesse sentido, entendo que um dos pontos que torna a presente pesquisa relevante é demonstrar como foram travadas as disputas simbólicas em torno de representações da cidade de Flores da Cunha relacionadas a esse setor de turismo, vinculadas a interesses tanto econômicos como identitários, evidenciando o papel central das representações nesses processos. Considerando que essas representações estiveram relacionadas a um processo de mercantilização de bens, que identifiquei como integrantes de uma identidade étnica, é interessante estar atento para as colocações de Bourdieu:

Mas, mais profundamente, a procura dos critérios <<objectivos>> de identidade <<regional>> ou <<étnica>> não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque) são objecto de *representações mentais*, quer dizer, de actos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objectuais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores. Por outras palavras, as características que os etnólogos e os sociólogos objectivistas arrolam funcionam como sinais, emblemas ou estigmas, logo que são percebidas e apreciadas como o são na prática. Porque assim é e porque não há sujeito social que possa ignorá-lo praticamente, as propriedades (objectivamente) simbólicas, mesmo as mais negativas, podem ser utilizadas estrategicamente em função dos interesses materiais e também simbólicos do seu portador (BOURDIEU, 1989, p. 112).

Logo, assim como busquei identificar e decodificar os símbolos e representações encontradas ao longo da análise, busquei direcionar a minha investigação para responder como e por quem esses elementos foram estabelecidos. Com isso, uma vez que entendo que as representações estudadas estiveram relacionadas com a construção de uma determinada identidade, que se apresentou como étnica, tornou-se fundamental investigar como ela foi construída, levando-me à intrínseca relação que essa categoria tem com a memória. Nas palavras de Candau:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento (CANDAUI, 2011, p. 16).

Ou seja, o sentimento de pertencimento a um ou outro grupo social deriva das operações de memória e esquecimento que os indivíduos constroem, de maneira consciente ou não, acerca de sua trajetória e da trajetória dos grupos. É por isso que, para Pollak, o uso da memória está relacionado com a coesão dos grupos sociais:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p. 9).

Dessa forma, um questionamento importante para a presente pesquisa foi: se o que está sendo comercializado nas rotas de turismo são elementos de uma identidade, como e por quem essa identidade foi construída? Em outro texto, partindo do pressuposto de que a memória é um fenômeno construído, o mesmo autor dialoga com o conceito de trabalho de enquadramento de memória que se designa pela seleção do que será lembrado e do que será esquecido em relação ao passado. Segundo o autor, quem define isso são os grupos com maior prestígio político que acabam criando o que ele chama de memórias oficiais. Porém, os esquecimentos e silenciamentos provocados pelo enquadramento da memória muitas vezes mantêm-se vivos na marginalidade, sendo transmitidos oralmente entre gerações, e podem ressurgir em momentos propícios como uma ameaça à memória oficial. Essas memórias marginais são chamadas por Pollak de memórias subterrâneas. Através da análise de processos dessa natureza, podemos compreender como a memória é manipulada, a partir dos interesses do tempo presente, e como suas transmissões e identidades produzidas carregam silenciamentos, exclusões e modificações de acordo com as conjunturas (POLLAK, 1992). Nesse sentido, ao trabalharmos com a produção de identidades étnicas é interessante voltarmos nossa atenção para definir quem exerce esse trabalho de enquadramento da memória e, por consequência, das identidades. Ou

então, voltando para Bourdieu, atentar-se para quem seriam os agentes empenhados na luta simbólica em torno das representações dessas identidades:

O regionalismo (ou o nacionalismo) é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer colectivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas; ou, se se prefere, a conservação ou a transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objectivas intencionais) da identidade social. Nesta luta pelos critérios de avaliação legítima, os agentes empenham interesses poderosos, vitais por vezes, na medida em que é o valor da pessoa enquanto reduzida socialmente à sua identidade social que está em jogo (BOURDIEU, 1989, p. 124).

No mesmo sentido, Prats afirma que toda identidade é, obrigatoriamente, uma versão entre outras versões dessa mesma identidade:

Debo aclarar que entiendo que la identidad, del tipo que sea, es también una construcción social y un hecho dinámico, aunque con un razonable nivel de fijación y perduración, y que toda formulación de la identidad es únicamente una versión de esa identidad, un contenido otorgado a una determinada etiqueta. Por tanto, pueden coexistir, y de hecho coexisten normalmente, distintas versiones de una misma identidad, que habitualmente se articulan en relaciones de complementaridad u oposición, aunque también puede suceder que se ignoren. No sé si necesito aclarar también que entiendo que toda versión de una identidad se establece por lo menos una relación dialéctica entre la realidad, las ideas y los valores, y los intereses de quienes la propugnan y comparten. El patrimonio, o mejor dicho, las diversas activaciones de determinados referentes patrimoniales, son representaciones simbólicas de estas versiones de la identidad, ya que ésta, como disse Joan Frigolé, no es únicamente algo que se lleva dentro y se siente, sino que también se debe expresar públicamente. Las representaciones patrimoniales pueden afectar a todo tipo de identidades (y así ocurre) pero, por su misma naturaleza, se suelen referir principalmente a las identidades políticas básicas, es decir, locales, regionales y nacionales (PRATS, 1997, p. 31).

Ou seja, toda identidade, uma vez que para existir precisa ser expressada, torna-se fruto de um trabalho de produzir e fixar representações de uma versão, rotulada, dentre várias versões

da mesma identidade. Dessa maneira, é interessante a visão do autor acerca do conceito de patrimônio, entendido aqui como uma ferramenta que possibilita ativar representações simbólicas dessas versões identitárias que estão em jogo e que envolvem conflitos. Nesse sentido, ao estudar representações identitárias e patrimônios culturais, como é o caso do presente trabalho, deve-se levar em conta que estamos lidando com relações de poder e lutas simbólicas.

Diante disso, elenco alguns elementos aos quais busquei estar atento ao longo da abordagem de meu objeto de estudo. O primeiro foi o caráter mutável das memórias e, por consequência, das identidades, uma vez que estão em constante remodelações a partir de contextos, estímulos e interesses do tempo presente. O segundo foi pensar as memórias e as identidades estudadas enquanto objeto de disputa de grupos e indivíduos sociais, tendo, dessa maneira, uma preocupação em evidenciar o trabalho de enquadramento da memória e em investigar agentes e estratégias utilizadas nas relações de poder que definiram o que seria lembrado e o que seria esquecido, o que seria evidenciado e o que seria ocultado nas representações estudadas. Somado a isso, o terceiro ponto foi pensar: quais os objetivos e interesses dos agentes que estiveram disputando essas memórias, identidades e representações do município?

Contudo, no caso de meu objeto de estudo, é fundamental mencionar também que o patrimônio é apenas um dos vários tipos de representações simbólicas que uma identidade pode acionar. Ainda de acordo com Prats:

[...] la activación de repertórios patrimoniales no es, evidentemente, ni el único ni el principal procedimiento de representación simbólica de la identidad. Hay símbolos políticos y culturales (que también existen socialmente sólo en la medida en que son activados) que sólo forzando las cosas hasta límites inoperantes podríamos considerar <patrimoniales>. Desde el punto de vista de la eficacia simbólica, es decir, de la cantidad y la calidad de las adhesiones, los símbolos políticos ocuparían el lugar principal. Me refiero, claro está, a himnos, banderas, monarcas..., aunque, en ocasiones, otros símbolos culturales, es decir, no expresamente políticos, pueden alcanzar aún mayores niveles de eficacia, ya sea por su polissemia, por su capacidad de generar un consenso o por la eficacia suplementaria del contexto ritual en que se representan [...]. A veces, algunos de estos símbolos funcionan como distintivos básicos difícilmente discutibles, como verdaderos marcadores étnicos (como la lengua). Y es que la identidad es un tablero de juego que admite posiciones y estrategias diversas, pero tiene sus límites, so pena de abandonar la mesa o de romper la baraja (PRATS, 1997, p. 37).

Logo, considereei grande parte das representações simbólicas que analisei dentro dessa categoria de “símbolos culturais” ativados por uma identidade que, como mencionado pelo autor, adquiriram identificações étnicas e, em determinado momento, passaram a ser utilizados com objetivos turísticos. Entre eles, pode-se destacar as marcas da paisagem, a arquitetura, a gastronomia, o sotaque, o dialeto *talian*, entre outras. Assim, torna-se fundamental refletir conceitualmente a respeito dessas expressões de etnicidade, chamadas por mim, ao longo deste trabalho com base em outros estudos da área, como aspectos de um sentimento de italianidade. Isso deve-se ao fato de que as representações simbólicas comercializadas pelo campo do turismo aqui analisado, com frequência, estiveram associadas à nomenclaturas que faziam referência à Itália ou regiões da Itália. Logo, é importante mencionar que na construção das identidades étnicas, as relações entre memória, esquecimento e identidade, teorizadas acima, se mantêm:

O jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos: no domínio da identidade étnica, a completa assimilação dos indivíduos pode ser contestada pela sociedade que os acolhe, desde que o trabalho de esquecimento de suas origens não tenha se completado (CANDAU, 2011, p. 18).

Contudo, as manifestações de caráter étnico trazem alguns aspectos próprios, aos quais tentei estar atento ao longo da investigação. Barth foi um dos responsáveis por vincular o conceito de grupo étnico à noção de construção de fronteiras que operam para definir os membros e os estrangeiros do grupo e traduzem-se através de possibilidades ou restrições de interações sociais:

A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento. Logo, isso leva à aceitação de que os dois estão fundamentalmente “jogando o mesmo jogo”, e isto significa que existe entre eles um determinado potencial de diversificação e expansão de seus relacionamentos sociais que pode recobrir de forma eventual todos os setores e campos diferentes de atividade. De outro modo, uma dicotomização dos outros como estrangeiros, como membros de outro grupo étnico, implica que se reconheçam limitações na compreensão comum, diferenças de critérios de julgamento, de valor e de ação, e uma restrição da interação em setores de compreensão comum assumida e de interesse mútuo (BARTH, 1969, p. 196).

Poutignat e Streiff-Fenart, que realizaram ampla investigação acerca da trajetória do conceito de etnicidade e destacaram a vasta multiplicidade de usos e abordagens originadas pela noção, escreveram que:

Há que convir, com Barth, que a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores. Esta definição mínima é suficiente para circunscrever o campo de pesquisa designado pelo conceito de etnicidade: aquele do estudo dos processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores *identificam-se e são identificados pelos outros* na base de *dicotomizações Nós/Eles*, estabelecidas a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma *origem comum e realçados* nas interações raciais (POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 1995, p. 141, grifos dos autores).

Ou seja, de acordo com os autores, o que definem as fronteiras étnicas são os traços culturais estabelecidos a partir da crença em uma origem comum e que operam como marcos de distinção. Seguindo pela mesma linha de pensamento, Candau escreve que:

Entre os laços primordiais que estão no fundamento da etnicidade encontramos sempre a referência a uma origem comum. Pouco importa, tal como coloca Sélim Abou, que “a origem seja muitas vezes mitificada e que os legados culturais não sejam jamais totalmente homogêneos. O essencial é que esses elementos comuns são vividos pelo grupo em questão (ou, em todo caso, por uma parte de seus membros) como suas características distintivas e assim sejam percebidos pelos outros”, o que é uma forma de naturalização da comunidade (CANDAU, 2011, p. 96-97).

Essa percepção é muito importante para nos ajudar a estudar o grupo étnico dos descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Distante de formar um grupo homogêneo, assim como qualquer outro grupo étnico, o processo da travessia para a América costuma ser elencado como ponto de origem comum entre todos os seus membros, que, frequentemente, mitificam a figura do imigrante italiano como um herói valente e desbravador. Unidos por essa memória compartilhada, seus membros passaram a construir marcas de distinção que, assim como a memória das origens, também pode ser objeto de disputa. Ao longo desse processo que foram estabelecidos símbolos identitários do grupo, os quais, de acordo com esse estudo, foram transformados em mercadorias turísticas. Ainda segundo Candau:

Observa-se, ainda, a presença marcante das origens na memória social migrante que, para facilitar a construção de uma identidade de grupo, “pende para os símbolos possíveis de reificação e por aqueles que acentuam a permanência da origem”: cozinha, indumentária, expressões e perfis corporais, gestualidade, ritos religiosos. Nas narrativas coletivas, destaca Jean Guillaumin, os membros do grupo depositam, para seus próprios usos, a imagem de seu passado mais conveniente às suas necessidades comuns (CANDAU, 2011, p. 97).

Isso nos ajuda a entender a presença marcante de uma série de símbolos vinculados à identidade étnica dos descendentes de imigrantes italianos como, por exemplo, a presença marcante de determinados alimentos, expressões em dialeto, marcas da paisagem vinculadas à religiosidade católica, festividades, entre outros, dos quais analisaremos ao longo deste trabalho. No mesmo sentido que os apontamentos acima, para Giralda Seyferth, historiadora e antropóloga que estudou a formação de identidades étnicas, a construção dessas identidades no estado esteve relacionada, em primeiro lugar, com as condições da colonização que permitiram a permanência de traços culturais dos grupos migrantes devido ao isolamento inicial das colônias e, em segundo lugar, com o posterior contato desses grupos com grupos sociais de formação distintas. Nesse momento de contato com o outro é que se constroem as fronteiras étnicas baseadas nas distinções culturais. Nas palavras da autora:

Essa configuração sócio-econômica e política aponta para o fato simples de que limites étnicos, enquanto elementos de uma identidade de grupo, são acionados na situação de contato. Nesse caso, a organização comunitária que deu características próprias às diversas “colônias” – sem apresentar motivação de natureza étnica no início – passou a ser acionada como símbolo identitário, paradigma de distinção a legitimar pertencimentos primordiais, referenciados a concepções de nacionalidade diversas da brasileira. O período que alguns analistas da colonização assinalam como início do processo de assimilação (ou de aculturação) dos imigrantes (cf. Willems, 1946) é também o da formação das identidades étnicas – processos que, sem paradoxos a considerar, são concomitantes, desde que não se perceba o primeiro como tendo sentido único e irreversível (SEYFERTH, 2000, p. 149).

Nesse sentido, ainda buscando aproximar as conceituações feitas ao objeto de estudo dessa pesquisa, trago também a definição de grupo étnico de Zanini, antropóloga que investigou a construção da identidade étnica dos descendentes de imigrantes italianos nas regiões de Santa Maria no estado do Rio Grande do Sul:

Compreendo os grupos étnicos assim, como negociadores diacríticos que reivindicam visibilidade positiva. E os descendentes de italianos, como colonizadores que, para além da geografia ou da economia, almejam expandir seu universo simbólico como legítimo, bom, ordeiro e digno de prestígio social (ZANINI, 2006, p. 202).

Logo, guiado pelas noções elencadas acima, elaborei uma base de entendimento acerca do conceito. De modo geral, pode-se dizer que grupos étnicos são formados a partir do compartilhamento de uma origem comum, de traços distintivos e da formulação de fronteiras dicotômicas entre membros e não membros. O estabelecimento das fronteiras é definido através da expressão de um universo simbólico socialmente construído, utilizado para descrever os integrantes do grupo e marcar a maneira como esses indivíduos são vistos, tanto pelos membros internos como pelos considerados forasteiros. No caso dos descendentes de imigrantes italianos, chamaremos as expressões desse universo simbólico de italianidade, entendida aqui como uma forma de linguagem simbólica, cuja concepção é fruto de disputas e relações de poder. Ainda segundo Zanini:

Compreendo a italianidade como um sentimento de pertencimento derivado do encontro, bem como experimentado pelo indivíduo de acordo com sua posição social. A forma como ela é expressa, buscada e alimentada depende de como o indivíduo percebe a si mesmo num contexto social e, igualmente, de como é percebido pelos demais. A italianidade se transforma numa linguagem instrumental ativada quando necessário e que possibilita a expansão do convívio social e a disputa por valor num mercado de bens simbólicos (ZANINI, 2006, p. 200).

Diante disso, questionei-me ao longo do trabalho, no que se refere às expressões de italianidade, acerca de suas motivações e das condições que tornaram possíveis suas expressões. Quais motivos que levaram o grupo estudado a se identificar e se expressar como descendentes de imigrantes italianos? Quais as ações colocadas em prática para evidenciar essas expressões? Por que as diferentes rotas de turismo do município insistiram em representar a cidade de Flores da Cunha através de características supostamente italianas? Para responder esses questionamentos, partimos sempre do pressuposto de que identidades sociais e turismo são fenômenos socialmente construídos e inseridos em determinado contexto histórico.

Por conta disso, a abordagem feita por Oliveira a respeito dos (des)caminhos das identidades é interessante para pensarmos a respeito das manipulações identitárias realizadas pelos agentes que aqui foram estudados. Para melhor compreender esse fenômeno, o autor

buscou estudar casos onde os indivíduos, por conta do contexto social e geográfico em que estavam inseridos, precisaram ou tiveram a possibilidade de equacionar os aspectos étnicos e nacionais em suas reivindicações identitárias, demonstrando assim duas características importantes a respeito do conceito de identidade: em primeiro lugar, o seu caráter de ambiguidade e manipulação por parte dos agentes e, em segundo lugar, o peso dos contextos sociais no desencadeamento desses processos. Para o autor, o estudo de grupos migrantes apresenta potencialidades para a compreensão desses fenômenos:

E isso porque, no mundo moderno, a observação desses grupos oferece uma oportunidade privilegiada para o estudo daquelas formas de interação onde a *articulação* entre a identidade, a etnicidade e a nacionalidade se impõe como um foco de inegável valor estratégico para uma investigação que se pretenda capaz de elucidar os mecanismos de identificação pelos outros, tanto quanto os de auto-identificação, não obstante esta ser reflexo daquela (OLIVEIRA, 2000, p. 8-9).

Voltando à noção apresentada por Zanini, um dos pontos mais interessantes evidenciados em sua pesquisa diz respeito ao caráter de ativação seletiva das expressões étnicas. Ou seja, a italianidade, enquanto linguagem instrumental, pode ser realçada com mais força em alguns momentos e ocultada em outros, de acordo com a necessidade de seus portadores que, em certo grau, são influenciadas pelas condições mutáveis do presente. Ao longo da pesquisa, Zanini demonstra como os imigrantes italianos e seus descendentes, ao longo de sua trajetória no estado do Rio Grande do Sul, protagonizaram diferentes experiências memoriais que, naturalmente, estiveram relacionadas com suas percepções do tempo presente e, como resultado, produziram diferentes maneiras de expressões das identidades étnicas. Ao estudar a construção da italianidade nas regiões de Santa Maria, Zanini definiu quatro momentos históricos como grandes marcos gerais para a construção de memórias, os quais julgo serem de grande utilidade para se compreender algumas das representações construídas por indivíduos que se identificam e se expressam como descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Seriam eles, a travessia, o processo colonizador, as repressões do Estado Novo e o reavivamento étnico ocorrido no estado a partir de 1975.

De modo geral, a autora coloca que a travessia do Oceano Atlântico para a América foi construída como a origem comum do grupo e passou a ganhar contornos de epopeia, bem como a marcar certas características que os membros do grupo passaram a reivindicar como traços étnicos, como, por exemplo, o espírito aventureiro e desbravador dos imigrantes italianos e de seus descendentes (ZANINI, 2006, p. 15).

O processo colonizador refere-se ao momento em que os emigrados e seus descendentes transformam-se em colonos proprietários de terra e passaram a construir uma nova forma de sociedade naquele espaço. Em relação a esse período, o grupo criou representações do colono como um herói civilizador que desbrava a selva, enfrenta feras selvagens, abre clareiras, vence dificuldades e trabalha incansavelmente para prosperar (ZANINI, 2006, p. 110-111).

Contudo, essa trajetória de representações positivadas em relação ao grupo é interrompida com o Estado Novo, os rumos da 2ª Guerra Mundial e a Campanha da Nacionalização. Esse conjunto de elementos representou um cenário de repressão e perseguição às manifestações étnicas do Brasil. De modo abrupto, a política nacional passou a promover uma campanha de assimilação desses indivíduos a uma identidade nacional brasileira ou uma perseguição desses elementos que insistissem em perdurar. Os indivíduos, que antes costumavam se identificar como descendentes de imigrantes italianos e que passavam a marcar sua alteridade a partir dos códigos e linguagens do grupo, passaram a reprimir esses elementos como forma de sobrevivência:

Após o período repressivo ocorrido durante a década de 40 do século XX, os descendentes de italianos se tornaram mais discretos em suas vivências culturais e foram, até certo ponto e interesse, adotando hábitos e costumes da sociedade regional e nacional. A alcunha de *gringos*, que muito os incomodava (e ainda incomoda), passou a se tornar corriqueira como designativo pejorativo pelo qual os nacionais denominavam os descendentes de italianos, fossem colonos ou não. Gringo grosso, gringo rude, gringo mão-de-vaca, gringo ladrão, gringo bebedor de vinho, gringo comedor de polenta, gringo sujo foram algumas das representações sociais que tomaram vida nos anos de contato pré e pós Estado Novo, tornando-se denominações carregadas de preconceito (ZANINI, 2006, p. 197).

Por fim, a autora cita o período após 1975 até o presente, onde o Estado passa a promover um cenário de valorização dos elementos étnicos, sobretudo os europeus, e passa a criar espaço para esses indivíduos ressignificarem de forma positiva suas origens e costumes através de uma série de estratégias (ZANINI, 2006, p. 197). Regina Weber, ao analisar a projeção dos descendentes de italianos nesse cenário, entende que, para ser bem sucedido, o grupo utilizou-se de uma série de estratégias como a preservação do patrimônio, a criação de programas de rádio e tv, a realização de festividades, a promoção de heróis, entre outros (WEBER, 2004).

A partir desse contexto que busquei construir o meu objeto de pesquisa. Tentei entender como a positivação produzida pelo grupo foi tão bem sucedida a ponto de sair de um momento de repressão de suas representações para, nas últimas décadas, estabelecer um mercado de turismo étnico na região da Serra Gaúcha, onde a cidade de Flores da Cunha está incluída ao lado de tantas outras, que oferecem como mercadorias experiências étnicas, propagandeadas justamente através das representações italianas que haviam sido utilizadas como forma de opressão décadas atrás. Ou seja, que estratégias foram implementadas para o “gringo grosso comedor de polenta e bebedor de vinho” transformar-se num querido anfitrião que fornece aos seus visitantes delícias gastronômicas, em meio a uma natureza exuberante?

Seguindo pelo mesmo caminho, me interessei em pesquisar de que maneira o fenômeno da implementação do turismo influenciou no processo de produção de representações e de manipulações de memórias e identidades por parte dos próprios indivíduos ligados a essa atividade. Ou seja, tentei compreender, no recorte aqui estudado, de que maneira o estabelecimento da atividade turística influenciou na existência dos bens culturais do grupo e nas significações feitas por esses indivíduos do grupo acerca de sua própria existência.

Essa problemática do turismo étnico na Serra Gaúcha já atraiu outros pesquisadores. Beneduzi, ao estudar o roteiro turístico “Caminhos de Pedra” de Bento Gonçalves, chamou esses tipos de empreendimentos de “caminhos de memória” e os viu associados ao movimento global que se assistiu no século XX, onde o avanço do capitalismo e da urbanização gerou uma busca de consumo por memórias nostálgicas. Para ele, esse processo, ao mesmo tempo que destruiu relações de sociedades tradicionais, gerou mecanismos para tentar conservá-las através de recriações. Segundo o autor,

Dessa maneira, o moderno cria um paradoxo entre a necessidade de produzir o novo e o medo constante de perder o passado; o avanço da urbanização e do capitalismo destrói a sociedade tradicional, mas ao mesmo tempo cria instituições para preservação e construção dessas relações que estão se esfacelando. A perda de realidade que a modernização está produzindo tende a ser combatida por itinerários de rememoração – os quais se vinculam, ainda, a projetos nacionais que se multiplicam no continente europeu e americano (BENEDUZI, 2009, p. 47).

Por isso, acredito que a presente pesquisa se insere em uma das problemáticas atuais da Historiografia que tenta compreender esse fenômeno global, desencadeado sobretudo a partir da segunda metade do século XX, caracterizado por uma vontade compulsória de preservação e consumo da memória e que gerou, por consequência, a proliferação dos lugares de memória

e um movimento de inflação patrimonial. Desde que Nora apresentou suas explicações para o fenômeno, a temática dos lugares de memória e do patrimônio passou a conquistar grande espaço no debate historiográfico. Para o autor, o aumento excessivo de tombamentos e surgimentos de lugares de memória, após a década de 1960, ocorreu devido ao processo de substituição de “memórias espontâneas” por reconstituições do passado. Para ele, esse processo de distanciamento das “memórias intocadas” gerou uma “aceleração da história” onde substituiu-se o tempo da “história-memória”, em que ambas andavam juntas e propagavam-se, pelo tempo da “história-crítica”, onde a historiografia passa a dessacralizar a memória, que deixa de ser vivida e passa a ser desconstruída. Por isso, como deixam de existir os meios de memória, o ser humano passa a criar os “lugares de memória” (NORA, 1993).

Já Hartog, tentou explicar esse fenômeno através da ótica dos regimes de historicidade, onde essa compulsão em preservar o passado seria, na verdade, um sintoma do forte presentismo que se impôs após 1960:

O século XX é o que mais invocou o futuro, o que mais construiu e massacrou em seu nome, o que levou mais longe a produção de uma história escrita do ponto de vista do futuro, conforme os postulados do regime moderno de historicidade. Mas, ele é também o século que, sobretudo, no seu último terço, deu extensão maior à categoria do presente: um presente massivo, invasor, onipresente, que não tem outro horizonte além dele mesmo, fabricando cotidianamente o passado e o futuro do qual ele tem necessidade. Um presente já passado antes de ter completamente chegado. Mas, desde o fim dos anos 1960, este presente se descobriu inquieto, em busca de raízes, obcecado com a memória. À confiança no progresso se substituiu de guardar e preservar: preservar o quê e quem? Este mundo, o nosso, as gerações futuras, nós mesmo (HARTOG, 2006, p. 270-271).

Nesse sentido, assim como foi apontado por Beneduzi, entendo a proliferação desses “caminhos de memória”, dos quais incluo também os exemplares de Flores da Cunha, como tentativas de preservação e reconstrução do passado do grupo, frente a uma demanda do tempo presente, onde os indivíduos desenvolveram um gosto pela busca de raízes. Ao fornecer experiências que saciam essa ânsia, aliadas ao prazer advindo do lazer turístico e do prazer gastronômico, consolidou-se uma nova atividade econômica na região. Paulo Oliveira, que pesquisou a respeito do turismo histórico das regiões das Missões do estado do Rio Grande do Sul, identificou uma relação parecida entre as demandas do presente e o desenvolvimento do turismo:

As solicitações do mercado, numa época sedenta por raízes e obcecada pela idéia de conservação do patrimônio, inspiraram um uso empresarial da história. Devidamente depurado, o passado é embalado e vendido num pacote turístico como espetáculo. A “sociedade de consumo”, enfim, alcançou o passado. O rol de empresas e órgãos públicos associados aos projetos do Instituto é revelador, respectivamente, da expectativa de ótimos negócios e da dinamização regional que o turismo histórico promove. O passado, assim embalado, tanto do lado dos agentes como dos turistas, não é o passado dos historiadores. É um passado que resulta de uma estilização folclórica. Esvaziado de suas forças vitais e embalsamado para o consumo turístico, o passado, folclorizado, morre como experiência e renasce como espetáculo, como produto pasteurizado de uma “sociedade do lazer”, que para reencontrar algum laço perdido com o passado precisa mata-lo. Este ritual de conservação e visitação alimenta ainda uma certa sacralização do passado, transformando ruínas em templos de adoração, em altares pagãos, aos pés dos quais os peregrinos laicos depositam homenagens e olhares nostálgicos. Diria mesmo que nas Missões foi o passado que virou patrimônio (OLIVEIRA, 2009, p. 167).

Candau, por sua vez, sugere que o patrimônio é apenas uma “dimensão da memória” e entende que esse processo de preservação exagerada está vinculado à crise que as grandes identidades holistas vem sofrendo em detrimento do surgimento de identidades cada vez mais múltiplas e particularistas. O autor trabalha com os conceitos de memórias fortes e memórias fracas e entende que, quanto mais vinculadas às vivências cotidianas, mais fortes tornam-se as transmissões de memórias e, por consequência, a formação das identidades, enquanto, por outro lado, quanto mais busca-se cristalizar uma memória, que já não encontra espaços de transmissão, mais ameaçada ela está e mais fraca será aquela identidade. O autor escreve que:

Por essa razão, o patrimônio participa do fenômeno global de fragmentação das memórias – poderíamos falar de memórias à la carte –, que, como as identidades que fundam, tornam-se cada vez mais parceladas, particulares e particularistas: memórias profissionais, fundadas em categorias locais (regiões, províncias, país, aldeias, bairros, espaços que tendem a se tornar territórios), grupais, tendendo a uma estrutura de “guetos memoriais”. Numerosos museus locais são o resultado de uma tentativa de “criação de uma identidade regional pela encenação do passado no presente” (CANDAU, 2011, p. 161).

Por outro lado, ao pensar a respeito das reivindicações de identidades étnicas de grupos migrantes, fenômeno que ganhou força a partir da década de 1960, Roberto Cardoso de Oliveira

busca relativizar essa suposta crise das identidades globalizadoras em relação ao fortalecimento de identidades regionais. Para o autor:

Pareceu-me – e essa é uma questão que me acompanha há bastante tempo – que devemos procurar equacionar tais identidades enquanto *em crise*. Quando, em sua movimentação no interior de sistemas sociais, os caminhos de que se valem levam-nas a viverem situações de extrema ambivalência. São seus descaminhos, ainda que não necessariamente equivocados, pois em regra tendem a ser os únicos possíveis – conjunturalmente possíveis –, na medida em que o processo de identificação pessoal ou grupal chega a estar mais condicionado pela sociedade envolvente do que pelas “fontes” originárias dessas mesmas identidades, sejam elas consideradas como “coletividades” (Talcott Parsons), ou “identidade de grupo básico” (Harold Isaacs) ou, ainda, “identidades totais” (Ali Mazrui²) (OLIVEIRA, 2000, p. 8, grifo do autor).

Tal colocação nos traz a lembrança de que, no geral, as reivindicações identitárias ocorrem com o objetivo de atingir determinados ganhos aos seus agentes de acordo com os contextos sociais, geográficos e temporais em que estão inseridos. Nesse sentido, as expressões de identidades étnicas produzidas por esses atores, que chegam aos pesquisadores no formato de “fontes”, representam mais um indício de determinada estratégia posta em prática naquele momento do que, necessariamente, a negação ou a crise de um sentimento identitário vinculado a outros aspectos, como a nacionalidade, por exemplo.

Mas, voltando a questão do patrimônio abordada por Candau, o autor Santiago Júnior, ao refletir sobre os patrimônios e bens culturais, analisa como a sua epistemologia foi tecida através da noção de lugar de memória, mas, acredita que o conceito de patrimônio a extrapola, uma vez que não opera somente através de relações mnemônicas e sim com uma pluralidade de atuações, significados e vivências mais amplas. Para ele, ao reduzir o patrimônio à conceituação de lugar de memória, parte da Historiografia teve dificuldades em compreender algumas de suas outras facetas e possibilidades:

Os arquivos, museus, acervos em geral, monumentos e bens imateriais tornam-se assim instrumentos que permitem articular a possibilidade de pertencimento coletivo. O próprio patrimônio pode ser concebido como um processo contínuo de sistematização de coleções públicas e distribuição de conhecimento que

² “Cf. por exemplo, Isaacs (1974, p. 17), artigo incluído, com algumas alterações, em uma coletânea de grande repercussão no meio acadêmico internacional, intitulada *Ethnicity: Theory and experience* (Glazer e Moynihan, 1975), que reuniu prestigiosos autores como Talcott Parsos, Daniel Bell, Milton Gordon, Daniel Horowitz, dentre outros” (OLIVEIRA, 2000, p. 19, nota 1).

permite aos sujeitos e grupos sociais mediarem as relações entre si mesmos a partir de aspectos destacados dos bens culturais. Desta maneira o patrimônio – esta característica salta aos olhos – oscila entre significações plurais, concomitantes e frequentemente conflitantes. Atualmente, quando o patrimônio imaterial tornou-se uma categoria corrente que evidencia a convivência de inúmeros usos da cultura pelos diversos grupos sociais que realçam aspectos mnemônicos para a construção de cidadania cultural, o patrimônio cultural é uma arena de disputas semânticas que envolve e transcende suas funções mnemônicas (SANTIAGO JÚNIOR, 2015, p. 264).

Assim, diante do que foi colocado, entendemos que a presente pesquisa se justifica também por tentar responder, em seu recorte micro, alguns dos questionamentos levantados pelos autores acima. Através da análise das fontes, pude perceber a forte presença de discursos que convidam o turista a locais que “pararam no tempo” e que fornecem experiências culturais ancestrais e produtos “verdadeiramente típicos” da cultura “italiana”. Esses locais também são descritos com traços coloniais, contrastantes do cotidiano urbano, e dotados de uma áurea que possibilita “experiências únicas”, “verdadeiros mergulhos ao passado” e à realidade destas comunidades. A impressão deixada pela forma como os roteiros são propagandeados é a de que o que está sendo oferecido para o consumo são bens culturais que, ao mesmo tempo, são elementos constitutivos de uma identidade étnica petrificada no tempo. Além disso, a presença de um bem patrimonial gaúcho, tombado e restaurado na cidade, pertencente a um dos roteiros, me permitiu investigar o impacto e a utilização desse exemplar dentro do processo. Diante dessa complexidade de elementos, uma pergunta importante que tive em mente foi: como interagiram a preservação/reconstrução e comercialização desses bens culturais com a atividade do turismo? Beneduzi apontou um caminho inicial para pensarmos nessas relações:

Os descendentes dos imigrantes italianos – no Rio Grande do Sul – experimentam nos projetos culturais de “resgate” do passado, uma forma de superar esse contexto de perda da tradição rural que sofre na zona colonial. Esse itinerário que se articula nas comunidades da serra gaúcha – como construtor de links entre passado e o presente, produz um efeito sublimador da nostalgia do tempo que passou. O fenômeno de presentificação, de estetização das “ruínas étnicas” em um percurso que busca desconstruir a ação do tempo, embora tenha uma faceta positivadora da identidade étnico-cultural italiana, também produz uma possibilidade de auto-percepção da comunidade, criando realidade, mas colando-se fragmentos do real – o que pode ser entendido, também no sucesso econômico do empreendimento. Assim, nostalgia, mnemaghi turismo e mimete se fundem, construindo um passado, pacificando o

presente e produzindo uma nova sustentabilidade econômica para a região (BENEDUZI, 2020, p. 55).

Logo, permeado pelas colocações dos autores acima, fui lendo o presente o objeto de estudo e construindo essa investigação. Nesse sentido, entendo que a problemática de estudo aqui abordada se relaciona com questionamentos relevantes e recentes da Historiografia, como, por exemplo, o estudo do tempo presente, das construções identitárias e da etnicidade, os usos do patrimônio histórico e de bens culturais, as apropriações do turismo, entre outros. Guardadas as devidas proporções, espero que, ao final da pesquisa, em um recorte micro, tenha sido bem sucedido em contribuir para o avanço de parte desses questionamentos, apontando algumas possibilidades de análise para problemáticas dessa natureza.

A pesquisa dividida em capítulos

Logo, tendo o estudo da bibliografia mencionada como um importante mediador e as perguntas elencadas acima como guias de investigação, busquei construir a presente pesquisa. Partindo do entendimento que meu objeto de estudo está inserido em um contexto do tempo presente, busquei amparo nas colocações de Lucilia Delgado e Marieta Ferreira para construir minha metodologia. Nesse sentido, o primeiro desafio foi a construção do recorte temporal. De acordo com as pesquisadoras:

No campo especificamente historiográfico a denominação história do tempo presente convive com outras denominações que têm no recorte temporal da contemporaneidade a sua marca. Entre essas denominações estão história imediata, história contemporânea, história recente e história atual. Todas, mesmo não tendo exatamente o mesmo significado, fazem do passado próximo o objeto de estudo do historiador e são expressivas da opção por uma temporalidade repleta de dificuldades para demarcar datas e estabelecer limites cronológicos precisos e definidos. Isto porque a história do tempo presente se dedica, na maioria das vezes, à pesquisa e à análise de experiências históricas específicas, especialmente delimitadas e, portanto, pouco compatíveis com critérios universais e abrangentes de definições cronológicas (DELGADO E FERREIRA, 2013, p. 23-24)

Nesse sentido, a primeira delimitação realizada foi espacial e no tempo presente: busquei estudar o fenômeno do turismo da cidade de Flores da Cunha através de suas experiências e marcas da paisagem, presentes no espaço público no período entre 2020-2023. Com isso, a primeira ação da pesquisa foi a realização de uma saída de campo, durante esse

recorte temporal do tempo presente, com o objetivo de mapear espaços da cidade de Flores da Cunha que são apresentados como espaços turísticos. Posteriormente, busquei investigar a respeito da constituição desses espaços, no intuito de compreender as motivações e disputas que envolveram suas construções originais, suas diferentes significações ao longo do tempo e suas permanências até o presente momento como um atrativo turístico. Através dessas investigações, fui construindo um entendimento a respeito de como esse setor de turismo foi construído, sobretudo a partir da seguinte pergunta: quais estratégias foram empregadas para esses elementos terem tido sucesso em se construir e se manter como atrativos turísticos?

Dessa maneira, uma vez mapeados os espaços, passei a realizar investigações retrospectivas de suas existências: uma espécie de genealogia dos pontos turísticos de Flores da Cunha. O raciocínio foi simples: se esses espaços tiveram sucesso em se consolidar até hoje como turísticos, a investigação a respeito de suas trajetórias deveria me levar a entender as principais estratégias empregadas pelo grupo envolvido na construção desse setor, bem como seus principais agentes e disputas travadas ao longo do tempo. Com base nessas descobertas, fui construindo uma narrativa explicativa a respeito da construção do setor de turismo local.

A escolha por essa metodologia, guiada inicialmente por uma delimitação espacial, originou-se através de um contato inicial com esses espaços, onde me deparei com um universo simbólico, expressado através de falas, experiências e marcas na paisagem, apresentado no presente como atrativos turísticos. Percebi que os bens culturais de um grupo social (nesse caso, as mercadorias dessa modalidade turística) ou fazem parte da paisagem ou sua existência é mediada por ela de alguma forma. Tudo que é criado ou despertado pela cultura humana é feito em um espaço, dessa maneira, sua construção torna-se uma fonte histórica. No estudo de Zanini, o sentimento de enraizamento dos imigrantes italianos e de seus descendentes no Rio Grande do Sul aflorou-se através do processo de construção da paisagem (ZANINI, 2006, p. 114-125). Esse processo de marcar a paisagem também é tratado com grande relevância na obra de Beneduzi, que investigou como os emigrados do Vêneto reconstruíram um universo simbólico na região da Serra Gaúcha e definiu o que chamou de “territorialidade sensível” como um importante elemento identitário (BENEDUZI, 2004, p. 118-146). Para os imigrantes italianos da região, marcar a paisagem significou disputar poder, estabelecer símbolos e lutar pela sua manutenção ou modificação, guiados por diferentes interesses e contextos históricos.

Logo, passei a entender essas marcas como fontes históricas centrais para compreensão do meu objeto de pesquisa. Conforme colocado por Delgado e Ferreira:

O mundo no qual vivemos produz em abundância diferentes recursos documentais que enriquecem a produção do saber histórico e podem também tornar mais vivo, interessante e instigante o ensino da história. São eles, entre outros: documentos audiovisuais, fotografias, escritos literários, narrativas orais e escritas, charges, CD-ROMs, filmes, documentários, diferentes suportes da informática, plantas, mapas, atas, programas de rádio, peças publicitárias, jornais, revistas, músicas, vestuário e peças de decoração de ambientes, entre outros objetos da memória.

No caso da história do tempo presente, a essa profusão de fontes agrega-se a possibilidade que tem o historiador de produzir, ele mesmo, fontes documentais para investigações, suas e de seus colegas pesquisadores. A título de exemplo, cabe ressaltar a metodologia de história oral e a produção de fontes iconográficas (DELGADO e FERREIRA, 2013, p. 27-28).

Portanto, ao longo da investigação, identifiquei e analisei uma grande diversidade de fontes históricas que fazem parte do universo turístico construído pelo grupo de descendentes de imigrantes italianos local: propagandas de *outdoors*, panfletos turísticos, marcas da paisagem, placas, prédios, monumentos, estátuas, cemitérios, poemas, letras de música, objetos expostos, experiências vivenciadas, reportagens de jornal, projetos urbanos, entre outros. Da mesma forma, durante o mapeamento realizado na saída de campo, realizei registros fotográficos posteriormente analisados ao longo da presente pesquisa. O elemento que aglutinou essa diversidade de fontes foi sua identificação como estratégia ou atrativo do setor de turismo da cidade, carregando elementos simbólicos da identidade comercializada.

Contudo, ao proceder com a investigação a respeito da trajetória dessas marcas da paisagem me deparei com diferentes contextos históricos, uma vez que um mesmo espaço costumava acumular elementos construídos em diferentes momentos, agora reunidos no presente, lado a lado, como pontos turísticos. Diante dos desafios impostos por esses recortes retrospectivos no tempo, guiados a partir das marcas da paisagem encontradas no presente, levei em consideração, mais uma vez, as colocações de Delgado e Ferreira sobre objetos de estudo do tempo presente:

Por sua vez, essa singularidade de objeto deve nos alertar para a necessidade de buscar métodos e temáticas também específicos, como, por exemplo, a importância das cronologias antes das análises de conteúdo; a valorização dos períodos de ruptura e dos eventos políticos, a utilização das fontes orais e a busca de interdisciplinaridade. Graças aos esforços teóricos dos pesquisadores do IHTP, os debates e as restrições acerca das fontes e da objetividade vinculadas à história do tempo presente foram sendo paulatinamente superados (DELGADO e FERREIRA, 2013, p. 23).

Nesse sentido, à medida que fui realizando esses recortes ao passado, me esforcei para tentar contextualizar o leitor sobre as particularidades de cada momento. Além disso, busquei construir a pesquisa baseado em uma cronologia de marcos e rupturas a respeito da construção da identidade étnica dos descendentes de imigrantes italianos no estado do Rio Grande do Sul, na qual a obra de Zanini, mencionada acima, foi um dos pilares centrais (ZANINI, 2006). Logo, a grande maioria das fontes aqui analisadas estiveram inseridas em um contexto inaugurado a partir de 1975, marco de comemoração do centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, momento no qual iniciou-se um período extremamente favorável para a posituação dessa identidade étnica, a ponto de suas expressões tornarem-se um atrativo turístico relevante no estado décadas mais tarde. Contudo, levando em consideração que essas condições não se mantiveram cristalizadas ao longo do recorte de 1975 até 2023, busquei apontar suas variações identificadas ao longo da pesquisa com base nas fontes estudadas e em bibliografias temáticas a respeito do mesmo período. Em alguns momentos, também foi necessário retroceder a períodos anteriores a 1975, no intuito de compreender simbologias ressignificadas posteriormente.

Outro ponto importante de explicar a respeito das fontes e da metodologia é o de que a investigação retrospectiva dos espaços ocorreu, principalmente, através de pesquisa realizada no acervo do jornal local O Florense, o único periódico impresso da cidade atualmente, que vem sendo publicado, em intervalos semanais ou quinzenais, desde 1986. Nesse sentido, é fundamental colocar que a utilização desse tipo de fonte não se deu em busca de “verdades” sobre a história dos espaços investigados, mas, na verdade, em busca de discursos e significações colocados em circulação por agentes e grupos sociais a respeito deles. Assim, conforme as colocações de Regina Weber, esses tipos de periódicos tornam-se fontes úteis para a identificação de representações identitárias colocadas em circulação por agentes promotores de grupos étnicos:

As representações da identidade encontram sua forma mais elaborada, e socialmente reconhecida como característica do âmbito intelectual, quando se sistematizam em textos escritos, que constituem também o modo principal de acesso àquelas pelos historiadores contemporâneos. Muitos dos estudos sobre lideranças, representações e intelectuais étnicos podem ser conduzidos porque os agentes deixaram suas ideias grafadas em periódicos desde simples panfletos até jornais que, em alguns casos, alcançam regularidade e grande quantidade de exemplares impressos e distribuídos (WEBER, 2014, p. 723).

Logo, a investigação ao jornal O Florense ocorreu de duas formas. Primeiramente, ao detectar determinada data ou acontecimento relevante a partir do mapeamento da saída de campo, busquei por reportagens no acervo do periódico próximas daquele período. Em segundo lugar, ao estudar a investigação do Salão Paroquial Nossa Senhora de Lourdes no capítulo 2, foi possível identificar que um dos principais elementos que aglutinou a construção da identidade étnica estudada e a promoção do turismo local foi, por décadas, a realização da Festa Nacional da Vindima de Flores da Cunha. Dessa maneira, no capítulo 2, entre os anos de 1986 e 2007, passei a pesquisar exemplares do jornal publicados próximos às datas de realização da festividade, que costumou ocorrer em um intervalo de aproximadamente 5 anos com algumas oscilações. Essa metodologia de pesquisa justificou-se pelo fato de que, por se tratar do maior evento turístico da cidade ao longo dessas décadas, nos momentos que precediam a festividade, os líderes locais debatiam nas páginas do jornal como a cidade deveria ser apresentada aos turistas e, após a festividade, costumavam realizar avaliações da edição.

Em meados de 2007, identifiquei que, para além da festividade, Flores da Cunha passou a consolidar uma nova modalidade de turismo permanente ao longo de todo ano: a criação de rotas de turismo pelos interiores da cidade. Dessa maneira, entendendo que esse setor passou a ocupar um protagonismo na produção de representações e propagandas turísticas para o município, substituí a investigação em torno da festividade e desloquei meu olhar para as rotas de turismo. Conforme argumentei na sequência do trabalho, o jornal O Florense pode ser entendido como um espaço para noticiar e debater os acontecimentos da vida comunitária da cidade, onde uma elite cultural de diferentes partidos políticos encontrou espaço para expor suas opiniões. Ao longo das décadas, o jornal mostrou-se bastante engajado na promoção do turismo e da identidade étnica dos descendentes de imigrantes italianos, publicando textos sobre o assunto, praticamente, em quase todas as edições.

Ou seja, diante do que foi colocado, destaco que, inicialmente, desenvolvi a pesquisa através de uma delimitação espacial no tempo presente caracterizada pela presença de espaços projetados como turísticos na cidade de Flores da Cunha. Após esse mapeamento realizado através de saída de campo, realizei investigações históricas retrospectivas a respeito desses espaços, tecendo idas e vindas no tempo conforme o avanço da pesquisa. Como uma estratégia narrativa, no intuito de aproximar o leitor da investigação histórica e do meu objeto de estudo, organizei os resultados da pesquisa através de uma divisão geográfica dos espaços em três capítulos, seguindo a rota elaborada para a saída de campo. Ao final da pesquisa, a partir das

descobertas realizadas, elaborei uma estrutura organizada cronologicamente a respeito da construção do setor de turismo da cidade.

É importante mencionar que para essa análise foi elaborado um trajeto turístico identificado como o mais provável a ser percorrido por visitantes recém chegados, através das vias mais movimentadas e das indicações de placas turísticas, uma espécie de “caminho oficial” do setor de turismo local, mas, é importante colocar que existem diversas outras possibilidades de exploração e leitura da cidade. A presente pesquisa, uma vez que teve como objetivo estudar como determinado setor de turismo cultural da cidade foi constituído e oficializado, buscou investigar justamente os signos consolidados por tal setor, contudo, isso não exclui a infinita gama de possibilidades de caminhos e espaços alternativos que um visitante poderia usufruir turisticamente. Nessa rota, adentrei na cidade pelo espaço de maior fluxo, percorri seu pórtico de entrada e cruzei a cidade na área central utilizando sua principal via, a Avenida 25 de Julho. A partir de estímulos e elementos visualizados na área central do município, me desloquei para os interiores seguindo trilhas oferecidas por roteiros de turismo já estruturados.

Sendo assim, no primeiro capítulo, descrevi o início da saída de campo a partir da chegada em Flores da Cunha vindo de sua maior cidade vizinha, Caxias do Sul. Assim, os primeiros contatos com a cidade ocorreram através das placas turísticas inseridas ao longo do caminho que, por sua vez, levaram aos *websites* dos roteiros turísticos, sendo, dessa forma, os dois primeiros elementos de análise para compreender quais ativações simbólicas esse setor mobilizou nas primeiras apresentações locais para os visitantes. Esses elementos de divulgação turística, analisados aqui como fontes históricas, correspondem ao período de criação pós anos 2000, onde o setor da cidade passava por um momento de consolidação turística através da inauguração de uma diversidade de roteiros. Na sequência, analisei o pórtico de entrada da cidade, que apresenta para os forasteiros uma diversidade de elementos simbólicos: o nome da cidade, um canteiro em formato de uva, a estátua de um galo e a placa do programa de *gemellagio*. Através da investigação retrospectiva dessas marcas, foi possível compreender diversos elementos a respeito da construção identitária da cidade e da construção de seu atual setor de turismo.

Já no segundo capítulo, o espaço analisado foi o do entorno da Praça da Bandeira, principal praça do município, localizada no centro da cidade, e rodeada pela Igreja Nossa Senhora de Lourdes, pelo Salão Paroquial Nossa Senhora de Lourdes, pelo Campanário, pelo Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi e por diversos monumentos e estátuas. Mantendo a metodologia de construção de uma genealogia desses espaços, foi possível detectar uma série de estratégias e disputas vinculadas com a construção da identidade étnica do grupo

e da construção do setor de turismo. Nesse capítulo, também foi realizada a investigação sistemática ao jornal O Florense, descrita acima. Através dela, foi possível compreender variações das conjunturas apresentadas para a construção da identidade étnica dos descendentes de imigrantes italianos da cidade e do setor de turismo analisado. Juntamente com a análise das fontes mencionadas, tanto no primeiro como no segundo capítulo, foi utilizado como fonte o projeto de revitalização da Avenida 25 de Julho, percorrida ao longo da saída de campo nos dois primeiros capítulos. O projeto vencedor foi selecionado através de concurso público, realizado em 2022, e permitiu identificar significações e abordagens pensadas para o futuro do espaço, bem como refletir acerca das relações desse processo com o setor de turismo.

Por fim, no terceiro capítulo, a saída de campo direcionou-se para os interiores do município, percorrendo os trechos de dois roteiros turísticos propagandeados a partir dos rótulos de uma identidade étnica italiana e colonial. Escolhi percorrer esse caminho para tentar compreender melhor o que, de fato, são as mercadorias dessa atividade, entendida por mim até aqui como uma modalidade de turismo étnico, rural e cultural. Detectei, através da análise das propagandas das rotas, que muito se fala em “desfrutar verdadeiras experiências” da cultura italiana, “sentir o tempo em outro ritmo” e em “compartilhar o cotidiano” com descendentes de imigrantes italianos. Diante disso, me perguntei, como isso é feito? Quais os procedimentos utilizados para oferecer tais experiências? E, principalmente, se o que aparenta ser mercantilizado são os bens culturais produzidos por uma identidade étnica, partindo do pressuposto de que toda identidade expressada é apenas uma face entre outras faces daquela identidade, qual será o rótulo escolhido e por quais motivos? Através do que essa identidade é expressada?

Meu objetivo, ao longo dos três capítulos, foi o de identificar o universo simbólico dos bens culturais colocados como mercadoria nessas rotas, investigar os seus usos e ressignificações ao longo do tempo e evidenciar as disputas travadas pelas suas existências. Além disso, busquei descobrir as estratégias utilizadas para transformar essa paisagem em atração turística, uma vez que percebi que alguns espaços foram criados para esse fim, enquanto outros já existiam e ganharam novos usos e significados. Ou seja, como uma receita cotidiana transformou-se em prato típico? Como um porão antigo transformou-se em restaurante rústico? Como uma vinícola, unidade de produção industrial, transformou-se em palco de casamentos, formaturas e aniversários? Como os parreirais de uva, cenário de trabalho colonial, transformaram-se em fundos de *selfies* para redes sociais de turistas?

Ao final do trabalho, busquei organizar as conclusões realizadas através da criação de uma estrutura cronológica a respeito da construção da identidade étnica dos descendentes de

imigrantes italianos da cidade e do setor de turismo estudado. Nesse sentido, considerando que o presente objeto de estudo reuniu interações entre turismo, memória, identidade e etnicidade, busquei apresentar como, nesse caso, esses campos estiveram entrelaçados entre si e tentei apontar algumas percepções para se pensar no exercício de um turismo cultural, que alia atividades de fontes de renda à rememorações e processos identitários.

1 - CAPÍTULO 1 - A PRIMEIRA FACE DE FLORES DA CUNHA: IDENTIDADE, TURISMO E ATIVAÇÕES SIMBÓLICAS NA CHEGADA À CIDADE

O presente capítulo buscou mapear e analisar os primeiros caminhos que a cidade de Flores da Cunha oferece aos visitantes. Assim, o capítulo entrega ao leitor o mapeamento e a interpretação das marcas da paisagem presentes no trajeto que se inicia partindo da cidade de Caxias do Sul, via ERS-122, e chega até a porta de entrada do município, o pórtico de acesso sul da cidade de Flores da Cunha. Percorrendo o trajeto, busquei analisar as estratégias iniciais que esse setor desenvolveu para atrair o visitante recém chegado. Ou seja, através de quais traços identitários o setor de turismo buscou apresentar a cidade. Nesse sentido, tentei investigar quais espaços e símbolos se apresentam como atrativos turísticos e de que maneira se tornaram parte da paisagem oficial do município.

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada a saída de campo, explicada e justificada na introdução do trabalho, para mapeamento e identificação das marcas da paisagem vinculadas ao setor de turismo ou que expressassem elementos e representações de uma identidade municipal. Assim, foram utilizadas como fontes históricas nesse capítulo a presença de placas e *websites* com propagandas turísticas a respeito da cidade, as marcas da paisagem vinculadas com o turismo identificadas ao longo do trajeto, reportagens de jornais e o projeto de revitalização da Avenida 25 de Julho. A interpretação a respeito da construção e oficialização desses símbolos foi realizada através do estudo de bibliografia a respeito da história do município e do processo de imigração italiana.

Dessa maneira, as marcas da paisagem encontradas e registradas remetem a uma paisagem encontrada no tempo presente, através do recorte temporal entre 2020 e 2023, momento onde a identidade étnica construída pelos descendentes de imigrantes italianos encontra-se positivada e consolidada como uma atração turística da região. Contudo, para compreender as origens desses elementos que compõe a paisagem turística do município no presente, foram realizados recortes retrospectivos para diferentes temporalidades, os quais busquei contextualizar historicamente a partir da leitura de fontes e bibliografias temáticas.

1.1 - Das placas aos *websites*: As primeiras representações simbólicas ao chegar em Flores de Cunha no tempo presente

O primeiro elemento a respeito das atrações turísticas florenses que encontrei ao longo da saída de campo realizada trata-se de um *outdoor* (ver figura 2 na p. 15) localizado próximo à entrada do bairro São Gotardo, que se localiza entre a cidade de Caxias do Sul e a cidade de Flores da Cunha. No *outdoor*, é possível perceber um convite ao visitante que percorre a rodovia

para visitar os roteiros da cidade, dos quais, aparecem três na placa: Compassos da *Mèrica Mèrica*, Vinhos dos Altos Montes e Otávio Rocha Vila Colonial. Os dois últimos, já haviam sido detectados também através da presença de placas menores e individuais de seus trajetos, instaladas ao longo da rodovia ERS-122. Além disso, o *outdoor* convida o turista a acessar o *website* Turismo Flores, página institucional da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha a respeito do setor de turismo. Através dele, além de ter contato com uma série de representações da cidade oferecidas pela instituição, fui redirecionado para os *websites* próprios de cada um dos roteiros turísticos propagandeados na placa.

Ao entrar no *website* institucional do Turismo Flores, foi possível descobrir que a campanha de divulgação desses roteiros baseada na identidade visual do logotipo “Aprecie Flores”, presente no *outdoor* e no *website*, remete ao ano de 2018 e foi criada pela empresa Verdi Design, do ramo de *marketing* digital e oriunda de Porto Alegre³. Através da nota do site, é possível perceber que a logomarca foi definida através da atuação profissional de uma empresa externa ao município que, através de pesquisas e questionários, identificou as potencialidades turísticas e simbólicas que poderiam ser exploradas na divulgação da cidade. Na época, o executivo municipal de Flores da Cunha era o ocupado pelo Partido do Movimento

³ Para uma compreensão do processo de constituição da logomarca, reproduzo na íntegra a nota explicativa da seção “Marca Turística” do *website* Turismo Flores. Através dela, é possível identificar as estratégias que guiaram a composição da campanha: “O projeto de desenvolvimento da marca turística de Flores da Cunha foi desenvolvido no segundo semestre de 2018 pela empresa Verdi Design, de Porto Alegre, e supervisionado pelo Conselho Municipal do Turismo (Comtur) de Flores da Cunha. Para o desenvolvimento da Idade de Marca Turística de Flores da Cunha a VERDI aplicou técnicas de *Placebranding* (construção da marca lugar) desenvolvidas pela empresa. Inicialmente, foi aplicado um questionário com objetivo de identificar a vocação turística do município. Mais de cem pessoas atenderam ao pedido de colaboração com a pesquisa feita pela Secretaria de Turismo, sendo 70% moradores do município. A partir das respostas obtidas definiu-se o posicionamento da marca turística Flores da Cunha. Sua essência é apresentar Flores da Cunha como um dos principais destinos turísticos enogastronômicos da Serra Gaúcha, baseado em três pilares que dão sustentação a sua essência: HERANÇA CULTURAL ITALIANA – Flores da Cunha é reconhecida pela preservação das tradições culturais herdadas dos imigrantes. Esta herança manifesta-se na gastronomia, dialeto, arquitetura, festas coloniais, vitivinicultura, entre outras. VITINICULTURA – Flores da Cunha é o maior produtor de vinhos e de uvas do Brasil. A cidade é reconhecida pela Festa da Vendima, pela qualidade das vinícolas e pela Indicação Geográfica Altos Montes. CLIMA E SOLO – Flores da Cunha está localizada na Encosta Superior do Nordeste do RS. Nesta região estão localizados os montes mais altos da Serra Gaúcha com altitudes de 600 à 800 metros. Ainda como exercício de posicionamento de marca, definiu-se a Proposta de Valor, um discurso sucinto que deve explicar porque uma pessoa deve escolher Flores da Cunha como destino turístico: ‘Destino turístico, cultural e enogastronômico que tem o vinho e a herança cultural italiana como protagonistas e as belezas naturais como cenário para pessoas de todas as idades apreciarem boa gastronomia, buona gente e belas paisagens durante momentos de lazer na Serra Gaúcha’. Este posicionamento norteou o desenvolvimento dos elementos visuais e verbais da marca, sendo adotada a expressão verbal ‘aprecie Flores’ como identidade verbal da marca turística. A assinatura visual remete a uma taça de vinho, reforçando a vocação vitivinícola do município. Optou-se por uma tipografia contemporânea, elegante e com boa legibilidade. Por ser monocromática a marca pode ser reproduzida e aplicada em diferentes meios facilitando sua disseminação. Por fim, foram definidas diferentes formas de assinatura da marca: institucional, institucional reduzida, promocional turismo e promocional; visando contemplar as mais variadas situações” (TURISMO FLORES, 20XX).

Democrático Brasileiro (PMDB), através da pessoa do prefeito Lídio Scortegagna, eleito para o cargo em 2012 e reeleito em 2016.

Através da análise do *website* institucional e dos *websites* dos roteiros turísticos, me deparei com uma série representações de Flores da Cunha. Partindo do pressuposto de que o intuito dessas representações era o de atrair turistas para a cidade, o meu objetivo ao analisar essas fontes foi o de detectar quais aspectos do município foram escolhidos para serem evidenciados nesse contato inicial com o forasteiro, ou seja, como a cidade foi enquadrada para seus potenciais leitores. Levando em consideração que todos os roteiros turísticos mencionados foram criados após os anos 2000, é possível inserir as narrativas coletadas em um contexto de consolidação da identidade étnica italiana como um atrativo turístico. Como mencionado anteriormente nos referenciais teórico-metodológicos e como veremos no decorrer da pesquisa, essa posição foi conquistada através de um amplo trabalho de positivação dessa identidade.

Além das representações da própria Prefeitura Municipal, cuja referência já fora feita na introdução desse trabalho, o primeiro *website* que tive contato foi o do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial. Nele, o internauta é convidado a desfrutar de uma “experiência colonial italiana” e é apresentado à rota da seguinte maneira: “Otávio Rocha é distrito de Flores da Cunha, na serra gaúcha, uma linda vila onde o tempo tem um ritmo diferente, um lugar para experimentar a cultura da colônia italiana”. Ao clicar na seção denominada de “História”, o leitor depara-se com uma narrativa histórica onde é possível detectar novas representações:

Teve sua origem por volta de 1882, quando recebeu os primeiros imigrantes italianos provenientes em sua grande maioria da Província de Vicenza. Os poucos moradores que desbravaram o território eram pequenos lavradores que, com muita dificuldade construíram aqui barracões que serviriam de início para abrigar as famílias e os poucos bens que possuíam. Os costumes típicos e o dialeto vicentino são marcas presentes dos primórdios até os dias atuais (OTÁVIO ROCHA VILA COLONIAL, 201X).

Dentre as atrações oferecidas pelo roteiro, encontram-se a visita de vinícolas, restaurantes de “comidas típicas italianas”, comércios de produtos coloniais, parques em meio a natureza, igrejas e torres, santuários religiosos, o Casarão dos Veronese, tombado pelo CPHAE-RS em 1986 e restaurado entre os anos 2015-2017, entre outros.

O segundo roteiro pesquisado foi o Compassos da *Mérica Mérica*. Seu *website* convida o internauta a fazer uma “Viagem inesquecível pelo coração da serra gaúcha” e uma “aventura de história e tradição”. O roteiro apresenta-se da seguinte maneira:

Localizado em Flores da Cunha, no coração da Serra Gaúcha, o Roteiro Rural Compassos da Mérica Mérica é composto por 6 empreendimentos que fundem tradição italiana e lazer, entre vinícolas, restaurante e agroindústria familiar. Distribuídas nas comunidades de São Roque, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Bom Conselho e São Vitor, as localidades que compõe o roteiro buscam trazer ao visitante um pouco do espírito de luta e, por que não, bem viver que permeia a tradição italiana da Serra Gaúcha (COMPASSOS DA *MÉRICA MÉRICA*, 201X).

É possível perceber que as representações entre os dois roteiros apresentam pontos em comum, como os traços aconchegantes, rurais, com marcas da imigração italiana e formados a partir de estabelecimentos como restaurantes, vinícolas e pontos turísticos localizados nos interiores do município. Contudo, a apresentação desse roteiro gira em torno da figura de Angelo Giusti, descrito como um imigrante italiano “poeta agricultor e autodidata” que teria vivido nas proximidades onde hoje passa o roteiro e que possui o crédito pela autoria da canção “*La Merica*”, estabelecida como Hino Oficial da colonização italiana no Estado do Rio Grande do Sul, através da Lei 12.411 de dezembro de 2005, instituída como parte das comemorações dos 130 anos da colonização italiana no Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2005). Segundo o *website*, seus restos mortais encontram-se no cemitério próximo de uma das capelas incluídas nos pontos da rota.

A terceira rota é denominada de Rota dos Vinhos dos Altos Montes, que integra as áreas dos atuais municípios de Flores da Cunha e Nova Pádua⁴. Em seu *website*, a rota “oferece cultura, conhecimento e lazer para os turistas que desejam conhecer Flores da Cunha e Nova Pádua” (VINHOS DOS ALTOS MONTES, 20XX) e recebe “turistas e apreciadores de vinhos, permitindo que o visitante se integre ao mundo da produção e se encante pelo universo vitivinícola brasileiro” (VINHOS DOS ALTOS MONTES, 20XX). Ainda de acordo com o site, “Essa vivência ocorre através de visitas, degustações e experiências enogastronômicas, muitas vezes realizadas pelos próprios proprietários das vinícolas. Os atrativos naturais e culturais, aliados à hospitalidade dos habitantes, moldam os cenários do roteiro” (VINHOS DOS ALTOS MONTES, 20XX). Sendo assim, fazem parte do roteiro turístico 12 vinícolas espalhadas pelo território dos dois municípios.

A elaboração do quarto roteiro turístico vem sendo divulgada desde 2020 e promete ser

⁴ O município de Nova Pádua emancipou-se de Flores da Cunha no ano de 1992, possui aproximadamente 2557 habitantes e apresenta como um de seus slogans a descrição de “pequeno paraíso italiano” (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PÁDUA, 20XX).

uma rota de enoturismo rural cheia de experiências inovadoras que apresentará desde vinícolas boutiques, que oferecem espaços de enoturismo, experiências sensoriais, degustações e varejo. E vinícolas que se dedicam apenas ao suco de uva puro, passando pela graspa e pelo presunto cru, até chegar aos vales onde as belezas naturais imperam (JORNAL O FLORENSE, 2020).

Trata-se da rota Caminhos do Alfredo, localizada no distrito Alfredo Chaves de Flores da Cunha, que se apresenta com 11 estabelecimentos vinculados.

Além desses quatro roteiros mencionados, que contam com a divulgação da Prefeitura Municipal, através de rápida pesquisa na *internet* vinculada aos *websites* já pesquisados, o internauta consegue facilmente encontrar outras rotas turísticas das quais o município de Flores da Cunha integra junto com municípios vizinhos da região. Entre eles, está o Roteiro do Passo do Vinho apresentado como

um novo destino de enogastronomia e cultura, criado com o objetivo de consolidar uma grande região turística formada pelos municípios de Caxias do Sul, Flores da Cunha, Nova Pádua e Nova Roma do Sul. Nessa proposta, o visitante faz um passeio pelo mundo dos vinhos, da mesa farta, da história e da hospitalidade característica da Serra Gaúcha. O roteiro é composto por vinícolas, restaurantes, pousadas e museus das quatro cidades, reconhecidas pelo empreendedorismo e pela vocação turística-gastronômica. No Passo do Vinho, o turista vive uma intensa experiência de sabores, pelas belas paisagens e pelas sensações proporcionadas por uma região lembrada pela beleza dos parreirais e pelo vinho de sabor inigualável (PASSO DO VINHO, 20XX).

No mesmo sentido, desde 2008, o município integra também o roteiro Vales da Serra, em parceria com as cidades vizinhas de Antônio Prado, Caxias do Sul, Nova Pádua, Nova Roma do Sul e São Marcos que oferece ao turista uma rota

onde é possível vivenciar o modo de vida das comunidades envolvidas. São 6 municípios com várias características em comum, mas também com grandes diferenciais, formando assim uma identidade única. Lugares encantadores, gente hospitaleira, paisagens maravilhosas! (VALES DA SERRA, 20XX).

Segundo o *website*, a maior atração da rota é experienciar a cultura local que se encontra “Nas casas antigas, no dialeto vêneto, na religiosidade, no artesanato, na gastronomia, além de outros exemplos que fazem parte do dia-a-dia das comunidades” (VALES DA SERRA, 20XX).

Ou seja, ao entrar em contato com esses espaços virtuais de divulgação turística do município, pude descobrir que, nas últimas décadas, dos anos 2000 até o presente, desenvolveu-se na cidade um setor de turismo que, de modo geral, apresenta como atrações uma variada gama de bens culturais dos descendentes de imigrantes italianos locais. Esses espaços passaram a se associar através de roteiros elaborados em torno de temáticas ou localizações geográficas e passaram a se divulgar a partir de elos que os une. Ao realizar tal atividade, essas associações trabalharam na criação de um rótulo para a cidade de Flores da Cunha, como forma de apresentá-la aos visitantes, ou seja, realizaram um trabalho de mediação e leitura do espaço físico e da cultura da cidade.

Nesse processo, foram construídas uma série de representações acerca da cidade de Flores da Cunha que, com frequência, foi apresentada como uma espécie de vilarejo perdido em meio a belezas naturais, construído através de marcas de italianidade expressas na gastronomia, na arquitetura e no dialeto de seus moradores que, por sua vez, são representados como ótimos hospitaleiros. Dessa maneira, o turista é convidado a conhecer uma espécie de pedaço da Itália transposto para o sul do Brasil, local pacato onde o tempo passa em um ritmo diferente e seus moradores tornam-se, ao mesmo tempo, anfitriões e atrações turísticas através do seu jeito de ser. A rememoração do processo de imigração italiana também está presente nestes atrativos, sendo apresentada como ponto de partida comum para a criação desse conjunto de bens culturais e como memória de origem compartilhada dos moradores locais.

Dessa maneira, essas fontes iniciais apontam que, dos anos 2000 para cá, a cidade está inserida em um contexto favorável para a fixação e circulação de representações positivadas dessa identidade étnica, estimulada por novas iniciativas do setor de turismo. A criação dos roteiros turísticos e o contexto mencionado, serão objetos de estudo mais aprofundado do terceiro capítulo. Contudo, desde já, é possível mencionar que, desde o início desse processo, essas representações tiveram sucesso em manter-se presentes no espaço público e virtual e apresentam a tendência de continuar crescendo, através do surgimento recente de novas rotas turísticas.

1.2 - Da rememoração à mercantilização: A imigração italiana enquanto ativação simbólica do turismo

Através da análise das fontes da seção anterior, foi possível identificar que a ativação simbólica de um passado vinculado ao processo de imigração italiana foi um elemento aglutinador das diferentes iniciativas turísticas. Através da análise dessas propagandas, inseridas num contexto pós anos 2000, percebe-se como os bens culturais do grupo étnico dos

descendentes de imigrantes italianos passaram a ser representados como mercadorias turísticas apresentadas para o consumo de forasteiros. Contudo, por meio do estudo da historiografia a respeito da imigração italiana no estado do Rio Grande do Sul, sabe-se que nem sempre o processo imigratório foi significado dessa maneira e que a identidade étnica dos descendentes de imigrantes italianos no estado passou por diferentes contextos, até encontrar tamanha positividade a ponto de se colocar como um atrativo. Nesse sentido, a presente seção teve como objetivo tecer um panorama geral a respeito de diferentes significações atribuídas a esse fenômeno, bem como entender as condições que o permitiram ser ativado simbolicamente pelo setor de turismo florense.

Sendo assim, em primeiro lugar, foi necessário voltar nosso olhar para as origens do município, uma vez que sua fundação foi realizada através da chegada de levas de imigrantes italianos, por volta de 1876. Na historiografia temática, esse processo imigratório, por vezes, é narrado através de uma conciliação de interesses entre os governos da Itália e do Brasil, caracterizado por diferentes contextos políticos, sociais e econômicos naquele período. Dessa maneira, é importante pensar nos diferentes objetivos dos agentes envolvidos. Para o governo italiano, a emigração significava a saída de um contingente populacional que não havia sido absorvida como mão-de-obra nos novos moldes econômicos do território e, por isso, representava a miséria e o desemprego. Já para o governo brasileiro, a absorção de imigrantes fazia parte de um projeto que buscava povoar o território através de núcleos coloniais e familiares, proteger as fronteiras, substituir a mão-de-obra escravizada e aumentar o contingente populacional branco do Brasil. Dentro desse contexto, os imigrantes italianos eram vistos com bons olhos por serem considerados disciplinados, católicos e de língua latina.

Segundo Santos:

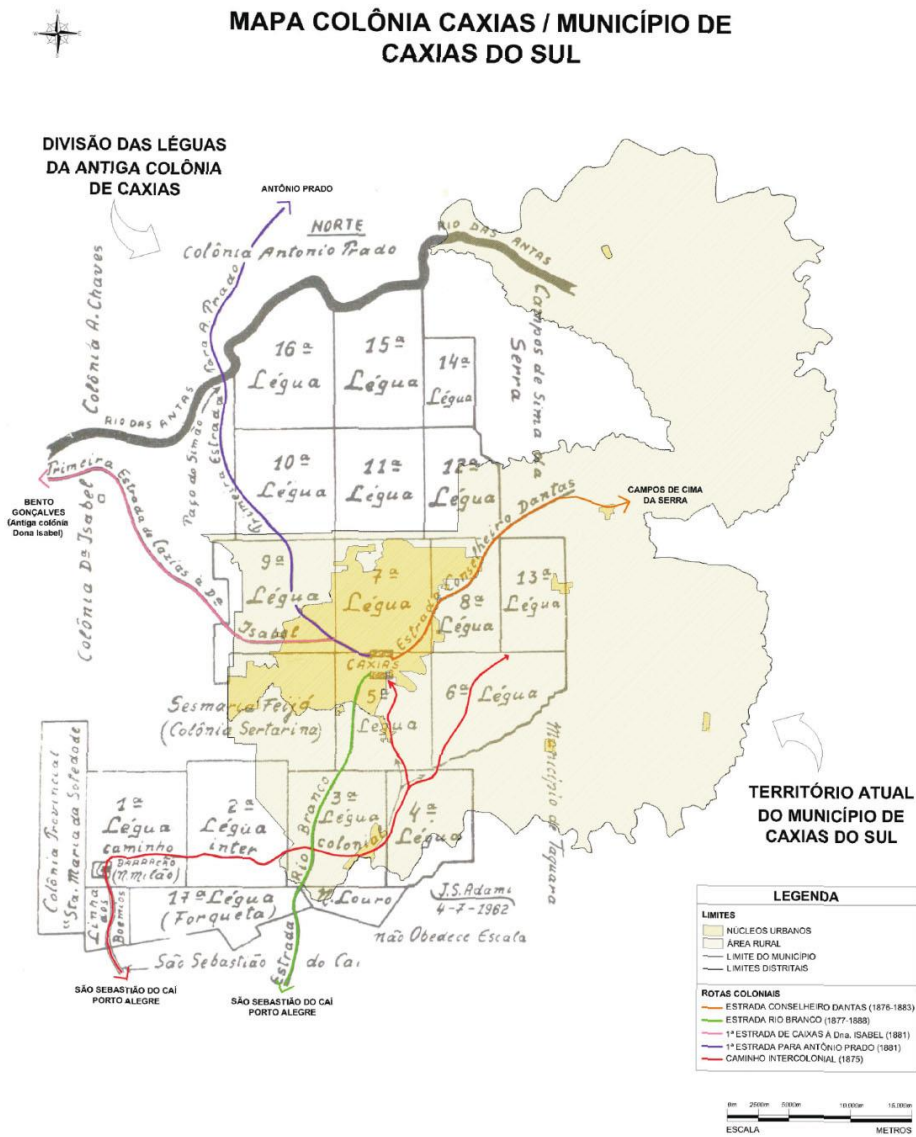
A colonização italiana e alemã no Rio Grande do Sul fez parte de um projeto geopolítico do governo imperial brasileiro, que utilizava a imigração para preencher os vazios demográficos do Sul do país. Ela foi pensada como um processo de substituição não só do trabalho escravo pelo trabalho livre, mas, especialmente, como uma substituição do negro escravo pelo branco europeu em um processo de colonização baseado na pequena propriedade. Nesse contexto, a escravidão era vista como uma forma arcaica de produção que não se coadunava com a modernidade, enquanto a colonização e a vinda daquelas populações era vista como um processo civilizatório (SANTOS, 2010, p. 154).

De acordo com Herédia, em decorrência do projeto de colonização e imigração do governo brasileiro, a Província do Rio Grande do Sul recebeu terras devolutas para desenvolver o processo de imigração, sendo divididos, para melhor organização, em linhas e travessões. Assim, nasceram a Colônia Conde d'Eu e a Colônia Princesa D. Isabel no ano de 1870. Contudo, insatisfeito com a efetividade da colonização provincial, em 1875, o Império Brasileiro reassumiu a responsabilidade de administrar o processo e, para isso, fundou outras duas colônias denominadas de “Fundos de Nova Palmira” (posteriormente, conhecida como Colônia Caxias) e a colônia “Silveira Martins” (HERÉDIA, 2016, p. 14-15). De acordo com Otobelli:

Foi na 15ª légua da Colônia Caxias que em 1876 chegaram os primeiros colonizadores de Nova Trento. No ano seguinte se estabeleceram mais 30 famílias com 77 dependentes e, em 1878, mais uma significativa leva de imigrantes, alguns casados, outros viúvos e muitos com familiares na Itália, povoaram a localidade (OTOBELLI, 2014, p. 10).

Décadas mais tarde, Nova Trento, que viria a se tornar a cidade de Flores da Cunha, conquistou a sua emancipação de Caxias através de negociações realizadas entre lideranças emancipacionistas locais e o candidato ao governo do Estado, Borges de Medeiros, no contexto das eleições de 1924 (OTOBELLI, 2014, p. 14). Na época, Nova Trento tornou-se o 73º município do Rio Grande do Sul, tendo ficado também com o território do 4º distrito de Caxias que correspondia a região de Nova Pádua. O novo município passou a contar com parte da 9ª légua e com as 10ª, 11ª, 12ª, 13ª, 14ª, 15ª e 16ª léguas da colônia de Caxias. Sendo assim, o município de Nova Trento passou a ser formado pela sede central, pelo 2º distrito de Nova Pádua, pelo 3º distrito de Otávio Rocha e pelo 4º distrito de Mato Perso (OTOBELLI, 2014, p. 14-15). O distrito de Nova Pádua acabou se emancipando em 1992 e o distrito de Otávio Rocha tentou se emancipar em 1995, porém, a proposta acabou sendo derrotada na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

Figura 3 - Mapa da divisão das léguas da antiga colônia de Caxias desenhado sobre a planta original em 04/07/1962.



Projeto Victor - Valorização do turismo integrado à identidade cultural dos territórios. Programa URB-AL. Mapa da Colônia Caxias / Município de Caxias do Sul. p.68. Desenhado sobre o original Planta Geral da Colônia Caxias de João Spadari Adami. 04 de julho de 1962.

Fonte: Acervo digital do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami de Caxias do Sul – RS. Disponível em <https://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/mapa-da-colonia-caxias-municipio-de-caxias> Acesso em

12/12/2021.

Figura 4 - Mapa da cidade de Flores da Cunha e seus distritos em 2023.



Fonte: Google Maps 2023.

Em relação ao contato desses imigrantes com a população nativa que habitava o território que hoje corresponde ao município de Flores da Cunha, existem poucas menções aprofundadas sobre a temática, que merece ser objeto central de uma pesquisa própria. De modo geral, a historiografia local costuma relatar que os contatos foram poucos ou inexistentes, uma vez que a região já teria sido esvaziada antes da chegada dos imigrantes italianos. De acordo com Costa:

Os bugres, como foram chamados pelos imigrantes, os nativos encontrados na região colonizada por alemães e italianos, pertenciam ao grupo Jê.

Eles não aceitaram a catequese dos jesuítas. Eram considerados selvagens e perigosos pelos colonizadores, pois tinham o hábito de “assaltar” as roças dos colonos. Isso acontecia pois a tradição indígena acreditava que o alimento ali plantado deveria servir a todos.

Por isso, foi dada a denominação de Campo dos Bugres à área onde se instalou a antiga Colônia Caxias.

[...]

Em Flores da Cunha, os chamados “Buracos de Bugre”, catalogados pelo Instituto Anchietao, não foram preservados. Atualmente existem apenas resquícios dos mesmos. Parte das informações sobre eles ficou guardada apenas na memória dos moradores.

[...]

Quando os imigrantes italianos chegaram, esses nativos já haviam abandonado a região devido à ação da figura do bugreiro, homem contratado pelos colonizadores da coroa portuguesa para capturar e matar índios (COSTA, 2006, p. 33-35).

Já Saretta, por sua vez, escreve que:

Porém, antes da chegada dos imigrantes italianos, as terras pertencentes a parte da 9ª légua e da 10ª a 16ª léguas da antiga Colônia Caxias, haviam sido ocupadas somente por povos nativos, os bugres, como ficaram conhecidos. Estudos indicaram que é possível que estivessem na região a cerca de 6 mil anos. Em 1876, quando os imigrantes começaram a chegar, onde hoje é o município de Flores da Cunha, estabeleceram-se primeiramente em lotes coloniais rurais. Todavia, são raros e esparsos os registros de que tenha havido algum contato com os bugres, pois eles já não viviam sobre este território naquela época. O que os imigrantes encontraram, foram ruínas de casas subterrâneas, chamadas por eles de “buracos de bugres”, artefatos em rocha basáltica polida e utensílios de barro (SARETTA, 2013, p. 9).

Dessa maneira, esse discurso acabou sendo reproduzido pelos poucos estudiosos que passaram a escrever sobre a história do município, na maioria das vezes, focados em outras temáticas e, por isso, dedicando poucas linhas ou páginas à investigação do contato dos imigrantes com os povos nativos. Apesar das fontes disponíveis indicarem para esse caminho, é sempre prudente tomarmos cuidado ao abordar a temática para não reproduzimos um discurso pacificador carregado de silenciamentos. Beneduzi defende que, ao longo dos primeiros cinquenta anos de imigração italiana para o Brasil, consolidou-se uma forte memória que representa os imigrantes italianos como heróis civilizadores, cujo álbum comemorativo dos cinquenta anos da imigração e colonização italiana no Rio Grande do Sul é uma das ferramentas centrais dessa representação. Contudo, ao resgatar uma fotografia da obra de Brunello, onde imigrantes trentinos exibem crianças indígenas como troféus de caça, Beneduzi demonstra como a construção do mito do imigrante italiano como civilizador, construída ao longo dos primeiros cinquenta anos de imigração italiana, carrega consigo uma série de esquecimentos. Nas palavras do autor:

Com essa argumentação, Brunello passa a discutir um processo de mitificação do fenômeno migratório no sul do Brasil, apresentando uma face menos civilizada desses egressos da Península Itálica. Nesse sentido, pode-se entender como um tipo específico de leitura sobre a imigração, esse conjunto de produções que desde o

cinquentenário do processo imigratório enaltece os feitos do colono italiano como produtor de civilidade nessas terras incultas ou mal cultivadas do Rio Grande do Sul. Assim, denota-se que esse processo construído pelos estudiosos da imigração, ao longo dos últimos oitenta anos, não é falso, porém, não traduz em sua pluralidade as vivências e relações estabelecidas pelos imigrantes italianos em solo gaúcho, apresentando uma parcela do processo, como se fosse o todo (BENEDUZI, 2004, p. 179).

Diante disso, ao tratar do contato, ou ausência de contato, desses imigrantes com a população nativa devemos ter em mente dois pontos. Em primeiro lugar, assumir uma posição de cautela em relação a afirmação dos contatos serem inexistentes, ainda que as fontes indiquem para isso, uma vez que se sabe que a memória da imigração italiana no Rio Grande do Sul foi construída sob forte influência do mito civilizatório do imigrante italiano. Em segundo lugar, levar em consideração que, ainda que esses imigrantes não tenham tido contato direto com os indígenas e que estivessem, naquele momento, em busca de condições dignas de existência em terras do outro lado do Atlântico, representadas através do sonho da propriedade de terra e do trabalho, é importante situar a ocupação desse território dentro de um projeto, elaborado pelo governo imperial, de aumentar o contingente populacional branco, no qual os imigrantes italianos foram considerados indivíduos ideais pelo Império Brasileiro.

Outro aspecto importante que deve ser considerado é o de que ao final do século XIX, momento em que chegam os primeiros imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul, esses não apresentavam um sentimento de identidade nacional italiana, tampouco formaram, naquele momento, uma identidade brasileira, mas, expressavam uma diversidade de identidades vinculadas a sua região de origem. Nas palavras de Herédia:

Os estudos sobre a emigração italiana no Brasil são numerosos e remetem principalmente à fase da emigração transoceânica. A Itália, a partir de 1861, torna-se um Reino Unido, o que implica que muitos emigrantes que vieram para o Brasil, em 1875, tinham como identidade muito mais o povoado em que nasceram e a região a que pertenciam do que a nação que os abrigava e/ou expulsava (HERÉDIA, 2016, p. 15).

Ao desembarcarem na América, esses imigrantes trouxeram consigo um universo simbólico repleto de memórias e práticas sociais. De acordo com Beneduzi, fazia parte do imaginário transposto por esses imigrantes, imagens de uma Itália camponesa, de valor afetivo, que já não existia mais, que passou por tentativas de recriação no novo território a ser ocupado.

Nesse processo, o universo simbólico de um vêneto campesino ganhou destaque e passou a centralizar os principais traços de uma nova identidade construída entre os imigrantes aqui no Rio Grande do Sul. Nas palavras do autor:

Com isso, são delineados alguns traços que permitem perceber linhas associativas entre o vêneto do século XIX e a cultura rural italiana, na zona de colonização do sul do Brasil, nos primeiros cinquenta anos de imigração. Essa aproximação entre a terra de partida e aquela de chegada, a partir de vestígios culturais, produz, também, uma representação imagética de um Vêneto rural do século XIX, o qual se teve de abandonar e que se buscou reelaborar em solo sul-riograndense (BENEDUZI, 2004, p. 176).

Através da ocupação do território e da transformação da paisagem, os italianos e seus descendentes foram criando vínculos com o território, (re)construindo suas identidades e através da tentativa de transposição daquele universo simbólico, passaram a recriá-lo. Zanini, que estudou a construção da italianidade entre os descendentes de imigrantes italianos na colônia de Silveira Martins, colocou que:

Com o tempo, a natureza se transformaria em cultura, casa, igreja, roça, horta, em *habitat*. E, para habitar, estabelecer vínculos com o lugar, assento de si, era necessário se enraizar, familiarizar-se com o desconhecido, desapegar-se do familiar e recriar em terra estrangeira “cantos de mundo”, espaços para o devaneio e o encontro de si. Aos poucos, os espaços da intimidade começavam a se desenvolver num outro mundo que estava sendo domesticado. Considero esse momento o marco inicial do processo colonizador, ou seja, quando o estrangeiro se familiariza e transforma a geografia nativa em *habitat* e cenário da vida, conseguido, no novo espaço, expressar uma determinada ordem de mundo. Ordem na qual a estética desempenha um papel fundamental observável na disposição de objetos, pessoas e lugares. A paisagem nativa adquire, então, significado (ZANINI, 2006, p. 116).

Nesse sentido, através da importância central que a transformação da paisagem adquire no processo de construção de identidade étnica do grupo, busquei inspiração para colocá-la como referência da investigação metodológica da presente pesquisa. Outro ponto importante de ser colocado, conforme já explicitado nos referenciais teóricos-metodológicos, é o de que os marcos memoriais construídos por Zanini serviram como norteadores para a compreensão da construção dessa identidade étnica no Estado ao longo da pesquisa e auxiliaram na análise das

marcas da paisagem identificadas. Foram eles (1) a travessia para a América, nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, que inspirou as representações aventureiras e desbravadoras dos imigrantes; (2) o processo colonizador, mencionado na citação anterior, vivenciando nos primeiros 50 anos de colonização, que inspirou representações de traços heroicos e civilizatórios; a Campanha da Nacionalização, que forçou o grupo a ocultar seus traços identitários devido à repressão, a partir da década de 1930 e estendido como trauma introjetado do grupo meados da década de 1970; e o reavivamento étnico estimulado no Estado a partir da década de 1970, alcançando seu estopim no ano de 1975, comemoração do Centenário da Imigração Italiana (ZANINI, 2006).

Ou seja, os descendentes de imigrantes italianos passaram a reivindicar sua identidade étnica, de acordo com os diferentes contextos nos quais estiveram inseridos dentro do Estado, por vezes em conjunturas favoráveis, por vezes, desfavoráveis. Após o processo de valorização das identidades étnicas dos descendentes de imigrantes italianos, decorridos a partir da década de 1970, foi possível identificar, em paralelo, um processo de mercantilização dessas identidades, através da criação de diversas rotas e eventos de turismo espalhadas em cidades da serra gaúcha. Dentro desse processo, veremos a transformação desse universo simbólico, transposto do velho mundo e reconstruído, ao longo das gerações, em solo rio-grandense, em atrativos turísticos mercantilizados dentro de um setor de turismo. Com isso, a construção da paisagem e a expressão de bens culturais dessas identidades étnicas em Flores da Cunha, objetos de estudo da presente pesquisa, foram detectados como aspectos centrais desse fenômeno em âmbito local. Sobre esse contexto na região da serra gaúcha, Beneduzi colocou que:

[...] essas diferentes comemorações étnicas são representações que determinados grupos, ao interno da coletividade, buscam construir. As imagens identitárias transformam-se em um produto de consumo, seja no âmbito econômico seja naquele político, através de representações acerca do grupo étnico que buscam aceitação dentro e fora da coletividade. O sucesso do evento e a sua consolidação como um bem cultural da comunidade, vão depender também do grau de verossimilhança entre a representação e a realidade representada na construção do imaginário coletivo (BENEDUZI, 2020, p. 95).

Dessa maneira, guiado pelas diversas considerações a respeito do processo de imigração e colonização italiana no Rio Grande do Sul colocadas acima, passei a observar a constituição do universo simbólico com o qual entrei em contato ao estudar a história do município de Flores da Cunha, sobretudo no período pós-1975, onde entendo que, a partir de um contexto de

reavivamento étnico no Estado, os descendentes de imigrantes italianos passaram a positivar suas identidades e expressá-las a partir de objetivos voltados para a construção de um setor de turismo, propagandeado como étnico. Ao longo desse processo, o grupo utilizou-se de uma série de estratégias e diferentes ativações simbólicas, as quais busquei identificar e analisar na sequência da pesquisa. Dessa maneira, através da análise das fontes e da mediação da bibliografia temática, busquei construir, ao longo de toda a pesquisa, um panorama a respeito da construção dessa identidade étnica e do turismo em Flores da Cunha, após esse período de 1975 até o tempo presente, em 2023.

1.3 - A primeira face de Flores da Cunha: O pórtico de entrada lido como mosaico identitário

De volta para nossa saída de campo no tempo presente, após a observação das placas ao longo da ERS-122, outro espaço que se projeta para os visitantes que chegam em Flores da Cunha é o pórtico de entrada da cidade, no seu acesso sul, localizado no início da Avenida 25 de Julho para quem chega de Caxias do Sul pela ERS-122. Como argumentado anteriormente, entendo o turismo como uma entre várias possibilidades de leitura do município, na qual diversos aspectos simbólicos e identitários são manipulados. Nesse sentido, o pórtico da cidade de Flores da Cunha, espaço pensado para ser a porta de entrada do município, a primeira face com a qual o turista terá contato, pode ser entendido como uma espécie de mosaico simbólico das identidades da cidade que se deseja apresentar, tanto para moradores como para turistas, no momento de chegada na localidade. Dessa maneira, apresento nessa seção o resultado de uma investigação a respeito dos signos encontrados nesse espaço, no intuito de compreender o que tais elementos podem narrar a respeito da construção turística da cidade. Entre os signos identificados, menciona-se o próprio evento de construção do pórtico, nome da cidade, um canteiro de flores em formato de uva, uma placa referente ao programa de *gemellaggio*, o galo no topo da torre e as projeções para o futuro do espaço através de uma revitalização de toda Avenida 25 de Julho.

É importante mencionar que, apesar do pórtico estar inserido em um contexto de construção da década de 1990, os signos vinculados a ele apresentam raízes em diferentes temporalidades. Nesse sentido, apesar de estarem reunidos no tempo presente através de apropriações do setor de turismo, busquei compreender os diferentes contextos e significações presentes em suas trajetórias, no intuito de compreender que relações apresentam com o setor de turismo aqui estudado. Ao longo desse processo, me esforcei para situar o leitor diante das

diferentes conjunturas históricas. Para facilitar a exposição, separei cada um dos elementos em subseções.

Figura 5 - Foto do pórtico de acesso sul de Flores da Cunha



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

Dessa maneira, o primeiro elemento a ser destacado é a própria construção do pórtico, cuja construção mostrou-se um acontecimento vinculado com as comemorações de 70 anos de emancipação política do município e também com as estratégias de construção da paisagem aos visitantes. Através da pesquisa ao acervo do jornal O Florense, foi possível identificar que sua construção remete ao ano de 1994 e foi realizada no governo do prefeito Renato Cavagnoli, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). O jornal O Florense publicou uma reportagem sobre o início das obras do pórtico na data de 18/11/1994.

Figura 6 – Reportagem sobre a construção do pórtico de entrada de acesso sul da cidade de Flores da Cunha.

Flores da Cunha, 18 de novembro de 1994

O Florense

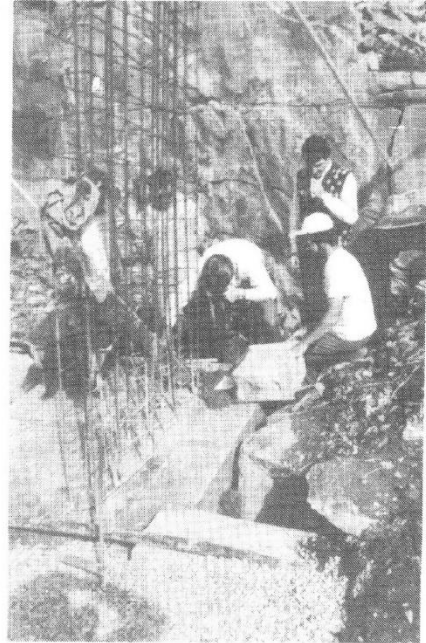
Pórtico e passarela estarão prontos para a 8ª Fenavindima

Teve início na semana passada os trabalhos de construção do Pórtico de entrada da cidade, que será construído em frente à Escola Horácio Borghetti, na RS-122, juntamente com uma passarela para pedestres. A primeira pedra foi colocada dia 10/11 e contou com a presença do prefeito municipal, Renato Cavagnoli; secretário de Obras, Ricardo Carpeggiani e o Arquiteto, João C. Vignatti. Embaixo da primeira pedra, o prefeito colocou várias moedas de centavos de real e uma carta com o seguinte texto: “Esta obra, além de servir como pórtico de entrada deste paraíso que é FLORES DA CUNHA, com sua imponência, solidez e beleza, faz uma clara alusão à fé, ao trabalho e à dedicação de cada cidadão deste município”. Flores da Cunha, 10-11-94. “70 Anos de Emancipação Política”. Prefeito: Méd. Vet. Renato Cavagnoli, vice-prefeito: Eng. Dagoberto Lanzarin.

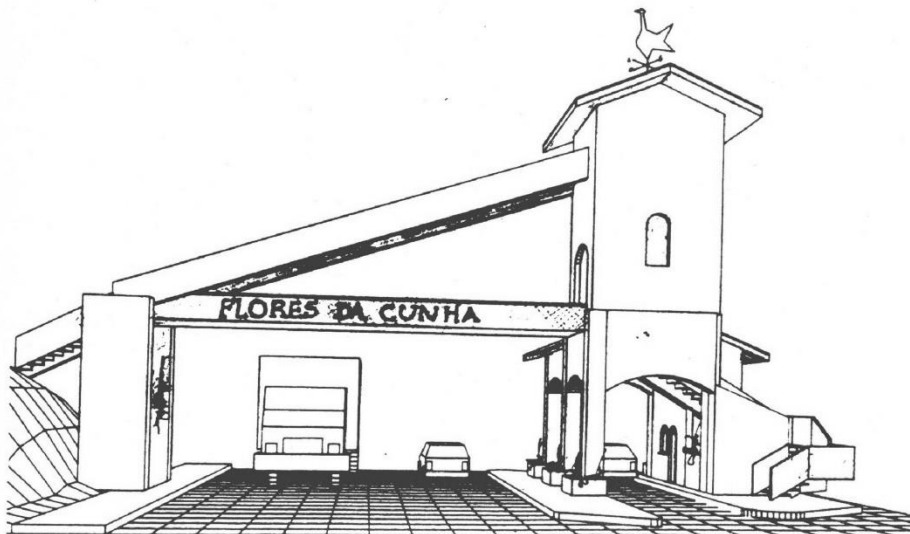
Segundo o secretário de Obras, Ricardo Carpeggiani, a obra deve-

rá custar aos cofres públicos aproximadamente R\$ 25 mil e estará pronta por ocasião da 8ª Fenavindima, no início de fevereiro do próximo ano. O pórtico terá um banheiro, sala de informações para turistas e passarela. A passarela e a escadaria terão estrutura metálica, enquanto que o restante do pórtico será construído com pedras de basalto. Conforme Carpeggiani, a previsão é que sejam gastas aproximadamente duas mil pedras de basalto.

Ainda, segundo o secretário, o pórtico terá uma altura de 12 metros ao lado do colégio Horácio Borghetti e 5,50 metros de vão por onde trafegar os veículos.



Obras deverão ser concluídas até o início de fevereiro.



Vista frontal do Pórtico de Entrada da cidade.

Eletrônica Fabro

Consertos de Rádio, Tv, Vídeos, Máquinas Singer, Serviços de Xerox
Av. 25 de julho, 1609 - Fone: 292-1210

Através da reportagem, é possível destacar uma série de elementos. Em primeiro lugar, a vinculação de sua realização com a comemoração dos 70 anos de emancipação política do município. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que a alusão às datas comemorativas se mostrou uma justificativa bastante presente para a realização de modificações na paisagem, assumindo, por um lado, um papel ritualístico de construção da memória coletiva e, por outro, uma motivação para a mobilização de recursos e realização de investimentos para a construção de obras, placas, praças, monumentos, entre outros.

Além disso, outro elemento que gostaria de destacar é a menção de que a obra estaria pronta para a realização da 8ª Fenavindima, marcada para Fevereiro de 1995, e o planejamento de inserir um espaço destinado para a recepção e informação de turistas, no lado inferior direito. A Festa Nacional da Vindima (Fenavindima), mencionada na reportagem acima, é considerada a maior festividade da cidade, tendo sido criada em 1967 e mantendo-se viva até os dias de hoje. Esse laço detectado entre a construção da paisagem e a realização da festividade é um importante elemento a ser destacado, entendido pela presente pesquisa como um dos fatores determinantes para o desenvolvimento do setor turístico do município e na construção de representações para a cidade.

Como colocado na introdução do trabalho, a festividade será abordada com mais profundidade no capítulo seguinte. Contudo, para a compreensão do contexto de construção do pórtico, é interessante adiantar que, ao longo da década de 1990, foi possível detectar um recuo nas representações da identidade étnica italiana de forma hegemônica para o município, como identificado nas décadas anteriores de 1970 e 1980, onde os descendentes de italianos buscavam intensamente a positivação de suas identidades. Dessa forma, ao longo da década de 1990, outras identidades conquistaram espaço nas atrações e representações turísticas da Fenavindima, como símbolos vinculados à cultura gaúcha ou municipal. Inclusive, as propagandas da 8ª Fenavindima ficaram marcadas pela estratégia de construir uma imagem exótica de Flores da Cunha através de signos exclusivos de sua história, como, por exemplo, o galo.

Nesse sentido, é interessante analisar as escolhas realizadas para a mensagem de poucas linhas enterrada abaixo do pórtico: “Esta obra, além de servir como pórtico de entrada deste paraíso que é FLORES DA CUNHA, com sua imponência, solidez e beleza, faz uma clara alusão à fé, ao trabalho e à dedicação de cada cidadão deste município” (O FLORENSE, 18/11/1994, Edição nº 312, p. 3). Através dela, podemos detectar algumas das representações que se desejava construir para a cidade no momento de realização de sua porta de entrada: um paraíso, imponente, sólido, bonito e povoado por pessoas de fé, trabalhadoras e dedicadas.

Contudo, apesar dos traços identitários de “pessoas de fé”, “trabalhadoras” e “dedicadas” serem representações presentes com frequência nas fontes analisadas para a construção identitária dos descendentes de imigrantes italianos das décadas de 1970 e 1980, é interessante perceber que, em sua fala, o prefeito Renato Cavagnoli referiu as características a “cada cidadão deste município”. Por fim, a escolha do ato ritualístico de enterrar moedas parece representar o desejo de prosperidade econômica para o município, valor central na construção identitária dos descendentes de imigrantes italianos no estado do Rio Grande do Sul desde o processo colonizador.

De todo modo, essa discussão será aprofundada no capítulo seguinte. Nesse momento, a investigação da pesquisa voltou-se para a compreensão dos signos instalados no pórtico e no seu entorno, levando em consideração que o espaço se apresenta como a “porta de entrada” do município diante dos turistas. Para isso, foi necessário realizar investigações que penetraram em diferentes temporalidades, retrocedendo, inclusive, em momentos anteriores ao marco de 1975. Logo, torna-se necessário explicar para o leitor que o foco das investigações foi compreender a trajetória de construção dos signos apresentados, levando em consideração suas diferentes significações, até tornarem-se alvos de ativações simbólicas do setor de turismo do município. Dessa maneira, de modo geral, busquei contextualizar o leitor diante das diferentes conjunturas históricas. Para fins de organização narrativa, dediquei um subtópico para cada um dos signos: o nome da cidade, a uva, a placa de *gemellagio* e o galo.

1.3.1 – De Nova Trento a Flores da Cunha: A definição do nome do município

Pode-se considerar que o nome de um município é um elemento simbólico de grande influência na maneira em que uma cidade se projeta para visitantes, uma vez que é um dos primeiros contatos que o turista terá com a cidade. Nesse sentido, é importante mencionar que toda nomenclatura carrega consigo um universo simbólico, estabelecido através de processos de seleções e relações de poder. No caso de Flores da Cunha, a narrativa que conta a respeito da escolha do nome do município trata-se de uma memória, passada oralmente entre gerações entre os descendentes de imigrantes italianos locais até ser registrada por escrito e adquirir o status de uma “memória oficial”, absorvida pela historiografia local. Segundo Boscatto, autor de um dos primeiros livros a respeito da história do município:

Cada facção queria uma denominação que lembrasse sua comuna de origem: os mantovanos, muito numerosos, queriam que o povoado se chamasse Nova Mântua, ou Mantova; os vicentinos, que eram a maioria, queriam que a localidade se

denominasse Nova Vincenza, ou Nova Vicenza, os cremoneses, por sua vez, queriam Nova Cremona; os paduanos, Nova Pádua, ou Pádua, e assim por diante.

[...] Um dia, SISTO ROSSETO, homem bastante viajado e possuidor de certa cultura, o que lhe possibilitava exercer um certo domínio sobre os demais, sabendo que havia somente duas famílias de tirolezes (Santini e Bebbler), propôs ao engenheiro Diogo dos Santos o nome mediador de Nova Trento. Era sabido que os tirolezes nada reivindicavam em seu favor e, por esta razão, não despertaria ciúmes nas facções antagônicas, que se digladiavam por nomes que lembrassem suas origens. NOVA TRENTO lembrava Trento, a capital do Tirol italiano, e este nome foi aceito pelo engenheiro e também pela maioria dos imigrantes (BOSCATTO, 1994, p. 23, grifos do autor).

Como visto anteriormente, através da narrativa é possível perceber a multiplicidade de identidades regionais que os imigrantes da Península Itálica trouxeram consigo na época da imigração. Conforme colocado por Beneduzi:

Denota-se que esses ditos descendentes de italianos que emigraram para o Rio Grande do Sul, não podem ser catalogados como uma unidade formativa homogênea, pois, mesmo com elementos comunicantes, não eram partes de uma mesma matriz formativa e construíram experiências culturais diferentes ainda em sua terra de partida (BENEDUZI, 2004, p. 56).

Isso nos indica como a reivindicação a uma identidade italiana é um aspecto que surgirá mais tarde, por uma geração de descendentes desses imigrantes. Segundo Otobelli, o desfecho da história se deu da seguinte maneira:

Uma assembleia chegou a ser feita e muitos nomes foram sugeridos, inclusive com algumas discórdias, porque alguns queriam Nova Tirol, outros sugeriram Nova Cremona. Ficou decidido que cada morador retornasse para casa e pensasse melhor qual seria o nome do povoado. Só que na manhã seguinte, sem que ninguém fosse consultado, apareceu pendurado num pinheiro da praça uma grande tábua com o nome de Nova Trento escrito a carvão. O nome era uma sugestão de Sisto Rosseto, uma espécie de líder comunitário e que exercia influência sobre os demais. Ninguém contrariou a placa e o nome Nova Trento foi mantido (OTOBELLI, 2014, p. 12).

Dessa forma, o “poder de nomear” a localidade teria surgido através de um capital simbólico de liderança, exercido pelo imigrante denominado Sisto Rosseto. Um aspecto da narrativa que causa estranhamento é a aparente pacificação que o nome causou ao,

simplesmente, surgir em uma placa no topo de uma árvore, uma vez que o assunto tinha sido motivo de tamanha discussão na noite anterior. Devemos levar em consideração que, para termos acesso a possíveis contrariedades, é preciso pensar nas condições de possibilidades para colocá-las em circulação na época, em oposição à liderança comunitária, e nas condições de possibilidade de serem propagadas, por escrito ou oralmente, para chegarem até o nosso presente no formato de fontes históricas. Independente disso, é interessante notar como a narrativa de criação do nome da localidade passa a exercer, na construção da memória coletiva oficial do município realizada através da historiografia local, uma função pacificadora e aglutinadora das diferenças que existiam entre aqueles imigrantes, transformando-se em uma espécie de mito fundador que busca conectar aquele passado, de forma teleológica, até o presente. De acordo com os autores:

Para não magoar Cisto Rosseto, que exercia certa influência sobre os demais, e desejava este nome, ou pelo fato de que, escalar o pinheiro fosse arriscado, o nome e a tabuleta permaneceram fixados ao pinheiro.

E assim, o que no início caracterizou-se por um pequeno número de laboriosas famílias que desbravaram a mata de pinheirais abrindo caminhos, dividindo espaços com os animais, construindo suas casas com os recursos oferecidos pela natureza, atualmente é um próspero município, representante do estilo de vida e de trabalho trazido pelos imigrantes (BULLA; BARFKNECHT; NESELLO; LORENZET, 2006, p. 66).

Contudo, algumas décadas mais tarde, no ano de 1935, o nome do município foi alterado. O ocorrido esteve vinculado às articulações políticas, em âmbito nacional e estadual, daquele período. Após Getúlio Vargas assumir a presidência da República, em 1930, o general José Antônio Flores da Cunha, aliado de Getúlio ao longo da revolta armada, foi nomeado como Interventor do Rio Grande do Sul. O Intendente de Nova Trento na época, Adalberto Pio Souto, sabendo do interesse do governador em desenvolver a malha ferroviária do estado, iniciou negociações para a construção de trilhos de trem que ligassem Nova Trento a Caxias do Sul. Contudo, em 1932, Adalberto Pio Souto aderiu ao movimento constitucionalista, eclodido em São Paulo, que contestava a legitimidade de Getúlio Vargas e reivindicava a realização de novas eleições e a promulgação de uma nova constituição. De acordo com Vailatti, historiadora local:

Em Nova Trento, o Intendente Adalberto Pio Souto, alguns funcionários da intendência e o destacamento da Guarda Municipal aderiram ao movimento revolucionário, mas ao se darem conta que outros oponentes a Vargas no Estado não

havam aderido, recuaram. Nelson Spiazzi, atualmente residindo em Porto Alegre, lembra que houve manifesto, inclusive, numa noite aconteceu um tiroteio, e tiveram até que passar a noite escondidos fora de casa. Como seus pais eram proprietários da agência de correio, na época, foi necessária a intervenção de um guarda para proteger o local, porque houve muita correria, as pessoas ficaram muito apavoradas.

Após o término da revolução, o Intendente foi demitido e em seu lugar assumiu o Coronel Arthur Gomes Mariante. Entretanto, os demais funcionários e policiais foram mantidos nos respectivos cargos (VAILATTI, 2006, p. 112).

A troca de intendentes deu origem a um movimento local, denominado de “Ação Pró-Trento”, com o objetivo de evitar um novo intendente que não fosse nascido em Nova Trento. Segundo Saretta, o movimento ganhou força e, em 03 de março de 1933, apenas 7 meses após a nomeação de Mariante em 03 de agosto de 1932, o mesmo foi retirado do cargo e, em seu lugar, foi nomeado como novo interventor Heitor Curra, um dos líderes do movimento “Ação Pró-Trento”, que fazia parte do Partido Republicano Liberal (PRL) (SARETTA, 2013, p.13). Segundo Pesavento, o PRL foi organizado por Flores da Cunha, após a vitória de Vargas sobre o movimento constitucionalista de 1932, e passou a atuar como “porta-voz, a nível político-partidário, da corrente da oligarquia gaúcha que ficara ao lado de Vargas” e “buscava desenvolver economicamente o estado, amparando a produção, incentivando as exportações e integrando o Rio Grande ao mercado nacional” (PESAVENTO, 1980, p. 109). Diante do contexto de eleições estaduais, ocorridas em 1933, o novo intendente Heitor Curra deu continuidade às negociações políticas envolvendo a criação do ramal ferroviário:

Heitor Curra do PRL ficou no poder de 1933 a 1941. Em novembro de 1933 ocorreriam eleições estaduais de deputados para compor a Assembleia Constituinte. Nesta época, ainda governava o Rio Grande do Sul, o General José Antônio Flores da Cunha do PRL (Partido Republicano Liberal). Buscando obter prestígio frente às autoridades estaduais Heitor Curra contou com o apoio da população de Nova Trento, com a ajuda da Igreja, na figura do padre vigário Frei Paulino e prometeu que se o PRL ganhasse as eleições em Nova Trento, ele buscava junto às autoridades estaduais, na figura de Flores da Cunha, a extensão do ramal ferroviário ligando Caxias do Sul à Nova Trento. Desta forma, o PRL venceu as eleições no município (SARETTA, 2013, p. 13).

Após as eleições municipais, Heitor Curra buscou avançar nas negociações. Existem relatos de que o governo do Estado chegou a mandar uma equipe técnica para a localidade e de

que o ocorrido teria aumentado as expectativas de parte da população para a construção dos trilhos de trem. Por outro lado, Galiotto indica que:

[...] havia um grupo de pessoas, provavelmente os opositores políticos, que nunca acreditaram na possibilidade de ter um Ramal Ferroviário, dizem que estas promessas eram artimanhas do Prefeito Heitor Curra. Também acreditavam que o prestígio político dos Caxienses junto ao Governo do Estado era muito grande e que, devido à histórica rivalidade com os políticos de Nova Trento, eles barrariam qualquer iniciativa que viesse favorecer este município, e neste caso, teriam influenciado a decisão do Estado de impedir a construção da obra (GALIOTTO, 2006, p. 147).

Dessa maneira, inserido dentro do contexto de disputa política da década de 1930, ocasionado a partir da tomada de poder de Getúlio Vargas, e vinculado com as disputas políticas internas da localidade, moldou-se o cenário que ocasionou a troca do nome do município:

Assim, Heitor Curra do PRL começou a enfrentar uma tímida oposição política: a Frente Única. Temendo perder o posto de intendente, Curra organizou a troca de nome do município de Nova Trento para Flores da Cunha, buscando assim, homenagear General José Antônio Flores da Cunha, então interventor do estado. Pelo Decreto Lei Municipal nº 12, de 21 de dezembro de 1935, o nome de Nova Trento foi substituído para Flores da Cunha, sem qualquer consulta à população do município, que não teve coragem de reagir contra tal ato, pois existia o medo de represálias uma vez que o intendente possuía plenos poderes para prender alguém se assim julgasse necessário – aceitando, assim, o nome sem qualquer enfrentamento (SARETTA, 2013, p.14).

O ocorrido demonstra o cenário de intervenção que o Brasil vivia na época, no qual a suposta ausência de reações em relação ao novo nome do município, mencionada na historiografia local, pode ser considerada como um indício. A ação narrada pode ser interpretada a partir de dois vieses. Por um lado, pode ser entendida como um afastamento dos traços identitários vinculados com as origens italianas do município. Por outro lado, pode-se destacar a expectativa criada na localidade em torno da construção dos trilhos de trem. Contudo,

Para decepção de todos a estratégia não funcionou e o sonho do trem nunca se tornou realidade, ainda mais quando a rota da BR-116 foi desviada para São Marcos, em vez de Flores da Cunha e Antônio Prado. Os nova-trentinos, ou melhor, os florenses, viraram motivo de chacota dos caxienses, que ainda guardavam as mágoas da emancipação. No livro *Nossa História – De Nova Trento a Flores da Cunha*,

consta: “contam os mais antigos que os rivais caxienses prepararam esta: numa certa manhã o povo de Nova Trento acordou com os trilhos de trem feitos de trança de palha de trigo traçados na rua principal da cidade, causando indignação aos moradores” (OTOBELI, 2014, p. 17).

Nesse momento, é importante colocar que o resgate dessa narrativa a respeito da troca de nomenclatura do nome da cidade, construída através de fontes da historiografia local das décadas de 1990, 2000 e 2010, serviu à problemática de pesquisa de diferentes maneiras, sobretudo para compreender as apropriações do setor de turismo a respeito de dois signos identitários: o nome da cidade e a memória em torno da não construção dos trilhos de trem. Através da análise e identificação dessas narrativas, passei a compreender suas relações com elementos simbólicos da construção identitária da cidade e de suas posteriores apropriações turísticas.

Diante disso, separei alguns elementos das narrativas para análise que julguei relevante destacar nesse trecho da presente dissertação. Em primeiro lugar, é possível detectar na narrativa um sentimento de rivalidade com os vizinhos caxienses, dos quais os nova-trentinos haviam se emancipado no passado. Ao longo dela, os nova-trentinos são representados como vítimas, por um lado, da maior influência política que os caxienses detinham e, por outro de violência simbólicas através de chacotas e brincadeiras. Os caxienses, por sua vez, são representados através da mágoa pela emancipação de Nova Trento. É interessante destacar essa relação nesse momento, pois, ela mostrou-se um elemento frequente nas fontes a respeito da construção da identidade local, atuando como ferramenta para construção de alteridade entre as duas localidades, que passaram a se entender como diferentes apesar de compartilharem, em outros momentos, o ponto de origem da migração como memória coletiva do mesmo grupo étnico. Mais tarde, veremos que esse sentimento de alteridade terá uma influência direta nos discursos dos agentes que almejavam pensar e construir o turismo florense.

Outro ponto importante a ser destacado é que, apesar das fontes analisadas não apontarem vínculos entre a mudança do nome da cidade e a Campanha de Nacionalização, provavelmente ela contribuiu para a manutenção da nova nomenclatura. Os dois acontecimentos estão separados por um intervalo de apenas dois anos, uma vez que a mudança de Nova Trento para Flores da Cunha ocorreu no ano de 1935, enquanto a Campanha da Nacionalização iniciou em 1937. É interessante perceber que, mesmo assim, a narrativa menciona o caráter de intervenção do contexto político da época e o autoritarismo que poderia ser exercido diante de contrariedades frente a nova nomenclatura, bem como o fato dessa ter

sido realizada sem consulta popular. Dessa maneira, é compreensível supor que, diante dessas condições, somadas a não construção da linha férrea e às identidades vinculadas a um sentimento de italianidade que se mostram presente nas fontes do período, seria natural surgir uma resistência mais forte ao nome de Flores da Cunha. Nesse sentido, as colocações de Zanini, ao estudar a construção de italianidade dos descendentes de imigrantes italianos na colônia Silveira Martins também localizada no Rio Grande do Sul, a respeito da Campanha da Nacionalização, podem ser úteis para nos ajudar a entender um pouco do cenário enfrentado pelos descendentes de imigrantes italianos do Estado na época:

Para Vargas, somente povos nacionalistas e vigilantes sobreviveriam, por isso a necessidade de desenvolver a brasilidade. Essa foi criada, nas colônias italianas, por meio do terror e da vigilância sobre corpos, mentes e sentimentos. O mito da nação brasileira fez com que as diferenças fossem encapsuladas pela violência, fosse física ou simbólica e não da negociação. Assim, os colonos italianos, no Brasil, tornaram-se brasileiros no que puderam, no que compreendo ser a fase da construção da ítalo-brasilianidade, na qual a categoria de brasileiro passou de negativa à positiva, pois tiveram, à força, que assumir, em termos de auto-imagem, a brasilidade. Não que não se sentissem de algum modo brasileiros, mas o eram de maneira distinta das exigências estado-novistas. O Estado Novo efetuou, por meio dos decretos criados e executados no período, a institucionalização de regras de inclusão e exclusão sociais pela construção imaginária do tipo ideal de brasileiro. Os grupos e indivíduos considerados estrangeiros estavam fora desse imaginário nacional, pois não compartilhavam da brasilidade pretendida (ZANINI, 2006, p. 158).

Nesse sentido, se o contexto da época para os que evidenciavam identidades étnicas distintas do sentimento de brasilidade era a violência e repressão, não fazia sentido conclamar pela manutenção do nome Nova Trento que fazia uma clara alusão à Península Itálica. Apesar da Campanha da Nacionalização ter encerrado em 1945, Zanini detectou entre os descendentes estudados que o sentimento de medo e de ocultação das identidades étnicas permaneceu vivo no interior das famílias por décadas, pelo menos, até meados das décadas de 1960 e 1970. Essa repressão também foi apontada como um dos elementos motivadores para o movimento de positivação das identidades étnicas eclodidos, sobretudo, a partir de 1975.

Assim, em Flores da Cunha, foi possível detectar que o nome de Nova Trento e a memória dos trilhos do trem passaram a ser reativados simbolicamente a partir da década de 1980, momento em que os descendentes de imigrantes italianos buscavam uma positivar suas identidades étnicas. Em sua dissertação de mestrado a respeito do Festival das Vindimas da

Canção Popular de Flores da Cunha⁵, um evento organizado na cidade que reunia artistas de diversas regiões para a competição de músicas em Flores da Cunha, a historiadora Taísa Verdi destacou a letra da canção “A que horas passa o trem?”, que rendeu o 1º lugar na categoria especial:

Que povo é esse
 Que esquece suas raízes
 E abandona assim tão fácil
 Suas origens
 Que povo é esse
 Que não lembra seu passado
 Como se a história fosse
 Um livro mal guardado
 Ninguém mais fala do interventor
 Que há muito tempo nos enganou
 Nem falam da guerra, já bem distante
 Que o nosso nome trocou
 Que jeito estranho
 De esconder nosso passado
 Como se fosse algum trilho
 Mal traçado
 Um trem fantasma
 Ainda ronda esta cidade
 Sonhos antigos
 Nos trazendo a verdade
 Ilusão é o trem que nunca virá
 A cidade devia o seu nome trocar
 Espera pelo trem que não chegará
 Roda trem, nossa saudade
 Desperta em nós uma vontade
 Nem tudo o que se quer se consegue
 Cansados de tanto esperar
 Estamos agora a cantar
 Que o trem não virá (VERDI, 2020 p. 125-126).

⁵ As Vindimas da Canção Popular de Flores da Cunha foram um festival de músicas autorais e inéditas, ocorridas na cidade entre os anos de 1975 e 1993, inseridas em um contexto estadual de propagação de festivais dessa natureza, influenciado, entre outros, pelas Califórnia da Canção Nativa, de Uruguaiana. Nesses eventos, compositores oriundos de diversas regiões reuniam-se para competir em diferentes categorias pelo prêmio de melhores canções. A letra da canção “A que horas passa o trem?” destacou-se por ser a primeira vez que um grupo local ficava com o 1º lugar em uma das categorias do Festival ocorrido em Flores da Cunha (VERDI, 2020, p. 123).

Através da letra, é possível perceber como os episódios de troca do nome da cidade e da frustração com a não vinda do trem são significados como traumas do passado, silenciados e esquecidos. Desse modo, a rememoração crítica dos ocorridos serve como justificativa para a sugestão de que “A cidade devia o seu nome trocar” e de resgate das “origens esquecidas pelo povo”. Os autores da composição foram Carlos Raimundo Paviani e Roque Alberto Zin que, no ano seguinte, em 1986, tornaram-se sócios fundadores do jornal O Florense. Carlos Raimundo Paviani veio a ocupar o cargo de secretário de turismo e cultura da Prefeitura de Flores da Cunha entre os anos 1989-1993, relação que será melhor abordada no capítulo seguinte da dissertação. Contudo, diante desse contexto, foi possível detectar uma pequena nota publicada no jornal o Florense, no dia 27 de julho de 1990, onde identifica-se um vínculo estabelecido entre a antiga nomenclatura da cidade e o desenvolvimento do turismo, através do desejo de modificar o nome do município novamente para Nova Trento:

Circulou no Jornal Pioneiro de Caxias do Sul, no dia 13 de julho, um Caderno de Turismo especial sobre Flores da Cunha, falando de seus pontos turísticos, das suas potencialidades, bem como da cultura e do folclore florense.

Tal caderno contém uma matéria que narra o fato ocorrido com a troca de nome, passando de Nova Trento a denominar-se Flores da Cunha.

Esta matéria provocou nos leitores Antenor Belincanta, Romeu Modesto Fávero e Jaime Cristino Vedana, naturais de Flores da Cunha, mas, hoje residindo em Caxias do Sul, um sentimento de apoio a idéia de fazer volta o nome Nova Trento ao nosso município. Tal sentimento foi expressado em correspondência endereçada ao Secretário de Cultura e Turismo Carlos Raimundo Paviani.

O Secretário Paviani, diz ficar satisfeito com o fato destes florenses residentes em Caxias do Sul ainda preocuparem-se com suas origens e com o seu município mãe e pondera que esta discussão deveria ser ampliada para toda a comunidade (O FLORENSE, 27/jul/1990, Ed. 96).

Apesar da pesquisa não ter detectado outros projetos que tenham avançado na troca da nomenclatura, é possível identificar a força que o nome “Nova Trento” ainda possui localmente. Enquanto morador, sei que é frequente ouvir moradores mais idosos referindo-se à cidade com a antiga nomenclatura, principalmente se estiverem conversando em dialeto italiano, transformando-a em uma espécie de lugar de memória dos descendentes de imigrantes italianos locais. Para além disso, é possível detectar como a antiga nomenclatura também é ativada simbolicamente para projetar uma imagem da cidade vinculada à identidade étnica italiana,

utilizada como um adendo ao nome oficial, tal qual a nota da prefeitura já citada anteriormente e reproduzida mais uma vez abaixo:

Contornada pela natureza exuberante, praças aconchegantes, igrejas, torres, cascatas e pelo sabor da farta gastronomia e dos vinhos que exalam o perfume da uva, Flores da Cunha, que já foi chamada de Nova Trento, é chamada carinhosamente de Terra do Galo.

De toda forma, através da investigação deste símbolo oficial, o nome do município, foi possível concluir que ele se formou a partir de disputas e interesses diversos. Sua trajetória pode ser descrita a partir de alguns elementos chave. Iniciando através da (1) narrativa que o utiliza como o articulador de uma identidade étnica italiana e aglutinadora de diversas identidades regionais da península Itálica no final do século XIX; passando pela (2) memória de sua substituição, representada através de desejos de ganhos materiais (o trem que nunca veio) e políticos (a influência do PRL) na década de 1930; por outro lado, sua substituição também pode ser entendida como um (3) mecanismo de sobrevivência em um momento em que as identidades étnicas italianas passavam por repressão e perseguição devido à política de criação de uma identidade nacional brasileira entre as décadas de 1930 e 1970; e, por fim, através de uma (4) revalorização que o nome Nova Trento passou a adquirir com o momento de reavivamento étnico e com o desejo de desenvolvimento do turismo a partir da projeção de identidades étnicas italianas a partir da década de 1980, mantendo-se presente na memória coletiva do município e nas representações turísticas até o momento presente.

1.3.2 - Da fartura alimentar à prosperidade econômica: O símbolo da uva

Do lado esquerdo do pórtico, na visão de quem está chegando na cidade pelo acesso sul, é possível visualizar um canteiro de flores em formato de uva.

Figura 7 – Foto do canteiro de flores em formato de uva ao lado do pórtico de acesso sul da cidade de Flores da Cunha.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

De acordo com notícias encontradas, essa marca da paisagem foi idealizada em 2017 por servidores da Secretaria da Agricultura e Abastecimento. Segundo uma notícia publicada no site da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha, em 16/06/2017, com manchete de “Cacho de Uva será reproduzido no canteiro de acesso do Pórtico da Zona Sul”:

Os servidores da Secretaria da Agricultura e Abastecimento estão refazendo o ajardinamento dos canteiros do pórtico de acesso pela zona sul de Flores da Cunha. No canteiro das proximidades da Unidade Básica de Saúde do bairro Pérola será reproduzido um cacho de uva. O molde já foi realizado e colocado no local, durante os últimos dias os servidores plantaram flores, que vão compor os gros da uva, já as folhas vão ser realizadas com grama. A decorao ainda receberá pedras na cor branca

e pedaços especiais de madeiras. O trabalho deverá ser concluído até o final do mês (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2017).

Sendo uma realização da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, ao invés da Secretaria de Turismo, aparenta se tratar de uma iniciativa de reconhecimento e valorização ao setor de produtores rurais do município, envolvidos com a plantação de uva. Em reportagem publicada aproximadamente um ano depois da publicação da Prefeitura Municipal, o jornal O Florense publica a seguinte matéria intitulada de “Canteiro do Pórtico Sul em formato de Uva”:

Os servidores da Secretaria da Agricultura plantaram mais 800 mudas de amor-perfeito roxo e vermelho para embelezar o canteiro ao lado do pórtico sul da entrada de Flores. O espaço conta com a forma de uma uva, representa o maior produtor de uvas e vinhos do país. Além do plantio de mudas de flores o canteiro recebeu cerca de 1200kg de brita branca. A colheita de uva na última safra ultrapassou os 101 milhões de quilos na cidade, que também produz anualmente cerca de 120 milhões de litros de vinhos (OTOBELLI, 2018).

Nesse momento, o canteiro é entendido como uma representação do “maior produtor de uvas e vinhos do país”. É interessante perceber que esse é um rótulo que, além de permitir uma visibilidade e valorização ao setor de produção agrícola (uva) e industrial (vinho) do município, foi sendo construído e apropriado pelo setor de turismo. Ao longo da saída de campo, foi possível perceber que esse signo é exibido em diversos espaços espalhados pelo município.

Figura 8 Foto de parada de ônibus estampada com ilustração de uva na cidade de Flores da Cunha. Não foi possível identificar qual a origem da medida ao longo da pesquisa.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 05 jan 2023.

Em sua pesquisa, Zanini oferece uma explicação interessante a respeito da significação atribuída pelos imigrantes italianos do Rio Grande do Sul ao alimento:

A representação positiva do Brasil e à associação desse com mesa farta foi construindo uma auto-imagem positiva e de bem-estar, bem como um reconhecimento pela sociedade envolvente de que eram gente progressiva e trabalhadora, imagem que será arranhada somente no período da II Guerra Mundial, quando outras representações rondarão a construção social do colono italiano. O alimento se tornou, neste um século e meio de colonização, um dos símbolos mais fortes dos imigrantes e descendentes porque demarcou a distância que havia entre ser italiano em míseras condições de sobrevivência e ser colono no Brasil, com alimento disponível e farto. Compreendo que a comida e a produção de alimentos foi um dos elementos que mais contrabalançou com o sentimento de nostalgia que pudessem ter da pátria de origem e permitiu, em termos simbólicos, a aceitação prazerosa da condição de colono, daquele que trabalha a terra, produz alimentos e que é dono do seu tempo, não possuindo patrão e trabalhando na unidade familiar. Diria que a comida enraizou o italiano no Brasil, o que se observa já no primeiro álbum comemorativo do cinquentenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul (CINQUANTENARIO, 1925), no qual há referência constante ao estado de bem-estar conquistado pelos imigrantes (ZANINI, 2012, p. 122).

Ou seja, para a autora, a simbologia do alimento para os imigrantes italianos do sul do Brasil tem relação com o processo de enraizamento no novo território, sobretudo a partir da possibilidade de ascensão social e melhoria das condições de vida. O alimento representa a superação da fome, a posição de proprietário de terra e o vínculo com a nova pátria. Nesse sentido, não é raro identificar uma associação entre as cidades marcadas pela colonização italiana e determinado tipo de alimento produzido naquela localidade, geralmente, como uma espécie de símbolo do município. No caso de Silveira Martins, foco do estudo de Zanini, trata-se da batata. Em Flores da Cunha, essa associação aparece com a uva. A autora também menciona como, décadas mais tarde, essa simbologia será reapropriada com novas finalidades: o turismo vinculado com a identidade étnica italiana.

A imagem da Itália como uma terra de gente que se alimentava mal e que ainda come mal é presente entre os descendentes contemporâneos. Em meu trabalho de campo, ao entrevistar recém-chegados de viagens à Itália, era comum ouvir reclamações acerca da pouca quantidade de alimento disponível naquele país. A mesa

farta em torno e em torno da qual passam uma parte qualitativamente valiosa de seus dias, as refeições familiares, possui um peso simbólico muito forte, ainda, entre os descendentes. Na zona rural, em especial, muitas entrevistas me foram concedidas em torno da mesa variada e ostentatória dos frutos do trabalho familiar com a terra. A comida simbolicamente demarcou a passagem do imigrante para a de colono proprietário, aquele que civiliza, produz e come bem, muito bem. Imagem que é, nos dias atuais, um dos símbolos mais fortes do turismo para as zonas de colonização italiana de todo o Estado (ZANINI, 2012, p. 122).

Nesse sentido, é importante situar a criação do canteiro em formato de uva ao lado do pórtico da cidade, em 2017, e sua permanência até o presente, em 2023, em um contexto onde o setor de turismo da cidade de Flores da Cunha mostra-se, por um lado, consolidado e em expansão, através da criação contínua de roteiros turísticos nesse período. Sua criação pode ser suportada através da representatividade simbólica de dois grupos: os agricultores e os interessados no desenvolvimento turístico. Contudo, a construção desse símbolo identitário é antiga e remete, no mínimo, ao ano de 1967, quando foi criada no município a Festa Nacional da Vindima para celebrar a colheita da uva.

Como colocado anteriormente, ao identificar a vinculação da construção do pórtico com a festividade, a Fenavindima mostrou-se a maior festividade do município, sendo entendida como evento máximo do turismo florense entre as décadas de 1960 e 2000, momento em que o setor é diversificado através do surgimento de roteiros turísticos. Nesse sentido, é compreensível que, à medida que a festividade foi ganhando força, em paralelo, o símbolo da uva foi criando raízes de permanência no imaginário local, ao longo dessas décadas.

Ao mesmo tempo, não se pode ignorar o contexto regional desse período, onde a cidade-mãe e vizinha de Flores da Cunha, Caxias do Sul, consolidava a Festa da Uva como uma importante festividade nacional. De acordo com Kieling Júnior:

Em 1972, o presidente de então, general Emílio Garrastazu Médici, participou da abertura da festa junto ao governador do estado, Euclides Triches, ex-prefeito de Caxias do Sul. Esta edição foi marcada pelo fato da Festa da Uva ser objeto da primeira transmissão em cores da televisão brasileira. Segundo Erbes (2012, p. 315), houve uma interferência decisiva do Ministro das Comunicações, o caxiense Higinio Corsetti, para que a Festa da Uva fosse o cenário desta primeira transmissão em detrimento do carnaval carioca, que ocorrera semanas antes (KIELING JÚNIOR, p. 165, 2021).

Nesse sentido, o que gostaria de destacar nesse momento é de que, no mesmo contexto em que a Fenavindima foi criada, a cidade de Caxias do Sul já havia consolidado a Festa da Uva como um evento de abrangência nacional, contribuindo para a construção de uma imagem da região, entre outros aspectos, através da produção da uva. Dessa maneira, a contínua realização da Fenavindima desde a década de 1960 em Flores da Cunha, passa a contribuir com a implementação do símbolo em diferentes espaços e, posteriormente, em apropriações turísticas, conforme, nessa altura da presente pesquisa, foi detectada nas fontes produzidas a partir dos anos 2000 (placas, *websites*, canteiro, entre outros).

Esse fenômeno de identificar a cidade através do símbolo identitário de um alimento, presente em muitas cidades fundadas através da imigração italiana, conforme interpretado por Zanini como um símbolo do processo de enraizamento desse grupo étnico no estado, pode ser relacionado também através da construção de um estereótipo desenvolvido por interesses do setor de turismo. Assim, é interessante perceber como essa significação da uva vincula-se a diferentes momentos e apropriações. Inicialmente, como um símbolo identitário e de enraizamento dos imigrantes italianos com o novo território, mediado a partir dos valores do trabalho, do alimento e da propriedade de terra. E, em segundo lugar, realimentado e construído a partir de uma apropriação turística, que visa projetar uma imagem da cidade para os visitantes. Nesse processo, o objetivo torna-se utilizar a uva como um símbolo da fartura, da prosperidade e do estilo de vida, apresentado como um atrativo turístico aos visitantes que podem vir à localidade e desfrutar dessa oferta, desenhada através da propaganda como uma inserção na vivência cultural da comunidade local.

1.3.3 - Cidades-Irmãs: Reinvidicações étnicas através do programa do Gemellaggio

Já do lado oposto do pórtico, é possível visualizar uma placa contendo os seguintes dizeres “Flores da Cunha – Rio Grande do Sul – Brasil, pacto de irmandade/*Gemmellaggio* com Sospirolo – Belluno – Itália”. A placa, situada na entrada da cidade, divulga uma ligação, de muitas facetas, entre o município brasileiro de Flores da Cunha e a comuna italiana de Sospirolo.

Figura 9 – Foto de placa do programa de *Gemellaggio* inserida ao lado do pórtico de acesso sul da cidade de Flores da Cunha.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 04 jan 2023.

Investigando a placa, foi possível chegar até uma reportagem do Jornal O Florense que noticia a sua instalação, datada de 14/01/2016, inserida, portanto, no mesmo contexto de consolidação do turismo florense que a construção do canteiro em formato de uva explicado anteriormente. Segundo a reportagem, que carrega a manchete de “Placa identifica o ‘*Gemellaggio*’ de Flores da Cunha com Sospirolo”:

Flores da Cunha tem um *gemellaggio* (acordo com usos, costumes e origem histórica comuns para desenvolver e incrementar relações entre pessoas, promovendo intercâmbios sociais, educacionais, turísticos, econômicos e culturais) com o município de Sospirolo, situado na província italiana de Belluno.

Uma placa informando sobre o *gemellaggio* foi instalada recentemente junto ao pórtico do Acesso Sul do município. A partir do dia 22 de janeiro uma comitiva de italianos estará em Flores da Cunha para ampliar o intercâmbio. Eles ficarão hospedados no Tri Hotel e conhecerão cemitérios no Travessão Alfredo Chaves, o distrito de Otávio Rocha e o Casarão Veronese, o roteiro Compassos da *Mérica*,

Mérica e o campanário da Igreja Matriz. Na placa a palavra *gemellaggio* foi grafada erroneamente com dois ‘m’.

O processo começou a ser alinhavado em janeiro de 1998, teve nova etapa em novembro de 2007 e foi oficializado em janeiro de 2012. No mesmo ano, foram fundadas as associações Amigos de Sospirolo (sede em Flores da Cunha) e *Amici di Flores da Cunha* (sede em Sospirolo) (JORNAL O FLORENSE, 2016).

Nesse sentido, a placa na entrada do município tem o intuito de divulgar a quem chega que a cidade de Flores da Cunha possui um “pacto de irmandade” com a comuna italiana de Sospirolo. É interessante notar que durante o processo de oficialização dessa relação, Flores da Cunha recebeu uma comitiva de italianos e que a cidade foi mostrada para eles a partir de determinados pontos turísticos, alguns deles analisados no presente trabalho. Evidentemente, é perceptível que a escolha desses espaços apresentou ligação direta com a memória dos descendentes de imigrantes italianos locais. Além disso, é possível perceber que a placa é uma representação materializada de uma complexa relação entre duas localidades de continentes distintos. De acordo com Tedesco:

Gemellaggios são acordos de cooperação entre dois municípios dos dois países (Itália e Brasil), os quais, a partir de comprovações histórico-genealógicas e dialetais, que vinculam imigrantes do espaço de origem e de destino numa dimensão de passados comuns. Esses acordos objetivam desenvolver intercâmbios culturais, possibilidades de ações econômicas, assessorias técnicas, pesquisas históricas, fortalecer a identidade étnica regionalizada, produzir uma ligação histórico-cultural de pertencimento, ligar gerações de descendentes de imigrantes e dos que ficaram no espaço de origem, etc. (TEDESCO, 2019, p. 150).

Ou seja, na prática, podemos considerar os acordos de *gemellaggio* como uma iniciativa que visam a ligação entre os territórios de cidades italianas e o território de cidades com a presença de descendentes de imigrantes italianos ao redor do mundo, cujo o efeito pragmático pode ser entendido através da ampliação das possibilidades de relacionamentos e vivências entre os habitantes de ambas. Entre os pré-requisitos para essa ligação pode-se mencionar a comprovação de fluxos migratórios da Itália para o município brasileiro e a existência de seus descendentes, a existência de associações que promovam a valorização e manutenção da cultura italiana, a existência de pessoas que falem o dialeto, o interesse das pessoas em trocas econômicas e culturais e, principalmente, a comprovação de um desejo de manter viva a ligação dos descendentes com o seu país de origem (TEDESCO, 2019, p. 142-143).

Para além desses elementos, podemos considerar que a presença da placa no pórtico de entrada da cidade serve também como um rótulo daquela localidade para o visitante que chega. Nesse sentido, através da divulgação desse “pacto de irmandade” que a cidade possui com uma localidade italiana, podemos entender o acordo de *gemellaggio* também como uma espécie de legitimação das origens étnicas italianas que o município possui, sendo apropriada pelo setor de turismo étnico que tem como costume a divulgação de “experiências verdadeiramente italianas”. Em 2022, foi possível localizar a seguinte indicação do vereador Vitório Francisco Dalcerro, do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), ao executivo municipal:

Para dar visibilidade e destaque ao intercâmbio entre Flores da Cunha e Sospirolo, no início de 2016, foi instalada uma placa informando sobre o *gemellaggio*, junto ao pórtico do acesso sul do município, sugerimos a troca da placa e a instalação de outra semelhante no acesso norte do município, tendo em vista a comemoração dos 10 anos da assinatura do intercâmbio entre as duas cidades-irmãs.

Solicitamos também que se estude a possibilidade de replantar em outro local, os arbustos que estão na frente da placa (CÂMARA DE VEREADORES DE FLORES DA CUNHA, 2016).

Ou seja, atualmente, dez anos após a firmação do acordo, é possível detectar outros agentes interessados pela manutenção, atualização (nova placa comemorativa) e expansão do rótulo (também para o acesso norte). A visibilidade é outra preocupação registrada oficialmente.

Nesse contexto, temos a possibilidade de interpretar a instituição do programa de *gemellaggio* como uma manifestação de culto às origens que, conforme Candau, é um dos elementos de referência para a manutenção das identidades étnicas no presente (CANDAU, 2012, p. 96-97). Por outro lado, também é possível interpretar o *gemellaggio* a partir do olhar das teorias de etnicidade mobilizacionistas, onde os indivíduos instrumentalizam estrategicamente as identidades étnicas com o objetivo de obter ganhos pessoais para o grupo. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart: “A etnicidade (entendida aqui como uma forma de organização social numa base étnica) propicia uma alternativa coletiva que permite que se desenvolvam estratégias de sucesso econômico e de promoção do grupo” (POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 1997, p. 99). Dessa maneira, o setor de turismo foi um dos que se apropriou das representações e ganhos construídos pelo programa. Sobre esse contexto, Kieling Júnior escreveu que:

Outro fator fundamental na promoção da italianidade que marca este final do século XX e início do XXI foi o “revival étnico” promovido pela terceira geração de descendentes de imigrantes, que levou ao incremento de festas étnicas, de família ou mesmo dos estabelecimentos das cidades-irmãs. Houve também uma crescente exploração econômica da etnicidade por meio do turismo na RCI, o que junto com a maior projeção midiática da italianidade em meios de comunicação de massa em nível nacional, resultou em novas performances e novas representações sobre essa identidade (KIELING JÚNIOR, 2021, p, 211-212).

Conforme o autor, que estudou a trajetória da Festa da Uva de Caxias do Sul e as representações identitárias colocadas em circulação pela festividade, o contexto de transição do século XX para o século XXI, onde podemos inserir a construção do canteiro de uva, o desenvolvimento do programa de *gemellaggio* em Flores da Cunha e a instalação da placa das cidades-irmãs, foi caracterizado por uma projeção e positividade identitária dos descendentes de imigrantes italianos em nível nacional. Nesse sentido, podemos considerar que, entre os ganhos simbólicos adquiridos pelo grupo, estiveram as possibilidades de projeção da cidade para o turismo, onde a transformação da paisagem local foi um dos processos que deixaram vestígios desse movimento.

1.3.4 - A trajetória de Eloy Kunz e o símbolo do Galo: Os primórdios do desenvolvimento do turismo em Flores da Cunha

Outro símbolo em destaque no pórtico é a estátua estilizada de um galo, localizada no topo da torre lateral direita, no ponto mais alto da edificação. A estátua está associada à construção do pórtico de entrada da cidade, analisado anteriormente, e preparado para a realização da 8ª Fenavindima de Flores da Cunha, realizada em 1995. Portanto, trata-se de mais um elemento inserido no contexto de projeção nacional da identidade étnica dos descendentes de imigrantes italianos e de desenvolvimento turístico da região através da apropriação de símbolos dessa identidade. O galo é um símbolo oficial do município de Flores da Cunha e da origem de um apelido carregado pela cidade que já visualizamos em fontes anteriores, a “Terra do Galo”. Ao pesquisar a respeito desse signo, descobri que ele tem uma relação direta com a construção de uma identidade municipal e com o desenvolvimento do turismo no município.

Nesse sentido, a investigação a respeito da construção do signo justifica-se pelo fato de que, atualmente, o galo é um símbolo frequentemente ativado simbolicamente em representações da cidade, podendo ser comparado aos traços de origem italiana destacados anteriormente. Para realização da investigação, novamente foi necessário fazer um recorte

temporal partindo de vestígios do presente para diferentes temporalidades do passado, sendo assim, é importante colocar que o objetivo central da investigação aqui proposta foi o de compreender as origens do signo, suas diferentes significações construídas ao longo do tempo e destacar os principais elementos que sua trajetória revelaram a respeito do desenvolvimento do turismo para a cidade de Flores da Cunha. Para isso, foram utilizadas como base fontes escritas nas décadas de 1990, 2000 e 2010, que buscaram resgatar essa trajetória, cujas origens remetem ao momento de emancipação do município e que permeia todo o restante de sua história. Ao longo da investigação, busquei contextualizar o leitor de acordo com as diferentes temporalidades abordadas.

Sendo assim, em primeiro lugar, é importante destacar que o símbolo do galo está vinculado com uma narrativa que, atualmente, pode-se dizer que já atingiu um aspecto de “lenda urbana”. A narrativa da “História do Galo” conta um ocorrido que teria acontecido nos anos iniciais da localidade. Algumas versões do ocorrido remetem para a época em que a cidade era chamada de Nova Trento, enquanto outras versões defendem que ela teria se passado nos primeiros anos de Flores da Cunha. De modo geral, a narrativa conta que um mágico forasteiro teria chegado na localidade e convidado a todos para seu espetáculo, que ocorreria ao anoitecer no cinema municipal. A pacata localidade que contava com poucos momentos de diversão e dificilmente testemunhava espetáculos fora da rotina trabalho, teria esgotado as entradas.

No momento do espetáculo, o mágico teria iniciado o show com o suposto “número dos perus dançantes”, onde os animais ficavam em cima de uma chapa, dançando ao ritmo da gaita de um de seus ajudantes. A explicação para o número é a de que, escondida por um pano, abaixo da chapa estavam algumas lamparinas. À medida que a chapa esquentava com a chama, os perus dançavam mais rápido, acompanhando o ritmo da música. Contudo, o ponto central da narrativa concentra-se no número final do espetáculo, onde o mágico teria afirmado para a plateia que cortaria a cabeça de um galo e que faria o animal voltar a cantar. Para ajudá-lo, teriam subido ao palco, as duas maiores autoridades locais, o delegado e o vigário, sendo que um teria segurado as pernas do animal e o outro o pescoço, enquanto o mágico teria guiado a lâmina que separou o animal em duas partes. Após o ocorrido, o mágico teria se retirado do palco para buscar um “pó mágico” que grudaria a cabeça do galo e, enquanto a plateia aguardava ansiosa e as autoridades seguravam as partes do animal morto, o mágico e seus ajudantes teriam recolhido os lucros da bilheteria e fugido às pressas da cidade. Ao final da narrativa, a população que teria comparecido em grande peso e ficado aguardando ansiosamente o retorno do mágico, é caracterizada como tola e as autoridades que ficaram segurando o galo

decapitado em frente a todos personificaram o papel de ludibriados, sofrido pela população da cidade.

Ao realizar sua pesquisa, Saretta aponta que, devido ao grande número de contradições, a narrativa, provavelmente, é fictícia⁶. Boscatto, em sua obra, escreveu que:

Tudo leva a crer que a estória do galo é inverídica e, conforme contavam os mais antigos, foi engenhosamente inventada por um determinado grupo de caxienses, sendo publicada num “jornaleco” semanário de Caxias, denominado “Tagarella”. Deve ter sido puro despeito e inconformação pela perda de seu melhor distrito. Com a emancipação de Nova Trento, Caxias perdeu grande parte do território e, inclusive, o distrito de Nova Pádua, o melhor produtor de gêneros alimentícios (BOSCATTO, 1994, p. 72).

Independente das diferentes versões, difíceis de serem solucionadas nos tempos atuais, o principal ponto que nos interessa a respeito dessa narrativa é analisar os diversos usos e apropriações realizadas a partir dela, principalmente, no que diz respeito às representações da cidade para o turismo. O primeiro elemento que pode ser analisado na narrativa é a relação simbólica que ela constrói entre florenses e moradores das cidades vizinhas que compõe a Região de Colonização Italiana. Na citação acima, percebe-se que Boscatto atribui a criação da narrativa aos vizinhos de Caxias que estariam inconformados com a emancipação do município. De acordo com a investigação de Saretta, a história serviu, por décadas, como instrumento de violência simbólica de comunidades vizinhas da região de colonização italiana, principalmente dos moradores da antiga sede de Caxias, direcionada aos florenses. Um dos espaços onde essa violência se manifestou com maior intensidade foi através de campeonatos de futebol, onde o time de Flores da Cunha passava a enfrentar times das cidades vizinhas em campeonatos regionais ocorridos, provavelmente, ao longo das décadas de 1950 e 1960. Em depoimento publicado por Saretta, Nelson Osvaldo Rigotto contou que:

A rivalidade que se criou, Antônio Prado, São Marcos, Caxias, Bento, Veranópolis, quando a gente ia jogar era bem grande. Lembro que uma vez a gente foi jogar em Farroupilha e quando nós entramos em campo para jogar eles soltaram

⁶ A autora apontou uma série de contradições nas narrativas encontradas, entre elas pode-se citar a dúvida se teria ocorrido antes ou depois da emancipação de Caxias, a dificuldade em identificar quem eram as autoridades presentes que variam entre intendente, delegado e vigário, a fuga do mágico e de seus ajudantes que, em algumas versões, foram realizada a cavalo e, em outras, em um Ford-Bigode, o próprio ato do mágico que, para alguns, teria utilizada um pó mágico e, para outros, costurado o pescoço do galo após o número, entre outras (SARETTA, 2013, p. 17-22).

um galo na frente. Sabe, deu uma pauleira, que não foi brincadeira, porque a gente se ofendia, mas depois virou, então nós é que gozávamos (SARETTA, 2013, p. 104)

Já no depoimento de Emílio Kunz, concedido para a autora em 2009 e publicado em sua pesquisa, percebe-se como a história do galo somou-se à história da troca de nome do município e do trem que nunca chegou, mencionada anteriormente, para criar um estigma de “bobos” aos moradores de Flores da Cunha, por serem novamente enganados:

Só que Flores da Cunha já estava muito ressabiada porque era a segunda história. A segunda era com o trem, daí me lembro de criança ouvir que o “galo voltaria de trem”. Eu me lembro de ficar bravo. Isso era algo muito pejorativo (SARETTA, 2013, p. 99).

Dessa maneira, percebe-se como a narrativa serviu de instrumento para a criação de um sentimento de alteridade, em relação a localidades vizinhas, cuja fundação também remetem ao projeto de colonização e imigração italiana. Nesse sentido, nota-se como, mesmo com a evocação a um passado comum da travessia e colonização italiana, após a divisão em localidades e municípios, esses imigrantes passaram a desenvolver rivalidades. Se, por um lado, a violência realizada serviu para os forasteiros mostrarem que não eram iguais aos florenses por não serem “ingênuos ou bobos”, por outro lado, serviu também para os florenses construírem um sentimento de alteridade em relação aos vizinhos.

Logo, a narrativa da história do galo interessa a esse trabalho por uma diversidade de motivos. Em primeiro lugar, por sua forte apropriação pelo setor de turismo no presente; em segundo lugar, nesse ponto da análise, por perceber que sua constituição está vinculada com a construção de um sentimento de alteridade dos florenses com as cidades vizinhas da região, elemento importante para compreender as diferentes projeções turísticas; em terceiro lugar, por se mostrar um signo que, em princípio, surgiu como um instrumento de violência simbólica contra os moradores da cidade e, no presente, mostrar-se como um símbolo das propagandas turísticas da cidade. Diante disso, um dos interesses centrais que a narrativa despertou foi compreender de que maneira ocorreu o processo de posituação da narrativa, sob a ótica dos moradores florenses, a ponto de adotar o galo como um dos símbolos da cidade utilizado pelo setor de turismo.

Assim, dentre as diversas estratégias utilizadas pelos florenses para reverter o estigma da história do galo em motivo de orgulho, Saretta destaca a atuação de Eloy Kunz, cuja trajetória

nos levou a detectar as primeiras ações para a construção de um campo de turismo desenvolvido no município.

Eloy Kunz, nascido em 15 de fevereiro de 1927, em Novo Hamburgo, era descendente de imigrantes alemães por parte de pai e de italianos por parte da mãe. Apesar da sua mãe ser natural de Flores da Cunha, Kunz residiu em diversas cidades ao longo de sua vida, incluindo Gramado, Nova Petrópolis, Canoas e Caxias do Sul, e mudou-se para Flores da Cunha apenas em 1954, onde tornou-se empreendedor no ramo de bebidas alcoólicas. Na época, a história do galo ainda era utilizada como instrumento de violência simbólica contra os florenses. De acordo com a investigação de Saretta:

Mesmo sendo um “estrangeiro” em Flores da Cunha, pela questão cultural entre descendentes de imigrantes alemães e italianos, Eloy com seu olhar de “fora” percebeu no município um grande potencial. Assim, aliando seus empreendimentos comerciais e turísticos aos símbolos municipais, procurava divulgar ao mesmo tempo seus produtos e os atrativos turísticos de Flores da Cunha. Neste caso, o símbolo era o galo e esta ideia de usá-lo teve suas origens em um jogo de futebol que envolveu o Clube Independente e o time Serrano de Canela. Sobre o fato, Emylio Kunz destacou: “A ideia surgiu de um briga que ele (Eloy) presenciou. [...] Porque vinha o pessoal de Caxias e cantavam “Qui qui ri qui” (som do galo) e aí fechava o pau. E diz que num final de jogo o pessoal aqui da região fechou um pessoal de fora e começou a bater e bater mesmo. Então ele disse: - Essa selvageria tem que acabar, não pode mais acontecer isso aí. O pessoal daqui queria linchar essas pessoas de fora que estavam com suas famílias e daí ele (Eloy) se botou na frente para proteger essas pessoas (SARETTA, 2013, p.33-34).

Nesse sentido, Saretta conta como, durante as décadas de 1950 e 1960, a empresa de Kunz começou a utilizar uma diversidade de ativações simbólicas com origens do município nos rótulos das bebidas de sua empresa, que eram comercializadas em todo país. Segundo a autora:

Uma das primeiras marcas lançadas pela Indústria de Bebidas E. Kunz & Cia, foi a marca Seival e seu rótulo possuía um barquinho, fazendo referência à batalha do Seival, da Guerra Farroupilha. Posteriormente, Eloy usou para esta marca o logotipo da Torre da Igreja para Flores da Cunha, com a intenção de promover a cidade através de seus produtos. Mas, foi através de uma linha completa de bebidas com a marca do galo – Cockland, Redcock, Oldcock, etc. – que a empresa E. Kunz & Cia e o

município de Flores da Cunha ficaram conhecido nacionalmente (SARETTA, 2013, p. 35)

De acordo com Saretta, à medida que a imagem do galo passou a ser associada com o sucesso econômico da empresa de Eloy Kunz, o símbolo foi sendo ressignificado pela população local, deixando de ser um motivo de violência simbólica para se tornar um motivo de orgulho. A autora mostra como, aos poucos, os moradores passaram a adotar o símbolo do galo no nome e nos logotipos de empreendimentos locais, como restaurantes, postos de gasolina, lojas de comércio, entre outros. Além da divulgação da cidade através do galo feita pela comercialização dos produtos e da participação em diversas feiras e eventos, ao final da década de 1960, Eloy Kunz fundou uma whiskeria que funcionou como agitado ponto de encontro da sociedade local, decorada a partir da temática do galo, e, ao longo da década de 1970, fundou a Pousada Galo Vermelho. A iniciativa tratava-se de um ambicioso projeto para o município, com capacidade para 80 pessoas, que passou a atrair hóspedes para a cidade e disseminar sua imagem vinculada ao símbolo do galo. Eloy Kunz chegou a ocupar o cargo de secretário de turismo entre os anos de 1977 e 1978 sem filiação partidária, mas, devido à críticas e acusações de grupos locais de estar agindo por interesses próprios, pediu exoneração. Apesar do sucesso econômico das décadas anteriores, ao longo da década de 1980, suas empresas passaram por sérias dificuldades financeiras e acabaram sendo vendidas a outros empresários locais. Kunz mudou-se para Caxias do Sul, onde veio a falecer em 1990.

Meu objetivo em resgatar, resumidamente, a trajetória de Eloy Kunz não passa pelo desejo de reproduzir ou consagrar sua biografia. Nesse sentido, as colocações de Bourdieu a respeito da ilusão em que consiste o processo biográfico, caracterizado pela seleção de acontecimentos, retirados do contexto aleatório que é a trajetória completa de uma pessoa, para inserção em uma narrativa teleológica que costuma conferir sentido à existência do biografado são de extrema valia para termos esse cuidado (BOURDIEU, 1998). Contudo, um dos pontos centrais da trajetória de Kunz para a investigação dessa pesquisa diz respeito à projeção turística que a cidade de Flores da Cunha alcançou através de suas iniciativas e ao processo de ressignificação do símbolo do galo, realizado pela população local, a partir da positividade obtida através das bebidas comercializadas pela sua empresa. No mesmo sentido, a principal contribuição que a investigação de sua trajetória trouxe para a presente pesquisa, foi a identificação de algumas iniciativas realizadas pelo empresário no setor de turismo que podem ser consideradas como os primórdios de uma modalidade de turismo baseada na mercantilização dos bens culturais dos descendentes de imigrantes italianos da cidade, que, de

acordo com a presente pesquisa, ganhou força a partir da década de 2000 e se mostra em contínua expansão nos dias atuais através da criação de roteiros turísticos pelos interiores da cidade, onde a estratégia central concentra-se em representar essa realidade com traços exóticos para o turista. Segundo Saretta:

A estratégia de Eloy de associar a cultura do município com a vitivinicultura foi um sucesso para a época e motivo de grande crescimento para a empresa. Para este trabalho de percorrer algumas propriedades do município que retratassem os hábitos de costumes dos descendentes de imigrantes italianos, a pousada contava com um ônibus decorado com motivos da E. Kunz & Cia e temas municipais como o galo, por exemplo (SARETTA, 2013, p. 56).

Dessa forma, percebe-se como, naquela época, já existia a intenção de transformar a paisagem e o cotidiano dos descendentes de imigrantes italianos de Flores da Cunha em atrativos turísticos. Em sua pesquisa, Saretta resgata um texto publicado no jornal O Florense, publicado na data de 13/jul/1990, escrito por Yasmin Kunz, filha de Eloy Kunz. Nele, Yasmin cita o trecho de um depoimento dado pelo pai ao jornal Estado de São Paulo, publicado na data de 12/fev/1976, através do qual é possível perceber como as ações mencionadas acima, de transformar os descendentes de imigrantes italianos e os interiores da cidade de Flores da Cunha em atrativos, faziam parte de uma estratégia de Eloy Kunz para o desenvolvimento do campo do turismo.

Intrigado com a relevância desse registro para a presente pesquisa, busquei encontrar a declaração mencionada através do site do acervo digital do jornal O Estado de São Paulo. Com isso, descobri que se tratava de um texto, escrito por Romolo Ciuffo, para o Suplemento de Turismo publicado na edição de, na verdade, 15/fev/1976, no qual o autor faz um relato acerca das atrações turísticas das cidades de Flores da Cunha e Veranópolis. Através da reportagem, é possível testemunhar que, naquela época, circularam uma série de representações da cidade, em um jornal do centro do país, retratando-a como um reduto da imigração italiana, envolta pela natureza, e marcada pelo cultivo de videiras e pela produção do vinho. Conjunto de representações que, nas décadas seguintes, mobilizou o esforço de um grupo de agentes do turismo municipal, como veremos na sequência da pesquisa.

Figura 10 - Reportagem sobre Flores da Cunha no Jornal Estado de São Paulo.

10 — SUPLEMENTO DE TURISMO — 500

15-2-76 — O ESTADO DE S. PAULO

FLORES DA CUNHA E VERANÓPOLIS

Remolo Ciuffo
Enviado Especial

Os segredos do bom vinho, prometendo surpresas e horizontes infinitos, colocam ao alcance daqueles que pretendem desfrutar não somente a liberdade de um período de férias, mas também do tumulto da rotina, a opção de uma região sob medida para quem quer viver o sol, montanhas, cidades pitorescas, costumes fascinantes.

Constituindo um dos mais significativos redutos da colonização italiana — além de ser uma das mais belas regiões gaúchas — o desenvolvimento dessas duas cidades longe de transformá-las numa zona descaracterizada, manteve as ricas raízes culturais trazidas pelos imigrantes. Com eles também vieram as técnicas do cultivo da uva e da fabricação do vinho, chegando os seus habitantes a afirmar que cultivam a melhor uva e fabricam o melhor vinho.

A 710 metros de altitude, Flores da Cunha, antiga Nova Trento, está preparada para receber na "III Festa da Vendima", do próximo dia 21 até 7 de março, os visitantes que forem conhecer o que há de mais autêntico nas culturas que herdou: a videira, a uva, o vinho, que se distribuem entre vales, montanhas e córregos cristalinos. Com a presença constante dos parreirais, Flores da Cunha guarda seus traços característicos do montanhês e, sobretudo, conservando com rara pureza, costumes tradicionais que pouco mudaram no decorrer dos cem anos de imigração. Angelo Araldi, diretor do ensino, explica que na população florense ainda é possível encontrar reminiscência de uma cultura norte-italica já desaparecida.

— Esses usos e costumes têm um atrativo bastante forte e capaz de gerar um considerável fluxo turístico, que poderá ser o elemento definitivo na fixação do homem na terra, diz Eloy Kunz, produtor de vinhos e proprietário do melhor hotel da cidade, "Pousada Galo Vermelho". Como exemplo dessa afirmação, cita a "Rota do Vinho", na França, onde o turismo gera um fluxo econômico tão significativo quanto o obtido com a produção do vinho. Turismo e viticultura podem, assim, constituir um binômio fundamental na preservação das riquezas naturais de regiões tranquilas, sem problemas de poluição de nenhuma espécie, nem de gigantescas aglomerações. Formam um cenário bastante solicitado pelos habitantes das grandes cidades, que buscam na prática do turismo a necessária troca de rotinas e de panoramas. Onde está o vinho está a alegria, afirma ele, ainda, lembrando que o clima, os recursos naturais e a hospitalidade do povo de toda região criam um ambiente com grandes motivações de lazer, inclusive pela privilegiada localização geográfica, a meio caminho entre São Paulo e Buenos Aires. Esse fator contribui também, para fortalecer os caminhos para o turismo da região, colocando ao alcance dos habitantes desses dois grandes centros urbanos as atrações da serra, dos parreirais das lavouras, das cascatas.

"Infim, "... do verde mais verde do Brasil", conforme definiu Barbosa Lessa.

Esse tipo de turismo, que propicia aos visitantes da região o prazer de sentir e descobrir as atrações da natureza, se insere entre as principais solicitações de lazer entre os habitantes das metrópoles densamente povoadas, que procuram uma nova opção à rotina dos cenários das localidades. Já consagradas pelas rotas de férias. Nesse sentido, explica o prefeito Raymundo Paviani, Flores da Cunha soube preservar a atração do verde. Num imenso bosque de árvores centenárias, sobre uma colina de onde se descortina toda a cidade, com suas colinas e vales de parreirais, e, em alguns pontos, ameixas, maçãs e pêssegos, foi instalado o Parque da Vendima. Com o acesso facilitado pela construção de ruas de paralelepípedos e o conforto de mesas e bancos esparçados em meio às árvores, ali serão instaladas as cantinas, onde o vinho e o churrasco, além de outros pratos da cozinha italiana e da tradição gaúcha, serão servidos com variedade e fartura.

Antes haverá o desfile de carros alegóricos, mostrando os produtos da terra, do rico artesanato e da fabricação de móveis. Será a oportunidade de conhecer as jovens mais lindas da descendência italiana, de olhos azuis e cabelos claros, traços de uma miscigenação de cem anos.

A apresentação de bandas típicas e do coral Nova Trento, cujas apresentações já são consagradas no Rio Grande do Sul, completam o desfile, que inclui também quadros com cenas do dia-a-dia na região, como o jogo da mora, as canções em dialetos napolitano, trentino e vêneto.

Juntamente com a descoberta das cantinas, nos sinuosos caminhos das colinas, onde uma incrível variedade de vinhos está à disposição dos visitantes em imensos tonéis de madeira de lei, os vales verde-azulados das plantações têm outras atrações: o "Belvedere Sonda", situado numa plataforma avançada a 400 metros acima do rio das Antas, de onde se descortina uma sensacional visão panorâmica de penhascos e vales, contrastando com a sinuosidade das turbulentas águas do rio; a "Caverna do Viapiana", junto ao belvedere, ainda não explorada; a "Casca do Bordin", com 155 metros de altura; a "Casca do Menegoni", cavada numa rocha onde cabem milhares de pessoas.

A igreja matriz, no estilo gótico, com 40 metros de nave e 30 de uma torre com 30 metros de altura, foi construída no início da coloni-



Piscina do "Galo Vermelho"



Mirante do Sonda



A tradição do canto



A colheita da uva



Aprendendo a conhecer o vinho



A atração da paisagem



A constante dos parreirais



As estradas de acesso são boas

Fonte: Acervo digital do jornal O Estado de São Paulo (CIUFFO, 15/fev/1976, p. 10).

O trecho citado na pesquisa de Saretta que motivou a procura pela fonte reproduzida acima, correspondente ao quarto parágrafo da mesma reportagem, foi o seguinte:

Esses usos e costumes têm um atrativo bastante forte e capaz de gerar um considerável fluxo turístico, que poderá ser o elemento definitivo na fixação do homem na terra, diz Eloy Kunz, produtor de vinhos e proprietário do melhor hotel da cidade “Pousada Galo Vermelho”. Como exemplo dessa afirmação, cita a “Rota do Vinho”, na França, onde o turismo gera um fluxo econômico tão significativo quanto o obtido com a produção do vinho. Turismo e vitivinicultura podem assim, constituir um binômio fundamental na preservação das riquezas naturais de regiões tranquilas, sem problemas de poluição de nenhuma espécie, nem de gigantescas aglomerações (CIUFFO, 15/fev/1976, p. 10).

Ou seja, através dele percebe-se que Eloy Kunz elaborava um projeto de turismo para o município baseado em “conservar” os hábitos da vida rural, presentes no cotidiano dos descendentes de imigrantes italianos que viviam em Flores da Cunha, através do turismo, apresentado por ele como uma potencialidade econômica para defendê-los em relação ao avanço da urbanização, cuja inspiração para essa estratégia é apontada em rotas de turismo da França. Nesse sentido, é importante mencionar que essa ideia de transformar os descendentes de imigrantes italianos e seus bens culturais em atrações turísticas, cuja origem, remonta às iniciativas de Kunz, permaneceu em constante construção nas décadas seguintes através de outros agentes do turismo municipal, até se consolidar, a partir da década de 2000, na criação dos roteiros pelos interiores da cidade, cujas características centrais, como vimos anteriormente, são justamente essas: desbravar os interiores, entrar em contato com a natureza, vivenciar as práticas e a cultura cotidiana dos descendentes de imigrantes italianos e ver de perto a produção da uva, do vinho e outros produtos guiados pelos próprios proprietários dos empreendimentos. Além disso, outro aspecto importante de ser observado é o momento da publicação dessa reportagem, em 1976, época em que, de acordo com Zanini, estava iniciando um contexto de reavivamento étnico no estado do Rio Grande do Sul:

A revivificação de uma identidade étnica como algo positivo começou a se processar no estado do Rio Grande do Sul, como um todo, a partir de 1975, quando feito um século do início da colonização italiana no Estado. Na data, foram promovidos festejos e publicações literárias que começaram a dar voz ao sentimento de italianidade que estava latente. Os descendentes almejavam, de alguma forma, expressar sua origem italiana, pois muitos deles já haviam conquistado prestígio e boas posições sociais, não considerando justas as representações pejorativas advindas do passado. Queriam se visibilizar positivamente. O sentimento de pertencimento necessitava, contudo, de locais e formas de expressão coletiva. Na busca valorativa do passado foram, ao longo dos anos, criando e recriando entidades italianas em todo

o Estado que visavam agregar descendentes e dar voz ao sentimento de pertencimento" (ZANINI, 2006, p. 197).

Dessa maneira, a partir de 1975, o grupo de descendentes de imigrantes italianos de Flores da Cunha estará inserido nesse processo que visava positivar e expressar suas identidades étnicas, que haviam permanecido reprimidas no período anterior, em formato de estigma, desde a repressão exercida durante a Campanha de Nacionalização na década de 1930. Inserida nesse contexto, é possível perceber que uma das motivações da reportagem do jornal O Estado de São Paulo é a divulgação da III Fenavindima, anunciada no 3º parágrafo da seguinte maneira:

A 710 metros de altitude, Flores da Cunha, antiga Nova Trento, está preparada para receber na 'III Fenavindima', do próximo dia 21 até 7 de março, os visitantes que forem conhecer o que há de mais autêntico nas culturas que herdou: a videira, a uva, o vinho, que se distribuem entre vales, montanhas e córregos cristalinos (CUFFO, 15/fev/1976, p. 10).

Além da ativação simbólica do antigo nome Nova Trento, remetendo às origens italianas do município, é possível destacar a produção do vinho e da uva como traços de uma cultura "autêntica e herdada", associada a uma representação da cidade envolta por belezas naturais. Nesse sentido, está escrito que:

Esse tipo de turismo, que propicia aos visitantes da região o prazer de sentir e descobrir as atrações da natureza, se insere entre as principais solicitações de lazer entre os habitantes das metrópoles densamente povoadas, que procuram uma nova opção à rotina dos cenários das localidades já consagradas pelas rotas de férias (CUFFO, 15/fev/1976, p. 10).

Assim, é interessante perceber como, desde 1976, já circulava a ideia de que a cidade de Flores da Cunha destacava-se como atrativo turístico através de uma diversidade de traços, que envolviam a cultura dos descendentes de imigrantes italianos, as belezas naturais e a oferta de experiências contrastantes ao ritmo dos núcleos urbanos.

Outro aspecto importante de ser destacado é a aparição de traços de outras identidades entre os atrativos como, por exemplo, o seguinte trecho: "[...] onde o vinho e o churrasco, além de outros pratos da cozinha italiana e da tradição gaúcha, serão servidos com variedade e fartura" (CUFFO, 15/fev/1976, p. 10). Ou então, quando a mistura com outras identidades étnicas se mostra como atrativo turístico através da própria representação dos habitantes locais,

como no trecho: “Será a oportunidade de conhecer as jovens mais lindas da descendência italiana, de olhos azuis e cabelos claros, traços de uma miscigenação de cem anos” (CUFFO, 15/fev/1976, p. 10). Assim, percebe-se que o foco das atrações está na representação da cidade a partir de suas origens italianas, contudo, trechos que apontam para miscigenação e contato com outras identidades são construídos a partir de caráter periférico e complementar à identidade italiana. No capítulo seguinte, ao investigar com mais profundidade as variações das representações identitárias vinculadas com o turismo ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000, retomarei com maior propriedade essa temática das fronteiras culturais.

Por fim, o último elemento que gostaria de destacar a respeito da reportagem, é a identificação de determinados agentes de turismo da cidade de Flores da Cunha. Além do nome de Eloy Kunz, empresário do ramo de turismo que viria a se tornar secretário de turismo de Flores da Cunha nos anos de 1977 e 1978, estão presentes na reportagem depoimentos fornecidos por Angelo Araldi, identificado como Diretor de Ensino, e Raymundo Paviani, identificado como Prefeito Municipal. Angelo Araldi foi prefeito de Flores da Cunha pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) entre os anos de 1983 e 1988, esteve envolvido com a realização de edições da Fenavindima e no seu mandato realizou uma reorganização do Museu Municipal e a criação do Arquivo Histórico Municipal, analisados na sequência do trabalho. Já Raymundo Paviani, foi prefeito de Flores da Cunha pelo Partido de Representação Popular (PRP) entre 1952-1955, e pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA) entre 1964-1969 e 1973-1977. Dessa forma, foi durante seu segundo mandato, em 1967, que foi criada a Festa Nacional da Vindima. Ambos os nomes voltaram a aparecer em fontes vinculadas com o turismo nas décadas seguintes, analisadas no próximo capítulo. Nesse sentido, a reunião de seus depoimentos na reportagem de 1976, demonstra que, de certo modo, existia uma articulação entre esses agentes para a promoção turística de Flores da Cunha, na mesma medida que a projeção turística obtida por eles deve ter se revertido em capital político adquirido entre os moradores locais.

Diante disso, através da investigação da trajetória de Eloy Kunz e do símbolo do galo, foi possível identificar uma série de processos ocorridos que estiveram vinculados com o desenvolvimento turístico local. Em primeiro lugar, no que diz respeito à projeção da identidade étnica italiana, foi possível identificar que, após um período de repressão e estigma dessa identidade no Estado do Rio Grande do Sul, inaugurado na década de 1930, conforme apontado pela bibliografia estudada, a partir de 1975 identificou-se um processo de reavivamento das identidades étnicas no estado do Rio Grande do Sul, na qual a reportagem identificada pode ser considerada um vestígio. Assim, de 1975 até o presente, diversas estratégias foram ativadas por

lideranças de grupos étnicos no Estado com o objetivo de adquirir capital simbólico e econômico, onde os descendentes de italianos são considerados um dos grupos que obtiveram maior sucesso nesse campo de disputas, conseguindo revertê-la, inclusive, em representatividade política. De acordo com Regina Weber:

Os “italianos” possuem “outras vantagens culturais” na sua relação com a sociedade envolvente. Dos grupos que possuem na língua um traço de distinção, certamente a origem latina garante uma transparência aos nomes de suas instituições e de seus símbolos identitários. O aspecto religioso também não pode ser desconsiderado: diferentemente de alemães, sírios, libaneses, palestinos, judeus, os italianos, assim como poloneses e espanhóis, são predominantemente católicos. Esses “facilitadores” culturais, somados à expressiva presença dos “italianos” no país – certamente não tão expressiva quanto supõe a cifra de um quinto da população brasileira, estimada pelo embaixador italiano (JACOBUCCI, 2000)-, provavelmente contribuíram para a sua presença em produções culturais midiáticas recentes que tiveram repercussão no público.⁷ Todos estes fatores analisados contribuem para explicar porque, dentre os grupos sociais oriundos das regiões coloniais, os “italianos” são os que têm ocupado, desde meados do século passado, maior número de postos de representação política, *locus* que permite uma grande visibilidade social⁸ (WEBER, 2004, p.13).

Dessa maneira, foi possível detectar que, em Flores da Cunha, esse processo de promoção étnica colocado em curso pelos descendentes de imigrantes italianos na década de 1970, ofereceu as condições para a realização das primeiras projeções de uma apropriação desses bens simbólicos para um setor de turismo, conforme detectado nas fontes vinculadas à trajetória de Eloy Kunz. Tudo indica que, percebendo e aproveitando-se das projeções que os descendentes de italianos vinham conquistando nacionalmente, esses agentes do turismo local foram projetando suas ações que, como veremos no capítulo seguinte, foram mantidas e aprofundadas ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000, até culminarem na proliferação de roteiros turísticos a partir da década de 2010. Adiante, veremos que o elo que une essas ações é a presença do objetivo comum dos discursos colocados em circulação de transformar os descendentes de imigrantes italianos, os produtos por eles produzidos, a paisagem ao seu redor e seus hábitos cotidianos em atrativos turísticos exóticos, ao mesmo tempo em que se visava

⁷ “A referência aqui é ao filme *O Quatrilho* (1995), dirigido por Fábio Barreto e à telenovela *Terra Nostra* (1999). Sobre o assunto, ver Borges (2002: 71)” (WEBER, p.13, nota 32).

⁸ “Não há levantamento numérico sobre o assunto, mas referências esparsas; sobre o assunto ver Faccioni (1996)” (WEBER, p.13, nota 33).

produzir e colocar em circulação representações positivadas a respeito dos integrantes do grupo, de seus ancestrais e do processo de imigração e colonização italiana.

Em segundo lugar, em paralelo a esse processo, a investigação da história do galo permitiu descobrir que as primeiras projeções turísticas em âmbito nacional de Flores da Cunha ocorreram através da popularização dos produtos da empresa de Eloy Kunz, na qual uma linha de bebidas representadas pelo galo ganhou notoriedade durante a década de 1960. Tendo suas origens em uma narrativa de veracidade e temporalidade nebulosas, utilizada como instrumento de violência simbólica por moradores de cidades vizinhas contra os florenses, com a prosperidade das empresas de Kunz a partir da década de 1960, o galo foi ressignificado pela população local em símbolo de orgulho e prosperidade. Os traços identitários de superar adversidades e prosperar com o próprio trabalho, presentes na identidade dos descendentes de imigrantes italianos, passaram a ser projetados também na história do galo. Assim, a partir de 1970, aproveitando o sucesso comercial do símbolo, o galo passou a ser apropriado na cidade tanto de forma privada, estampando fachadas e nomes de estabelecimentos comerciais, como de forma pública, em monumentos e na forma de “mascote” das festividades locais. No mesmo sentido, após a sua morte, a própria trajetória de Eloy Kunz passou a ser apropriada como símbolo desse valor de prosperidade econômica da cidade, como pode ser visto na reportagem, mencionada anteriormente, publicada no jornal O Florense em 13 de julho de 1990, e pela adoção de seu nome no Parque que sedia a principal festividade local: o Parque da Vindima Eloy Kunz.

Figura 11 - Reportagem do jornal O Florense ativando simbolicamente a trajetória de Eloy Kunz com o objetivo de estimular o turismo municipal.

O Florense

Flores da Cunha, 13 de Julho de 1990.

Eloy Kunz: Turismo pode dar certo

No dia 20 de maio p.p. Flores da Cunha perdeu um grande homem que muito fez por nossa cidade, tanto no plano industrial, quanto nos planos turístico e cultural.

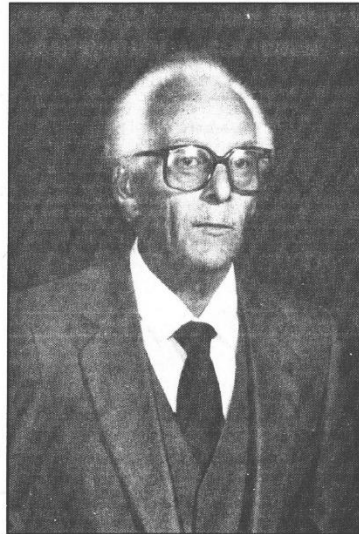
Eloy nasceu em 15 de fevereiro de 1927 na cidade de Novo Hamburgo. Filho de Emilio Kunz e Angelina Benetti Kunz, deixou quatro filhos: Maria Angélica, Ana Lúcia, Júlio e Emilio. Passou uma parte de sua infância em Novo Hamburgo (de onde ia a cavalo até Nova Petrópolis para estudar), e outra parte entre Gramado e Nova Petrópolis em um internato. Estudou em Porto Alegre na Escola Júlio de Castilhos, e, aos 17 anos, foi convocado para participar da Segunda Guerra Mundial, o que não chegou a acontecer, pois a guerra terminou antes de embarcarmos no porto para irem participar da mesma. Eloy serviu ao exército durante quase um ano e chegou à patente de sargento com honrarias.

Após ter deixado o exército, foi à Canoas onde estabeleceu sua primeira indústria, sendo que seu pai já tinha uma cantina em Gramado denominada Vinícola Petronius. Depois de algum tempo, Eloy mudou-se para Caxias do Sul indo trabalhar por dois anos com seu tio Luis Felipe Kunz (Indústria de Bebidas Marumbi). A tradição da família Kunz na fabricação de licores, aperitivos e destilados de cereais foi iniciada em Hamburgo Velho, nos primeiros anos deste século.

Por volta de 1954, Eloy veio à Flores da Cunha onde, inicialmente, fez sociedade com Ernesto Caetano Muraro (pai de Cláudio Muraro), o qual tinha recém saído da Vinícola São Pedro. Após algum tempo desfez-se essa sociedade surgindo em seu lugar a indústria de bebidas E. Kunz & Cia.

Os anos foram passando e Eloy demonstrava estar sempre voltado para o desenvolvimento cultural e turístico da cidade. Por ter frequentado algumas das melhores escolas do Estado na época, teve uma sólida educação e considerável cultura. Sabia falar cinco línguas: inglês, francês, italiano, alemão, português e um pouco de latim.

Uma das principais coisas que fez no plano cultural foi convencer as autoridades competentes em fundar o ginásio São Rafael, pois na época só tinhamos o 1º Grau e a única opção era colocar os filhos em escolas de padres para poderem ingressar no 2º grau. Eloy, juntamente com Dolores Soldatelli e Luis Carlos dos Santos batalharam pela doação do terreno pertencente ao Dr. Antônio Tazysz Gonzales para a construção do Ginásio São Rafael. Conseguiram ainda ampliações internas na Escola de 1º Grau Incompleto São José através de sua participação no Círculo de Pais e Mestres.



Eloy: símbolo vivo do idealismo e empreendimento

URTUR (Companhia Riograndense de Turismo) o título de Personalidade Turística do Ano, provando que seu trabalho teve amplo reconhecimento, especialmente fora dos limites de nossa cidade.

Na época da construção da Pousada, a capacidade hoteleira de Flores da Cunha era maior que a de Gramado. A única diferença é que aqui em Flores, Eloy juntamente com Cláudio Muraro (que também prestou sua valiosa contribuição a todos os eventos que marcaram a cidade e o município) e o apoio de Cláudio Bedin, trabalharam muito para o desenvolvimento turístico local, sendo que um considerável número de pessoas, por não entenderem os reais motivos que moviam Eloy (os quais não eram em absoluto de lucro e ambição política), fizeram forte pressão contrária, o que culminou com o pedido de demissão de Eloy do cargo de Secretário de Turismo, apenas dois anos após ter assumido tal cargo.

Eloy era um homem extremamente determinado e empreendedor. Conseguia transformar seus sonhos e projetos em realidade. Acreditava no que fazia. Na construção da Pousada, foram muitas as dificuldades enfrentadas, principalmente pela falta de apoio que encontrou. Conseguiu apenas a isenção de ISS, já que os demais subsídios necessários para a construção da Pousada (como rasca-lho, terraplenagem, maquinário) ficou por conta da firma E. Kunz & Cia mesmo. A piscina, inclusive, teve que ser aberta a picão...

A Pousada do Galo Vermelho tinha 23 apartamentos e quinze chalés (para seis ou para quatro pessoas). Todas possuíam geladeira, telefone, calefação (com estufas irlandesas) ou lareira, em fim tudo o conforto possível. O hotel tinha capacidade para cerca de cinquenta pessoas, com piscina externa e piscina térmica (esta coberta) com serviço de bar. Havia ainda um Gaupso no topo do morro, em meio ao bosque. Esse Gaupso tinha um palco para apresentações artísticas, um salão, lareira, decoração rústica. No bosque havia também uma cancha de tênis. Com o passar do tempo foi construído junto ao restaurante (na parte inferior do mesmo) uma boate que também podia ser utilizada como sala de convenções. A comida era variada com vinhos de todo o tipo. Eloy cuidava sempre pessoalmente do dia-a-dia do hotel. Na Pousada transiavam várias personalidades do mundo político e econômico, presidentes de bancos, diretores de empresas jornalísticas e financeiras, artistas.

TURISMO E VITIVINICULTURA DE MÃOS DADAS

Num Suplemento de Turismo do jornal "O Estado de São Paulo" de 12/02/76, há um comentário de Eloy que diz: "Os usos e costumes da região italiana têm um atrativo forte e capaz de gerar um considerável fluxo turístico que poderá ser o elemento definitivo na fixação do homem na terra. Como exemplo, temos a "Rota do Vinho" na França, onde o turista gera o fluxo econômico tão significativo quanto o obtido com a produção do vinho. Turismo e vitivinicultura podem assim, constituir um binômio fundamental na preservação das riquezas naturais de regiões tranquilas, sem poluição e sem gigantescas aglomerações. (...) Onde está o vinho, está a alegria, afirmou Eloy, ainda, lembrando que o clima, os recursos naturais e a hospitalidade do povo de toda a região criam um ambiente com grandes motivações de lazer, inclusive pela privilegiada localização geográfica, a meio caminho entre São Paulo e Buenos Aires. Esse fator contribui também, para fortalecer os caminhos para o turismo da região, colocando ao alcance dos habitantes desses dois grandes centros urbanos as atrações da serra, dos parreirais, das lavouras e das cascatas.

De acordo com artigo do Correio do Povo de 18 de janeiro de 1976, "Eloy foi além da construção de um hotel-restaurante. Transformou o bosque localizado num local montanhoso, numa das co-

sas mais importantes em termos de oportunidades para repouso". E, ainda segundo uma crônica de Mário Gardelin, do Correio do Povo, "a Pousada do Galo foi um empreendimento econômico que nas mãos de Eloy Kunz parecia mais um esplêndido hobby, que uma máquina de fazer dinheiro".

A fim de instalar outro ponto turístico no Município, o Belvedere Sonda, Eloy entrou em contato com Eduardo Xavier, Secretário de Turismo do Estado na ocasião, obtendo assim a autorização e o auxílio à família Sonda para a construção do bar e do mirante local. O Belvedere dista 14 Km de Flores da Cunha, a uma altura de 400 metros, de onde o visitante pode ter uma visão grandiosa do Rio das Antas, com suas curvas e uma vasta região montanhosa.

No período em que Eloy foi Secretário de turismo, foi criada a Semana da Criança, evento realizado em outubro e que movimentava toda a cidade. Eloy deu também grande ênfase à Festa de Corpus Christi e às ruas enfeitadas, pois além da beleza da festa, a mesma atrai turistas para a cidade. Nessa ocasião é que tal festa foi, pela primeira vez, em nosso Município, divulgada pela televisão, sendo que as despesas dessa transmissão foram pagas por E. Kunz & Cia.

Eloy foi um dos idealizadores da Vindima da Canção Popular, sendo que a primeira foi efetuada em 1975, seguindo-se nova edição em 1976. Sua realização partiu de uma idéia para incrementar o turismo, para motivar Flores da Cunha nesse sentido. Participaram de sua criação o Clube dos Compositores do Rio Grande do Sul, Assembleia Legislativa do Estado, Secretaria Estadual de Turismo e Secretaria Municipal de Turismo.

Eloy era possuidor de grande sensibilidade artística. Gostava de realizar trabalhos manuais, tocar piano e compor músicas. Foi, juntamente com Félix Slavero, um dos idealizadores do Coral de Nova Trento (fundado em 19 de junho de 1972).

Com o passar do tempo, Eloy, possuidor de princípios éticos muito rígidos, começou a enfrentar diversos problemas com sua indústria, pois confiava demais nas pessoas e não queria acreditar que algumas dessas estariam agindo de má fé para com ele. Também não admitia a sonegação de impostos. Fez tudo o que esteve ao seu alcance para salvar a indústria, inclusive vendendo propriedades particulares suas, mas as coisas chegaram a um ponto tal, que Eloy acabou transferindo a fábrica para a família Fante que deu continuidade aos negócios. A Pousada do Galo Vermelho foi vendida para a Fábrica de Móveis Florense. De tudo o que havia pouco restou: o hotel ruíu como um castelo de areia... Mas, Eloy não demonstrou



Um sonho transformado em realidade...

Outra de suas grandes inovações foi em relação à "História do Galo" usada sempre pejorativamente. Eloy passou a usar a imagem do galo de forma positiva nas marcas dos produtos que industrializava (uma linha completa de produtos com a marca do galo: whisky Cockland, Redcock, etc.), conseguindo assim projetar e modificar a imagem da cidade, provocando seu consequente desenvolvimento. Os rótulos dos produtos sempre lembravam, de alguma forma, Flores da Cunha (como o do vermute Seival que tinha ao fundo a torre da igreja). Nossa cidade adotou assim como símbolo o galo (que virou orgulho da cidade), dando nome a hotéis, cantinas, marcas de vinho e usque.

Com o intuito de atrair os visitantes de fora, Eloy montou inicialmente um bar que também era restaurante e se chamava "Whiskeria". Este local tornou-se o ponto de encontro da sociedade florense da época. Ao mesmo foi acrescentada uma "sala de chá" onde eram servidos os mais diversos e deliciosos doces, pães e salgadinhos, chás, café com leite, chocolate quente, etc.

Na Whiskeria podia-se não só beber drinques, mas jantar, almoçar, realizar coquetês, festejar aniversários, etc. Ali se promovia não apenas os produtos da firma, mas também eram trazidos benefícios indiretos para a cidade.

Depois de uns quatro a cinco anos, quando a empresa chegou ao seu auge, sendo então considerada a maior empresa de bebidas do Estado e uma das maiores do país, foi construído o hotel "Pousada do Galo" que, com o passar do tempo, projetou Flores da Cunha nacionalmente. Nessa época, no início do mandato do então prefeito Cláudio Rugero Bedin (31/01/77 a 31/12/83), Eloy foi convidado a exercer o cargo de Secretário Municipal de Turismo, permanecendo nessa função por dois anos. Ele recebeu do Estado através da



... ruíu como um castelo de areia

nenhum sinal de mágoa, é o que afirma com convicção um de seus filhos, Emilio Kunz Neto.

Eloy mudou-se então para Caxias do Sul, passando a viver somente para sua família. Seus dois filhos, Júlio e Emilio, estabeleceram uma indústria de bebidas em Caxias. Há quase um ano atrás, Eloy ainda projetou e dinamizou uma empresa de alimentos congelados em Caxias.

Ao longo de sua vida, Eloy fez muito sucesso, sem dúvida, e teve seu nome muito respeitado, graças ao que era e ao que realizou. Mas raras foram as pessoas que realmente o conheceram e o compreenderam na íntegra. Amigos mesmo sobram muito poucos, pois a maioria dos que o rodeavam nos "áureos tempos", tinham apenas interesses econômicos. Sobrou a família que o amava e o respeitava muito.

Apesar de não ser católico, mas de religião Evangélica Luterana, tinha uma imensa fé em Deus. Esperava um dia que era e ao que realizava, mas não em termos materiais. Tudo o que fez tinha por objetivo maior não seu enriquecimento material, mas ver suas obras e sonhos virem realidade. Foi um exemplo vivo de determinação e obstinação.

(por Yasmin Kunz)

O Florense

O JORNAL DE FLORES DA CUNHA

Figura 12 – Foto do monumento do galo e do letreiro com o nome da cidade acompanhado pelo símbolo da uva, no Parque da Vindima Eloy Kunz, onde é realizada atualmente a Festa Nacional da Vindima.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 05 jan 2023.

Por fim, levando em consideração a análise tecida até aqui a respeito do símbolo do galo e do símbolo da uva, em seção anterior, ambas motivadas pela presença dos signos no pórtico de entrada do município, gostaria de destacar um último elemento. Trata-se de um fenômeno frequentemente detectado nas localidades que passam por um processo de construção turística que é a interação entre ativações simbólicas motivadas por cunhos identitários e ativações simbólicas motivados por cunhos turísticos. Sobre esse assunto, Prats coloca que:

Estamos hablando de activaciones patrimoniales, promovidas por el turismo, pero de activaciones patrimoniales al fin, y, por tanto, se quiera o no – sea de nosotros o de los otros – de representaciones de la identidad. Esto puede provocar, y de hecho provoca, confrontaciones entre la lógica turístico-comercial y la lógica identitaria. Estas activaciones, como hemos visto, se incardinan en un mercado turístico, pero no está ni mucho menos claro que su origen sea precisamente ése. Con frecuencia, estas activaciones han nacido cuando, con la masificación del turismo, unida em algunos casos a fenómenos migratórios, la población autóctona, há visto <<peligrar su identidad>>. Lo cual no es óbice para que se adapten a las imágenes externas de esta misma identidad, por una parte porque, de lo contrario, <<fracasarían>> en su intento de atraer visitantes (como fracasaron tantos y tantos museos locales), pero, por otra parte, porque esta misma imagen, reproducida por los discursos hegemónicos a través de los medios de comunicación e incluso del sistema educativo, há sido adoptada por

la propia población como visión de sí mismos, como <<memoria colectiva>> (PRATS, p. 46).

Guiado por esse ponto de vista, é possível refletir sobre as relações entre os processos de construção identitária, de promoção do turismo e de construção da paisagem. Diante do que foi analisado no presente capítulo, foi possível identificar que a fixação de uma diversidade de signos no espaço público esteve relacionada a processos que reuniram ativações identitárias e turísticas. Esse fenômeno é comum em localidades onde existe um grupo de agentes interessados na construção de um setor de turismo, realizando, para isso, ativações simbólicas e marcando a paisagem a partir da construção de um estereótipo atraente para os turistas. Na investigação de Roswithia Weber sobre a implementação da Rota Romântica na região do Vale dos Sinos, esse processo se manifestou, entre outros elementos, pela plantação de plátanos nas estradas de acesso aos municípios, no intuito de assemelhar à paisagem local com a Alemanha, devido à semelhança com os Orvalhos presentes naquela região:

No protocolo de intenções do Projeto da Rota, foi apresentado como procedimento o plantio de plátanos, árvores escolhidas para simbolizá-la. A primeira atribuição da AMRR, depois de sua criação, foi sinalizar o plantio de arbustos e árvores para marcar a Rota. A paisagem européia foi “reforçada” com a plantação de 1.000 plátanos ao longo de sua extensão. Em março de 1997, a SETUR inaugurou a sinalização da ROTA, que havia ficado sob sua responsabilidade, com placas onde consta uma folha de plátano (WEBER, 2006, p. 165-166).

Já na investigação de Oliveira, a respeito da construção turística da região missioneira, foi destacado um processo similar com a apropriação do signo da cruz missioneira:

A idealização do espaço e do tipo característico que o habita, a celebração de um conjunto de valores e de uma história em comum, e o patrimônio histórico que remete a um passado proclamado como grandioso, são os pilares da identidade regional. Uma identidade que se expressa por alguns símbolos, dos quais se destacam a fachada da igreja de São Miguel e a cruz missioneira. A cruz, com dois braços horizontais, quase 4 metros de altura e trabalhada em pedras grés, erguida na praça fronteira a ruína de São Miguel, consagrou-se como uma logomarca da região. Está presente em toda parte: nos trevos de acesso às cidades, nas placas de orientação ao longo da Rota Missões, nas praças municipais, nos anúncios turísticos e nas repartições públicas. A despeito dos significados originais da cruz e de sua origem, a visão popular a entronizou com o sentido de fé em dobro. Além de representar a espiritualidade local,

a descoberta da região pelo turismo transformou a cruz em souvenir, comercializado na forma de artesanato, estampa de camisetas, chaveiros, colares, etc. Como símbolo do passado jesuítico a cruz missioneira confere uma identidade visual à região, o que em termos de promoção do turismo é uma verdadeira relíquia (OLIVEIRA, 2009 p. 163-164).

Nesse sentido, é possível fazer um paralelo desses processos com a fixação da uva e do galo na paisagem de Flores da Cunha. No caso do galo, a partir de sua projeção nacional com a comercialização das bebidas da empresa de Eloy Kunz, o signo passou a ser apropriado pelos setores turísticos e comerciais da cidade, sendo um dos signos mais presentes em nomes e fachadas de estabelecimentos comerciais, além da existência de monumentos em pontos turísticos da cidade e de ser transformado em mascote de eventos municipais. Através de sua apropriação, também foi atribuído o apelido de “Terra do Galo” para a cidade em propagandas turísticas. Já a uva, por sua vez, esteve vinculada com a construção simbólica dos descendentes de imigrantes italianos locais, sendo o signo representante do enraizamento territorial e da prosperidade econômica do grupo, através da produção agrícola da uva e industrial de suco, vinhos e espumantes. No mesmo sentido, o alimento tornou-se o símbolo da maior festividade do município que, de forma consciente ou não, colheu ganhos simbólicos da Festa da Uva, festividade de grande projeção nacional da cidade vizinha de Caxias do Sul, que contribuiu para a construção de uma imagem da Serra Gaúcha vinculada à vitivinicultura. Nesse sentido, ao circular pela cidade atualmente, é possível identificar o símbolo da uva nas placas com o nome de ruas, nos trevos de acesso da cidade, em monumentos em frente à vinícolas e até mesmo em parreirais plantados em vias públicas, além de ser o principal elemento que estampa os folhetos turísticos da cidade. Contudo, será possível identificar mais elementos desse processo nos capítulos seguintes da presente pesquisa.

1.3.5 – O pórtico de entrada da cidade: Passado, presente e futuro na primeira face do município

Tendo sido realizada a análise dos elementos que constituem o espaço de entrada da cidade pelo acesso Sul atualmente, que nos apontaram para uma investigação a respeito do passado da cidade, é importante mencionar que as transformações que a cidade vem sofrendo por conta do desenvolvimento do turismo também apontam para os rumos futuros de sua paisagem. Dessa maneira, a presente seção do capítulo analisou o projeto vencedor de um concurso público, convocado em 2022, para realizar uma revitalização no pórtico de entrada. A análise do projeto e de reportagens jornalísticas a seu respeito, permitiram identificar

discursos colocados em circulação contendo leituras e representações da cidade de Flores da Cunha e projeções, produzidas em um tempo muito próximo do presente, a respeito da constituição e das possibilidades de usos da paisagem urbana da cidade. Levando em consideração que marcar e alterar a paisagem sempre envolve escolhas e disputas, busquei compreender o espaço do setor de turismo nesse processo.

Sendo assim, no dia 30/01/2022, o jornal O Florense anunciou que o espaço seria reformulado em matéria intitulada de “Vencedor do Concurso Nacional de Arquitetura será anunciado na próxima terça-feira”. A reportagem informa que no dia 17/11/2021, a Prefeitura Municipal, em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio Grande do Sul (IAB RS) e com o apoio do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul (CAU/RS) e da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (ABAP), havia lançado um concurso público para realizar uma revitalização de toda a Avenida 25 de Julho, na qual ambos os pórticos, Sul e Norte, que dão acesso ao município estavam incluídos. De acordo com a reportagem:

O vencedor do Concurso classificado em primeiro lugar terá assegurada, além da premiação, a contratação, com remuneração total de R\$ 362.306,36.

O objetivo é selecionar a proposta que melhor atenda às necessidades para a requalificação de uma das principais vias da cidade, entregando aos moradores e visitantes um espaço público qualificado, que promova a qualidade de vida através da humanização, da melhoria da mobilidade urbana, das funcionalidades e no estímulo ao desenvolvimento econômico e social. Todas as propostas serão avaliadas por um júri especializado e de maneira sigilosa e a remuneração do vencedor é definida previamente, com base na Tabela de Honorários Profissionais.

“Nossas expectativas são as melhores possíveis. A Avenida é a primeira impressão que as pessoas têm quando chegam a Flores, é como um cartão-postal. Este projeto será um presente que queremos entregar à comunidade e aos turistas”, destaca César Ulian, prefeito de Flores da Cunha (JORNAL O FLORENSE, 2022).

A revitalização da Avenida 25 de Julho pode servir como um exemplo pragmático e recente de como o potencial turístico da cidade de Flores da Cunha serviu de motivação e justificativa para mobilização de recursos e realização de intervenções na paisagem ao longo do tempo. Além disso, a magnitude da obra serve também como um vestígio do momento que a cidade vem passando, onde os investimentos em espaços turísticos, públicos e privados, vem crescendo gradativamente. O depoimento do atual Prefeito Municipal César Ulian, do Partido Progressista (PP), ao jornal O Florense demonstra uma significação dada ao espaço: a Avenida

é uma espécie de “cartão-postal” e sua revitalização é um “presente” aos moradores e aos turistas. Um exemplo parecido pôde ser encontrado em reportagem publicada no dia 14/01/2011, aproximadamente uma década atrás, onde era informado que:

A Prefeitura Municipal de Flores da Cunha inicia na próxima semana a repavimentação de uma das principais vias da cidade, a avenida 25 de Julho. A obra faz parte da campanha de embelezamento do município que, além disso, irá gerar mais conforto à comunidade e aos visitantes que estarão prestigiando a 12ª Festa Nacional da Vindima, que acontece de 18 de fevereiro a 13 de março. A repavimentação conta com uma verba de R\$ 300 mil, oriunda de uma emenda parlamentar do Ministério das Cidades, encaminhada pelo deputado federal Pepe Vargas (JORNAL O FLORENSE, 2011).

Voltando para o presente momento, foram inscritas 24 propostas de revitalização no concurso, das quais 16 delas enviaram uma versão final. A proposta vencedora foi a Pasta 11, elaborada por uma equipe da cidade vizinha de Caxias do Sul, composta pelos profissionais Fernando dos Santos Rocha Machado, Rovenia Maria Schumacher, Guilherme Jacir Gobetti e Alisson da Silva Rodrigues. Segundo a ata de julgamento final, a Comissão Julgadora foi composta por cinco membros titulares: os Arquitetos/Arquitetas e Urbanistas Luciana Bongiovanni Martins Schenk, Rogério Malinsky, Luis Guilherme Aita Pippi, Elisângela Hardtke, Flavia Heloisa Camassola Breda e por dois membros suplentes: André Melati e Ana Paula Hoppe Bonini. De acordo com a ata:

Proposta trata de forma equânime e com muita competência os três trechos da Av. 25 de Julho. Inicia-se conjugando aspectos históricos e de caracterização dos lugares configurando um processo de leitura abrangente e consistente que justifica e estrutura a proposta apresentada. A proposta segue a divisão em trechos apresentada no edital e articula conceituação, expressa em palavras chave, a desenho de modo muito claro. Chama atenção o domínio técnico das questões de mobilidade e sensibilidade em relação às principais pautas que nutrem a urbanística contemporânea acerca do planejamento e projeto das paisagens, em especial a percepção sistêmica dos espaços livres propostos e as chamadas “latências”, ou potencialidades que o território de Flores da Cunha guarda. Resolve de forma precisa os problemas vários do Trecho 01 e consegue criar espaços necessários para transformar-se em um parque linear para a cidade e espaços de apoio para os bairros das vizinhanças. Resolve o Trecho 02 de forma gradativa junto à Praça da Bandeira, conseguindo com essa gradação o apoio necessário à multiplicidade de usos deste espaço central e a gradação entre espaço dos

pedestres e espaço dos veículos. Consegue no Trecho 03 atingir a valorização da paisagem e, mesmo com o restrito gabarito viário, criar espaços de fruição da paisagem e uso cotidiano dos moradores para passeios e atividades físicas. A banca entende que esse plano pode desdobrar-se em ações positivas para toda cidade, inclusive auxiliando na construção de políticas públicas, e assevera que certas proposições devem sofrer adaptações segundo interações com o corpo técnico da prefeitura e a comunidade, assegurando um processo de desenvolvimento de projeto aderente, aceito e defendido por toda a comunidade florense (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 27/01/2022).

Sem adentrar no mérito de avaliação dos critérios do concurso, chama a atenção como a incorporação dos “aspectos históricos” do município são mencionados como elementos que contribuíram para uma proposta “consistente” e “abrangente”. Além disso, a proposta também é elogiada por levar em consideração as “latências” e “potencialidades” da cidade, remetendo a representações que aparecem repetidamente ao projetar o futuro da cidade. Ao analisar a proposta vencedora, logo na primeira prancha encontra-se a seguinte descrição de abertura do município:

Flores da Cunha surgiu como um assentamento de dois povoados de imigrantes italianos, São João e São José, em terras indígenas kaingang, praticamente no centro geométrico da região da colonização italiana, posteriormente se tornando um distrito de Caxias do Sul, passando a se chamar de Nova Trento, e sua história reflete um sentimento de abandono, já que sempre foi preterida em relação às suas demandas políticas (de estradas, pontes, linha férrea, etc.) em relação aos interesses de Caxias do Sul. Da qual conseguiu emancipar-se – a duras penas – em 1924. Também sofre cronicamente (ainda hoje) de problemas de abastecimento de água potável, rara nesse local (sendo um dos poucos cursos d’água remanescentes, o Rio Curuzu). Tais vicissitudes marcaram a população da cidade, que teve que lutar pela solução de seus problemas de forma independente, tornando-a resiliente e orgulhosa de suas conquistas (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022, Prancha 01).

Percebe-se que a história do município que se optou por destacar carrega um aspecto identitário presente em narrativas destacadas anteriormente na presente pesquisa: a origem de sua narrativa está vinculada com a ocupação italiana em terras kaingang e o tom que predomina é o caráter de transformação das adversidades em orgulho e conquistas, através da resiliência. Essa narrativa teve um aspecto central na justificativa das abordagens propostas para a

revitalização. No que diz respeito ao espaço analisado nessa seção do trabalho, o pórtico de acesso sul, a proposta de revitalização é bastante radical. Em linhas gerais, no intuito de ressignificar a área, que hoje está vinculada a um cotidiano de tráfego intenso de veículos e condições poucos favoráveis para o lazer e a socialização, foi proposto a transformação do atual “pórtico de passagem” em um “belvedere” cercado de parques e áreas verdes. O objetivo central, segundo a proposta, é transformar o que hoje é considerado uma área de “passagem” em uma área de “permanência”. Na ata de julgamento final das propostas, após o anúncio da pasta vencedora, é interessante destacar que entre as 6 recomendações de alterações ao projeto, o primeiro item disposto aponta para o seguinte: “Verificar outras possibilidades de composição do pórtico sul, com valorização da torre existente e necessidades de atendimento ao turista”. Pelo fato de ter tido acesso apenas à versão final da proposta, divulgada após os apontamentos da ata, não é possível verificar como era a proposta inicial, contudo, na versão final foi sugerido a:

Eliminação da passarela/pórtico existente (já que o remanejamento de vias, além de passagens de pedestres elevadas reduzirá a velocidade de veículos), **mantendo, porém, a torre de pedra e o galo**, como um **totem de referência** histórica (mesmo que recente) da entrada da cidade, e reciclando-a para a função de Belvedere. Isso permitiria a usuários/turistas a apreensão visual – e compreensão – do conjunto de parques a seguir. A eliminação do conjunto “pórtico” também sinalizaria que o local não se trata de somente uma porta de passagem, que se esquece assim que se passa por ela, mas sim de um local de acolhimento e permanência, a “sala de estar” da cidade, onde se recebem as visitas (turistas), onde a vida se desenrola (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022, Prancha 01, Grifo original do documento)

Ou seja, através da leitura dos documentos o que ficou aparentado é que a banca apontou para a importância da permanência de parte da estrutura original da torre e, diante dessas instruções, a proposta converteu essa parte do antigo pórtico em um “totem de referência histórica”, ou seja, um objeto material que remete a identidade e a memória daquele grupo e espaço, servindo também como uma espécie de elo entre o presente e o passado onde tais signos foram construídos. Além disso, gostaria de ressaltar que após a leitura completa da proposta de revitalização da Avenida, a impressão que fica é que a preocupação maior é a de resolver questões urbanísticas da rua, metamorfoseando-a de um espaço mais utilizado no escoamento de veículos para um espaço de vivência e interligação entre diferentes bairros e suas populações. Nesse sentido, é interessante perceber que, junto à recomendação de manutenção da torre e do

galo, também é solicitado pela banca uma preocupação em relação ao atendimento aos turistas naquele espaço. De toda forma, a proposta de ressignificação do espaço de uma “porta de entrada” para uma “sala de estar” passa pela criação de parques e áreas verdes no entorno do pórtico:

[...] Tais parques, ainda, seriam uma forma de proporcionar *áreas verdes públicas* para inclusão e integração das comunidades de loteamentos hoje isoladas, dispersas ao longo do eixo da via, fortalecendo o sentimento de pertencimento, comunidade, também servindo de “sala de estar” para acolhimento do restante da população da cidade, bem como de turistas, fomentando o comércio autóctone de pequeno porte da região (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022, Prancha 01).

Através desse trecho, percebe-se que a prioridade da medida é a integração comunitária, contudo, somado a isso, o espaço também é significado como um espaço de acolhimento aos turistas e, por fim, vemos a inserção de comerciantes locais dentro do campo de possibilidades. Interessante mencionar que o projeto de aliar a comercialização de produtos locais com a prática do turismo é um projeto antigo do município, como visto anteriormente. Somada a essas questões, gostaria de ressaltar outra recomendação realizada pela banca na ata de julgamento final da proposta: “Considerar o desenvolvimento a médio/longo da cidade de Flores da Cunha, especialmente no que tange a um modal de transporte público que poderá circular na Av. 25 de Julho”. Essa menção, além de nos demonstrar novamente uma leitura das potencialidades futuras da cidade, na proposta final, aparece vinculada a uma possibilidade de diferencial turístico:

Tais parques fariam parte de um sistema integrado de modais de circulação prioritariamente pedestre/ciclovitário e, em menor proporção, automotiva. Eventualmente, num futuro talvez não tão distante, o sistema de VLT (hoje fabricado na cidade ao lado, Caxias do Sul, pela Marcopolo), quando se tornar mais viável economicamente poderia ser implantado nos 3 trechos, sendo mais fácil (por questões de infra-estrutura no trecho 1). Isso traria um diferencial turístico importante, além de ser útil para o deslocamento da população ao longo do eixo Norte-Sul, além de ser um modal não poluente, e silencioso (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022, Prancha 01).

Assim, o documento aponta que a proposta busca ressignificar o atual espaço, entendido como uma “porta de entrada” de passagem, para um espaço de vivência cujo objetivo, além de

fornecer qualidade de vida, é a socialização e conexão de diferentes bairros. Nesse contexto, o que sobrou do antigo pórtico transforma-se num espaço acolhimento e contemplação, onde insere-se também uma preocupação com os turistas e um planejamento para a comercialização de produtos locais. Conforme a descrição e a representação visual abaixo:

Tal parque seria uma espécie de **esplanada de acolhimento**, da população e turistas, por isso eliminamos a idéia de pórtico, que é só uma **passagem**, para uma **rotonda** (cuja estrutura em **Cross Laminated Timber** de madeira de reflorestamento e malha metálica expandida abriga também as funções de **belvedere** para visualização da paisagem e dos eventos, **display** para o nome da cidade quando se chega pela estrada sul) que acolhe e delimita o espaço público, permitindo uma **ágora de permanência**, em que eventos possam ser criados, feiras de artesanato, produtos caseiros coloniais e agro-produtos, gincanas de escolas públicas, enfim, um espaço multi-uso para integração da população. Por isso, o uso será determinado pela **ocupação popular** desse espaço (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022, Prancha 03).

Figura 13 – Imagem representativa do pórtico de entrada de acesso sul da cidade de Flores da Cunha, incluída no projeto de revitalização da Avenida 25 de Julho.



Fonte: Projeto de Revitalização da Avenida 25 de Julho (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022).

Assim, ao final do primeiro capítulo da presente pesquisa, busquei evidenciar os elementos encontrados a respeito da construção do setor de turismo do município de Flores da Cunha através da análise de marcas da paisagem localizadas na primeira etapa de minha saída de campo, caracterizada pela trajetória da ERS-122 até o pórtico de entrada sul de Flores da Cunha, ao longo dos anos de 2020 e 2023. O mapeamento dessas fontes, expostas no espaço público do tempo presente, me levaram a uma investigação retrospectiva acerca de cada uma delas, levando a presente pesquisa a penetrar em diferentes temporalidades. Nesse sentido, busquei organizar abaixo algumas conclusões obtidas durante essa etapa da pesquisa. Conforme avançarmos na saída de campo e na análise das fontes, buscarei retomar e realimentar a presente organização, no objetivo de construir uma narrativa cronologicamente estruturada a respeito das descobertas realizadas sobre a construção do setor de turismo florense.

Em primeiro lugar, o contato com as placas das rotas de turismo espalhadas ao longo das rodovias de acesso à cidade, e seus sucessivos redirecionamentos aos *websites* com propagandas turísticas, referem-se a um contexto histórico inaugurado a partir da década de 2000, onde, primeiramente, a cidade de Flores da Cunha foi vinculando-se a roteiros regionais até passar a protagonizar a criação de roteiros exclusivamente localizados dentro de seus limites geográficos, a partir da década de 2010. Ao analisar o teor dessas propagandas turísticas, foi possível detectar representações da cidade de Flores da Cunha vinculada às origens italianas, às belezas naturais, à produção da uva e do vinho e aos bens culturais dos descendentes de imigrantes italianos. A identificação da construção do canteiro da uva, ao lado esquerdo do pórtico, e da instalação da placa a respeito do programa de *gemellagio*, no lado direito, ambas na década de 2010, estampam a construção dessas representações diretamente na porta de entrada do município.

Dessa maneira, ao chegar no pórtico de Flores da Cunha, foi possível retroceder a análise até a década de 1990, momento de construção da obra. Sobre esse momento, que será melhor investigado no capítulo seguinte, foi possível perceber que se trata de um período onde o setor de turismo local está se estruturando e buscando espaço. Isso pode ser evidenciado pela construção da edificação, motivada pelo acolhimento de turistas durante a 8ª Fenavindima, em 1994. Outro elemento que indica para esse caminho foi a publicação da reportagem a respeito da trajetória de Eloy Kunz, no ano de 1990, ativando simbolicamente seus feitos para dar força ao pensamento de que “O turismo pode dar certo”. Contudo, a investigação em busca das origens dos símbolos identitários construídos no entorno do pórtico, levou à investigação a décadas anteriores aos seus momentos de fixação na paisagem durante a década de 1990, onde já se encontravam apropriados pelo turismo.

Nesse sentido, a investigação a respeito da nomenclatura da cidade e da placa de *gemellagio*, me levaram a construir um breve contexto histórico a respeito da identidade étnica italiana no estado do Rio Grande do Sul. Através do estudo de bibliografia temática, identificamos a década de 1930, momento em que a cidade substituiu o nome de Nova Trento por Flores da Cunha, como um momento de repressão e ocultamento desses traços identitários, por conta da Campanha de Nacionalização empreendida no governo de Getúlio Vargas. Tendo permanecido como estigma nas décadas seguintes, o cenário passou a ser revertido na década de 1970, quando os descendentes de imigrantes italianos passaram a positivar suas identidades étnicas através de uma série de estratégias.

Próximo a esse contexto da década de 1970, identificamos a criação da Festa Nacional da Vindima, festividade vinculada à promoção do turismo, da identidade étnica e do símbolo da uva, entendido como signo de prosperidade atingida através do trabalho dos descendentes de italianos locais, e as primeiras projeções a respeito da construção de um setor de turismo baseado na propaganda e mercantilização dos bens culturais desse grupo, identificadas, sobretudo, em discursos atribuídos ao empresário local Eloy Kunz. Já o símbolo do galo, permitiu compreender que a projeção turística de Flores da Cunha iniciou-se na década de 1960, não através da projeção de uma identidade étnica ainda estigmatizada nesse período, mas, na verdade, através da projeção de um símbolo local, o galo, apropriado de uma narrativa que remete à emancipação do município. Nesse sentido, Eloy Kunz, responsável por guiar a positivação desse signo, originado como instrumento de violência simbólica contra a cidade, passou a ser apontado como um dos pioneiros do setor de turismo local que, tudo indica, a partir do novo contexto eclodido, sobretudo em 1975 com a comemoração do Centenário da Imigração Italiana no Estado, passou a articular, juntamente com outros agentes locais, uma vinculação dessa identidade étnica, agora positivada devido a um contexto regional, com uma projeção turística da cidade.

Diante disso, nesse momento da pesquisa, foi possível identificar aspectos que indicavam uma certa continuidade entre esse projeto de turismo, identificado, ao menos no plano do discurso, na década de 1970 e as fontes detectadas a partir da década de 2010, através do elemento comum de representar Flores da Cunha em propagandas turísticas a partir da paisagem, de costumes e de habitantes cujas origens remetem à imigração italiana. Logo, no capítulo seguinte, onde as décadas de 1980 e 1990, ainda carentes de maior aprofundamento nesse primeiro capítulo, serão investigadas com maior propriedade, será possível compreender de que maneira esse setor foi sendo construído entre esses diferentes polos, da década de 1970 até a década de 2010.

2 - CAPÍTULO 2 – A PRAÇA DA BANDEIRA E O SEU ENTORNO: PAISAGEM URBANA, IDENTIDADE ÉTNICA E TURISMO NO CENTRO DE FLORES DA CUNHA

Após cruzar o pórtico de acesso sul de Flores da Cunha vindo da ERS-122, adentra-se na Avenida 25 de Julho, que atravessa a cidade, passando por sua área central, e termina no pórtico de acesso norte do município, desembocando novamente na ERS-122, rodovia estadual que liga Flores da Cunha à cidade de Antônio Prado. Após a passagem de um pequeno trecho onde a avenida é rodeada pela presença de indústrias e acessos de bairros, a avenida chega na parte central da cidade, onde está localizada a Praça da Bandeira. Esse espaço pode ser considerado uma espécie de coração da cidade por concentrar no seu entorno a principal praça do município, a Igreja Matriz Nossa Senhora de Lurdes, o Campanário, o Salão Paroquial onde ocorrem eventos comunitários, o Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi e a área de maior intensidade comercial. Nesse sentido, aos olhos de um turista, o local se apresenta como uma espécie de centro de referência geográfica que redireciona o visitante para outras regiões da cidade. Ainda nesse sentido, de acordo com Beneduzi:

A recordação da terra de partida, além de se dar por locais edificados, como a Igreja, o *caffè*, a praça, ou, ainda, por datas e figuras que evocam uma emoção, pode ser dirigida a lugares de memória edificados ou não, os quais adquirem sua importância na medida em que se constituem como mitos e símbolos para além de suas funções reais. Nesse sentido, as construções emblemáticas em que se constituem o sino e o campanário, os cantos e hinos, e a ópera, são parte integrante na construção imagética da italianidade pós-unificação e, também, serão componentes das figuras construídas sobre a terra de partida por parte dos emigrantes (BENEDUZI, 2004, p. 138).

Assim, o entorno da Praça da Bandeira e da Igreja Matriz foi escolhido para ser o objeto de estudo do presente capítulo, por ser considerada uma área de referência para os visitantes que chegam até Flores da Cunha e, por consequência, apresentar ao turista uma série de símbolos da memória e da identidade municipal. É nessa região que o turista entra em contato com uma das obras arquitetônicas mais utilizadas na projeção do município, o Campanário, é apresentado a uma série de placas de roteiros turísticos, convidando-o a desenhar seu destino, recebe panfletos dos roteiros no museu municipal e realiza a leitura de uma diversidade de marcas da paisagem, como estátuas e monumentos. No mesmo sentido, é nessa área que o turista consegue sentir a atmosfera do ritmo do centro da cidade, presenciando os moradores

locais deslocando-se de suas casas para trabalhar, para realizar compras ou para a resolução de compromissos cotidianos em agências bancárias.

Diante disso, o segundo capítulo da presente dissertação teve como objetivo o mapeamento e a identificação de marcas da paisagem vinculadas a uma promoção turística ou identidade municipal, localizadas geograficamente no entorno da Praça da Bandeira, e encontradas no espaço público no intervalo de 2020 a 2023. Dessa forma, foram identificadas as seguintes marcas para a análise: o Campanário de Flores da Cunha e seu entorno, o Monumento do Leão de São Marcos presente na Praça da Bandeira, o Salão Paroquial Nossa Senhora de Lourdes e o Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi, bem como os panfletos turísticos oferecidos em seu balcão de entrada. Entendendo essa área como um espaço de referência geográfica e que apresenta diversos signos identitários e turísticos, passei a pesquisar retrospectivamente a respeito da constituição dos espaços selecionados em busca de elementos que contribuíssem com a investigação a respeito da construção do setor de turismo florense. Para isso, foram utilizadas como fontes para a análise as fotos das marcas da paisagem, reportagens jornalísticas, panfletos turísticos coletados e o estudo de bibliografia temática. Por fim, assim como no capítulo anterior, analisei trechos do projeto de revitalização da Avenida 25 de Julho, no intuito de compreender quais as projeções de uso do espaço analisado, tecidas no tempo presente, a respeito de seu futuro.

Outro elemento que precisa ser elucidado no início desse capítulo é o de que a investigação do Salão Paroquial Nossa Senhora de Lourdes me levou a pesquisar a respeito da criação e desenvolvimento da Festa Nacional da Vindima. Para isso, nessa etapa da pesquisa, foi colocada em prática uma metodologia própria, uma vez que as frequentes aparições da festividade junto aos pontos turísticos apontaram para a relevância dessa temática na construção do turismo local. Sendo assim, passei a pesquisar no acervo do jornal O Florense, único periódico impresso localmente, reportagens temáticas publicadas próximas às datas de realização da festividade, onde os agentes de turismo local projetavam a recepção de turistas antes da festividade e, após sua realização, faziam uma avaliação do ocorrido. Logo, foram pesquisadas edições no intervalo iniciado em 1986, ano de criação do jornal, até a década de 2000, quando foram detectadas as primeiras ações a respeito da modalidade de turismo através de roteiros locais.

Diante disso, dividi a presente ação através da análise do Campanário de Flores da Cunha e do seu entorno, do Monumento do Leão de São Marcos, do Salão Paroquial Nossa Senhora de Lourdes, das placas de roteiros turísticos no entorno da Praça da Bandeira e dos panfletos turísticos retirado no balcão do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi.

Figura 14 - Foto do entorno da Praça da Bandeira, localizada na Av. 25 de Julho, onde pode-se ver a Estátua do apóstolo Pedro (esquerda), o Prédio do Salão Comunitário de Nossa Senhora de Lourdes (ao centro) e o prédio rosa do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi (direita).



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 05 jan 2023.

Figura 15 – Foto da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, do Campanário e da Estátua do apóstolo Pedro, localizados em frente à Praça da Bandeira na Av. 25 de Julho.



Fonte: Site institucional do setor de Turismo de Flores da Cunha (TURISMO FLORES, 20XX). Disponível em <https://www.turismoflores.com.br/turismo/atrativos/igreja-matriz-nossa-senhora-de-lourdes/detalhes> Acesso em 07 jan 2023.

2.1 – Identidade, turismo e religiosidade: As disputas e ativações simbólicas em torno do Campanário de Flores da Cunha

A torre localizada ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes⁹, conhecida como o Campanário de Flores da Cunha, é um dos principais símbolos da cidade. Através de pesquisa

⁹ A Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes foi construída entre os anos de 1904 e 1914, sendo considerada uma das igrejas mais antigas do Estado no estilo gótico. No seu interior, abriga, ao centro, uma estátua de Nossa Senhora de Lourdes e nos vãos laterais estátuas de São Pedro e São José, nomes das duas primeiras comunidades que originaram Nova Trento através de sua união (LOPES, 2019).

jornalística e bibliográfica, foi possível reunir algumas informações técnicas a respeito da obra. O início de sua construção é datado de 06 de outubro de 1946, tendo ocorrido a benção de sua pedra fundamental em 09 de maio de 1947 e sua inauguração em 30 de outubro de 1949. A idealização de sua obra é remetida ao Frei Eugênio Brugalli, enquanto a execução ficou de responsabilidade de João de Bastiani. O engenheiro responsável foi Luis Lesseigner de Farias, enquanto suas pedras foram fornecidas pela pedreira de José Golin e cortadas pelos irmãos Luiz e Antonio Coloda. São mencionados ainda como trabalhadores da obra Beijamim Vezzero, Fausto Vezzero, João de Bastiani, José Marin e Umberto Menegat. De todo modo, é comum encontramos menções de que obra foi realizada de forma comunitária, através do trabalho braçal e de doações voluntárias dos membros da localidade (JORNAL O FLORENSE, 2019) (LOPES, 2019).

O campanário foi construído com a utilização de 11.122 pedras de basalto e possui 55 metros de altura, nove metros de largura por nove metros de comprimento, totalizando 1.200 metros cúbicos. Sua escada interna é composta por 211 degraus até se alcançar o topo, onde cada uma das suas quatro faces apresenta um relógio de três metros de diâmetro, fabricados em 1949 pela Fábrica de Relógios Públicos Schwertner e Filhos Ltda. da cidade de Estrela. A obra também é composta por cinco sinos, encomendados por Dom Augusto Finotti da Fundação Paccard de Savóia, na França, e denominados de Pierina, Cláudia, Dom Finotti, Antonieta e Imaculada, os quais são tocados eletronicamente por um martelo de 22 quilos para sinalizar as horas diariamente (JORNAL O FLORENSE, 2019) (LOPES, 2019).

Para além de sua descrição técnica, podemos pensar no campanário a partir das significações simbólicas estabelecidas pelos imigrantes italianos e seus descendentes com esses exemplares arquitetônicos. De acordo com Beneduzi:

Enquanto representação desse local onde se nasceu, ou do lugar que se adotou como seu, o campanário tornou-se aquela estrutura possível de ser reconhecida à grande distância, aquele último ponto a sair do campo visual quando se partia do *paese*. Ponto de reconhecimento da proximidade e da distância do lugar de nascimento, era a segurança de que se estava ainda em terra conhecida, ou que se estava passando a um outro mundo, estranho (BENEDUZI, 2004, p. 140)¹⁰.

¹⁰ Beneduzi apresenta essa significação simbólica a partir do testemunho de Ernesto de Martino sobre o campanário de *Marcellinara*, encontrado em SANGA, Glauco. Campane e Campanili. In: ISNEGHI, Mario. I Luoghi della Memoria: simboli e miti dell'Italia unita. Roma: Laterza, 1997.

Em reportagem publicada no jornal O Pioneiro, de Caxias do Sul, na edição de 05 de Novembro de 1949, foi noticiada a cerimônia de inauguração da obra em Flores da Cunha.

Figura 16 – Reportagem do Jornal O Pioneiro noticiando a inauguração do Campanário da Igreja Matriz de Flores da Cunha.

«O PIONEIRO» CAXIAS DO SUL — Sábado — 5 de Novembro de 1949 Página 17

Inauguração do Campanário da Igreja Matriz de Flores da Cunha



AO ALTO: O Major Beccom, representante do Governador do Estado, quando pronunciava o seu discurso, ladeado pelo Prefeito de Flores da Cunha Sr. Pedro Rossi; **AO CENTRO:** A palavra de encerramento vigário de F. da Cunha, Frei Eugênio; **A ESQUERDA:** O Major Nicomedes Beccom, cortado a fita simbólica, vestindo a sua lada S. Excia. Ilvna. Dom José Baria; **EM BAIXO:** — A grande massa popular que assistiu ao com uma presença a grandiosa festa.

Constante tivemos oportunidade de anunciar em nossas páginas, no domingo próximo ao próximo Município de Flores da Cunha, foi solene e festivamente inaugurado o monumental campanário da Igreja Matriz, verdadeira obra de arte, erigido em pura pedra.

Esse verdadeiro monumento de fé cristã, foi projetado pelo engenheiro Vitorino Zani. A construção esteve sob a responsabilidade do Dr. Luis Le Regnier de Paris. As obras foram executadas pelos construtores João De Bastiani, José Maria, Fausto Vossaro, Benjamin Vossaro e Umberto Mengal.

PESSOAS GRADAS QUE COMPARECERAM

A' cerimonia compareceram as seguintes pessoas:

Dom José Baria, Bispo Diocesano de Caxias do Sul; Major Nicomedes Beccom, representando o Governador; Deputado Wolfraim Metzler, representando a Assembléa Legislativa do Estado; Representante do Governador de São Paulo; Pedro Rossi, Prefeito da Comuna de Flores da Cunha — Deputado Estadual, Vigário das paróquias; Abbedate Nogueira, representante da Agência Nacional; Vereadores do município e municípios vizinhos, autoridades Federais, Estaduais e municipais.

DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA

Pelas 10 horas a população respondeu as autoridades eclesíasticas, civis e militares, detendo ao edifício da Prefeitura Municipal. Em seguida, dirigiram-se, acompanhados de seu pai Pedro Rossi, Prefeito Municipal e demais autoridades locais, para a Praça da

rio de trabalho, pois, a doce ambição tra ver concluída a obra tão depressa quanto a profecia em dar seu apoio teja a população de Flores da Cunha.

O campanário, ora inaugurado, permanecerá atarefado no túculo de Flores da Cunha, como testemunha de fé de um povo espiritual, honesto e trabalhador, cujo lema é laborar pela grandiosa da Religião, Cruzá e progresso da estreitada Pátria Brasileira.

HISTÓRIA DOS SINOS

Transcrevemos a seguir, um poema, em língua italiana, que conta a história dos sinos que hoje repousam no alto: os campanários recém inaugurado, e escrita pelo Rev. Padre Angelo Quati, quando seus sinos chegaram a Novo Trento, hoje Flores da Cunha:



VESTA DO MAJESTOSO CAMPANÁRIO DE FLORES DA CUNHA. — (Fotos de Dallabilla).

de rezados do Rio Grande do Sul, inclusive do Estado de Santa Catarina, Rio Grande, com satisfação, a cooperação prestada pelo povo em geral e pela Prefeitura Municipal, cuja boa vontade e apoio acionou muito a realização das festividades. Elogiamos, o esforço do Rev. Padre Frei Eugênio, Vigário da Paróquia, que todo fez pela construção da grandiosa obra e a dedicação dos construtores, os quais não mediram esforços e nem tiveram hora.

Memoria dell'arrivo delle Campane di Novo Trento

Voi narvi un bel successo
dun Paese in allegria
se mi fatte compagnia
pianpianin vi spieghero.

Il giorno 3 di giugno
de nove cento e un
le genti a Novo Trento
gera in gran consolazion.

Cosa eh questa gran festa
gratto chevo à mane
i sapeta il suo concerto
di cinque gran campane.

Lá molti passeggiava
sú e giù per la contrá
intanto le campane
su i cari re rivá.

Molti le restá sorpresi
della sua gran beleza
ma poi la gioviná
che noi na mai vidú.

Quei nati nela Europa
ha visto de piú grande
ma nel stato di Rio Grande
le prime é queste qui.

Tanti non ghe credeva
al Padre don Finoti
aprite un poco li ochi
adesso crederi.

Quelo que la promessa
fú proprio veritá
le campane belle grosse
le vedio vardele lá!

Finoti li supplicava
per radunar denari
ma certi enori avari
niente no igá portá.

Piú tosto questi tali
diceva fra di lor
le un prete roba soldi
le un vero borsarel.

Io non dico che Finoti
borsarolo non stá stá
ma il convento e le campane
le stá lu che ha procurá.

La col vaso di fortuna
con la tombola e questando
frá il convento e le campane
ha formá un valore grande.

La piú grossa é la Pietrina
quela è proprio un campanon
puol sentiria ancora i sordi
si vol andare a le Punaio.

E siccome la Pietrina
ramenta il sommo Pietro
la seconda a nome Claudia
che é il nostro amato Vesco!

La terza ben sapete
miei cari par oti
la porta il suo nome
del padre Finoti.

La quar' antoneta
Nome di sant'Antonio
andó dove la chiama
che fugiré il demonio.

I s' quista e la piú picola
má il nome suo e quello
Parissima immacolata
Madre di Dio nel cielo.

Quando le suona tutte
sará gran melodia
noi tutti in compagnia
ringrazieremo il ciel.

Ringraziamo tutti uniti
quela somma Autoritá
le campane a Novo Trento
senza diazo la mandá.

Si rendino par lode
aquí a supplicato questo
Gioschino Mascarello
E' sua Eccellenza Vescovo.

Coralo noi Trentini
e se daccordo noi andea
faremo chissa Nuova
e le campane aven.

A For di Novo Trento
che i dica quel qu' i vol
la prenderá piú stima
l'acquistará piú onor.

Fábrica de Colchas, Tecidos e Artelatos de Seda

SCAVINO, BERTUZZI & CIA.

Rua Tomaz Beltrão Queiroz, 329 - Cx. postal, 53 - Caxias do Sul

GIUSTI ANGELO

Na ocasião, a obra foi descrita como “verdadeira obra de arte, erigido em pedra pura” e como “verdadeiro monumento da fé cristã” (O PIONEIRO, 1949, p. 17). Em relação aos cinco sinos mencionados acima, a reportagem publicou um poema, escrito em dialeto italiano, a respeito de suas simbologias. Ele teria sido escrito por Ângelo Giusti, no momento da chegada dos sinos à cidade. Ao longo do poema, é possível identificar uma narrativa de tom dramático e jocoso a respeito da vinda dos sinos, exaltando a figura do padre Dom Finotti, que, segundo a letra, fora desacreditado por muitos ao tentar trazê-los. Além disso, é possível identificar o estabelecimento de um laço afetivo com os objetos, personificados através de suas nomenclaturas, que representam simbolicamente personagens vinculados a suas trajetórias (O PIONEIRO, 1949, p. 17). Em relação aos sinos, Beneduzi fez apontamentos a respeito de suas relações com as sociedades italianas na época do processo imigratório, refletindo também sobre suas significações reconstruídas pelos imigrantes no Rio Grande do Sul, que o constituíram enquanto um espaço de rememoração de sua terra natal:

O sino, particularmente, traz em si, desde os tempos medievais, a marca da passagem do tempo, do controle da vida quotidiana. Ele ritma a existência humana, enuncia as mudanças, sinaliza as catástrofes e os festejos, seus toques diferentes evocam códigos de sentidos que remetem a acontecimentos e conduzem a ações:

[...]

Na verdade, o sino era um eficaz meio de comunicação ao interno da comunidade, porém se diferenciava do meio de comunicação escrito ou imagético por sua codificação específica, sonora, a qual era composta por uma diversidade rítmica e tonal. A partir dessas múltiplas sonoridades, os eventos comunitários passavam a ser narrados: os nascimentos, os matrimônios, as mortes, inclusive destacando a proveniência social do personagem. Também exercia uma função de alarme em momentos de calamidade, de anunciador do início de guerras e das greves, ainda, anunciava o retorno dos emigrados, especial conectado com o fenômeno em âmbito intra-europeu (BENEDUZI, 2004, p. 138-1390).

No caso do Campanário de Flores da Cunha, para além dos seus aspectos arquitetônicos e de sua apropriação como um símbolo representativo e propagandístico do município, é interessante destacar algumas relações cotidianas que hoje a população local possui com a obra e que, rapidamente, podem ser percebidas pelos forasteiros, bem como identificadas como traços exóticos e peculiares da localidade. O mais comum é a sinalização das horas através do forte badalar dos sinos. Cada vez que os relógios atingem um horário em ponto, os sinos são tocados o mesmo número de vezes, repetindo-se duas vezes por dia a ordem dos números de

um a doze. Por exemplo, quando for três horas da manhã ou três horas da tarde, o sino toca três vezes. Cada vez que os relógios atingem um horário específico e trinta minutos, o sino toca uma vez. Então, quando for três horas e trinta minutos da tarde, o sino tocará uma vez. Esse código local para a sinalização de horários desencadeia um badalar de sinos bastante frequente no cotidiano da cidade, gerando, por um lado, um laço identitário dos seus moradores com a obra e, de outro, um estranhamento dos forasteiros que são surpreendidos pelo barulho, sem entender previamente o que ele representa.

Enquanto morador da cidade, tive a oportunidade de presenciar diversas reações a esse costume. Por parte dos moradores florenses, toda vez que os sinos ou os relógios tem o seu funcionamento interrompido por alguma razão, como para manutenção por exemplo, é comum os moradores sentirem a ausência dessa referência, sobretudo os de idade mais avançada, que dizem estar acostumados a acompanharem as horas pelo campanário. Já por parte dos forasteiros, muitos se assustam ou ficam intrigados quando ouvem os sinos pela primeira vez e, mesmo depois de alguns dias na cidade, geralmente expressam um estranhamento com a prática, gerando, por vezes, risos quando são surpreendidos pelo badalar e já sabem do que se trata. Também é comum relatarem que tiveram dificuldade de dormir a noite devido ao tocar dos sinos.

Outra prática que pode ser inserida nessa descrição, é a de anunciar falecimentos através dos alto-falantes do Campanário. O anúncio, geralmente, costuma ser precedido pelo toque da marcha fúnebre e, após, um padre local relata as informações do falecimento, mencionando nome completo, idade, familiares próximos e informações sobre o velório e sepultamento. Em seguida, a mensagem repete-se novamente. Para os moradores locais, essa prática está bastante disseminada na população, e é comum presenciar as pessoas se posicionando nas janelas dos prédios e nas portas de casas e estabelecimentos comerciais para ouvirem melhor as informações fornecidas pelo padre. Já para forasteiros, o anúncio dos falecimentos costuma ser uma experiência mais impactante do que a marcação do tempo realizada pelos sinos. Além disso, através do badalar e das mensagens dos alto-falantes, ainda são realizados convites para as missas e festividades locais. Assim, identifica-se na cidade de Flores da Cunha alguns dos apontamentos indicados por Beneduzi que remetem à relação simbólica das sociedades italianas no contexto do processo imigratório com os sinos e campanários:

Embora o sino seja elemento de construção identitária e de memória, e levando em consideração todo seu sentido mágico religioso, ele só adquire seu valor de lugar de reconhecimento de uma pertença, ao se combinar com o campanário. Na cultura

italiana, será a expressão *campanilismo*, vinculada a *campanario*, que identificará esse espírito de apego e afeição, às vezes excessiva, pelo lugar de nascimento (BENEDUZI, 2004, p. 140).

Nesse sentido, o Campanário de Flores da Cunha pode ser entendido a partir de uma diversidade de significados. Enquanto uma obra pujante de valor arquitetônico, enquanto um signo de representação e divulgação do município, enquanto um marco de localização geográfica, enquanto um objeto de medição do tempo que embala o ritmo da cidade, enquanto um meio de comunicação da população local e enquanto um espaço de memórias afetivas ativado nos momentos de despedida. Através dessa mescla de significados, o espaço foi se relacionado com a identidade da cidade, tornando-se um espaço querido pela população e um potencial signo de apropriação para a atividade turística.

Ao longo da pesquisa, foi possível detectar momentos em que o campanário foi alvo de disputas e apropriações simbólicas, sendo vinculado ao turismo. Uma delas que julgo ser bastante interessante trazer para a problemática central da pesquisa, ocorreu em outubro de 1986, através da proposta sugerida pelo vereador Oscar Francescato do Partido Progressista (PP) e noticiada pelas páginas do jornal O Florense. Como visto anteriormente, a década de 1980 se trata de um contexto pós 1975, onde iniciaram-se ações de posituação étnica e de projeções de um setor turístico localmente. Logo, trata-se de um momento onde o setor de turismo está iniciando uma busca de espaço localmente. No mesmo ano, de 1986, estava sendo criado o jornal O Florense, que se manteria como único e principal periódico impresso da cidade até os dias atuais. Em um suplemento especial de comemoração aos 28 anos do jornal, comemorado em 2014, foi escrito que:

O jornal O Florense foi fundado em 4 de outubro de 1986 por Carlos Raimundo Paviani, Roque Alberto Zin, Alberto Walter Oliveira e Jayme Paviani. A ideia de ter um veículo de comunicação na cidade surgiu durante a Vindima da Canção, evento musical que acontecia em Flores da Cunha na época, em julho de 1986. Motivados por aquele evento, o atual diretor Paviani e os amigos Zin e Oliveira, discutiam a necessidade de o município ter um meio para fomentar e retratar a cultura local. Depois de três meses de tomadas de decisões o periódico é lançado (O FLORENSE, 03/10/2014, Suplemento Encartado na edição 1337, Especial, p. 2)

Desde então, o periódico pode ser entendido como um espaço de notícia, opinião e diálogo promovidos por uma elite política e cultural do município, que visa registrar, pensar e planejar a cidade. Entre a diversidade de temas abordados pelo jornal, a promoção da identidade

étnica italiana e do turismo é um tema presente em, praticamente, todas as edições do jornal. Diversos agentes que escreveram nas páginas do jornal ao longo dessas décadas, acumularam capital político suficiente para ocupar cargos públicos na esfera municipal, estadual e até mesmo nacional, como será evidenciado à medida que aparecerem nas fontes da dissertação.

A respeito de seus fundadores, Alberto Walter Oliveira foi eleito vereador em 1982 de Flores da Cunha e Prefeito Municipal, em 1988. Além disso, desempenhou as funções de Chefe de Gabinete de Pedro Simon, em 1987, de Secretário Estadual de Turismo de Antônio Brito, em 1995, e Secretário-Chefe da Casa Civil de Germano Rigotto, em 2003. Por fim, foi eleito Deputado Estadual para o mandato entre 2007 e 2010. Desde 1993 é proprietário de uma empresa de urbanismo em Flores da Cunha, localizada, atualmente, ao lado do jornal O Florense.

Já Carlos Raimundo Paviani, é filho de Raymundo Paviani, Prefeito Municipal de Flores da Cunha pelo Partido de Representação Popular (PRP) no mandato de 1952-1955, e pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA) nos mandatos de 1964-1969 e 1973-1977, sendo um dos idealizadores da Festa Nacional da Vindima, cuja primeira edição remete ao ano de 1967 e possui um papel fundamental no desenvolvimento do turismo local. É interessante lembrar que Raymundo Paviani foi o Prefeito Municipal citado na reportagem do jornal Estado de São Paulo, juntamente com Eloy Kunz, a respeito de um projeto de turismo para Flores da Cunha no ano de 1976. Além do cargo de diretor do jornal O Florense, Carlos Raimundo Paviani ocupou os cargos de Secretário de Turismo e Cultura da Prefeitura de Flores da Cunha entre os anos 1989-1993, no mandato de Alberto Walter Oliveira, foi presidente executivo da Festa Nacional da Vindima na sua 8ª edição realizada em 1995, e Diretor do Instituto Brasileiro do Vinho (Ibravin) entre anos de 2003-2019. Ainda sobre a família Paviani, é interessante mencionar que Carlos Raimundo Paviani é irmão de Jayme Paviani, reconhecido intelectual e filósofo da região, que é professor da Universidade de Caxias do Sul desde 1965 e chegou a atuar como Vice-Reitor da mesma universidade. Roque Alberto Zin, sócio fundador do jornal O Florense, por sua vez, também é professor da Universidade de Caxias do Sul desde 2001 na área de Finanças e foi coautor da canção “A que horas passa o trem?”, analisada anteriormente, junto com Carlos Raimundo Paviani, no Festival Vindimas da Canção Popular, de 1985.

Dessa maneira, é importante situar o periódico do jornal O Florense como um espaço de registro, opinião e diálogo a respeito da cidade de Flores da Cunha. Nesse veículo, encontraram espaço para manifestação diversas vozes de uma elite política, cultural e intelectual da cidade. No mesmo sentido, também é importante afirmar que ocuparam o espaço agentes vinculados a uma diversidade de siglas partidárias, com destaque para o PMDB, o PP,

e o PDT, partidos que obtiveram maior espaço no município a partir da redemocratização, momento em que o jornal é fundado. Após a análise de décadas de publicação do jornal, a impressão que fica é de que o espaço no veículo se deu mais pela posição adotada, no sentido de promoção de uma identidade étnica italiana e de um projeto de turismo, do que, necessariamente, a sigla partidária. Nesse sentido, pode-se considerar o periódico como um instrumento de visibilidade e promoção dessa identidade étnica e do setor de turismo florense, desde a década de 1986 até os dias atuais.

Tendo sido realizada essa contextualização, voltando para a proposta de Oscar Francescatto¹¹, foi possível identificar que o vereador tinha como objetivo modificar a legislação para permitir a construção de prédios com até oito pavimentos no município, em substituição da regra vigente que permitia apenas quatro pavimentos. O projeto mobilizou o debate público e sua execução representou uma ameaça para o grupo de agentes que tinha o intuito de construir um setor de turismo para o município, baseado em uma imagem exótica conectada com elementos rurais e coloniais. Nesse contexto, o campanário, símbolo querido pela população florense, foi mobilizado como um signo para combater a proposta em uma nota publicada no jornal O Florense. Naquele contexto, o jornal havia convidado os leitores a mandarem cartas com suas opiniões sobre o projeto. Na edição do dia 15/10/1986, foi publicada uma carta sob o título de “Campanário pode sumir”:

Flores da Cunha ainda não se conscientizou do seu grande potencial turístico, como Gramado, Canela e outras cidades de nossa região. O turismo estimula o comércio, a indústria e os serviços, e garante a absorção de grandes contingentes de mão-de-obra.

Flores da Cunha tem tudo para crescer turisticamente, devido a sua localização geográfica e seus atrativos naturais.

Mas, para isso, é indispensável aliar-se as belezas naturais a um tipo de arquitetura que não agrida, mas sim a realce. Eis, algo que precisa ser preservado a todo custo, evitando que construam prédios que desfigurem a harmonia do visual urbano.

[..]

Não se trata de tentar deter a roda do progresso, mas simplesmente de fazer prevalecer o bom senso. Os visitantes que nos procuram não buscam paisagens agredidas pela especulação imobiliária, nem se interessam pelo panorama monótono e uniforme de grandes edifícios. Querem é exatamente o diverso, o peculiar, o novo.

¹¹ Como exemplo do que foi colocado acima, o próprio Oscar Francescatto do Partido Progressista (PP) ocupou por décadas e continua ocupando a coluna de opinião esportiva do jornal.

Precisamente o que Flores da Cunha tem que saber preservar e realçar (ESTRASULAS, 15/out/1986, Ed. 2, p. 13).

Através da carta, podemos destacar alguns elementos a respeito da construção turística do município. Em primeiro lugar, destaca-se o tom de advertência aos que “ainda não se conscientizaram” dessa potencialidade, aspecto percebido em diversas fontes analisadas, que demonstram o sentimento, ou a estratégia, dos agentes construtores de discursos em prol desse setor: o tom de advertir, ensinar, mobilizar os demais setores da sociedade para o turismo; o desejo de conquistar o espaço do turismo em Flores da Cunha. Em segundo lugar, percebe-se mais uma vez como a cidade é representada a partir da noção de potencialidade turística, projetando uma possibilidade futura. Essas representações foram ativadas para mobilizar recursos, simbólicos ou materiais, para a construção do turismo e da paisagem no presente em que estiveram inseridas. Desse modo, a natureza do texto indica para o contexto da década de 1980, onde o setor de turismo ainda buscava seu espaço e, determinados agentes, estiveram engajados em conscientizar outros setores da cidade. Nesse sentido, a década de 1980 pode ser entendida como um momento de transição para a realização de apropriações e ativações simbólicas de signos municipais, historicamente constituídos como signos identitários, como exemplificado através do campanário, no texto acima.

Nesse caso, a elaboração do discurso é produzida em oposição ao projeto proposto pelo vereador, onde a potencialidade turística aparece como um dos pilares centrais para justificar que o município estava sendo ameaçado pelo aumento das pavimentações autorizadas, sobretudo o desenvolvimento do turismo municipal. Isso se explica pelo fato do autor especificar qual é o projeto de turismo que pensa para o município: “atrativos naturais”, o “diverso, o peculiar o novo”, esses são os elementos escolhidos que devem ser preservados e realçados. Logo, é possível identificar, na fonte acima, traços do projeto de turismo que se almejava construir para a cidade naquela época, com destaque para a exibição, a produção e o realce do exótico, justificada pelo argumento de que é isso que os turistas procuram. Assim, identifica-se um trabalho de construção identitária para a cidade a partir de uma alteridade consciente. Para o grupo em questão, seu realce exótico provém da sua oposição ao visual urbano e, nesse contexto, o autor se vale de uma ativação simbólica do campanário, símbolo que já era querido e consolidado na época, para articular um discurso de defesa de sua posição: além de ameaçar o turismo, o aumento das pavimentações pode fazer com que o campanário desapareça da visão dos cidadãos.

Na edição do dia 26/11/1986, o jornal O Florense apresentou uma pesquisa de opinião sobre o projeto, elencando uma lista de argumentos contrários e favoráveis. Os autores das opiniões não foram identificados e os dados foram publicados como uma reportagem. Entre os favoráveis ao projeto são citados:

- É um atraso para Flores da Cunha a não existência de prédios maiores.
- Haveria menor custo nas obras.
- Seria melhor investimento. Maiores prédios abrigam, em menor espaço, mais pessoas.
- Aumentaria a oferta de apartamentos (O FLORENSE, 26/nov/1986, Ed. 5, p. 5).

Entre os contrários, destaco:

- A cidade não deve perder sua característica de cidade organizada. É uma cidade turística e bonita.
- Prevalendo o cimento, Flores da Cunha só poderá tornar-se um bairro de Caxias do Sul e tudo irá ficando tendencioso como qualquer outra cidade. Devemos optar pelo visual diferente.
- A cidade é um exemplo de tranquilidade e não deve perder essa qualidade.
- A torre, símbolo da comunidade, perderá valor em meio aos prédios, tornando-se insignificante (O FLORENSE, 26/nov/1986, Ed. 5, p. 5).

Segundo a reportagem, o resultado da pesquisa teria sido de 54% dos entrevistados contrários ao projeto e 46% favoráveis. Meu interesse aqui não se tratou de investigar a veracidade representativa desses números, mas, em analisar os discursos e representações que o projeto colocou em circulação, sobretudo no que diz respeito às disputas que envolviam o turismo. Nesse sentido, é possível detectar a construção de um discurso que colocou em oposição dois projetos de cidade naquele momento: de um lado, os que buscavam uma maior urbanização vinculada a uma ideia de “desenvolvimento” e, do outro, os que defendiam a manutenção de um cenário “exótico”, vinculado à ideia de cidade pequena atrelada a um potencial turístico.

A construção de um sentimento de alteridade da cidade em relação a visuais urbanos aparece novamente, dessa vez, apresentando-se em comparação com a cidade de Caxias do Sul e defendido, mais uma vez, a partir do alerta de uma ameaça: perder o seu realce exótico e caracterizar-se como um bairro da cidade vizinha, por compartilhar de seu visual urbano, e

correr o risco de “tudo ficar tendencioso”. Esse discurso vinculava-se à ideia de que a urbanização traria uma uniformização cultural, uma perda das identidades e do realce almejado pelo grupo dos agentes de turismo. Apesar do adjetivo “tendencioso” ser vago e não termos condições de afirmar ao que ele se refere exatamente, supõe-se que pode estar vinculado a um sentimento de “perda das origens” que, a partir da visão de uma identidade étnica expressada pelo grupo defensor do turismo municipal, a cidade vizinha teria passado pela sua forte urbanização. Nesse discurso, o Campanário passar a ser significado também a partir do seu potencial turístico, passa a ser apropriado como símbolo que compõe a exotividade que se deseja preservar, realçar, construir.

No dia 24/12/1986, o jornal O Florense noticiou que a Câmara Municipal havia aprovado o projeto proposto pelo vereador Oscar Francescato (PP) por 7 votos a 3, permitindo a construção de prédios com até oito andares, o que nos indica que o projeto contava com determinada adesão política (O FLORENSE, 24/dez/1986, Ed. 7, p. 3). Contudo, no dia 21/01/1987, foi noticiado que o Poder Executivo, na pessoa do Prefeito Municipal Angelo Araldi do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), vetou a medida (O FLORENSE, 21/jan/1987, Ed. 9, p. 3). Por fim, em reportagem publicada no dia 18/02/1987, o veto voltou à Câmara Municipal, onde precisava de 8 votos (2/3 do total) para ser derrubado, contudo, devido ao resultado de 6 votos contrários ao veto e 4 votos favoráveis, o projeto foi descartado (O FLORENSE, 18/fev/1987, Ed. 11, p. 3). Nesse sentido, é importante destacar a decisiva atuação do Prefeito Municipal no desfecho da disputa, uma vez que Angelo Araldi já havia sido detectado nas fontes da pesquisa na reportagem publicada no jornal O Estado de São Paulo, em 1976, juntamente com Eloy Kunz e Raymundo Paviani.

Por outro lado, é interessante perceber que, no ano seguinte, o jornal O Florense noticiou que “Vereador Francescato sugere Torre como ponto turístico”, no dia 20 de maio de 1988. De acordo com a reportagem:

Na última sessão da Câmara de Vereadores, o Presidente Oscar Francescato sugeriu em forma de indicação ao Executivo Municipal, para que a Secretaria de Turismo inclua no roteiro turístico do Município a Torre da Igreja matriz para visitação do público.

O vereador justificou que um índice muito baixo de nossa população conhece a torre internamente e a maioria nem sequer subiu suas escadas. Muitos gostariam de ver a paisagem belíssima de Flores da Cunha, principalmente os turistas que nos visitam. “É uma boa opção, pois em termos de turismo temos pouco a oferecer”, comenta Francescato.

Para que isto ocorra se faz necessário que a Prefeitura entre em contato com a Paróquia, no sentido de consertar as escadarias que não estão em condições para tal e acertar outros detalhes. Assim, este monumento religioso passaria a ser mais uma atração para os florenses que pouco conhecem e para os turistas que nos visitam, com a vantagem de não gastarem muito! (O FLORENSE, 20/05/1988, Edição nº 46, capa).

Através da reportagem, além de identificar uma ativação simbólica do campanário como um possível símbolo de turismo do município, percebe-se como tanto o prédio em si como o valor do turismo foram apropriados pelos diferentes lados da disputa política anterior, referente ao aumento de andares dos prédios do município. Essa tem sido uma característica constante ao longo da análise das reportagens do jornal O Florense. Raramente, no plano do discurso, existem lados que atacam ou se posicionam contra o “desenvolvimento do turismo”, nesse sentido, mesmo quando existiram dissonâncias entre as lideranças do grupo e os partidos políticos, o valor do turismo costumou atuar como um elemento aglutinador. Além disso, a notícia também pode ser interpretada, por um lado, como uma estratégia de Oscar Francescato de recuar diante da discussão, no intuito de ser não ser taxado como inimigo do campanário ou do turismo, e, por outro lado, por parte do jornal O Florense, como uma forma de evidenciar a vitória em torno do projeto de manter Flores da Cunha como uma cidade de aparência interiorana e exótica, considerada como uma potencialidade turística.

Assim, pouco tempo depois, na data de 11/01/1991, o jornal O Florense publicou uma reportagem especial sobre o Campanário, onde foram realizadas uma série de ativações simbólicas referentes à obra, vinculadas ao seu uso cotidiano e aos seus valores memoriais e identitários, com o objetivo de projetá-la a partir de um uso futuro voltado para o turismo e de angariar recursos no presente para sua preservação e restauração.

Figura 17 – Reportagem do jornal O Florense sobre o Campanário de Flores da Cunha.

O Florense

FLORES DA CUNHA – SÉXTA-FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 1991

O relógio de pulso da cidade

Histórico

A construção do Campanário, ou, Torre, teve início no dia 06 de outubro de 1946. No dia 26 de agosto de 1949 foi colocada a última pedra das 11.122 que o sustentam. Esta ocasião foi comemorada pelos responsáveis, operários e pedreiros com algumas caixas de cerveja e 20 dúzias de fogos de artifício pagos pelas famílias da comunidade.

No dia 30 de outubro o Campanário foi inaugurado e abençoado pelo Bispo Dom José Baréa. Estiveram presentes muitos sacerdotes das paróquias vizinhas, entre eles o Vigário de Caxias do Sul Ernesto Brandalise, o Vigário de São Marcos Dom Henrique Compagnoni, Vigário de Nova Pádua Antonio Alessi, Vigário de Antonio Prado Ernesto Manica, além de muitos sacerdotes, deputados e Valter Jobim, Chefe da Casa Militar de Porto Alegre representando o Governador do Estado. O Bispo Dom José Baréa fez um lindo discurso e o Vigário Frei Eugênio agradeceu a todos os presentes pela colaboração e presença na festa.

Conforme consta no livro tomo da Igreja Matriz, que hoje está guardado na Secretaria Paroquial, "Flores da Cunha nunca viu tão grande multidão". Foram assados 1.400 Kg de carne bovina, 400 galinhas e leitões. Os festeiros foram Anúncio Curra e Orsolina Fontana Curra e o casal Augusto Biazus e Tereza Pontel Biazus.

O vigário Frei Eugênio e a Diretoria da Igreja Matriz colocaram uma lápide de mármore na parede do Campanário com a seguinte frase: "Homenagem aos construtores desta Torre Srs. João Debastiani, Fausto Vezaro, Benjamin Vezaro, José Marin e Humberto Menegat. O Prefeito Pedro Rossi e a Câmara de vereadores colocaram uma placa em homenagem a Frei Eugênio, o idealizador da obra.

O Campanário foi construído com pedras de basalto e possui 55 metros de altura. Ele custou, na época, Cr\$ 369.526,00. O relógio teve um custo de Cr\$ 69.700,00. Depois de um ano de trabalho a Fábrica Schuertner, da cidade de Estrela, o deixou pronto. Os mostradores têm 3 metros de diâmetro e são iluminados durante a noite. O martelo que dá as horas, bate no sino Pierina, que tem o som da nota Mi e pesa 22 Kg.

O Campanário abriga em seu interior 5 sinos trazidos por Dom Finotti da Savóia, França. Eles chegaram em Flores da Cunha no dia 12 de fevereiro de 1911.

O sino Pierina pesa 1.200 Kg e é uma homenagem a Maria Imaculada e São Pedro; o sino Cláudia pesa 600 Kg e tem o som da nota Sol, homenagem a São Cláudio e São João Batista; o sino Dom Finotti ressoa com a nota Si e é uma homenagem a São José e Santo Agostinho, ele pesa 350 Kg. O quarto sino chama-se Antonieta e pesa 150 Kg, é uma homenagem a Santo Antonio de Lisboa. O sino Imaculada é o menor, com 80 Kg em honra a Maria Santíssima.

O Engenheiro Responsável pela construção do Campanário foi Luiz Lessegneur de Farias. O Projetista foi Vitorino Zoni.

Nosso Cartão Postal: o Campanário

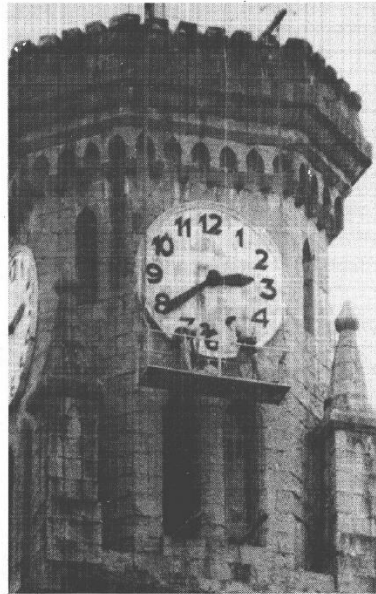
O Campanário, ou Torre, esquecido pelas Administrações e corriqueiro aos olhos da população, encanta os visitantes, inspira poetas e causa questionamentos.

Afinal, além de ser um ponto de referência, presta seus serviços à comunidade: mostra as horas, dá recados através dos altos falantes, dobra seus sinos em dias de festas e de partida de algum ente querido, chama para a Missa e... ponto final.

Na verdade foi o primeiro veículo de comunicação que Flores da Cunha possuiu e muita gente não sabe que ele carrega a memória dos nossos antepassados italianos: a fé, o trabalho e a grandeza dos imigrantes.

Muitos já ouviram contar que o monumento estremece com o badalar dos cinco sinos alojados em seu interior. É verdade.

Todos podem apreciar no entardecer a passara



Os relógios estão recebendo nova pintura.

brincando ao seu redor. À noite os morcegos o rondam e o pára-raio instalado na ponta da cruz, ao alto, protege o centro da cidade em dias de temporal.

Lindo e altivo, ainda acompanhará e povoará a imaginação das crianças de muitas gerações.

O cartão de visitas de Flores da Cunha merece respeito e atenção.

Hipótese

É um projeto ousado, mas, o que pensa o leitor da hipótese de poder subir ao alto do majestoso Campanário e vislumbrar a magnífica paisagem da cidade e da Praça da Bandeira em formato de cálice desenhado pelos canteiros floridos?

Com certeza, nem metade da população já conseguiu ter acesso ao espetáculo e grande maioria dela deseja concretizá-lo.

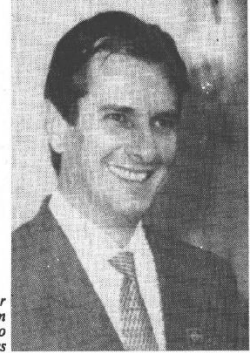
Restauração

Não é a primeira vez que o Campanário da Igreja Matriz recebe melhorias. Os relógios estão sendo pintados e parte das escadarias internas serão reconstituídas, pois são de madeira e estão carcomidas pelo tempo.

Segundo Agenor Meneguzzo atual Presidente da Diretoria Comunitária da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, no segundo semestre do ano de 1990 foi enviado um ofício à Prefeitura Municipal pedindo recursos para ajudar na restauração. O ofício não obteve sequer resposta, e os gastos para as melhorias estão por conta da Comissão.

Para Meneguzzo "se o Campanário fosse transformado realmente em ponto turístico, dando acesso a seu interior, uma estrutura interna teria que ser montada com maior segurança já que a atual é rústica e pode prejudicar o maquinário que movimenta o relógio e os sinos". Ele diz, também, que um estudo aprofundado sobre o assunto teria que ser feito.

A pintura dos relógios, que iniciou no dia 07 de janeiro, está a cargo de Jacir Negri e Pedro Semin, com a colaboração de Justino Semin, Delcir Bordin e Abelardo Negri. (Mirtes Facchin)



Collor virá em Fevereiro à Caxias

Collor abrirá Festa da Uva 91

O presidente Fernando Collor de Mello confirmou, dia 20 de dezembro, ao receber em audiência no Palácio do Planalto a comitiva de Caxias do Sul, que estará presente na abertura da Festa da Uva 91, em 15 de fevereiro. Num encontro descontrado que durou mais de meia hora, Collor conversou com o presidente da Festa da Uva, Alexandre Wisintainer, sua esposa Henriette, rainha Catiana Rossato, princesas Joane Schüller e Flora Magnabosco, prefeito Mansueto Serafini Filho, deputado federal Victor Faccioni e o vice-presidente da Câmara de Indústria e Comércio de Caxias, Antônio Azevedo.

Ao receber do presidente Mansueto um ofício do governador Synval Guazzelli para abrir a Festa da Uva, e outra do presidente Alexandre Wisintainer, Collor se mostrou surpreso e impressionado com o potencial das empresas de Caxias. Impressiona que ele teve ao visitar a Festa da Uva em 1989, ainda como governador de Alagoas.

"Pretendo retornar a Caxias, cidade pela qual tenho admiração devido ao trabalho de sua gente e ver de perto a festa que vocês irão realizar", disse Collor.

O deputado Faccioni disse ao presidente que em fevereiro o processo de saneamento da economia deverá estar chegando ao final e será uma oportunidade excelente para anunciar em Caxias, na terra do trabalho, o início de um período melhor. Collor passou então a falar sobre seu plano econômico salientando que, como um homem otimista, acredita num resultado favorável, mas ponderou que nada pode ser feito sem o sacrifício de todos.

Afirmou que se trata de um plano de ajuste e que necessita da colaboração da comunidade, com muito trabalho e esforço. Collor acrescentou que sua geração acredita no Brasil e acha que está no caminho certo com as medidas adotadas.

Ao saber que o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, que estava ao seu lado na audiência, foi homenageado em Caxias do Sul anos atrás, com o troféu do Imigrante, o presidente prometeu levá-lo junto na abertura da festa; e provocou risos ao fazer uma brincadeira dizendo que o prefeito Mansueto Serafini Filho irá baixar um decreto proibindo a matança de passarinhos em Caxias, como condição para que ele e o ministro da Justiça estejam na abertura da Festa da Uva.

Convite aos ministros

Na visita ao Palácio do Planalto, a comitiva encontrou vários ministros que estavam aguardando para falar com o presidente Collor e aproveitou para formular o convite. Entre eles, o ministro da Saúde, Alenci Guerra; a ministra da Ação Social, Margarida Procopio; o ministro da Educação, Carlos Chiarelli; o ministro da Marinha, Almirante de Esquadra Mário Cesar Flores; e o ministro da Aeronáutica, Tenente-brigadeiro do Ar Sócrates da Costa Monteiro; bem como o assessor econômico da Presidência da República, Celso Marcos Vieira de Souza.

A primeira audiência da manhã foi com o ministro da Agricultura, Antônio Cabrera. Além de garantir sua presença na Festa da Uva, o ministro, atendendo reivindicação do deputado federal Victor Faccioni, feito anteriormente, prometeu vir à região para realizar possivelmente em Caxias uma reunião com os vinicultores, em janeiro, para esclarecer o episódio das empresas cujos nomes foram divulgados como fraudadores. Outro aspecto que entrará na pauta deste encontro, será a destinação dos estoques de vinho da CFP (Comissão Financiadora da Produção). Ele anunciou que na ocasião pretende ter uma definição sobre o preço mínimo da uva.

A tarde a comitiva manteve audiências nas embaixadas do Uruguai, Argentina e Itália, e esteve na Embratur.

Voltando para a questão da disputa política acerca da liberação do aumento do número de pavimentos na construção de prédios, no mesmo ano, no dia 24/05/1991, o assunto voltou a ser mencionado nas páginas do jornal O Florense. Através de uma nota intitulada “Todos têm direito aos raios solares”, Raymundo Paviani, ex-Prefeito Municipal, escreveu que:

Na manhã de 12 de abril estava eu tentando desobstruir o boeiro da entrada da minha residência. Ao levantar a cabeça deparei-me com o simpático jornalista que me fez a entrega do “O Florense”. Embora estando com as mãos embarradas, consequência do trabalho, não resisti dar ao menos uma olhada nos títulos do jornal, e na página 3 estava a notícia, os OITO ANDARES, etc. Confesso que fiquei surpreso, achava que este assunto estivesse morto e sepultado. Peço licença ao leitor para tentar externar minha opinião, apesar de saber que não sou dono da verdade. Talvez a experiência do passado, ligada na defesa dos mais humildes me autoriza a escrever.

[...]

Não sou contra os oito ou mais andares, porém deve-se planejar para não fazer sombra aos vizinhos, estudar a estrutura que possui nossa cidade, estacionamento de carros, os condutores dos telefones, cabos ou fios elétricos, tubulação existente de água potável e esgoto cloacal. Em nossa cidade o esgoto é pluvial adaptado para esgoto de sanitários e a água servida. Por quantos anos poderão os mesmos suportar?

Tudo isso depende de estudos e de planejamento realizados por técnicos que definirão um plano diretor, o qual mostrará o outro lado da face de nossa cidade. Esta poderá um dia transformar-se em uma cidade realmente turística, mas preferencialmente com seus moradores sentindo-se bem com o sol entrando em suas moradias (PAVIANI, 24/mai/1991, Ed. 135, p. 2).

A coluna mostra que a disputa em relação ao projeto de cidade, detectado no meio da década de 1980, perdurou por anos e invadiu a década de 1990. Este tipo de fonte serve, por um lado, para evidenciar que a cidade encontrada no presente, invariavelmente, é fruto do resultado de suas disputas que, muitas vezes, tendem a ser esquecidas ou silenciadas com o passar do tempo. Nesse caso, percebemos que, durante a transição da década de 1980 para a de 1990, o projeto de elaborar a cidade a partir de uma paisagem que poderia ser ativada simbolicamente pelo turismo estava sendo defendido perante outras propostas. Nessa dinâmica, o jornal O Florense pode ser descrito como um espaço que, muitas vezes, reuniu esses discursos e os colocou em circulação até os tempos atuais. Através do estudo de seu acervo, foi possível identificar alguns dos agentes vinculados a esse projeto e detectar a formação de redes através das quais o turismo local se desenvolveu e as representações da cidade passaram a ser construídas. No caso exemplificado, Raymundo Paviani, detectado como um agente promotor

do turismo através da criação da Fenavindima, em 1967, e na reportagem do Estado de São Paulo, em 1976, dessa vez, aparece assinando uma coluna no jornal de seu filho. Na ocasião, o ex-prefeito defendia um projeto de cidade turística, opondo-se a um projeto de urbanização da cidade, através da construção de um argumento baseado no direito de todos os cidadãos terem acesso aos raios solares e pelo alerta de problemas que a urbanização poderia causar, como na área de saneamento básico, por exemplo.

Ao longo da pesquisa, veremos que outros agentes assinaram textos e posicionamentos no jornal a respeito do campo turístico e apesar de não me guiar por uma investigação que vise evidenciar a formação de redes, busquei identificar esses agentes com o intuito de mostrar que o turismo e a paisagem da cidade são produtos de construção social e disputas. Diante disso, à medida que a pesquisa se desenvolveu, foi possível perceber na leitura e análise das fontes, a formulação de uma espécie de projeto de turismo para o município, entendido por mim como um conjunto de ideias almejado por determinado grupo de agentes, os quais não atendem às características de um grupo fechado ou organizado, mas, na verdade, cujos integrantes variaram ao longo do tempo e a fronteira do grupo foi estabelecida pela adesão ao projeto almejado. Nesse contexto, pode-se identificar o jornal O Florense como um espaço de expressão, debate e cobrança de parte desse grupo de agentes, atuando também, ao mesmo tempo, como uma espécie de agente de enquadramento das identidades e representações acerca da cidade e de seus moradores, onde suas representações a partir da descendência italiana ganharam destaque.

Voltando à questão do Campanário, recentemente, em outubro de 2019, a Torre foi tombada como um Patrimônio Histórico Municipal. Dessa maneira, transferindo a análise da década de 1990 para a década de 2010, é importante pontuar que tratam de contexto distintos. Nesse momento, o setor de turismo da cidade encontra-se em uma fase de maior consolidação, onde uma diversidade de espaços, públicos e privados, vem recebendo investimentos para atuarem no ramo. De acordo com reportagem do jornal O Florense:

É por sua singularidade especial e por ser um dos principais símbolos de Flores da Cunha que o Conselho Municipal da Cultura aprovou, na última semana, o tombamento histórico do campanário da Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes. No ano em que complete sete décadas, o gigante de Flores entrará para a lista dos bens preservados de Flores da Cunha. A partir da aprovação do Conselho, o ato será encaminhado para decreto do poder executivo. Conforme, a presidente do Conselho Municipal da Cultura, Lorete Calza Paludo, após o tombamento será realizado um projeto de restauração do campanário, que por meio de captação de recursos visa realizar alguma melhorias na torre, como iluminação e reforma na área interna. O

intuito da restauração é tornar o campanário um local de visitação como um ponto turístico, onde o visitante possa subir no alto dos seus 55 metros de altura (JORNAL O FLORENSE, 06/10/2019, Edição Nº: 1586, p. 13).

Na reportagem acima, percebe-se que a preservação e restauração do Campanário são justificadas a partir de sua transformação em um ponto turístico, tornando visível a ativação simbólica da edificação por parte desse setor. Pode-se compreender o ato como uma ação complementar do movimento que defendo aqui que a cidade de Flores da Cunha vem passando na última década, de fortes investimentos voltados para a transformação paisagística, guiados por mobilizações do setor de turismo. Nesse sentido, podemos entender como o projeto de turismo futuro e a mobilização de recursos se relacionam: os investimentos na paisagem são realizados no intuito de desenvolver a potencialidade turística da cidade e, por outro lado, a potencialidade turística é utilizada como discurso para mobilização de recursos no presente. No entanto, é interessante destacar como uma projeção detectada nas décadas de 1980 e 1990, de ativar simbolicamente o campanário como símbolo turístico e mobilizar recursos para sua preservação, concretizou-se na década de 2010, evidenciando um sucesso na permanência e execução do projeto de desenvolvimento turístico da cidade.

Nesse sentido, em dezembro de 2021, o Conselho Estadual de Cultura aprovou o projeto de Restauo e Requalificação do Campanário da Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes, de Flores da Cunha (JORNAL O FLORENSE, 2021). Em 19 de janeiro de 2022, o jornal O Florense publicou uma reportagem intitulada de “Um novo olhar para o imponente símbolo florense”. Nela, o campanário é descrito como “um símbolo que traduz a fé e o trabalho do povo de Flores da Cunha” e informa que o projeto de restauração e requalificação da obra foi aprovado através da Lei de Incentivo à Cultura, permitindo que empresas do município deduzam ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) pago para investir na obra (TOSETTO, 14/jan/2022, Edição nº 1698, p. 11). A reportagem também traz o depoimento de representantes de diferentes entidades vinculadas com a restauração, as quais julgo ser interessante reproduzir aqui para analisar as simbologias e apropriações realizadas do campanário:

De acordo com a presidente da Associação do Museu, Lorete Maria Calza Paludo, o objetivo principal da entidade é a preservação do patrimônio material e imaterial de Flores da Cunha. “Quando surgiu a necessidade, como fizemos com o cemitério – Campo Santo dos Imigrantes – e como fizemos com o Museu, nós assumimos também o Campanário, tendo em vista que é o maior símbolo de Flores da Cunha, não só por

fé ou por religiosidade, também, mas por todo um trabalho”, informa. “Nós sabemos que mais de 1400 pessoas trabalharam na construção desse Campanário, então ele é um trabalho de muitas mãos, ele representa o trabalho, que é um pilar forte da nossa cultura, e ele representa a fé, que é outro pilar muito forte de nossa cultura, então ele é quase completo. E não esquecendo que foi o nosso primeiro meio de comunicação, e continua sendo”, completa Lorete, que também é professora.

[...]

Foi um grande desafio. A comunidade toda ajudou. Quem não podia ajudar financeiramente, ajudou com dias de trabalho. Isso foi muito importante. E tudo tem histórias, os sinos, os relógios. Ele é um monumento, um símbolo de Flores da Cunha muito forte e ele deve ser preservado”, enfatiza a presidente (TOSETTO, 14/jan/2022, Edição nº 1698, p. 11).

É possível perceber como as ativações simbólicas da obra, em seu momento de restauro, remetem para a fé, o trabalho e o espírito comunitário, traços da identidade étnica construída pelos italianos e seus descendentes no município e que, em determinados momentos, foi sendo apropriada por um enquadramento da identidade florense, sem necessariamente manter sempre o rótulo italiano. Diante desse cenário, é importante colocar, mais uma vez, que o contexto das décadas de 2010 e 2020, quando são mobilizados os recursos para o tombamento e restauração da edificação, são distintos das décadas de 1980 e 1990. Conforme colocado anteriormente, as décadas de 1980 e 1990 representaram um cenário onde o setor de turismo local buscava um espaço reconhecido, ainda executando as primeiras modificações da paisagem guiadas para o recebimento de turistas. As décadas de 2010 e 2020, por sua vez, até o presente momento da pesquisa, vem mostrando sinais de ser um contexto onde esse setor já se encontra em um estado mais consolidado, apresentando um grande número de marcas e modificações da paisagem. Nesse sentido, ao ter sucesso em se apropriar da edificação, os agentes de turismo local passam a ativar simbolicamente o bem de diversas maneiras:

A restauração e a requalificação do símbolo florense também mostra que a administração pública está preocupada com a história. “Estar do lado de fora, apreciando, olhando, contemplando, sendo impressionada ainda hoje pela construção que foi feita em 1946, é impossível ignorarmos e ficar alheio da importância desse monumento para Flores da Cunha em toda a sua história cultural. Ele reúne muitos elementos, traz muitas informações, muitas referências e merece ser preservado, requalificado, iluminado, vai dar uma atenção nova à centralidade”, esclarece a diretora de cultura do município, Nata Francisconi (TOSETTO, 14/jan/2022, Edição nº 1698, p. 11).

No depoimento acima, percebemos que a requalificação da obra também passa a compor um projeto de qualificação visual para o seu entorno, demonstrando que esse também é um projeto paralelo da administração pública nesse contexto. O projeto de revitalização do pórtico de entrada, analisado no capítulo anterior, que se estende pela Avenida 25 de Julho pode ser considerado uma ação complementar desse ideal, por isso, será analisado ao fim desse capítulo. Essa constatação nos leva a refletir acerca da ampla variedade de valores que podem ser ativados a partir dos patrimônios históricos e culturais: memorialísticos, identitários, paisagísticos, turísticos, educativos, econômicos, entre outros. Ainda segundo a reportagem:

Iniciado em 2020, o projeto contempla intervenções no monumento que compreendem ações para correção das lesões do sistema construtivo em pedra, bem como dotar o conjunto com equipamentos contemporâneos para as instalações elétricas e luminotécnica, automação do relógio e sinos, nova cruz, acessibilidade ao pavimento térreo, cobertura e tratamento do entorno imediato.

Além das intervenções de conservação e qualificação do Campanário, o projeto também contempla uma exposição a ser realizada no térreo, oficina de fotografia e a publicação de um livro histórico, ações que tem como objetivo valorizar e fomentar o patrimônio cultural de Flores da Cunha.

“Pretendemos iniciar o projeto ainda neste ano e, ao longo de 2022 e 2023, a população poderá acompanhar a execução dessa obra que, sem dúvida alguma, vai contribuir sobremaneira para a valorização e preservação da cultura local e também incentivar o turismo cultural”, relata a gestora cultural, Cristina Seibert Schneider.

O valor total do projeto é estimado em R\$ 1,8 milhão, sendo aproximadamente R\$ 200 mil recursos advindos da prefeitura de Flores da Cunha e R\$ 1,6 milhão solicitados ao Sistema Pró-Cultura LIC RS (TOSETTO, 14/jan/2022, Edição nº 1698, p. 11).

Já no dia 20 de maio de 2022, o jornal O Florense publicou a reportagem “Lançado o projeto de restauro e requalificação do Campanário”. Nela, foi informado que as obras iniciaram na sexta-feira, dia 20 de maio de 2022, e as empresas Móveis Florense, Hidrover e Mineração Florense foram divulgadas como patrocinadoras da obra¹². Além das empresas envolvidas, é

¹² Tratam-se de três empresas com sedes na cidade de Flores da Cunha. A Móveis Florense foi fundada em 1953 no próprio município e atua no setor moveleiro. A Hidrover Equipamentos Hidráulicos é uma indústria internacional, fundada em 1974, que atua no segmento de cilindros hidráulicos e, em 2015, mudou suas operações no Brasil para a cidade de Flores da Cunha. A Mineração Florense é uma empresa de atuação na área da construção civil, fundada em 1992, com sede em Flores da Cunha. Das três empresas, é importante destacar que a Florense já havia contribuído, no mesmo formato, para a restauração do bem patrimonial Casarão dos Veronese, entre os anos de 2015 e 2017. O caso será mencionado no terceiro capítulo da presente dissertação.

interessante destacar o nome de Cristina Seibert Schneider, que concede depoimento à reportagem e é identificada como gestora cultural do projeto. Cristina é graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), mestre em História pela mesma universidade, doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo realizado estudos na área na Espanha, e atua profissionalmente como professora das Escolas de Humanidades, Indústria Criativa e Gestão de Negócios da UNISINOS. Nesse sentido, a presença de Cristina indica que esse movimento de modificação da paisagem, envolvendo espaços públicos, realizado em Flores da Cunha durante as décadas de 2010 e 2020 contou com a atuação de profissionais qualificados e externos ao município, trazendo para a localidade experiências de outros lugares. Contudo, o principal motivo para o nome de Cristina ter prendido minha atenção deveu-se ao fato de reconhecer a atuação da profissional em um caso anterior de restauro de um bem patrimonial na cidade. Trata-se da restauração do bem patrimonial Casarão dos Veronese, abordado no último capítulo dessa dissertação, ocorrida entre os anos de 2015 e 2017. Na ocasião, a obra foi realizada de maneira similar, através do patrocínio de empresas locais via Lei de Incentivo à Cultura, sendo que a Móveis Florense foi uma das envolvidas. Ou seja, a partir desse ponto da pesquisa, passei a compreender esse projeto de renovação paisagística e urbana que Flores da Cunha protagonizou na década de 2010, e segue protagonizando durante a década de 2020, como resultado de um *modus operandi* bem sucedido, colocado em prática por agentes de turismo local, que visou integrar paisagem urbana, patrimônio histórico e turismo. Por fim, ainda de acordo com a reportagem, o ato de lançamento da obra de restauração do Campanário contou com a assinatura do contrato, entre os proponentes e a empresa responsável pela sua execução, e com a presença de Beatriz Araujo, secretária de Cultura do estado do Rio Grande do Sul. Através de um breve trecho de sua fala, é possível perceber que o Campanário foi significado como espaço de preservação da memória e como signo vinculado com a cultura italiana, colocada, por sua vez, como uma dentre várias etnias que compuseram a riqueza e a diversidade do Rio Grande do Sul:

Em sua fala, Beatriz Araujo enfatizou a relação do projeto com a cultura italiana, presença forte no município em função dos imigrantes que se estabeleceram na região e [tiveram] grande influência para a construção do Campanário, há 73 anos. “É uma alegria poder viabilizar projetos que trazem em sua natureza a preservação da fala e da memória daquelas pessoas que construíram a cultura, que fizeram o nosso estado ser rico, diverso, com tantas etnias” (FIORIO, 2022).

Atualmente, em janeiro de 2023, momento da escrita do presente capítulo, quem passa pelo centro da cidade consegue presenciar o Campanário em manutenção. Momentaneamente, os relógios estão parados, assim como o badalar dos sinos e os alto-falantes que permanecem em silêncio. No seu entorno, os tapumes das obras foram ilustrados com obras de arte. A ação fez parte do projeto “Eu crio por aqui”, lançado na semana de comemoração do Dia Estadual do Patrimônio Cultural, comemorado em 17 de agosto.

Figura 18 – Foto do Campanário de Flores da Cunha em obras.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 05 jan 2023.

Figura 19 – Tapumes ilustrados no entorno do Campanário em obras.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 05 jan 2023.

Dessa maneira, a trajetória do Campanário de Flores da Cunha ajuda a entender parte do processo de construção do setor de turismo na cidade. Trata-se de uma obra arquitetônica, cuja construção, no princípio, foi significada através de traços de uma identidade local (religiosidade católica, aptidão ao trabalho e espírito comunitário), os quais se relacionam com elementos presente na construção de uma identidade étnica de descendentes de imigrantes italianos. Desde a década de 1980, o setor de turismo local, apropriando-se da diversidade de valores (arquitetônico, histórico, identitário) que a edificação permite ativar, passou a mobilizar ações e recursos para sua transformação em um atrativo turístico. Essa ativação simbólica perdurou ao longo da década de 1990 e passou a se consolidar através da projeção de um uso futuro da edificação para visitas de turistas. Recentemente, no intervalo de 2019 e 2023, essa projeção ganhou materialidade quando o Campanário passou por um processo de tombamento municipal e restauro, inserido em um contexto de revitalização de um conjunto de espaços urbanos de Flores da Cunha, caracterizado por estratégias que envolvem um *modus operandi* colocado em prática por uma diversidade de agentes de turismo locais. Nesse sentido, a ação pode ser entendida como mais um indício do contexto presente, inaugurado, sobretudo, a partir das décadas de 2010 e 2020, de intensa transformação paisagística guiadas por interesses do setor de turismo local.

2.2 – Identidade étnica e demarcação de fronteiras: Marcas da italianidade e do catolicismo nos monumentos do entorno da Praça da Bandeira

De volta para o relato da saída de campo, é possível perceber que, compondo o cenário do entorno da Praça da Matriz, outros elementos se mesclam com a Igreja Nossa Senhora de Lourdes e com o Campanário para desenhar o visual que o visitante pode entrar em contato. Na presente seção, busquei analisar, brevemente, os monumentos que compõe o espaço e as mensagens simbólicas apresentadas por eles aos turistas que, curiosos, em busca de leituras da cidade, podem se deparar com essas marcas da paisagem, assim como os próprios moradores locais que por lá circulam cotidianamente. Assim, foram analisados na presente seção dois monumentos: o de São Pedro Apóstolo, construído em 1977, e do Leão de São Marcos, construído em 2013, portanto, ambos inseridos em um contexto de positivação das identidades étnicas dos descendentes de imigrantes italianos.

Assim, em frente ao Campanário e bem próximo à rua, localizada na esquina da Avenida 25 de Julho com a rua Dr. Montaury, pode-se ver uma grande Estátua de São Pedro Apóstolo. De acordo com o *website* da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, a ideia de construir o monumento surgiu durante a realização da festa de São Pedro, em 1975, e foi inaugurado em 1977, com o objetivo de comemorar o Centenário da Colonização Italiana de Flores da Cunha. Seus idealizadores foram o prefeito Raymundo Paviani e o arquiteto Angelo Guizzo Neto, enquanto seus construtores foram Alcides Jose Corso, Beijamin Silvestre, Sílvio Oliboni, Zulmiro Fontana e Guerino Chescon. A obra, realizada pela firma Zambelli Cia Ltda de Caxias do Sul, foi uma réplica ampliada da já mencionada imagem de São Pedro, que está no interior da Igreja Matriz, e seu pedestal foi uma réplica do pedestal de uma imagem de São Pedro, do Vaticano. A estátua foi fabricada em cimento e pó de mármore e pesa aproximadamente duas toneladas, juntamente com a base ela mede seis metros de altura (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES, 2015).

Figura 20 – Foto da estátua do apóstolo Pedro, próxima ao Campanário de Flores da Cunha.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 05 jan 2023.

Como visto anteriormente, a simbologia da imagem tem vínculo com a fundação da cidade, que teria surgido a partir do povoado de São Pedro, sendo assim, houveram esforços para manter o culto do padroeiro desde aquela época até os dias atuais. No dia 09 de maio de 2014, por exemplo, o jornal O Florense noticiou que foram investidos R\$ 2,5 mil pela Paróquia Nossa Senhora de Lourdes para a restauração da estátua, no intuito de lavar a imagem, consertar rachaduras e reforçar a pintura, uma vez que a festa de Corpus Christi, muito difundida no município de Flores da Cunha, estava se aproximando (BAGGIO, 09/05/2014, Edição N° 1316, p. 11). Contudo, somada à simbologia de fundação do povoado de São Pedro, a estátua pode ser lida também como um símbolo da religiosidade católica do município, bem como uma marca da imigração italiana. Nesse sentido, para o turista que buscar ler a cidade, a estátua

reforça esses aspectos da identidade étnica construídos com bastante intensidade na RCI a partir do ano de 1975.

Já do outro lado da Avenida, localizada na Praça da Bandeira, próxima à esquina da Avenida 25 de Julho com a rua John Kennedy, pode ser avistada a estátua de um leão, no alto de um grande pedestal.

Figura 21 – Estátua do Leão Alado de São Marcos na Praça da Bandeira.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

De acordo com uma reportagem do jornal O Florense, publicada em junho de 2013, trata-se da imagem do Leão Alado de São Marcos. A estátua foi um presente da região do Vêneto, na Itália, e integra o projeto *Leoni Nelle Piazze*, que visa presentear cidades brasileiras marcadas pela imigração italiana. A ação foi realizada através de uma parceria entre o Comitato Vêneto do Rio Grande do Sul (Comvers) e o Circolo Vicentino de Flores da Cunha¹³. Na ocasião, juntamente com Flores da Cunha, outras quatro cidades receberam o monumento, Antônio Prado, Santa Tereza, Sobradinho e Ilópolis, das quais todas possuem o acordo de *gemellagio* (O FLORENSE, 07/jun/2013, Edição nº: 1269, p. 9). Dessa maneira, a construção da estátua está inserida em um contexto onde a memória e a identidade étnica dos descendentes de italianos encontram-se bastante consolidada no município, sendo a década de 2010 um período caracterizado pela inserção e revitalização de diversas marcas da paisagem vinculadas a esse rótulo identitário, bem como um período onde foi possível identificar diversas ativações simbólicas dessa identidade realizadas pelo setor de turismo local.

De acordo com o site oficial do Comitato Vêneto do Rio Grande do Sul (COMVERS):

O projeto *Leoni Nelle Piazze* (Leão nas praças) é uma homenagem à presença dos descendentes Venetos no Rio Grande do Sul, e também a valorização das comunidades italianas e venetas protegidas como patrimônio histórico, arquitetônico e artístico do Brasil e que tem estabelecido o *gemellagio* com as comunidades venetas na Itália (COMITATO VÊNETO DO RIO GRANDE DO SUL, 201X).

Além disso, a lista de critérios de seleção das cidades escolhidas levou em consideração os seguintes fatores: “Possuir o título de patrimônio histórico da arquitetura veneta e italiana no Brasil e/ou já ter estabelecido o pacto de amizade ‘*gemellagio*’” (COMITATO VÊNETO DO RIO GRANDE DO SUL, 201X). Nesse sentido, Flores da Cunha foi escolhida por ser “cidade irmã com Sospirolo na província de Belluno e por representar as antigas colônias italianas fundadas a partir de 1875 ao redor de Caxias do Sul. Denominada no início da colonização como Nova Trento¹⁴” (COMITATO VÊNETO DO RIO GRANDE DO SUL, 201X).

¹³ Através da leitura das reportagens mencionadas, foi possível identificar os seguintes agentes vinculados ao projeto: Cesar Augusto Prezzi como consultor da Região Vêneta para o Rio Grande do Sul, Alvírio Tonet como presidente do Comvers, o escultor Enrico Pasquale como autor das estátuas e Daniele Stival como Secretário de Estado do Vêneto para os Fluxos Migratórios. As estátuas foram identificadas como presentes do governo do Vêneto Italiano. De modo geral, o projeto é apresentado como uma ação de expansão simbólica do Vêneto em zonas de colonização, onde as cidades mencionadas atenderam aos requisitos para serem contempladas (O FLORENSE, 07/jun/2013, Edição nº: 1269, p. 9) (BAGGIO, 21/jun/2013, Edição nº 1271, p. 6).

¹⁴ Como mencionado no capítulo anterior, esse é um exemplo de como a antiga nomenclatura da cidade segue sendo rememorada e ativada simbolicamente com o objetivo de evidenciar as origens italianas do município.

Em reportagem publicada pelo jornal O Florense, sob a manchete de “Um percurso da memória italiana”, no dia 21 de junho de 2013, a ação foi explicada da seguinte maneira:

Homenagear, lembrar e valorizar. Esses são alguns dos objetivos buscados pelo governo italiano e por entidades ligadas à Itália no Brasil ao trazer para o país um dos símbolos mais significativos para imigrantes e moradores da região do Vêneto, no Norte da Itália. O leão alado, ou *Leone di San Marco* (Leão de São Marcos) é considerado uma representação de proteção, paz e, principalmente, tradição cristã. O projeto *Leoni Nelle Piazze* (Leão nas Praças) vai contemplar Flores da Cunha e outros quatro municípios da região, comemorando os 138 anos da imigração italiana (BAGGIO, 21/jun/2013, Edição nº: 1271, p. 6).

A presença do monumento pode ser entendida como mais um indício do processo de transformação paisagística que a cidade de Flores da Cunha protagonizou a partir da década de 2010, somando-se ao restauro do Casarão dos Veronese (2015-2017), à inserção do canteiro de uva e da placa do *gemellagio* no pórtico de entrada da cidade (2016), ao tombamento e restauro do Campanário (2019-2023), entre outros. De modo geral, esses elementos passam a marcar a paisagem através dos traços de vinculação dos italianos com a fundação da cidade e da marca da religiosidade católica em sua cultura. Voltando para a reportagem, a mesma oferece a seguinte leitura a respeito do monumento:

Um símbolo antigo com testemunhos arqueológicos, sobretudo na Ásia Menor, o leão alado é a marca de um território, símbolo de paz e convivência civil. Em toda região do Vêneto – formada por sete províncias italianas – são encontrados monumentos, escudos e símbolos do leão alado, mesmo antes do século 5 a.C. Acima de qualquer ideologia ou manifestação política, o leão passa a ser símbolo de um povo e sintetiza um percurso histórico de mais de um século (BAGGIO, 21/jun/2013, Edição nº: 1271, p. 6).

Ou seja, além da evocação da tradição cristã e da imigração italiana, o leão alado é evocado como um símbolo de pacificação e união, convivência civil, que deve superar qualquer ideologia ou manifestação política. A frase é curiosa, uma vez que se o leão não representasse nenhuma ideologia, não seria necessário o pedido de colocá-lo acima de outras manifestações. De certo modo, é inevitável não interpretarmos essa simbologia como uma tentativa de pacificação social em torno de uma homogeneização simbólica para a cidade, sob o rótulo da cristandade e da italianidade. Outro aspecto interessante de se destacar é a forma como a

antiguidade do símbolo e suas evidências arqueológicas são evocadas com um tom de autoridade e legitimação para sua instalação, conectando, de certa forma, aqueles tempos passados e longínquos com a presente realidade estudada.

Também julgo interessante trazer aqui as significações fornecidas por agentes vinculados ao projeto para a reportagem do jornal, no intuito de identificarmos de que maneira a instalação do monumento foi ativada simbolicamente. Cesar Augusto Prezzi, consultor da Região Vêneta para o Rio Grande do Sul, destacou a estátua como uma representação dos imigrantes e seus descendentes, que vivem no exterior:

Estou convicto de que o símbolo da República Veneziana é também o símbolo de milhares de famílias e de descendentes no Exterior. Para levar adiante esta iniciativa o percurso foi longo, aproximadamente três anos de trabalho para estudar, apresentar e aprovar o projeto junto ao governo do Vêneto e aos municípios do Rio Grande do Sul (BAGGIO, 21/jun/2013, Edição nº: 1271, p. 6).

Já Alvírio Tonet, presidente do Comvers, entendeu a estátua como um signo que une de forma representativa os vicentinos com os florenses:

É um símbolo que representa muito bem os vicentinos e o povo daqui. É um momento bonito para nós e para eles. Foram anos de trabalho, sempre dando prioridade ao projeto pela sua importância, história e trajetória. Sinto-me feliz e muito entusiasmado (BAGGIO, 21/jun/2013, Edição nº: 1271, p. 6).

Por sua vez, Everton Scarmin, secretário de Turismo, Indústria, Comércio e Serviços de Flores da Cunha, entendeu a estátua como um presente do governo italiano e valorizou a contribuição paisagística que a mesma pode oferecer para a Praça da Bandeira e seu entorno:

Esta é uma iniciativa muito importante. Com as reformas que a Praça da Bandeira irá receber, o leão será destaque. Foi um presente do governo italiano e nos sentimos honrados (BAGGIO, 21/jun/2013, Edição nº: 1271, p. 6).

Por último, para além das ativações simbólicas realizadas pela reportagem do jornal e pela leitura das autoridades vinculadas com o projeto, gostaria de analisar as simbologias que o próprio monumento oferece a qualquer apreciador da paisagem, seja visitante ou morador local, que cruzar com ele. Em uma das placas fixadas em seu pedestal, juntamente com a

assinatura das autoridades envolvidas no projeto, destaca-se a seguinte mensagem, grafada em ambos os idiomas, português e italiano:

Foi este monumento erigido para celebrar - *Fu questo monumento eretto per celebrare*
os fortes laços históricos e culturais entre – *i forti legami storici e culturali*
a cidade de Flores da Cunha-RS, Brasil – *tra la città di Flores da Cunha-RS, Brasile*
e a Região do Vêneto, Itália – *e la Regione del Veneto, Italia*

Em outra das quatro faces do pedestal, é possível ler uma ampla inscrição a respeito da estátua, disponível na íntegra na foto abaixo. Contudo, penso ser interessante destacar aqui algumas das simbologias oferecidas pelo trecho:

Para assinalar os 138 anos de história da imigração italiana no Estado, o COMVERS [...] com a colaboração de municípios gaúchos que possuem pactos de amizade com diversas cidades italianas [...] oferecem à comunidade gaúcha esta escultura do Leão Alado do Evangelista Marcos que representa a Região do Vêneto – Itália, sendo também símbolo da antiga República de Veneza, conhecida como La Serenissima.

O Leão Alado é símbolo de majestade, potência e justiça tem em seu livro a inscrição em latim “*PAX TIBI MARCE, EVANGELISTA MEVS*” que significa PAZ A TI MARCOS, EVANGELISTA MEU.

A escultura do Leão Alado está posicionada com a sua cabeça voltada para a cidade de Veneza simbolizando a forte relação de amizade e vínculo entre o povo brasileiro e o povo italiano.

Em seguida, a inscrição estabelece relações simbólicas entre o material e as proporções utilizadas para a sua composição com aspectos da identidade dos italianos e de seus descendentes:

Sua altura e seus blocos de basalto – pedra típica da região de colonização italiana – representam as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes italianos.

A coluna [...] Apresenta sete tambores em concreto que correspondem às sete províncias vênetas – *Belluno, Padova, Rovigo, Treviso, Venezia, Verona e Vicenza*. São intercalados por anéis em aço inoxidável que simbolizam a aliança permanente entre as cidades do Brasil e da Itália. O concreto – mistura de água, cimento, pedra e areia – representa a miscigenação de culturas que resulta em algo consistente e duradouro enquanto que o aço inoxidável dos anéis e do capitel representa o progresso tecnológico alcançado pelos descendentes dos imigrantes italianos.

Este monumento perpetuará no Brasil, como obra de arte que eleva o símbolo máximo dos vênets no mundo, espírito de paz, a convivência civil e as tradições culturais de ambos os povos.

Dessa maneira, é possível interpretar a instalação do monumento do Leão de São Marcos na Praça da Bandeira de Flores da Cunha, em 2013, através de uma diversidade de significados. Em primeiro lugar, é possível inserir a ação no contexto de transformação da paisagem, vinculada a traços italianos e católicos, intensificada a partir da década de 2010. No mesmo sentido, pode ser interpretada como uma ação característica do grupo de italianos e seus descendentes do estado do Rio Grande do Sul, de construir sua identidade étnica a partir das relações e marcas estabelecidas com a paisagem. Em segundo lugar, sua execução pode ser entendida como um ato de expansão das possibilidades de vivências dos descendentes de imigrantes italianos, fornecidos por programas de natureza como o *gemellagio* e o *Leone Nelle Piazze*, que visa construir ligações geográficas e culturais, bem como redes de intercâmbio, entre localidades da região do Vêneto e determinadas zonas onde houve colonização da mesma. E, por fim, no momento em que a cidade de Flores da Cunha se projeta através de traços de uma identidade étnica italiana com fins turísticos, a instalação do monumento pode ser lida como um ato que auxilia a construir um estereótipo de paisagem caracterizada pela cultura italiana.

2.3 – O Salão Paroquial Nossa Senhora de Lourdes e as Festividades: A construção da identidade étnica e do turismo através da Festa Nacional da Vindima

Dando continuidade à análise do entorno da Praça da Bandeira de Flores da Cunha, na esquina próxima ao Campanário localiza-se o Salão Paroquial Nossa Senhora de Lourdes, espaço que, atualmente, abriga e promove uma série de eventos comunitários. Ao investigar sua construção, realizada durante a década de 1960, descobri que ela esteve vinculada com a criação da Festa Nacional da Vindima (Fenavindima), principal festividade promovida pelo município de Flores da Cunha. Assim, devido à recorrência de aparições que a festividade teve nas fontes da pesquisa até aqui, estando frequentemente relacionada aos espaços estudados, decidi, nessa etapa da dissertação, realizar uma investigação a respeito da trajetória da festividade. Com isso, meu objetivo foi, por um lado, o de compreender de que maneira a festividade ajudou a construir o setor de turismo local e, de outro, identificar narrativas e simbologias elaboradas e colocadas em circulação por agentes de turismo da cidade, estimuladas pela sua realização.

A festividade, desde a sua criação em 1967, foi realizada em intervalos de 3 a 5 anos. Desde sua segunda edição, em 1972, a festividade passou a ser realizada no Parque da Vindima, posteriormente batizado como Parque da Vindima Eloy Kunz, conforme mencionado no capítulo anterior. Sendo assim, partindo do pressuposto de que a realização da principal festividade da cidade seria um momento de elaboração de representações identitárias locais, moldadas por agentes de turismo local, no intuito de apresentar uma face da cidade voltada aos turistas, passei a investigar algumas das narrativas colocadas em circulação pelas suas edições. Para isso, realizei uma pesquisa no acervo do jornal O Florense, por entender o periódico como um espaço de debate de uma elite política e cultural da cidade, vinculada à promoção do turismo. Ao longo da investigação, conforme colocado anteriormente, o próprio periódico demonstrou-se como uma ferramenta promotora do setor de turismo municipal e da identidade étnica italiana.

Sendo assim, após a análise dos 5 anos iniciais de publicação do jornal (1986 – 1990), estabeleci como metodologia a pesquisa ao acervo apenas nos anos em que ocorreram a Festa Nacional da Vindima, analisando o material algumas edições anteriores, durante e posteriores às realizações das festividades. O objetivo foi o de conseguir identificar discursos de preparação e expectativa à festividade, seus registros ao longo da execução do evento e os balanços avaliativos feitos após a sua realização, onde os agentes de turismo local passavam a discutir os erros e acertos de cada edição. Dessa maneira, é importante colocar que nem todas as edições puderam ser analisadas, uma vez que a festividade foi criada em 1967 e o jornal foi fundado apenas em 1986. Da mesma maneira, após identificar, nas fontes analisadas, a divulgação dos roteiros turísticos que motivaram a realização da presente dissertação, interrompi a pesquisa regular ao periódico, uma vez que passei a voltar a atenção para essa nova modalidade turística da cidade. Sendo assim, essa investigação ao acervo do jornal O Florense ocorreu, de forma ininterrupta, entre as edições publicadas no intervalo de 1986 e 1990 e de forma intercalada, levando em consideração os marcos de realização da Fenavindima, no intervalo entre 1990 e 2007. Diante disso, o resultado da presente seção se diferencia um pouco das demais por ser baseada em uma análise cronológica das fontes estudadas, fornecendo, como resultado, uma breve estrutura explicativa a respeito da construção do setor de turismo florense durante o intervalo de 1986 a 2007.

Logo, de acordo com a memória da festividade, ela foi idealizada pelo prefeito Raymundo Paviani que desejava trazer visibilidade para os produtos locais da uva e do vinho, através de um acordo com o Frei Tomaz de Machadinho:

Numa conversa com o vigário da época, Frei Tomaz de Machadinho, em tom de brincadeira, surgiu a pergunta: “Sai ou não sai a Festa da Uva?”. O Prefeito Raymundo, então, foi até a janela do seu gabinete (a Prefeitura funcionava onde hoje é o Museu Pedro Rossi) e disse: “Olhe do outro lado da rua, tem um monte de pedras para a construção do Salão Paroquial”. Sugeriu que, se a Paróquia construísse a parte térrea do salão e a cobrisse com laje até janeiro de 1967, a Prefeitura organizaria uma Feira de Uvas. Frei Tomaz respondeu-lhe: “Feito. Vou falar com a Comissão da Igreja Matriz e dar início às obras para que fiquem prontas até janeiro de 1967” (RECH, 17/jan/2020, Edição nº: 1602, p. 7).

Ou seja, segundo a memória oficial da festividade, inicialmente, ela havia sido planejada como uma feira para expor as uvas produzidas no município e sua realização inicial teria sido executada através da união de esforços entre o poder público e a Igreja Católica. Contudo, outro detalhe que não pode ser ignorado é o contexto regional da década de 1960, onde a Festa da Uva, realizada na cidade vizinha de Caxias do Sul, vinha se consolidando como um evento relevante a nível nacional. De acordo com Kieling Júnior:

A Festa da Uva de 1965 coincidiu com os 90 anos da imigração italiana. Foi considerado o maior evento do gênero na América do Sul, sendo que o parque de exposição da época foi visitado por mais de 350 mil pessoas (ERBES, 2012, p. 115). As edições seguintes passam a ser continuamente marcadas pelas referências à grandeza da Festa. Na edição de 1969, a qual contou com a presença do presidente general Arthur da Costa e Silva no encerramento, a capa do Pioneiro de 22 de fevereiro de 1969 designa-a como “*aquela que está sendo apontada como a maior promoção do Brasil, excluído, evidentemente, o Carnaval*” (KIELING JUNIOR, 2021, p. 160).

Nesse sentido, a semelhança entre a Festa da Uva e a Festa da Vindima, pode ser compreendida pelo sucesso obtido pela cidade vizinha de Caxias do Sul em realizar a sua festividade, obtendo ganhos simbólicos e de visibilidade nacional. Ao criar uma festa com a mesma temática, os agentes de turismo local de Flores da Cunha tinham a projeção de aproveitar aquela imagem turística que já estava construída para a região através da produção e consumo da uva e do vinho. Com o passar das décadas, veremos a seguir, que os agentes de turismo local buscaram aproveitar a realização da festividade para ir construindo um rótulo identitário da cidade, que foi se alterando de acordo com o contexto de cada época.

No que diz respeito à Fenavindima, uma das primeiras menções à festividade foi encontrada logo no primeiro ano de funcionamento do jornal O Florense. Em reportagem

publicada no dia 12/11/1986, o jornal O Florense noticiou que “Fenavindima realiza curso de Guias Turísticos” onde destaca-se o seguinte trecho:

Por ocasião da instalação do curso, o presidente da VI FENAVINDIMA, Floriano Molon¹⁵, comentou a sua satisfação pela realização do curso, prometendo apoio e esperando poder recepcionar condignamente os visitantes do evento.

O[s] guias terão, como parte de sua formação, a visita aos locais turísticos florenses, com a possibilidade de incluir nos roteiros as cantinas e vinhedos do interior de Flores da Cunha.

Há expectativa, por parte da Comissão de Recepção, de que as estradas, que dão acesso aos pontos turísticos, sejam melhoradas, oferecendo aos visitantes uma completa visão das potencialidades turísticas de Flores da Cunha, do trabalho de sua gente e das tradições mantidas pelos florenses (O FLORENSE, 12/nov/1986, Ed. 4, p. 14).

O trecho acima permite visualizar uma série de elementos que estavam presentes no planejamento turístico de 1986 nos meses que precediam a realização da 8ª edição da Fenavindima, realizada em 1987. Em primeiro lugar, percebe-se que a realização da festividade motivou a criação de um curso para guias de turismo, cujo intuito aparenta ser conscientizar acerca da visita de determinados espaços considerados “locais turísticos” pelos idealizadores. Ao fim da reportagem, podemos identificar alguns dos critérios para a seleção dos espaços que se desejava mostrar para os turistas: mostrar o “trabalho da gente florense” e suas “tradições”. Nota-se também o desejo de incluir nesses espaços as cantinas de vinho do município que, naquele momento, não costumavam atuar como espaços turísticos, apenas de produção industrial. Por fim, é possível perceber como o turismo é operado como uma estratégia para reivindicar investimentos públicos na infraestrutura de determinados espaços da cidade, nesse caso, na construção das estradas. É importante mencionar que no contexto de Flores da Cunha, existiam diversas localidades nos interiores do município e a construção e pavimentação de estradas era sinônimo de melhores possibilidades de desenvolvimento econômico através do

¹⁵ Floriano Molon, mencionado acima, é um conhecido memorialista local. É autor de diversos livros de registro e resgate da memória municipal e da imigração italiana. Foi presidente de várias edições da Festa Nacional da Vindima, envolveu-se com inúmeras associações e entidades locais e ocupou os cargos de Secretário de Turismo dos municípios de Flores da Cunha e Nova Pádua. Sua escrita é marcada pela defesa e promoção dos costumes italianos e coloniais, bem como pela defesa do desenvolvimento do setor turístico do município. Apesar de estar envolvido com o turismo do município de modo geral, sua atuação é fortemente vinculada com o desenvolvimento turístico do distrito de Otávio Rocha. Assinou a coluna “Porta dos Fundos” no jornal O Florense durante anos, espaço no qual costumava expor suas ideias e realizar cobranças aos setores privados, comunitários e públicos do município. Essa nota é da presente pesquisa e não faz parte da citação da reportagem.

escoamento da produção e maior circulação de pessoas, nesse sentido, é possível perceber como o turismo era pensado também como uma ferramenta na disputa interna ao acesso desse tipo de investimento.

Alguns meses após a notícia dos guias, mais próximo ao momento de realização da VI Fenavindima, em edição do dia 04/02/1987, o jornal O Florense anunciou em reportagem “Fevereiro, Mês de Festa da Vindima”:

Nosso município precisa preparar-se. É necessário que o povo prestigie e incentive este acontecimento: ornamentando casas e ruas (quando possível), limpando calçadas e terrenos baldios, enfim, se preparando para receber os turistas com aquela cordialidade característica da origem italiana.

Esse mesmo povo que já consagrou Flores da Cunha pelo seu folclore, suas tradições, suas raízes e costumes que vêm desde a longínqua Itália, temos certeza, mais uma vez, reafirmará sua posição: povo trabalhador que, além de cultivar outros produtos, dedicou sua especial atenção às videiras. A uva e o vinho que, desde a colonização, foram as principais fontes de riqueza da população.

Os florenses terão, mais uma vez, oportunidade de mostrar aos visitantes sua lida junto às videiras; os produtos típicos como o salame, a polenta, o queijo e o vinho. Servir a preciosa uva. Divulgar suas tipicidades que representam a preservação da cultura italiana adquirida, cultivada e incorporada através do convívio familiar e social, vencendo as transformações ocasionadas pelo passar dos tempos e a evolução da sociedade (O FLORENSE, 04/fev/1987, Ed. 10, p. 7).

O texto convocatório acima me remeteu a uma série de aspectos colocados por autores a respeito das expressões de identidades étnicas. Percebe-se que, poucos dias antes do início da festividade, ocorreu uma movimentação por parte dos agentes de turismo de preparação para a recepção de turistas. Nesse momento, pode-se identificar o trabalho de enquadramento das representações do município e de seus moradores, almejado pelos agentes, com o intuito de selecionar as faces da cidade que se desejava mostrar aos visitantes. Dessa maneira, os moradores são convocados a prestigiar a festa, embelezar a cidade e reafirmarem suas posições como descendentes de imigrantes italianos. É nesse sentido que Poutignat e Streiff-Fernart colocam que as identidades étnicas são construídas através das relações sociais:

[...] a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas. Logo não é a diferença cultural que está na origem da etnicidade, mas a comunicação cultural que permite estabelecer fronteiras

entre os grupos por meio dos símbolos simultaneamente compreensíveis pelos *insiders* e pelos *outsiders* (Schildkrout, 1974) (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1997, p. 124).

Essa maneira de entender as expressões de etnicidade dialoga com a visão de Barth, na qual os grupos étnicos são entendidos a partir do estabelecimento de fronteiras étnicas através da determinação de regras sociais. Nas palavras do autor:

Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais. O traço organizacional que, segundo minha tese, deve ser encontrado em quaisquer relações interétnicas consiste em um conjunto sistemático de regras dirigindo os contatos interétnicos (BARTH, 1969, p. 196).

Nesse sentido, é possível detectar no texto preparatório quais são as fronteiras do grupo de descendentes de imigrantes italianos que, de acordo com o autor, devem ser estabelecidas no momento de receber os turistas: povo trabalhador, cordial, produtor de uva, vinho, salame, queijo e polenta que preserva as tradições italianas sobreviventes desde a longínqua Itália, sendo essa evocação representada como o ponto de origem comum que integra os membros do grupo. Com isso, outro aspecto interessante de ser destacado diz respeito ao uso estratégico que as expressões de etnicidade costumam apresentar:

De acordo com Lyman e Douglass, os traços étnicos nunca são evocados, atribuídos ou exibidos por acaso, mas manipulados estrategicamente pelos atores, como elementos de estratégia, no decurso das interações sociais, por exemplo, para exprimir a solidariedade ou a distância social, ou para as vantagens imediatas que o ator espera obter pela apresentação de uma identidade étnica particular (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 2011, p. 168).

Logo, percebe-se que, no texto preparatório para a festividade, o elemento motivador das expressões da identidade étnica de descendentes de imigrantes italianos é a promoção do turismo. Com isso, o autor faz questão de evidenciar quais os artigos produzidos pelo grupo que devem ser realçados nesse encontro com os visitantes e, nesse contexto, é possível perceber a simbologia especial que os alimentos recebem, sendo entendidos como a fonte que tornou possível a prosperidade do grupo e a vitória das tradições sobre o perigo da evolução dos tempos. Naquele momento, houveram menções ao queijo, ao salame e a polenta, mas, a uva e

o vinho já vinham sendo construídos como os elementos de destaque, fruto da atenção especial dada às videiras pelos imigrantes. Por fim, o texto demonstra como, aos poucos, foi ocorrendo o trabalho de transformação desses elementos que, inicialmente, eram bens que compunham a sobrevivência cotidiana do grupo em produtos e atrações turísticas.

Contudo, esse trabalho de enquadramento das representações da cidade para a recepção de turistas ficou mais evidente em reportagem publicada após a realização da festividade. No dia 18/03/1987, o jornal O Florense publicou um texto intitulado de “A Festa Ficou Descaracterizada”, onde foi possível perceber que alguns aspectos da Fenavindima não atenderam as expectativas de parte do grupo:

Festa assim não deve mais ser feita. Flores da Cunha tem que aprender a conviver, ou mesmo a descobrir o que é o Turismo. Dizem os entendidos que o Turismo é a 2ª indústria maior em faturamento, perdendo apenas para os jogos de azar, prostituição e tráfico de drogas.

Sendo então a 2ª maior indústria, por que nosso município, que tem potencial e apenas potencial, não trata de descobrir como se faz? Gramado e Canela estão aí, a poucos quilômetros de distância, para que possamos aprender.

[...] O principal objetivo proposto como atração da Festa era a “**volta às origens**”, visto que hotéis e restaurantes, ou mesmo infra-estrutura, são maior é inexistentes [maior são inexistentes]¹⁶. Para tanto, devíamos ter dirigidos as atenções para este lado. A Festa da Vindima não pode acontecer só nos pavilhões. **O turista que aqui chega não precisa encontrar hotéis de cinco estrelas, ele apenas quer ver como se faz vinho, quer conhecer o interior e aprender algumas palavras do nosso dialeto, quer conviver com nossos agricultores e saber da história deste povo.** São poucas as exigências do turista e estas estão debaixo do nosso nariz, mas, pelo que parece, ninguém enxerga.

Por isso a pergunta principal que deve ser feita é esta: vieram 50.000 pessoas para visitar o parque e, no total, umas 150.000 pessoas no município. Mas qual a impressão que ficou para elas? Quais as recordações que estas pessoas terão daqui, já que cantinas não puderam visitar, com exceção de uma empresa de nossa cidade, e o almoço colonial foi substituído pelo churrasco, que mesmo assim era mal servido?

Deste total, quantas pessoas irão voltar?

Quem ainda pôde reverter um pouco esta situação foram os guias turísticos, que, com formação específica no assunto, puderam contribuir para festa e o município, mesmo não sendo ainda totalmente reconhecidos por aqueles que deveriam ser os maiores interessados em turismo.

¹⁶ Em momentos em que se sentiu a necessidade de corrigir determinados erros de digitação das fontes, optou-se por reproduzi-las na íntegra e acrescentar a provável intenção dos autores entre colchetes.

[...]

Se a comunidade florense não se unir mais, não tomar consciência de sua capacidade, continuaremos sendo apenas um bairro de Caxias do Sul, tentando imitá-los e sendo, depois, ridicularizados. O Jornal do Comércio fez sérias críticas, dizendo que a imagem vendida pela propaganda foi uma e o que se encontrava aqui era diferente.

[...]

Se não houve maior colaboração do povo e das indústrias, é sinal que também não houve crédito à festa. E disto, tanto a Comissão Executiva como a própria Administração Pública Municipal devem ser responsabilizados. Um povo, uma massa segue a vontade de seus líderes, quando estes têm autoridade e inspiram confiança. Por isso, mais uma vez, voltamos a repetir: “Festa assim não deve mais ser feita” (O FLORENSE, 18/mar/1987, ed. 13, p. 6, grifo presente na fonte).

Através da posição editorial escrita pelo jornal O Florense, podemos destacar uma série de leituras que o texto nos permite. Em primeiro lugar, o tom crítico da nota nos mostra que o setor turístico do município se encontrava em um momento de elaboração, apresentando cisões e divergências internas. O turismo, naquele momento, é descrito como algo potencial que Flores da Cunha ainda não desenvolveu. Nesse espectro, o texto editorial assume uma posição crítica a diversos setores (povo, indústrias, comissão executiva, administração pública) e utiliza o espaço para defender seu posicionamento a respeito do projeto de turismo municipal.

Assim, é possível detectar a defesa de expressões de identidades étnicas vinculadas a uma “evocação das origens” dos descendentes de imigrantes italianos. Outro ponto importante a ser destacado, é o projeto de deslocar os turistas para os interiores da cidade (“A Festa da Vindima não pode acontecer só no pavilhões”), nesse sentido, as cantinas de vinho são criticadas por não participarem da recepção dos visitantes, enquanto os guias de turismo, preparados para essa tarefa como visto na fonte anterior, são exaltados (“mesmo não sendo ainda totalmente reconhecidos por aqueles que deveriam ser os maiores interessados em turismo”). Nesse desejo de exaltar as origens italianas, outro aspecto criticado é a substituição do almoço colonial, gastronomia vinculada com a identidade étnica dos descendentes de italianos, pelo churrasco, prato vinculado com uma identidade gaúcha. Ou seja, naquele momento, a identidade gaúcha começava a conquistar um espaço representativo dentro da festividade, contudo, era um espaço que ainda precisava ser disputado para se consolidar.

Ou seja, a leitura que realizo aqui é a de que o editorial do jornal, naquele momento de construção do setor turístico, defendia um dos vários projetos possíveis: o de vincular a cidade com expressões de identidade étnicas italianas e coloniais, que remetessem à origem da

imigração italiana na região, e o de colocar o turista em contato com os interiores da cidade, no intuito de transformar as práticas cotidianas (“ver como se faz vinho”, “conhecer o interior”, “aprender algumas palavras do nosso dialeto”, “conviver com nossos agricultores”, “saber da história deste povo”) em bens culturais valorizados e comercializados através da atividade turística.

Ao longo dessa construção, é interessante perceber como a opinião externa tinha um peso relevante na construção interna dessas ideias: a nota cita as cidades de Gramado e Canela como modelos a serem seguidos; cita críticas feitas pelo Jornal do Comércio, veículo da capital Porto Alegre, à festividade; defende que ao não exaltar as origens, Flores da Cunha corre o risco de ser ridicularizada como cópia ou bairro de Caxias do Sul, cidade vizinha da qual se emancipou; e defende que a exaltação das origens e o aspecto colonial da festa são elementos que os próprios turistas desejam encontrar ao se deslocarem para Flores da Cunha. Essa elaboração guiada a partir da expectativa e comparação com outras regiões, é interessante para percebermos e avaliarmos o peso da expectativa e do contato com os *outsiders* na construção da identidade étnica e do setor do turismo, bem como para pensar em seus efeitos na construção de um estereótipo identitário da cidade que atenda às demandas dos turistas.

Em relação à discussão a respeito da temática da festa, que, segundo a nota, deveria atender a uma temática de “volta às origens”, foi possível identificar uma contradição que não era exclusiva da Fenavindima, mas, que já vinha se manifestando desde a década de 1950 na Festa da Uva, em Caxias do Sul, e que viria a se manifestar com mais intensidade na edição de 1991. De acordo com Kieling Junior:

Tal contradição deve-se ao fato da Festa da Uva ter se iniciado numa época em que a vitivinicultura era uma importante atividade econômica, ponto central de sua exposição, mas que também abarcou as atividades industriais como forma de uma “feira da produção” local. Organizada pela elite urbana, ainda em suas primeiras edições na década de 1930, o setor industrial da cidade rapidamente suplantou em importância a atividade vitivinicultora e tomou o controle da festa como um espaço de exposição majoritariamente industrial e de promoção de seus símbolos materiais, remissivos a um sistema de representações sobre a italianidade que poderia melhor posicioná-los frente ao estado e ao Brasil, como após 1950. Ainda dirigida por uma elite política e econômica de características urbana e industrial, a Festa da Uva, enquanto evento culminante de reprodução e teatralização de narrativas sobre a sociedade caxiense, conservou um conjunto de valores e símbolos fixos e os repetiu em consecutivas edições para mantê-los operantes no plano simbólico local, como seu próprio nome vinculado a uma fruta, garantindo-lhe a legitimidade como principal

festa local. Se imaginarmos que um observador externo desconhecedor do imaginário e do universo simbólico da cidade a percebesse em 1991, na condição de segundo maior polo metal mecânico do país, observasse a condição significativamente marginal que a produção vitivinícola possuía no cenário econômico local, com baixo impacto social e se defrontasse com sua maior e mais esperada celebração como uma Festa da Uva, podemos rapidamente conjecturar que não veria o menor sentido nisso (KIELING JUNIOR, 2021, p. 205-206).

Ou seja, a contradição, no caso de Caxias do Sul, deveu-se ao grande espaço que as representações urbanas e industriais adquiriram perante uma festividade que originalmente havia sido pensada como uma “feira de produtos locais” da sociedade caxiense. No caso de Flores da Cunha, ainda que compartilhasse de um processo de industrialização, sobretudo do ramo moveleiro, a mesma estava longe de adquirir o nível da cidade vizinha. Contudo, de acordo com a nota, a crítica dirigiu-se, em tom de alerta, para que a Fenavindima não buscasse transformar-se em um espelho da Festa da Uva, com o risco de ser ridicularizada¹⁷. Diante disso, é possível identificar a posição que o editorial do jornal O Florense assumiu em relação aos rumos do setor de turismo local: o de construir seus atrativos baseados em traços coloniais, contrastando-se com a faceta industrial dos vizinhos, e deslocando os turistas para os interiores do município. Ainda sobre esse assunto, na mesma edição do jornal, a reportagem intitulada de “Fim de Festa”, trouxe entrevistas com os próprios organizadores da festividade destacando os pontos negativos. A 1ª princesa da festividade, Gema Smiderle cobrou maior visitação às cantinas:

Faltou uma maior valorização no aspecto de visitação das cantinas do município, para que o turista conhecesse realmente esses lugares, além da comida italiana, da cultura italiana, da participação da festa que é do município. Maior apoio por parte das empresas para o turismo de Flores da Cunha (O FLORENSE, 18/mar/1987, Ed. 13, p. 7).

Já o vice-presidente executivo da festa, José Fante, comentou a respeito do cardápio: “Quanto à gastronomia: solicitamos uma reunião para que as pessoas que possuíam restaurantes fizessem refeições típicas italianas, o que não aconteceu, não sei por que motivo”. Enquanto a 2ª princesa, Adriane Muraro, cobrou uma maior valorização dos traços coloniais:

¹⁷ É interessante perceber como o estigma de ser ridicularizado pela sociedade caxiense se mantém nessa oportunidade, de maneira semelhante às narrativas da história do galo e dos trilhos de trem.

A festa devia ser mais tradicional, mais “colona”, por causa dos nossos produtos; ela já está se tornando um pouco industrial, procurando seguir os passos da Festa da Uva. Faltou a presença do nosso colono. Nos desfiles, a apresentação foi desorganizada, faltou “iluminação”. O colono foi como que ridicularizado (O FLORENSE, 18/mar/1987, Ed. 13, p. 7).

Nesse material, é possível identificar outros defensores do projeto de turismo defendido na fonte editorial. A busca por enquadrar as representações identitárias do município através de signos que remetam às “origens italianas” aparece novamente, juntamente com o combate de traços associados a outras identidades, como a gaúcha. Evidencia-se também a disputa por qual italiano deveria ser apresentado aos visitantes: trata-se do “italiano colono”. Apesar da cobrança pelo apoio das empresas na realização da festividade ter sido muito forte, a associação com uma imagem industrial foi combatida, retomando o raciocínio de se diferenciar de Caxias do Sul e da Festa da Uva. A indústria almejada aqui é a do “cantineiro”, que produz o vinho nos interiores do município em um cenário rural. Assim, é possível identificar qual era o rótulo que desejava-se construir para a localidade através da festividade: a de cidade italiana e colonial, que exhibe suas produções aos visitantes. No mesmo sentido, ao final da reportagem, o jornal explicitou sugestões para a realização das próximas edições:

*Maior estímulo ao turismo por parte das cantinas, montando uma pequena recepção para degustação de vinhos. Mostrar as coisas simples que temos, que, para o visitante, tornam-se interessantes. São investimentos que repercutem diretamente na imagem da empresa.

*Exploração das belezas naturais do municípios estimulando a preservação desses lugares.

*Maior valorização dos pratos italianos: o anholini, o tortéi, omelete, massas, biscoitos, bolos e pães coloniais, o café colonial.

*Maior participação do povo para o embelezamento da cidade, colocação de enfeites nas ruas e casas.

*Melhores condições das estradas que levam ao interior do município e colocação de placas informativas.

*Destacar mais a música italiana, através de maior incentivo e mais oportunidades aos corais e bandas (O FLORENSE, 18/mar/1987, Ed. 13, p. 7).

Já na edição seguinte, publicada no dia 1º de abril de 1987, foi a vez do presidente executivo Floriano Molon¹⁸ rebater as críticas através de nota enviada ao jornal:

A festa, por não ter sido realizada há 5 anos, estava totalmente morta. A cidade desmotivada e o apoio e a colaboração, se existiram em edições anteriores, nesta festa foram praticamente nulos. Tudo teve que ser pago e muito bem pago. Os tempos são outros. O tempo do serviço gracioso por amor à terra ou à camiseta “já era”. O que faltou? O esforço para envolver a todos, desde as crianças até os adultos, não surtiu efeito. Poucas escolas participaram dos concursos de redação, desenho e poesias. Poucos clubes e comunidades participaram com candidatas ao concurso de rainha. Poucas comunidades e nenhuma firma participou dos desfiles de carros alegóricos. Inúmeras firmas se negaram a participar da exposição industrial. Nenhuma entidade prestadora de serviços se ofereceu para atender a Casa da Colônia. O que representa isto? A falta de motivação ou de informação, ou foi mesmo falta de boavontade?

[...]

As pessoas só se preocupam com elas mesmas: minha casa, meu carro, minhas férias, minha praia, meu direito. Ação comunitária, serviço, promoção, isso são coisas para os outros. E quando os outros também não assumem?

[...]

Mas turismo que é bom, organizado, com roteiros, comidas típicas, estradas sinalizadas, apresentações artísticas, artesanato, visita à empresas vinícolas com degustação, visita ao Museu (que fecha ao final de semana!) e outras atrações mostram que Flores da Cunha tem ainda um longo caminho a percorrer. E a persistir nesta omissão, o caminho de volta é praticamente impossível. Passamos de um município agrícola, com um pequeno lapso de tempo com vocação para o turismo, para um município industrial, que destrói as raízes históricas e comunitárias para apenas se preocupar com o consumir, crescer, passar na frente das empresas concorrentes... A comunidade, a história, a beleza... fica tudo em segundo plano (O FLORENSE, 01/abr/1987, Ed. 14, p. 3).

¹⁸ Apesar de não ter conseguido identificar se Floriano Molon era filiado a uma sigla partidária, é importante colocar que o mesmo viria a ocupar o cargo de Secretário de Turismo durante o governo do prefeito Heleno Oliboni, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), nos anos de 1997 e 1998, e reassumiu o cargo de Secretário de Turismo, Indústria, Comércio e Serviços no mandato de Ernani Heberle, do PDT, em 2011, demonstrando afinidade com o partido. Por outro lado, o jornal O Florense havia sido fundado por Alberto Walter Oliveira, que foi vereador (1982) e viria a ser prefeito (1988) de Flores da Cunha pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e por Carlos Raimundo Paviani, que ocuparia o cargo de Secretário de Turismo e Cultura em seu mandato (1989-1993). Nesse sentido, o tom rígido das críticas e respostas sobre a festividade pode ter relação com uma rivalidade política local. Contudo, também é importante colocar que Floriano Molon ocupou por décadas uma coluna de opinião nas páginas do jornal O Florense. Dessa maneira, assim como colocado anteriormente, o jornal se caracterizou por privilegiar o debate em torno do desenvolvimento turístico, fornecendo espaço para lideranças de diversas siglas partidárias que buscaram se inserir na temática.

Diante do que foi exposto, é possível detectar uma série de percepções presentes entre os agentes do turismo da época. Em primeiro lugar, através da autodefesa de Floriano Molon, é possível perceber que existia uma frustração em relação à adesão da população local e de outros setores da cidade na atividade turística. Com isso, percebe-se que apesar da Fenavindima ser representada como um forte atrativo de turistas, dá-se a entender que havia um desinteresse por parte dos estabelecimentos locais e uma carência de organização turística no município. Isso demonstra uma assincronia entre a expectativa dos agentes de turismo e o restante da cidade, no que diz respeito ao desenvolvimento desse setor naquela época, levando a esses agentes que ocuparam as páginas do jornal a assumirem uma posição de “militantes/pedagogos étnicos e turísticos”. Além disso, é possível perceber que a industrialização é apontada pelo grupo como uma das vilãs desse processo, sendo representada como uma destruidora dos laços comunitários e históricos do município. Por fim, é possível identificar aspectos do projeto de turismo que estava no horizonte de expectativa do grupo, caracterizado como um turismo “bom, organizado, com roteiros, comidas típicas, estradas sinalizadas, apresentações artísticas, artesanato, visita à empresas, vinícolas com degustação, visita ao Museu”.

À medida que a análise das fontes do jornal O Florense se aprofundou, foi possível realizar a identificação de indivíduos preocupados em corrigir erros e apontar caminhos a respeito das representações identitárias que a cidade deveria assumir em eventos turísticos, como, por exemplo, nas discussões e opiniões analisadas acima. Ao longo do trabalho, acabei nomeando esses indivíduos de “agentes étnicos” ou “agentes de turismo”. Regina Weber, ao estudar uma diversidade de estudos acadêmicos sobre movimentos étnicos, percebeu que a presença dessas “lideranças étnicas” era bastante frequente, apesar de suas nomeações serem diversas. Nesse sentido, a autora buscou construir uma conceituação teórica a respeito dessas lideranças, aproximando as análises de casos estudadas à conceituações das áreas da História, da Antropologia e da Sociologia. De modo geral, Weber concluiu que:

Este conjunto de contribuições permitiu delinear os “intelectuais étnicos” como indivíduos ou grupos de indivíduos empenhados em promover o grupo do qual são egressos, empregando energias em ações regulares, que os tornam um referencial para seus coletivos não tanto por suas posses econômicas ou poder político, que podem até ser expressivos, mas pelo interesse em agregar aqueles a quem dirigem um discurso de mobilização de modo relativamente contínuo. São personagens presentes em entidades associativas ou grupos de mobilização, responsáveis também pela expressão verbal da visão simbólica que delinea o que se supõe seja o conjunto abrangido por estas representações. Movem-se num âmbito de manifestações

culturais, possuindo um nível de educação maior que seus correligionários ou um trânsito maior pelo universo letrado. Mesmo que detenham uma posição incomum em seu grupo, não têm seu poder calcado prioritariamente no poder econômico ou político – próprio do “dirigente” –, não raro precisando disputar sua liderança com outros concorrentes.

Como sujeitos históricos, mesmo que haja indivíduos notáveis, não se pode desconhecer o elemento coletivo que está presente no dia a dia das associações e nas redes de trocas intelectuais. Agentes e intelectuais étnicos vão refletir também as circunstâncias do grupo do qual são egressos, podendo assumir posições conservadoras, quando o grupo está se configurando como uma elite local, ou combativas, quando visam reverter situações adversas. Para o estudo da mudança e da agência sociais, estas últimas são mais significativas. Em termos de atores sociais, os intelectuais étnicos são encontrados entre religiosos, educadores, intelectuais vinculados a instituições de guarda de acervos (“museus ou acervos étnicos”) e a universidades, líderes de entidades associativas, romancistas, artistas e políticos (WEBER, 2014, p. 727-728).

Desse modo, tal conceituação será útil para compreender a atuação desses indivíduos que ilustram as páginas do jornal o Florense, alguns de forma mais constante, outros menos, bem como irá auxiliar no entendimento do tom adotado e da natureza dos apontamentos realizados. Na maioria das vezes, tratam-se de lideranças que, seja por interesses individuais ou coletivos, buscam contribuir com a construção de representações étnicas vinculadas ao turismo.

Assim, de volta para a análise das fontes, na mesma edição do jornal, foi possível encontrar uma reportagem, intitulada de “Guias de Turismo tiveram ótimo desempenho na VI Fenavindima”, exaltando a atuação desses profissionais:

Em pouco mais de um mês de trabalho, o Grupo de Guias de Turismo procurou mostrar ao turista, através das grandes agências, que o município possui pontos turísticos muito bonitos para serem visitados e que aqui é encontrada a comida típica italiana, bastante divulgada e apreciada em todos os lugares do país. Além da natureza e dos pratos apetitosos, existe o colono puro, que gosta de receber em sua casa e servir o queijo, o salame, o pão e o vinho que ele mesmo produz. É isso que demonstra ao turista a hospitalidade e a simplicidade desse povo e faz com que o turista queira voltar outras vezes (O FLORENSE, 01/abr/1987, Ed. 14, p. 7).

Através dela, é possível reforçar a valorização de alguns pontos já detectados anteriormente e identificar novos traços do rótulo turístico que se almejava construir. Além das belezas naturais e da comida típica italiana, destaca-se na reportagem a menção do contato com

o “colono puro” como uma atração turística, descrito como pessoa simples e hospitaleira que gosta de servir ao turista suas próprias produções: queijo, salame, pão e vinho. Através desse elemento, é possível perceber como, naquela época, buscava-se transformar o habitante local dos interiores do município em uma atração turística e suas práticas cotidianas em bens comercializados pelo turismo. Entre diversas outras estratégias que mencionamos ao longo do trabalho, naquele momento, a formação e atuação de guias de turismo para deslocar os visitantes do centro para os interiores foi uma delas. Juntamente a esse processo, percebe-se o trabalho de enquadramento de representações das identidades étnicas atuando, no intuito de representar o colono descendente de imigrantes italianos como uma figura simples, hospitaleira e vinculada à fartura alimentar produzida pelas suas próprias mãos.

Nesse sentido, através da leitura desse conjunto de fontes analisadas acima, produzidas no contexto de realização da VI Fenavindima, ocorrida no ano de 1987, podemos perceber o peso da festividade no processo de elaboração do setor turístico, entendido pelas fontes como um setor ainda a ser desenvolvido e com potencial para crescimento. Assim, podemos entender a Fenavindima como um elemento central na propulsão do setor turístico, bem como um evento que mobilizou o grupo de agentes envolvidos a pensar, planejar e construir as representações identitárias vinculadas a esse fenômeno e que levou essas questões ao debate público, através das páginas do jornal O Florense. Nesse processo, um dos pontos centrais do debate foi a definição da imagem que deveria ser assumida no momento do contato com os visitantes, ou seja, o que os turistas deveriam encontrar ao chegar na cidade, tendo sido a evocação das origens e os traços coloniais e italianos fortemente defendidos pelos agentes envolvidos.

Esse processo pode ser lido a partir das reflexões colocadas anteriormente a respeito da produção de estereótipos de uma sociedade com base nas demandas produzidas pelo público consumidor da atividade turística. Na abertura do segundo capítulo de sua obra, *Antropología y patrimonio*, Prats apresenta uma citação, bastante oportuna para a presente dissertação, de Honorio Velasco para introduzir a temática das relações entre patrimônio histórico e turismo:

El discurso folklórico há sido y continúa siendo un aliado importante del turismo. El mantenimiento de las tradiciones, la autenticidade de la <<vida tradicional>> de sus gentes ha sido divulgado por el discurso folklórico y transferido al discurso turístico, de modo que gracias a él determinados pueblos se han convertido en centros de peregrinación con motivo de las fiestas o como centros de recepción de un turismo en época de vacaciones que hasta pretende instalarse temporalmente allí. La cuestión es compleja y merecería un estudio detenido, incluyendo la invención de tradiciones – algo, por en parte, nada nuevo en el folklore -. Pero aqui simplemente pretendo

apuntar de qué modo el turismo se há apropiado del folklore hasta llegar a exigir de un pueblo que no se muestre como es, sino que se muestre según la imagen que de él se tiene (VELASCO, 1990 apud PRATS, 1997, p. 39).

Tais colocações são relevantes para analisar o processo aqui estudado, uma vez que detectamos nas fontes analisadas argumentos de como deveriam ser construídas as representações turísticas a partir do desejo do que os forasteiros gostariam de encontrar. A crítica da escolha do churrasco em substituição do almoço colonial, é um exemplo para pensarmos nessa relação. A questão chave é, dentre as escolhas possíveis, qual deve ser realizada. Nesse sentido, Poutignat e Streiff-Fenart escrevem a respeito do realce presente nas teorias situacionistas da etnicidade:

Ela exprime a ideia de que a etnicidade é um modo de identificação em meio a possíveis outros: ela não remete a uma essência que se possua, mas a um conjunto de recursos disponíveis para a ação social. De acordo com as situações nas quais ele se localiza e as pessoas com quem interage, um indivíduo poderá assumir uma ou outra das identidades que lhes são disponíveis, pois o contexto particular no qual ele se encontra determina as identidades e as fidelidades apropriadas num dado momento (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 2011, p. 166).

Nesse sentido, através da leitura das fontes, detectamos que, na década de 1987, um dos caminhos possíveis e almejados por parte do grupo de agentes de turismo, era o de construir uma identidade simbólica da cidade de Flores da Cunha como uma cidade colonial, localizada em meio a belezas naturais, e habitada por descendentes de imigrantes italianos, humildes, hospitaleiros e produtores de uma fartura alimentar, tipicamente italiana.

No entanto, naquele mesmo ano, uma série de denúncias direcionadas ao setor de bebidas alcoólicas do município entraram em conflito com essa representação almejada. De um lado, houveram acusações de fabricação de uísques ilegais provenientes do município e, por outro, de fraude na produção do vinho, devido à adulteração e falta de procedência dos produtos locais. O ocorrido foi noticiado no dia 26/07/1987 pelo Jornal Zero Hora, de Porto Alegre, que apelidou o município de “Nova Escócia”. Em reportagem, publicada no dia 29/07/1987, o Jornal O Florense relata o ocorrido e escreve que:

Nosso município não deve permitir que este título ‘A Nova Escócia’, seja dado apenas em função de algumas pessoas que estão enriquecendo com a fabricação e venda ilegal de um produto adulterado. O Enólogo Antonio Salvador e outros já advertiram que a

qualidade dos vinhos produzidos em Flores da Cunha têm decrescido anualmente e, por isso, deveria haver uma tomada de posição pelos produtores locais. E este caso do uísque vem enegrar ainda mais a imagem de nossos produtos (O FLORENSE, 29/jul/1987, Ed. 22, p. 12).

O assunto esteve presente em diversas reportagens do jornal O Florense ao longo daquele ano. No último exemplar, publicado na data de 31/12/1987, Carlos Raimundo Paviani escreveu em sua coluna, intitulada de “Futuro”:

Uma comunidade sem identidade cultural e histórica é o que se pode esperar de um município que nos primeiros meses do ano de 1987 atrai um grande número de turistas (cerca de 150 mil) para conhecer nossas tradições e, meses depois, é surpreendida por manchetes nos jornais da capital, intitulando nossa comunidade como “A Nova Escócia”, onde uísque falsificado é vendido em garrações e em caminhões pipas. Meses depois, a notícia de que diversas cantinas (que por falta de justiça com as demais, pois só uma sofreu as consequências) foram autuadas, sob a acusação de adulteração na fabricação de vinhos, ou mesmo pela falta de procedência legal, no estoque das mesmas.

[...]

Neste contexto, muitos podem se justificar dizendo que a situação econômica propicia a sonegação de impostos. Aliás, esta é uma prática comum e até incentivada por grande parte dos políticos e autoridades que são corruptos, num país onde a impunidade é maior do que a justiça. Mas uma coisa deve ficar clara: sonegar impostos não é uma prática tão condenada pela moral humana como enganar aos consumidores e a toda uma comunidade que busca fortalecer-se através da divulgação do que produz (PAVIANI, 31/dez/1987, Ed. 33, p. 2).

Através do trecho acima, é possível perceber como as acusações se chocaram com o trabalho de construção das representações da cidade e de seus moradores, que vinham sendo almeçadas pelo setor de agentes vinculados ao turismo. O ocorrido, noticiado pela imprensa da capital do estado, representou um grande empecilho para os agentes que buscavam vincular a imagem do município ao descendente de imigrante italiano como produtor rural, trabalhador honesto, simples e hospitaleiro caloroso, bem como atrapalhava o antigo projeto de inserir as vinícolas espalhadas pelos interiores do município como atrativo turístico.

Diante disso, a saída encontrada passou pela enunciação das fronteiras estabelecidas pelo grupo a partir da separação entre trabalhadores honestos, que buscam o fortalecimento comunitário, em oposição a corruptos desonestos, que visam apenas o lucro. Nesse plano do

discurso, as ações do segundo grupo, visando o lucro a qualquer custo, representavam uma ameaça à identidade cultural e histórica do município, assim como os defensores da liberação dos prédios com até oito pavimentos representavam a ameaça de apagar a identidade municipal em nome do “progresso”. A disputa em questão pode ser vista através do texto publicado pelo editorial do jornal O Florense, na edição do dia 20/05/1988, intitulado de “Operação ‘Nova Escócia’”:

É importante também verificar que nosso município, tanto o poder público como a iniciativa privada, tentou por mais de duas décadas construir uma imagem de Flores da Cunha, relacionada às tradições italianas, como região produtora de uvas, vinhos e móveis, como povo simpático e hospitaleiro, gastando para isso muito esforço, trabalho, dedicação e principalmente dinheiro, promovendo Festas de Vindima, Festivais de Música, Festas coloniais, Festival do Queijo e Vinho e outros, para que em poucos dias, um número inexpressivo de gananciosos que pretendem construir riquezas através de meios ilícitos e, porquê não dizer, imorais e anti-éticos, consiga de forma arrasadora, descaracterizar nossa terra e nosso trabalho (O FLORENSE, 20/mai/1988, Ed. 43, p. 2).

Esse tipo de disputa demonstra como as construções de representações identitárias são frutos de processos de seleções, esquecimentos e homogeneizações. Através do que foi colocado até aqui, percebe-se como o desenvolvimento do turismo potencializou esse processo de produção de representações e divulgações identitárias, buscando dar um caráter universal ao que é seletivo, característica natural do processo de construção de identidades e representações. Contudo, a partir do momento em que essas representações foram colocadas em risco, notou-se o trabalho do grupo em readequar as fronteiras produtoras da separação entre nós/eles, tratando de se diferenciar do “número inexpressivo” que ameaçava às representações homogêneas. Nesse jogo da identidade, a possibilidade de reconciliação é lançada ao futuro:

O município de Flores da Cunha atravessa páginas importantes, porém negras de sua história. É preciso que tenhamos consciência de que o futuro depende do agora. Quem sabe não poderíamos buscar como solução a legalização de pequenas indústrias clandestinas, para daqui a alguns anos realizarmos um Festival de Uísque vendido em pipas de 4 ou 5 litros. Quem sabe daqui a 10 ou 15 anos possamos nos orgulhar de sermos chamados de ‘Nova Escócia’, assim como aconteceu com a história do Galo, que hoje é símbolo de nossa cidade (O FLORENSE, 20/mai/1988, Ed. 43, p. 2).

Ou seja, através da legalização das indústrias existiria a possibilidade de reconciliação, evidenciando esse aspecto como demarcador da fronteira. O título de “Nova Escócia” não é entendido como um aspecto totalmente negativo, afinal remete às valorizadas simbologias do trabalho através da produção de bebidas e da vinculação com uma imagem europeia, traços semelhantes aos da identidade que se buscava construir através da produção de vinho e aos vínculos com a Itália. Contudo, para isso, o apelido deveria perder o vínculo com a ilegalidade, símbolo contrário do trabalho honesto incorporado pelo grupo. Somada a essas questões, a habilidade de positivar um símbolo é entendida como uma marca da identidade municipal, através da rememoração da história do galo. Essas observações são interessantes para percebermos como as identidades são flutuantes de acordo com as realidades em que são expressadas e de que maneira o setor de turismo passou a se apropriar delas.

Assim, diante desse contexto, me encaminhei para o fim da análise das fontes inseridas na década de 1980. De modo geral, é possível concluir que esse período ficou caracterizado pela identificação de um projeto de turismo, por parte dos agentes que se manifestaram nas páginas do jornal O Florense, pautado pela busca de construir uma imagem da cidade de Flores da Cunha associada com a italianidade, com a vida colonial, com a hospitalidade e com a produção vitivinícola. Contudo, de acordo com os agentes locais, o turismo ainda é ativado como um projeto futuro a ser alcançado, onde a população local precisa ser conscientizada dessa potencialidade. As manifestações étnicas vinculadas à italianidade, por sua vez, encontram-se bastante disseminadas no debate público, provavelmente fruto do marco ainda próximo de 1975, onde vimos que se iniciou um projeto regional de positivação e reivindicação dessa identidade. Porém, é possível perceber que a mesma já não se encontra em um momento de estabilidade e homogeneidade perante às representações turísticas, sendo possível identificar confrontos simbólicos com outras manifestações bem sucedidas em encontrar seu espaço na realização da Fenavindima, como, por exemplo, a identidade gaúcha.

Foi perante o exposto que se aproximou a realização da VII Fenavindima, realizada no ano de 1990, através da qual foi possível perceber que o trabalho do grupo de agentes vinculados ao setor do turismo continuou com o objetivo de construir as representações almejadas. Em nota publicada na edição de 02/02/1990, sob o título de “Uma Festa Realmente Popular”, José Fortunati escreveu que:

Flores da Cunha acelera os preparativos para a Festa Nacional da Vindima. Trata-se, sem dúvida, da festa que resgata com maior profundidade os costumes dos imigrantes italianos. O que temos percebido é que os demais eventos realizados na

região da Serra vão, pouco a pouco, perdendo sua identidade e começam a voltar-se mais para o lado comercial do que para o resgate de nossos valores e a recuperação de tudo aquilo que nossos antepassados trouxeram de positivo da velha Itália (costumes, dialeto vêneto, canções, trajes típicos, etc.).

Felizmente, mesmo contando com poucos recursos para a realização de sua maior festa, Flores da Cunha tem mantido acesa a chama dos que não abrem mão das suas raízes. Trata-se de conservar uma tradição dentro do desenvolvimento e da modernidade exigida por todos. Trata-se de um momento de reflexão sobre a nossa história, nossos valores e costumes, não uma defesa cega dos nossos antepassados, mas uma análise crítica de nossa história (FORTUNATI, 02/fev/1990, Ed. 85, p. 2).

Dessa maneira, percebemos que na realização da VII Fenavindima, Fortunati parecia expressar uma crise identitária vivida pelo grupo, juntamente a uma escassez de recursos para a festividade, mostrando-se preocupado em defender a ativação de elementos simbólicos tradicionais remetidos aos costumes dos imigrantes italianos. Na época, José Fortunati era deputado estadual eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT). O político nasceu e passou a infância e adolescência na cidade de Flores da Cunha. Além disso, Fortunati ocupou os cargos de deputado federal nos mandatos de 1990 a 1994 e de 1994 a 1997, ano em que se tornou vice-prefeito da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Na mesma cidade, foi eleito vereador em 2000. Tendo ingressado no Partido Democrático Brasileiro (PDT) no ano de 2002, foi eleito vice-prefeito em 2008 e prefeito de Porto Alegre em 2012. Assim, através da sua presença entre as colunas de opinião do jornal, é possível reforçar o argumento elencado anteriormente de que jornal O Florense abria espaço para lideranças de diferentes siglas partidárias que tivessem interesse em compor o debate público a respeito da promoção do turismo e da cultura italiana¹⁹.

Em relação ao tom acanhando da nota, é necessário interpretá-la através da comparação com a realização da Festa da Uva. Em primeiro lugar, quando Fortunati defende a manutenção dos costumes italianos, está se referindo a adoção de uma postura diferente da festividade vizinha, enquadrada na representação dos “demais eventos realizados na região da Serra [que]

¹⁹ Nesse sentido, pode-se fazer um paralelo entre essa postura adotada pelo jornal O Florense e as ações de empresários de Caxias do Sul que buscavam ganhos simbólicos para as representações identitárias locais na Festa da Uva, através da proximidade com autoridades políticas, independentemente de seu posicionamento no espectro político da época. Como exemplo mais representativo, Kieling Junior menciona o caso de Júlio Eberle, empresário caxiense, que elogiou publicamente Leonel Brizola durante a Campanha da Legalidade, em 1961, e recebeu Humberto Castelo Branco em sua casa, em 1965, durante sua visita à Festa da Uva (KIELING JUNIOR, 2021, p. 393). Concordo com o autor quando ele fala que não se trata de apontar oportunismos, mas de entendê-los como pragmatismos em busca de ganhos simbólicos. No caso do jornal O Florense, a leitura realizada é a de que a sigla partidária de seus colunistas era menos importante do que o fato de se ter autoridades políticas interessadas em debater e promover o turismo local e a cultura italiana.

vão, pouco a pouco, perdendo sua identidade e começam a voltar mais para o lado comercial”. Além disso, é necessário compreender o contexto de transição entre a década de 1980 e a década de 1990, apontando por Kieling Junior, onde a crise econômica nacional acabou impactando a representação simbólica de prosperidade econômica, construída pelos descendentes de imigrantes italianos da Serra Gaúcha. Segundo o autor:

Na edição da Festa da Uva de 1984, quando já havia transcorrido tempo suficiente de crise econômica cujo fim não se vislumbrava, surge pela primeira vez a menção a uma ideia-força sobre a italianidade que foi pinçada e realçada dentro do seu conjunto de representações, e se tornaria recorrente até o início do século XXI: a noção de que os imigrantes e seus descendentes têm de “*superar adversidades*” (KIELING JUNIOR, 2021, p. 199, grifos do autor).

Diante disso, a resposta fornecida pelo jogo de produção de representações sobre a italianidade, foi a de construir um discurso de superação de adversidades, uma vez que, anteriormente, haviam sustentado para o grupo étnico uma falsa narrativa de construção de prosperidade econômica independente, construída exclusivamente a partir do próprio esforço. Ainda de acordo com Kieling Junior:

Isto é particularmente perceptível nesta edição do Pioneiro de 18 de fevereiro de 1989, quando o editorial supracitado na página 4 do periódico enaltece o “*trabalho de várias gerações que nunca esperaram do governo uma solução para suas necessidades*”, ao mesmo passo que em parte da capa estampa foto do protesto de viticultores e que o “*resultado do protesto foi conflito com a BM*”. Erbes (2012, p. 181) aponta que o tumulto se iniciou quando viticultores tentaram jogar uvas podres no chão próximo ao palco das autoridades, protestando contra o baixo preço da uva (KIELING JUNIOR, 2021, p. 202, grifos do autor).

Logo, perante o cenário demonstrado acima, ocorrido no ano anterior à realização da Fenavindima de 1990, é compreensível o tom adotado por Fortunati, sugerindo que “mesmo com poucos recursos” seja possível, em Flores da Cunha, “conservar uma tradição dentro do desenvolvimento e da modernidade exigida por todos” em “um momento de reflexão sobre a nossa história, nossos valores e costumes, não uma defesa cega dos nossos antepassados, mas uma análise crítica de nossa história”. Assim, após expressar sua expectativa com a realização da VII Fenavindima, Fortunati publicou a sua avaliação da festa:

Ainda que o fator climático tenha tumultuado em parte as festividades, A Fenavindima terminou demonstrando que possui um enorme potencial na área de turismo, o que possibilita sacramentar a cidade de Flores da Cunha como símbolo maior da imigração italiana em nosso Estado (FORTUNATI, 23/mar/1990, Ed. 88, p. 2).

Nela, é possível identificar como o setor de turismo florense continua sendo significado a partir de seu “enorme potencial”. Enquanto isso, por outro lado, a cidade de Flores da Cunha é representada como o maior símbolo estadual da imigração italiana. Na sequência, Fortunati escreveu que:

O desfile de carros alegóricos, que teve coordenação de Angelo Araldi²⁰ e a contribuição dos florenses, acabou se tornando o ponto culminante da Festa, transformando-se numa passarela histórica da maior importância no resgate de valores e costumes da colonização italiana.

Conversando com vários amigos de Flores da Cunha, percebi, por parte de alguns, certo ceticismo quanto à simplicidade dos carros alegóricos e a repetição de um tema que é explorado desde 1967. Já tive a oportunidade de afirmar a minha posição a estes amigos e aproveitei para dar publicidade ao que penso sobre o assunto. A Festa Nacional da Vindima tornou-se um evento de caráter nacional em função da sua originalidade e pela manutenção das raízes históricas ao contrário de Caxias do Sul, que em função do seu desenvolvimento, acabou por implodir com a Festa da Uva, permanecendo quase que exclusivamente a sua faceta industrial (FORTUNATI, 23/mar/1990, Ed. 88, p. 2).

Pode-se perceber que, frente ao debate que pensava os rumos da festividade e os rótulos de turismo que a cidade deveria incorporar, Fortunati voltou a se posicionar em defesa de um projeto de turismo para a cidade caracterizada pela defesa da manutenção de uma imagem vinculada à identidade colonial com traços de simplicidade, enquadramento pensado a partir da construção de uma alteridade em relação aos traços urbanos e industriais da cidade vizinha de Caxias do Sul. Através da leitura das notas, é possível identificar o dilema enfrentado pelo setor de turismo na época a respeito de suas representações, opondo simplicidade e tradição à

²⁰ É interessante perceber que, nessa edição, caracterizada por expressar traços de simplicidade e “manutenção de raízes”, de acordo com Fortunati, o desfile de carros alegóricos foi coordenado por Angelo Araldi. Trata-se do mesmo indivíduo que forneceu depoimento, junto com Eloy Kunz, naquela reportagem, em 1976, identificada como a primeira fonte desse trabalho que apresentou manifestações acerca de um projeto de turismo florense baseado na cultura dos descendentes de italianos locais. Além disso, é o mesmo prefeito que vetou a medida que visava aumentar o número de pavimentações dos prédios florenses, em 1986.

modernidade, urbanização e indústria. Por fim, mais uma vez, percebe-se que a faceta industrial do “cantineiro” não só é bem aceita na festividade, como insistentemente requisitada:

Um dos poucos pontos negativos diz respeito à pequena colaboração que os cantineiros prestaram à Festa, pois com raras exceções se mantiveram a parte assumindo ares de expectadores e não o de sujeitos construtores da Festa, com era de se esperar (FORTUNATI, 23/mar/1990, Ed. 88, p. 2).

Dessa maneira, ao longo da edição de 1990, as fontes analisadas indicam para a manutenção e defesa de um projeto de turismo que tem como objetivo apresentar Flores da Cunha através de uma identidade italiana, que remete às origens dos primeiros imigrantes e que se diferencia da italianidade de Caxias do Sul e dos rumos da Festa da Uva, pela manutenção de suas raízes, que podem ser traduzidas aqui por traços rurais e coloniais, em oposição à urbanização e industrialização.

Já em 1995, ano de realização da VIII Fenavindima, foi possível identificar que o foco das propagandas da festa esteve em realçar aspectos da identidade local, construindo, dessa maneira, representações da cidade e de seus moradores a partir de traços exóticos. A impressão que tive foi de que o objetivo era realçar a identidade local como estratégia para valorizar simbolicamente os produtos locais, uma vez que, desde os seus primórdios, a principal finalidade da festividade era a venda desses produtos. Nos meses que antecederam à realização da 8ª Fenavindima, o jornal O Florense publicou informativos sobre a preparação da festa e foi através de uma dessas edições, publicada em 27/01/1995, que identifiquei as primeiras representações sobre a cidade e seus moradores que circularam nas propagandas:

História do Galo será tema central da propaganda da festa.

Com o lema “Esta gente tem história para contar” os comerciais de Rádio, Televisão e Jornal da 8ª Fenavindima estarão contando a História do Galo. Membros da comunidade estarão participando do comercial de televisão, que irá ao ar no próximo domingo, dia 29, nos intervalos do Fantástico, na RBS TV de Caxias do Sul.

Cerca de 50 membros de nossa comunidade contarão a História do Galo, em diferentes Vídeo-Tapes, e em diferentes versões.

O objetivo do comercial é resgatar a História do Galo, que na década de 60 e 70 teve forte aceitação, chegando nosso município a ser conhecido como a Terra do Galo

Concursos e atrações confirmam a História do Galo

Para ilustrar o tema central da propaganda da festa, alguns concursos estão sendo programados, como o Concurso de Imitação de Galo, a fantasia de galo mais exótica ou original e outros. Espetáculos de magia também estão sendo acertados pela coordenação da festa (O FLORENSE, 27/jan/1995, Ed. 320, p. 5, grifo do autor)

Nesse sentido, a escolha da história do galo como tema central das propagandas representou a opção por um símbolo exclusivo da identidade municipal, ao contrário da evocação de símbolos da imigração italiana, por exemplo, que eram compartilhados com diversas outras festividades das cidades vizinhas. O responsável por traz dessa escolha pode ter sido Carlos Raimundo Paviani que, naquele ano, assumiu como presidente executivo da Fenavindima. Nesse sentido, quando a chamada da festa justifica a escolha do tema da história do galo devido à forte aceitação das décadas de 60 e 70, está se referindo à projeção nacional que a cidade obteve através da venda de bebidas das empresas de Eloy Kunz. Outro elemento interessante de ser destacado nesse sentido é o de que o pórtico de entrada da cidade, analisado no capítulo anterior, foi projetado para ser inaugurado nessa edição da festividade, trazendo no seu topo o signo do galo, que permanece até os dias atuais naquele espaço. Assim, a inserção de atividades vinculadas à história do galo dessa edição esteve inserida em um objetivo de realçar aspectos exóticos locais. Esse pensamento ficou evidenciado também pela escolha de artistas locais e regionais para se apresentarem na festividade, que pode ser entendido pelo histórico de Carlos Raimundo Paviani com os Festivais Vindimas da Canção Popular, conforme mencionado no capítulo anterior, onde ele fez parte do primeiro grupo local a conquistar um troféu de 1º lugar com a canção “A que horas passa o trem?”. Nesse sentido, conforme informativo publicado na edição do dia 03/02/1995:

Até o início da próxima semana estará concluída a programação artística da Fenavindima, que neste ano privilegia os artistas locais e regionais. O principal objetivo é proporcionar aos visitantes um espaço de alegria e descontração apresentando espetáculos de dança e música ligados à cultura ítalo-riograndense: Desta forma, pretender [pretendem] os organizadores, não exceder o orçamento do evento com mega-shows que necessariamente nada representam para a cultura local (O FLORENSE, 03/fev/1995, Ed. 321, p. 9).

Além da prioridade dada a aspectos da identidade municipal, outro elemento que chamou a atenção foi a expressão “cultura ítalo-riograndense”, sugerindo atrações que apresentam misturas entre uma identidade gaúcha e italiana. Essa tendência demonstra um novo contexto, onde outras identidades ganham espaço e divulgação ao lado da italiana nos

momentos de recepção dos turistas, ao contrário dos anos anteriores onde ocorreram tentativas de exclusão de traços da identidade gaúcha em prol da italiana. Diferente do período anterior, que parecia ser propício e de afirmação da identidade étnica italiana, o contexto da década de 1990 parece abrir espaço a novos elementos no jogo do turismo e da identidade. Na edição publicada no dia 17/02/1995, encontrei a seguinte chamada para a festividade:

Do alto dos 55m do Campanário da Igreja Matriz, a cidade vibra.

A um olhar mais distante, a colônia vibra. É a 8ª Fenavindima, em Flores da Cunha, a mais italiana das cidades brasileiras. Aqui, você vai se deliciar com o melhor da comida típica e festejar a exuberância natural de vales, rios, cascatas e parreirais carregados de uvas, circundando a cidade. Venha para a 8ª Fenavindima.

A cidade lhe espera em festa (O FLORENSE, 17/fev/1995, Ed. 323, p. 8).

Através do anúncio, percebe-se como o turismo se apropria de uma diversidade de símbolos (o campanário, a colônia, a cidade, a natureza, as uvas, a italianidade), historicamente mais consolidados já nesse momento, fruto do trabalho do grupo de agentes estudados aqui, para promover uma mescla identitária no rótulo de divulgação turística da festividade. Nesse contexto, a exaltação da italianidade, que em outros momentos buscou a homogeneidade, dessa vez juntou-se a aspectos locais para anunciar Flores da Cunha como “a mais italiana das cidades brasileiras”. É importante mencionar que, naquele ano, comemorava-se 120 anos de imigração italiana no Rio Grande do Sul. Com isso, a 8ª Fenavindima colocou em circulação uma série de representações da cidade que mesclavam os traços de italianidade com símbolos locais, no intuito de realçar o aspecto exótico da paisagem e de seus habitantes.

Além disso, as propagandas e reportagens passaram a representar Flores da Cunha através de uma dualidade paisagística que mesclava cidade e colônia, ambos vibrantes com a festa. Além da propaganda acima, isso pode ser visto em texto escrito pelo ex-presidente da Fenavindima, Floriano Molon, que em sua coluna “Porta dos Fundos”, da edição de 17/02/1995, evocou a memória do imigrante italiano como desbravador e ícone de progresso:

Fenavindima – O município cangalonado²¹ [engalonado] está pronto para viver o seu maior espetáculo: FESTA NACIONAL DA VINDIMA, envolvendo a cidade e o interior na comemoração dos seus símbolos maiores – a uva e o vinho. Milhares de visitantes percorrerão nossas ruas e estradas olhando, observando, perguntando,

²¹ Em errata publicada em edição posterior, o autor corrigiu a palavra para “engalonado”, referindo-se às propagandas da festividade com foco na história do galo.

procurando descobrir, em cada esquina ou curva, paisagens e imagens que lembram dos valorosos heróis, que aqui chegados há 120 anos, dominaram a floresta bravia e construíram uma região de progresso exemplar (MOLON, 17/fev/1995, Ed. 323, p. 14).

Nesse sentido, através da análise da reportagem “Visitantes poderão participar da colheita” também publicada na edição do dia 17/02/1995, é possível encontrar ações que, novamente, visavam a transformação dos interiores do município e dos bens culturais de seus moradores, representados como descendentes de imigrantes italianos e produtores rurais, em atrativos turísticos:

É através dos desfiles que o visitante pode ver a cultura dos imigrantes em sua expressão mais original. Carretas decoradas, utensílios, produtos coloniais e muitas alegorias são levadas às ruas, sempre com o humor escrachado dos descendentes vêneto.

[...]

Quem quiser originalidade acima de tudo poderá também passar algumas horas em propriedades do interior de Flores da Cunha. As casas e cantinas de vários colonos vão receber grupos de turistas interessados em ter contato direto com a colônia. Os visitantes poderão participar da vindima (colheita da uva), acompanhar a elaboração do vinho, degustar bebidas e viver os costumes dos imigrantes, com destaque para a gastronomia italiana e para o dialeto vêneto.

A mesma realidade está presente nas pousadas e pequenos hotéis do interior do município. Sem abandonar os traços da colônia, mas oferecendo conforto àqueles que desejam passar mais dias na região, esses estabelecimentos têm uma estrutura bem peculiar. O atendimento é feito pelas famílias proprietárias das casas; a lida colonial fica à disposição dos hóspedes e quase sempre estão localizados próximos a vilas ou a pontos turísticos naturais: cascatas, vales e rios (O FLORENSE, 17/fev/1995, Ed. 323, p. 5).

No trecho acima pode ser detectado o processo que me refiro quando utilizo a expressão de transformação dos bens culturais dos descendentes de imigrantes italianos em atrativos turísticos. Como visto, esses bens passam a ser propagandeados a partir da “originalidade” das práticas cotidianas e da vivência com a cultura dos imigrantes italianos. Entre os elementos que compõe esse emaranhado de bens podemos detectar a paisagem, o dialeto, a gastronomia, a arquitetura e os saberes. Logo, no momento da 8ª Fenavindima, é possível perceber que esse antigo projeto começava a se desenhar, deixando de ser uma projeção e começando a se tornar

uma oferta. Nesse sentido, a partir da metade da década de 1990, foi possível identificar os sinais iniciais de uma transição do setor turístico de Flores da Cunha, onde detectam-se as primeiras propagandas concretas de deslocamento dos visitantes para os interiores da cidade, no intuito de aproximá-los do cotidiano dos descendentes de imigrantes italianos, que passam a ser representados, eles próprios, como atrativos.

Outro agente que voltou a usar espaço no jornal para comentar do assunto, foi o deputado federal José Fortunati que, em sua coluna, Linha Direta escreveu:

FENAVINDIMA – No próximo dia 18 o turista terá uma bela oportunidade para conhecer de perto uma das melhores festas de nosso Estado. Existe grande expectativa do País inteiro, em especial de Brasília, para conhecer a cultural [cultura] italiana no Rio Grande do Sul.

GALO – Faz grande sucesso a história do galo, toda vez que é contada nos círculos do poder na capital da República. Trata-se de uma forma de divulgar a cidade de Flores da Cunha com um história engraçada, que mostra a boa fé do imigrante italiano (FORTUNATI, 17/fev/1995, Ed. 323, p. 12).

Segundo a nota, a mescla identitária criada para divulgar a festividade na ocasião ganhou espaço em regiões do centro do país. É interessante perceber como o autor significa a história do galo, símbolo de uma identidade municipal, como uma exemplificação da “boa fé do imigrante italiano”, fundindo-a com traços de uma identidade étnica. Para além disso, através da fonte, temos um exemplo de como o turismo se apropriou de identidades construídas no município para a transformação de atrativos e de como a realização das festividades foi uma ferramenta importante na construção do turismo, na produção de representações e na divulgação simbólica da cidade.

Já no momento da 9ª Fenavindima, realizada em 1999, as expressões de italianidade parecem ter ficado em segundo plano nas propagandas da festividade. Naquele ano, o slogan oficial era “É tempo de Fenavindima, uma festa com sabor de alegria”. Na reportagem “Gravados comerciais para TV”, publicada no jornal O Florense em 22/01/1999, é explicado que “O vídeo apresenta aspectos como a música, o trabalho da vindima, a beleza da mulher da região (representadas pelas soberanas da festa) e a alegria da colônia – tudo, enfim, que a Festa Nacional da Vindima oferece aos visitantes” (O FLORENSE, 22/jan/1999, Edição Nº 526, p. 13). Ou seja, o aspecto central utilizado como propaganda foi a alegria da colônia, o qual

podemos associar à representação que já vinha sendo construída do colono hospitaleiro. Além disso, na mesma reportagem, é publicada a letra do *jingle* promocional da festividade²²:

Flores da Cunha alegria
 Abre seus braços prá ti
 Uva e Vinhos, canções com carinho
 Convidam à serra subir.
 Vem! Vem! Vem!
 9ª Fenavindima se abriu
 A culinária entrelaça cultura e raças
 Vem participar. (O FLORENSE, 22/jan/1999, Edição N° 526, p. 13).

Através dela, é possível perceber que a busca pela italianidade exacerbada, característica mais presente nas décadas anteriores, passou a dar espaço a um movimento de mescla de culturas nas representações da cidade na década 1990. Em propaganda publicada na capa do jornal, no dia 29/01/1999, aparece a seguinte chamada: “A Fenavindima apresenta a interação de um povo forte e lutador, capaz de fazer história. A participação de todos é fundamental para o sucesso dessa Festa. Vem Participar!” (O FLORENSE, 29/jan/1999, Edição n° 527, Capa). Percebe-se que foram utilizadas as representações de “povo forte e lutador”, atributos vinculados, em outras ocasiões, a uma identidade dos descendentes de imigrantes italianos, contudo, nesse caso, sem vínculos diretos com expressões de italianidade. Ao invés disso, se dá destaque para a expressão “interação” que remete ao convívio com outros grupos. Contudo, no editorial do jornal O Florense, publicado no dia 12/02/1999 e assinado pelo repórter setorista Giovanni Capra sob o título de “A nós, uma festa, com sabor de alegria”, o vínculo entre povo trabalhador e imigração italiana é realizado:

Ainda no Parque, na Feira da Indústria, uma mostra da produção florense em outros importantes setores, os de malhas e móveis, complementa o sentido de um evento que celebra com alegria, entusiasmo e orgulho o trabalho. O labor que fez da terra há cento e tantos anos ocupada pelo imigrante italiano um exemplo de prosperidade (CAPRA, Giovanni, 12/fev/1999, Edição N° 529, p. 2).

Além disso, percebe-se que, nessa edição, houve um espaço maior para os traços industriais, combatidos veementemente por agentes de turismo nas edições anteriores em prol

²² De acordo com a fonte, os comerciais da 9ª Fenavindima foram gravados pela agência de publicidade Positivo e o autor do *jingle* foi o maestro Felix Slaviero.

das representações coloniais. Contudo, isso não significa que o antigo projeto de inserção dos interiores coloniais florenses como atrativos turísticos foi abandonado. Pelo contrário, no dia 12/02/1999 o jornal O Florense noticiou uma novidade através da reportagem “*Parreiral Tur é opção de lazer para visitantes*”:

Proporcionar ao visitante a possibilidade dele mesmo colher a uva para consumi-la debaixo da videira é a proposta do *Parreiral Tur*, uma das alternativas de lazer para os visitantes da 9ª Fenavindima. Com saída do Parque da Vindima Elóy Kunz, o projeto oferece ainda – além da riqueza das paisagens do interior – degustação de produtos coloniais, como pão, queijo, salame e vinho, nos pontos de destino (O FLORENSE, 12/fev/1999, Edição Nº 529, p.13).

A atração oferecia ao turista três opções de roteiros, com visitas nas localidades de Nova Roma, Otávio Rocha e Nova Pádua, onde alguns produtores rurais receberiam os turistas em suas propriedades. É interessante perceber que a ação representa um antigo desejo dos agentes de turismo do município, contudo, na reportagem, em nenhum momento, são realizadas menções ou vínculos à imigração italiana, como em momentos anteriores. Nessa ocasião, as experiências e produtos são anunciados através do rótulo de coloniais. Por fim, em reportagem publicada no dia 19/03/1999, através da manchete “Encerrada a Festa com Sabor de Alegria” foi possível detectar que “Em cinco finais de semana, a programação do evento ofereceu atrações para todas as idades e gostos, desde música nativista e rock gaúcho até espetáculos infantis” (O FLORENSE, 19/mar/1999, Edição Nº 534, p. 12).

Ou seja, ao longo da realização da 9ª Fenavindima, foi possível perceber que houve um aumento na diversidade de expressões identitárias nas representações da cidade utilizadas em propagandas e nas atrações do evento. É importante mencionar que a festividade foi presidida por Floriano Molon, autor de muitas fontes aqui analisadas engajadas na promoção da italianidade e do turismo. Não se tratou de retirar ou excluir as expressões de italianidade da festividade, que estiveram presentes nas atrações e no desfile alegórico, contudo, se nas edições anteriores a italianidade ocupava uma posição central (por vezes, almejando uma homogeneidade) das representações vinculadas à festa, nessa edição foi possível perceber um considerável alargamento das fronteiras nesses aspectos. Outro fator que pode ser detectado foi a presença de shows vinculados à identidade gaúcha e uma maior inclusão do setor industrial, elemento fortemente combatido em edições anteriores que buscavam exaltar os traços coloniais e italianos da cidade. É através desse tipo de avaliação que percebemos como a italianidade pode ser entendida como uma linguagem simbólica utilizada a partir de determinados objetivos,

que pode ser exagerada em alguns momentos e omitida em outros, de acordo com as estratégias de seus agentes e com os contextos envolvidos. Dessa maneira, de modo geral, é possível dizer que as fontes estudadas na década de 1990 apontaram para um significativo alargamento das fronteiras identitárias vinculadas com a festividade, com destaque para a promoção de símbolos exclusivos da identidade municipal e da identidade gaúcha.

Na realização da 10ª Fenavindima, a mescla entre atrações vinculadas às identidades gaúchas e italianas se manteve. No dia 24/01/2003, o jornal O Florense noticiou que “Shows tradicionalistas são destaque da programação”:

A 10ª Fenavindima terá a participação de artistas locais e também de renome estadual, com destaque para a música tradicionalista gaúcha. Sempre aos finais de semana, o evento também ressaltará a cultural [cultura] da imigração, em apresentações de corais típicos e performances de intérpretes com repertório exclusivamente italiano (O FLORENSE, 24/jan/2003, Edição Nº 733, p. 2).

A temática central da festividade foi a valorização do trabalho, representada através do ato da vindima. A edição do jornal O Florense, publicada no dia 21/02/2003, reproduziu os discursos de abertura da festividade proferidos pelo governador do Estado Germano Rigotto do PMDB, pelo prefeito municipal Heleno Oliboni do PDT e pelo presidente da 10ª Fenavindima Floriano Molon. Gostaria de destacar aqui as palavras de Molon que optou por evocar o passado da imigração italiana e destacar o processo de positivação de identidade protagonizado pelo município nos últimos anos, através do trabalho:

Estamos hoje inaugurando a ‘vindima festa’, mas também a ‘vindima do trabalho’. E ao inaugurarmos a ‘vindima do trabalho’, que completa 36 anos, queremos prestar homenagem à imigração italiana chegada há 126 anos em Flores da Cunha. Queremos com esta festa homenagear os imigrantes colonizadores e aqueles que ao longo de cinco gerações souberam preservar aquelas virtudes trazidas da Itália, especialmente, a fé e o amor ao trabalho. Nesta festa, Flores da Cunha se mostra por inteiro nesta parte da vindima. Uma Flores da Cunha há 36 anos atrás humilhada, escondida, meio que desconfiando daquele seu título de Terra do Galo, vítima de gozações. Hoje a Flores da Cunha é outra, orgulhosa, ostentando números expressivos da economia vitivinícola do Brasil e por isso orgulhosos também nós que nos coube a honra de organizar esta festa. Bem vindos a Flores da Cunha. Encontrarão aqui em pouco mais de um mês toda a alegria do povo desta cidade, mas também uma amostra do trabalho que vêm das colônias, que vêm das fábricas, das pequenas oficinas, dos artesãos (O FLORENSE, Flores da Cunha, 21/fev/2003, Edição Nº 737, p. 7).

Destaca-se no discurso a evocação de uma memória da imigração italiana que valoriza o trabalho dos imigrantes e de seus descendentes. Da mesma forma, evoca-se que o trabalho permitiu aos moradores locais superarem o estigma da história do galo para ostentarem o símbolo através da sua produtividade econômica. Nesse sentido, percebe-se que, ao final do trecho, o trabalho da colônia, fortemente defendido como representação central da festa no passado, passa a dividir espaço com o trabalho das “fábricas, das pequenas oficinas e dos artesãos”. Nesse sentido, destaca-se como a cidade foi remodelando os traços da face que escolhia para mostrar nas ocasiões da festividade, transitando suas escolhas entre traços italianos, florenses, gaúchos, coloniais e industriais, misturando-os de acordo com as estratégias dos agentes de turismo e com os contextos envolvidos, e diversificando suas ativações simbólicas para isso. Ao final da festividade, em entrevista fornecida ao jornal O Florense em 21/03/2003, Floriano Molon descreveu o evento como “Uma festa positiva, mas que ficou ofuscada” e disse que essa seria a última festividade presidida por ele (CAPRA, 21/mar/2003, Edição Nº 741, p. 4).

A leitura realizada é de que, à medida em que a cidade foi se industrializando e essa atividade passou a conquistar determinada prosperidade econômica, as representações da cidade feitas por esse grupo de agentes de turismo que, no passado, giravam em torno de essências italianas e coloniais foram sendo alargadas e cedendo espaço para novas representações. O ponto de contato entre essas diferentes identidades passou a ser a prosperidade econômica advinda da aptidão ao trabalho, representado como um legado dos imigrantes italianos aos moradores da cidade, de modo geral. Dessa maneira, o grupo passou a construir uma memória teleológica, ligando o esforço dos primeiros imigrantes italianos à prosperidade econômica do presente, passando por outras adversidades superadas ao meio do caminho, como a história do galo, por exemplo, através do esforço, do trabalho, da fé, da alegria e do bom humor. Esse sentimento pode ser entendido através do texto “É tempo de vindimar”, publicado por Maria de Lurdes Rech na coluna Cotidiano do Jornal O Florense, em 16/02/2007, data próxima a realização da 11ª Fenavindima:

Os imigrantes italianos deram origem a nossa rica tradição cultural. Sua história está registrada nos hábitos e costumes da cidade. Por isso, somos um povo que tem memória e motivos para comemorar.

Desde a vinda dos primeiros colonos aos altos montes da serra, que saíram do porto de Gênova e, ao chegar, fundaram os povoados de São Pedro e São José que, depois se tornaria a Vila de Nova Trento, temos história pra contar. Não somente

desses antepassados camponeses que atravessaram o mar, enfrentaram dificuldades, plantaram os primeiros alicerces e videiras que deram frutos para o crescimento da auto-estima e do poder econômico, mas de terra com gente que também é artista, poeta, pintor, professor, piso de fábrica, agricultor, funcionário público, empreendedor e ajuda a construir nosso acervo.

As comunidades do interior são dignas de causar admiração pela beleza e abundância na produtividade das terras, que um dia foram fecundadas pelas mãos calejadas dos nossos tetravôs, com auxílio das enxadas.

Através da coloração das uvas nossos imigrantes não tingiram somente as mãos, mas também pintalgaram o coração de tinto, acreditando que iriam concretizar os sonhos que, um dia visualizaram através da terra multicolor, hoje chamada Flores da Cunha. Terra onde o povo é feliz por saber acreditar. Acreditar na vida, nas suas potencialidades, na força do trabalho, nas riquezas naturais e nas cores da sua bandeira.

Em cada amanhecer, diante da imponência do cantar do galo, o povo desperta para alegria de viver e prosperar, nessa cidade plena de qualidades e cenário interiorano com paisagens marcadas por parreirais.

Um dia eles chegaram e souberam deixar o seu legado. Com sangue italiano nas veias e o verde brotar das videiras espalharam a semente das uvas que hoje dão origem aos vinhos. Por isso agora é hora de brindar, dias de comemorar, momentos de compartilhar e partilhar por todo o esforço e sucesso alcançado e pela produção dos quase cem milhões de litros de vinho ao ano, saboreado por etnias de outros confins, o que nos torna conhecidos nacionalmente.

População, parreirais, uva e vinho. É tempo de vindimar e cima [acima] de tudo, demonstrar o espírito de coletividade para comprovar que nós, florescunhenses, também sabemos fazer a festa (RECH, 16/fev/2007, Edição Nº 944, p. 7).

Dessa maneira, percebe-se como a realização da festividade construiu e desconstruiu representações acerca da cidade e dos seus moradores, das quais, podemos identificar traços que obtiveram maior sucesso em se estabelecer como oficiais ao longo do tempo, enquanto outros passaram a ser esquecidos ou substituídos. Diante disso, é possível perceber que algumas das representações circulantes em 2007 remetem à década de 1980, quando os agentes do turismo étnico do município buscavam conquistar seu espaço com mais intensidade no processo de enquadramento das representações. Da mesma forma que, por outro lado, algumas fronteiras representativas foram alargadas, como é o caso da identidade gaúcha e industrial.

Essa leitura me remeteu às colocações de Oliveira quando defende que é da natureza das expressões identitárias apresentarem um teor de ambiguidade, permitindo aos agentes manipular diversas identidades ao longo de suas trajetórias e expressá-las de acordo com seus

interesses, mas, também de acordo com as possibilidades impostas pelas conjunturas. De acordo com o autor, “nesse sentido, vale considerar, no que diz respeito ao processo identitário que se trata de um espaço marcado pela ambiguidade das identidades – um espaço que, por sua própria natureza, abre-se à manipulação pelas etnias e nacionalidades em conjunção” (OLIVEIRA, 2000, p. 17). Essa constatação pode nos ajudar a entender porque, em determinados momentos, as expressões identitárias do grupo aqui estudado diversificaram suas expressões, com o passar do tempo, revezando-se entre expressões italianas acentuadas e ocultamentos desse traço, em expressões vinculadas a regionalismos florenses, em combates e pazes com a identidade gaúcha, em distanciamentos e aproximações entre as identidades coloniais e industriais e assim por diante.

Na mesma época da publicação do texto de Rech, analisado acima, próxima à realização da 11ª Fenavindima em 2007, um material de divulgação em específico despertou a minha atenção. Em uma página da edição de 23 de fevereiro de 2007, acima de uma grande propaganda da festividade, foram divulgadas sugestões de passeios turísticos a serem realizados pelo município, onde é possível identificar uma presença relevante dos interiores do município e de vinícolas. Entre elas, destacou-se também a presença de dois roteiros turísticos, o *Caminhos da Colônia* e a *Rota dos Vinhos dos Altos Montes*.

Figura 22 - Divulgação de atrativos turísticos durante a 11ª Fenavindima retirada do jornal O Florense.

Flores da Cunha, 23 de fevereiro de 2007

Muitos locais para visitar

Igreja Matriz e Campanário
Localizadas na Avenida 25 de Julho, no centro da cidade, a Igreja Matriz e o Campanário, marcam as referências da religiosidade do povo florense. A Igreja, com 100 anos de existência, é uma das mais antigas do Estado em estilo gótico e tem como padroeira Nossa Senhora de Lourdes. Já a torre tem 55 metros de altura e conta com 11.122 pedras de basalto. Seus cinco sinos foram fundidos em Savoia, na França, e receberam os nomes de Pierina, Cláudia, Dom Finotti, Antonieta e Imaculata.

Ótávio Rocha
A localidade está distante a 12 km do centro de Flores da Cunha e encanta os visitantes pelas características tipicamente italianas. Entre suas atrações estão a Igreja Matriz, a Praça Regional da Uva e o Belvedere do Monumento do Centenário. Outra atração é o Parque da Gruta, a um quilômetro da localidade, com uma queda d'água com 25 metros e a imagem de Nossa Senhora das Graças.

Cascata Bordin e Mirante Gelain
Os dois pontos turísticos estão localizados a 11 Km do centro de Flores da Cunha, no travessão Alfredo Chaves. A Cascata Bordin e o Mirante Gelain oferecem uma paisagem belíssima com uma queda d'água com altura de 135 metros. No mirante há local para prática de rapel.

Museu e Arquivo Histórico
O resgate das principais informações culturais do processo de colonização do Município está no Museu e Arquivo Histórico Florense. O prédio, que foi construído em 1954, está localizado na Avenida 25 de Julho, no centro do Município. O local abriga as mais variadas exposições sobre a cultura do povo florense. No local podem ser observadas desde peças do vestuário dos primeiros imigrantes até utensílios domésticos. O Museu abre de terça a sábado, das 8h às 17h, sem fechar ao meio-dia.

Caminhos da Colônia
Chegar a Terra do Galo por um caminho diferente é a proposta da rota turística Caminhos da Colônia. O ponto de partida do trajeto, que é feito num ônibus de 1957, é a cidade de Caxias do Sul, passando por seu interior até Flores da Cunha. Atracões como museus, igrejas, vinícolas, parques naturais, propriedades rurais produtivas, Moimho, restaurantes, corais e "nonos" são o que o turista pode conferir. Informações podem ser obtidas na Secretaria Municipal de Turismo, Indústria, Comércio e Serviços pelo telefone (54) 292 1722.

Rota dos Vinhos dos Altos Montes
Um seleto grupo de vinícolas abertas ao público oferece um roteiro enoturístico nos municípios de Flores da Cunha e Nova Pádua com visitas às instalações da empresa, degustação e vendas de produtos. São dez empresas que fazem parte da Associação de Produtores dos Vinhos dos Altos Montes (Aprmontes). As visitas de grupos devem ser agendadas. Informações pelo telefone (54) 292 3628.

Cooperativa Vinícola São Pedro Travessão Garibaldi, s/nº Fone: 3292 1921	Viapiana Vinhos e Vinhedos Travessão Alfredo Chaves, s/nº Fone: 3297 5144
Termsul Vinhos Finos Travessão Alfredo Chaves, s/nº Fone: 3292 5051	Panizzon Bebidas Travessão Martins, s/nº Fone: 3297 5111
União de Vinhos do Rio Grande Rua Dom Finotti, 320 Fone: 3292 2588	Vinhos Mioranza Travessão Alfredo Chaves Fone: 3297 5700
Vinhos Fabian Trav. Paredes, s/nº - Nova Pádua Fone: 3296 1399	Vinhos Monte Reale Av. 25 de Julho, 5005 Fone: 3292 1011
Vinícola Argenta Travessão Rondelli, s/nº Fone: 3292 2151	Vinícola Salvador Rua Júlio de Castilhos, 1880 Fone: 3292 3388

O carinho da nossa gente é motivo de orgulho.

Retratos da Nossa Festa
XI Fenavindima
FESTA NACIONAL DA VINDIMA

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

SEXTA - 23/02
19h30min - Show CANZONI PER TE

SÁBADO - 24/02
11h - Lançamento do CD Coral Nova Trento 35 Anos
13h30min - Show FREE NOTE QUARTET
15h - Show GUIDO GREMO
16h30min - Show CHÃO NATIVO
18h - Show MANDRAKE
19h30min - Show CANTABILE

DOMINGO - 25/02
11h - Show EL ITALIAN MESSAGERO DELLA FELICITÀ (humor)
12h30min - Show BEN-HUR TOLEDO ITALIANÍSSIMO
14h - Show ALEXANDRE E CRISTIAN
15h30min - Show MADEIRA DE LEI
17h - Show QUIQUIPROCÓ (Teatro de Bonecos)
18h30min - Show CORD VALCAVAZIA ITALIA (atração internacional)

DESFILE DE CARROS ALEGÓRICOS
Rua Borges de Medeiros

Sexta-feira 23/02
18 horas

Domingo 25/02
14 horas

De 23 de fevereiro a 18 de março a Festa é nossa! Participe.

www.fenavindima2007.com.br

FLORENSE

MGTEE
Eletrobras

Banrisul

Fonte: Acervo do jornal O Florense (O FLORENSE, 23/02/2007, Edição nº 945, Suplemento Especial Encartado – Retratos da Nossa Festa - XI Fenavindima, p. 16).

A divulgação desses atrativos, juntamente com o maior evento turístico da cidade, apontou para inauguração de uma nova modalidade de turismo que vinha buscando espaço em Flores da Cunha: a criação de rotas pelos interiores do município. Apesar de compartilhar aspectos semelhantes com a Fenavindima, sobretudo o objetivo de comercializar produtos locais, a nova modalidade dos roteiros se diferenciava das festividades pela possibilidade de receber um fluxo contínuo de turistas ao longo de todo o ano. Assim, a partir do momento que identifiquei a presença dos roteiros turísticos nas fontes pesquisadas, interrompi a investigação periódica ao acervo do jornal O Florense sobre a Fenavindima e passei a investigar a respeito da constituição dessas novas iniciativas, uma vez que se tratavam do fenômeno que, originalmente, deu início a presente dissertação. Dessa maneira, voltarei minha atenção aos roteiros turísticos no último capítulo dessa pesquisa, onde foram elencados como objetos centrais de estudo.

Logo, ao final da presente etapa da pesquisa, foi possível aprofundar o conhecimento a respeito da construção do setor de turismo municipal no recorte compreendido entre 1986 e 2007, onde a realização da Fenavindima foi considerada o principal expoente desse fenômeno. Ao longo desse período, foi possível concluir que a festividade foi uma importante propulsora do turismo local, atuou fortemente na mobilização de recursos e modificações da paisagem, mobilizou o debate público e as ações em prol da construção de representações da cidade e de seus habitantes para a atração de visitantes e permeou as iniciativas de transformação dos interiores, cantinas e moradores locais da cidade de Flores da Cunha em bens culturais comercializados pela atividade do turismo²³.

No que diz respeito à produção de representações sobre a cidade, levando em consideração que os momentos de preparação para a festividade foram marcos onde os agentes de turismo locais empreendiam esforços na construção da imagem do município que deveria

²³ Um adendo importante de ser realizado é do que, apesar da análise ter sido focada na Festa Nacional da Vindima (FENAVINDIMA), criada em 1967, por ser a maior festividade da cidade, através da pesquisa realizada no jornal O Florense foi possível detectar a presença de outras festividades locais que atuaram de forma similar e tiveram papel importante na construção do turismo municipal. Entre elas, podemos mencionar a Festa Paroquial da Uva (FECOUVA), criada em 1966, e a Festa do Colono (posteriormente chamada de Festa da Colônia), criada em 1972, ambas realizadas no distrito de Otávio Rocha, o Festival das Vindimas da Canção Popular, criado em 1975, a Festa de Produtos Coloniais (FEPROCOL), criada em 1983, e realizada no distrito (posteriormente, município emancipado) de Nova Pádua e o Festival da Polenta, Formaggio e Vino, criado em 1986. Através da realização dessas festividades, a população local estabelecia laços comunitários, debatia suas representações identitárias, conquistava investimentos na infraestrutura local pensada para receber visitantes, inaugurava monumentos comemorativos e construía marcas na paisagem.

ser apresentada aos turistas, o estudo das fontes analisadas no presente intervalo foi útil para identificar a variação dessas representações ao longo dos diferentes contextos estudados.

Assim, ao longo da década de 1980, foi possível perceber que o setor de turismo era representado a partir da ideia de um grande potencial a ser alcançado, através da conscientização da população local. Nesse contexto, os agentes do turismo local utilizaram as páginas do jornal O Florense para redigir textos onde apontavam caminhos para esse objetivo e debatiam entre si a respeito das representações identitárias que deveriam apresentar aos turistas. Naquele momento, foi possível identificar a formulação de um projeto de turismo para o município, baseado em representações identitárias positivadas da italianidade vinculadas ao cotidiano da vida colonial, que almejava colocar os turistas em contato com os interiores da cidade e transformar os bens culturais dos descendentes de imigrantes italianos nos atrativos comercializados. Através de uma diversidade de ativações simbólicas, esse grupo de agentes locais passou a defender esse projeto perante outras possibilidades descritas como ameaça para a cidade, como a urbanização, representada pelo projeto de aumento do número de pavimentos, ou a industrialização, representada pelo contraexemplo da Festa da Uva e da cidade de Caxias do Sul.

Já durante a década de 1990, foi identificado um movimento de alargamento das fronteiras identitárias presentes nas representações turísticas produzidas em prol da divulgação da Fenavindima. Essas representações, por um lado, estavam vinculadas a signos de uma identidade municipal, não necessariamente expressada através da italianidade, ainda que apresentasse elementos compartilhados em suas constituições, como, por exemplo, o símbolo do galo e o campanário. Por outro lado, estavam vinculadas à identidade tradicionalista. Contudo, é importante ressaltar que esses elementos não representaram a exclusão ou desaparecimento dos traços de italianidade, apenas conquistaram um espaço junto a ela que, na década passada, chegou a almejar uma homogeneidade das representações turísticas.

Por fim, durante a década de 2000, foi possível perceber que houve uma conciliação entre os traços coloniais e industriais nas representações vinculadas à Fenavindima, através de uma união simbólica promovida pela construção da italianidade, que passou a representar o grupo através dos traços de aptidão ao trabalho e prosperidade econômica em ambos os setores. Nesse sentido, durante a década de 2000, a narrativa dominante foi a de uma Flores da Cunha de origens italianas e vitivinícola, que prosperou, recebeu novos grupos étnicos, desenvolveu novos ofícios e foi harmonicamente construída pelo trabalho e pela fé. Para finalizar, é importante ressaltar que, diante desse cenário, emergiu a nova modalidade turística caracterizada pela criação de roteiros étnicos espalhados pelos interiores do município,

atendendo a uma antiga projeção do grupo de agentes de turismo local que, desde a década de 1970, mencionava, através da imprensa, o desejo de colocar o turista em contato com o cotidiano colonial dos descendentes de imigrantes italianos locais.

2.4 – Do Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi para os interiores do município: Placas e Panfletos dos Roteiros Turísticos

De volta para a análise do entorno da Praça da Bandeira, no recorte entre 2020 e 2023, localizado em frente ao Salão Paroquial Nossa Senhora de Lourdes, do outro lado da Avenida, está localizado o Museu e Arquivo Histórico Municipal Pedro Rossi, na esquina da Avenida 25 de Julho com a Rua Dr. Montauray. Assim, a presente seção da pesquisa dedicou-se ao estudo da instituição em busca de suas possíveis conexões com o desenvolvimento do setor de turismo. Ao longo desse processo, foi possível identificar e analisar fontes históricas produzidas no contexto das décadas de 2010 e 2020, momento em que o setor de turismo consolida suas rotas exclusivas e passa a revitalizar sua paisagem urbana.

Figura 23 – Foto do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 05 jan 2023.

De acordo com reportagem publicada no jornal O Florense, na data de 23/10/2018, sob a manchete de “Prédio do Museu Municipal é Patrimônio Histórico”, a edificação foi construída entre os anos de 1943 e 1945 com o objetivo de abrigar a Prefeitura Municipal, cujo o objetivo foi cumprido até o ano de 1986, momento em que o aumento da demanda de serviços e de

estrutura física levou à mudança da Prefeitura Municipal para a sede atual, localizada na rua São José. Como visto na foto acima, o letreiro na fachada do prédio permaneceu como uma testemunha daqueles tempos. Já o Museu Municipal de Flores da Cunha foi fundado em 1976 e permaneceu funcionando por dois anos no Salão Paroquial, prédio mencionado na seção acima que fica do outro lado da Avenida 25 de Julho. A partir de 1986, após a mudança da Prefeitura Municipal, o museu reabriu utilizando seu antigo prédio e era denominado na época de Museu da Imigração. Em 2003, passou a ser chamado de Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi através de lei municipal, nomenclatura que permanece até hoje (O FLORENSE, 23/nov/2018, Edição nº 1548, p. 5).

Apesar da construção da edificação e fundação do Museu remeter a uma temporalidade mais antiga, ele foi inserido nessa análise próxima ao tempo presente devido às ressignificações que ele vem sofrendo nos últimos anos. De acordo com reportagem publicada pelo jornal O Florense no dia 11/10/2018, o prédio passou a ser alvo de um processo de tombamento, motivado pelas precárias condições que apresentava, e passou a fazer parte de um projeto mais amplo, que incluía também restauração e novos usos para a edificação. A reportagem indicava que:

A edificação tem sofrido com as agruras do tempo e da falta constante de manutenção, porém existe uma luz no fim do túnel. Desde julho, a Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Planejamento, Meio Ambiente e Trânsito, tem trabalhado num projeto de restauração do prédio histórico, datado de 1945 e que já abrigou a sede do poder executivo. Conforme a doutora em Planejamento Urbano e especialista em políticas e gestão cultural, Cristina Seibert Schneider, o Museu Municipal passará por dois processos. O primeiro inclui o tombamento do Museu, tornando-o um patrimônio histórico municipal.

[...]

Paralelo a esse processo, a equipe da Secretaria de Planejamento está realizando o projeto arquitetônico para o restauro do prédio, o que abrange também uma nova proposta museográfica e de catalogação do acervo.

[...] será elaborado um projeto de restauro completo, que será encaminhado para captação de recursos para realização das obras por meio da Lei de Incentivo à Cultura (LIC) – nos mesmos moldes de captação de verbas junto às empresas, como foi feito com o Casarão dos Veronese (OTOBELLI, 2018).

De fato, no dia 20/11/2018, o tombamento da edificação foi realizado (O FLORENSE, 23/nov/2018, Edição nº 1548, p. 5). Seguindo a presente análise que venho realizando nessa

pesquisa, é possível concluir que a restauração da edificação é uma das várias ações que visaram a valorização paisagística da cidade e de seus bens culturais, sobretudo os vinculados com a preservação de uma memória e identidade municipal. Na reportagem analisada, percebe-se que a estratégia utilizada foi a realização de tombamento municipal e de captação de verbas através da Lei de Incentivo à Cultura, buscando financiamento das obras de restauro em empresas vinculadas com o município de Flores da Cunha. A estratégia de restauro foi inspirada no restauro do Casarão dos Veronese, patrimônio histórico de Flores da Cunha tombado em esfera estadual no ano de 1986 e restaurado via Lei de Incentivo à Cultura entre os anos 2015-2017. Também é possível perceber que a estratégia mencionada acima repetiu-se no caso do Campanário, estudado na seção acima e ocorrido um ano após o do Museu Municipal. Dessa forma, um dos elos de ligação entre os casos é a atuação de Cristina Seibert Schneider, conforme foi identificado anteriormente. Mais uma vez, a especialista em políticas e gestão cultural, fornece depoimento à imprensa elucidando o *modus operandi* adotado para realizar o tombamento e a restauração dos bens.

Logo, o primeiro elemento que podemos destacar é o de que, atualmente, o Museu integra um conjunto de espaços que está sendo apropriado pelo setor de turismo e sendo ativado simbolicamente com o objetivo de mobilizar recursos para a transformação paisagística da cidade de Flores da Cunha. Nesse contexto, baseado em uma ação similar à realizada com o Casarão dos Veronese, e juntando-se ao Campanário e a Avenida 25 de Julho, o Museu Histórico e Arquivo Municipal Pedro Rossi passou a ser ativado simbolicamente como mais uma atração turística e instrumento memorial que será ofertado à comunidade no futuro. Esse projeto, que vem sendo bem sucedido em encontrar estratégias de mobilização de recursos materiais que visam a preservação, o restauro e o uso turístico desses espaços, tem construído, no plano do discurso, uma relação temporal interessante, onde são ativados valores simbólicos do passado para legitimarem a preservação e o restauro no presente com base em usos no futuro.

Sendo o ato de visitar o museu municipal um dos mais comuns entre turistas e visitantes interessados em conhecer a respeito da história, da memória e da identidade do município em que se encontram, julguei ser interessante incluir a análise do espaço em minha saída de campo. Dessa maneira, busquei compreender quais representações da cidade o prédio poderia oferecer ao turista que o procurasse, tendo predominado elementos vinculados com a memória da imigração italiana. De acordo com o site institucional do Turismo de Flores da Cunha:

Desde 1986, o Museu resguarda objetos, documentos e fotografias alusivas à colonização da então Nova Trento pelos imigrantes italianos. O Museu recria

ambientes onde os objetos eram utilizados e apresenta salas especiais com os utilitários domésticos, da lavoura, das atividades de lazer e da tradição religiosa (TURISMO FLORES, 20XX).

Contudo, no momento da saída de campo, realizada em 2022, o Museu não estava aberto para visitas, devido aos processos de estudo de seu restauro e de reorganização de parte de seu acervo para outros espaços. Ocorria apenas atendimento ao público por demandas específicas de seu acervo. De todo modo, colocado em sua porta de entrada estava uma pequena mesinha de madeira com uma diversidade de folhetos para serem coletados pelos visitantes que ali passassem. Entre eles, destacavam-se os panfletos com propagandas dos roteiros turísticos pelos interiores do município. A ação de divulgação pode ser compreendida como uma estratégia de divulgação desse setor de turismo no município, bem como uma forma de deslocar os visitantes do centro da cidade para os seus interiores, objetivo que, como vimos na seção anterior, era um dos principais desafios nas décadas anteriores.

Nesse momento foram coletados panfletos de divulgação do turismo de Flores da Cunha, incluindo entre eles produções da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha e dos próprios roteiros turísticos, com exemplares do *Compassos da Mérica Mérica*, Otávio Rocha Vila Colonial e Altos Montes. Utilizo alguns desses exemplares como fontes históricas para a pesquisa no intuito de analisar as significações colocadas em circulação através desses materiais e as estratégias de divulgação utilizadas pelos empreendimentos para a atração de turistas.

Inicialmente, reproduzo abaixo fragmentos de um grande panfleto, assinado com o logo da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha e pela Secretaria de Turismo do município, que, aparentemente, tem como objetivo divulgar a amplitude de atrações turísticas que o município oferece. Em sua capa, estampa-se o nome da cidade e percebe-se a sua inserção na região da “Serra Gaúcha”, nomenclatura que conta com um capital simbólico já consolidado no campo do turismo, devido à fama de cidades vizinhas como, por exemplo, Gramado, Canela, Bento Gonçalves e Caxias do Sul, podendo-se destacar a associação com a região como uma estratégia de divulgação. Essa estratégia é reforçada pelo verso do panfleto, onde a cidade de Flores da Cunha é localizada dentro da região da Serra Gaúcha. Voltando para a capa, acima do nome da cidade, nota-se a ativação simbólica do pórtico de entrada da cidade, já analisado anteriormente, que se construiu como um símbolo da identidade municipal e do desenvolvimento do turismo. Somando-se a isso, temos um mosaico de fotos que, em seu conjunto, remetem a uma identidade colonial e italiana, articulada através da simbologia do trabalho e da fartura alimentar. Como argumentado anteriormente, o cultivo da uva e do vinho, produto de destaque municipal,

entrelaçam esses elementos. Nesse contexto, destacam-se as atividades de trançar cestos de palha manualmente, da colheita da uva com alicates e de esmagar as uvas com os pés, costumes dos primeiros imigrantes italianos da região que são lembrados através do panfleto. Por fim, vemos também o Casarão dos Veronese, patrimônio estadual ativado simbolicamente através desses elementos e a preparação do *menarrosto*, prato que remete a uma identidade municipal.

Figura 24 – Capa e contracapa de panfleto turístico produzido pela Prefeitura Municipal de Flores da Cunha.



Fonte: Panfleto turístico produzido pela Prefeitura Municipal de Flores da Cunha em 202X, coletado na entrada do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 202X).

No interior do panfleto, em um dos lados, temos a propaganda de cinco roteiros turísticos da cidade e a divulgação do nome e do telefone de diversos estabelecimentos turísticos. É interessante perceber que, no canto superior esquerdo, temos um espaço reservado para a história do município, descrita através do seguinte parágrafo:

Município do Estado do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha localiza-se na Serra Gaúcha e é rodeada por vales e montes que tem por margem o Rio das Antas. A paisagem tipicamente europeia e a cultura italiana são heranças da colonização que teve início por volta de 1877. Com a natureza exuberante, a evidência da religiosidade, belezas naturais, o sabor da farta gastronomia e dos vinhos que exalam o perfume da uva, a preservação dos costumes e cultura referem à cidade um encanto especial.

Flores da Cunha possui o título de município maior produtor de uvas e vinho do país, segundo polo moveleiro e o primeiro produtor de bebidas alcoólicas do estado (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 202X).

Assim, é possível perceber como o panfleto se apropria e, ao mesmo tempo, produz e reforça representações que vieram sendo construídas durante as últimas décadas. Nota-se ativações simbólicas vinculando a cidade com uma paisagem europeia e com uma identidade colonial e italiana, das quais a religiosidade e a fartura alimentar aparecem como pilares. No recorte do Compassos da *Mérica Mérica*, pode-se notar a presença de uma foto representativa de uma refeição colonial realizada ao ar livre, realizada sobre toalhas quadriculadas e vermelhas, animada com a presença de um gaiteiro e onde algumas das pessoas vestem chapéus de palha. A foto convida “viva essa experiência!” e acompanha o seguinte texto de divulgação:

O Roteiro Rural Compassos da Mérica Mérica é composto por empreendimentos que unem a tradição italiana ao lazer. Através de seus restaurantes e agroindústrias familiares são oferecidas atividades voltadas ao contato com a natureza. Destacam-se os passeios de carretão, visitação e cultivo de cogumelos, pisa da uva, colheita de frutas da época, sapeco de pinhão e gastronomia típica italiana. O roteiro tem por objetivo proporcionar ao visitante a experiência de vivenciar a verdadeira vida do interior (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 202X).

Assim, nota-se a estratégia de oferecer ao visitante uma experiência, um mergulho em uma realidade exótica, onde ele possa entrar em contato com o cotidiano colonial marcado pela

“tradição italiana”. Essa é uma estratégia compartilhada pelo recorte do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial que convida o turista para “Uma experiência colonial italiana”:

Otávio Rocha, distrito de Flores da Cunha, é uma pequena vila colonial onde o visitante encontra um ambiente acolhedor e pode vivenciar a cultura italiana preservada em seus costumes e memórias. O roteiro oferece bons vinhos, espumantes, chocolates finos, geleias, gastronomia típica italiana, sabores coloniais e belezas naturais (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 202X).

Da mesma forma, o recorte destinado à divulgação do roteiro Caminhos do Alfredo escolheu a exaltar a mescla entre a natureza e a cultura italiana:

Caminhos do Alfredo – Enoturismo Rural é um roteiro turístico localizado no Travessão Alfredo Chaves, interior do município de Flores da Cunha, composto por empreendimentos que prezam por um atendimento único e diferenciado. É possível conhecer as vinícolas, a gastronomia, as trilhas e belezas naturais, os espaços para lazer e a cultura de um local com quase 140 anos de história (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 202X).

Outro ponto destacado como estratégia de divulgação dos roteiros é a recepção dos turistas que costuma ser descrita como simples, hospitaleira e, principalmente, realizada pelos próprios donos dos empreendimentos, construindo uma representação para o descendente de imigrante italiano como bom anfitrião. Essa é uma alteridade que pode ser entendida a partir do contraste com os adjetivos de “rude” e “mesquinho” que outrora foram atribuídos ao grupo étnico. Nesse sentido:

O roteiro Vinhos dos Altos Montes oferece aos turistas que visitem Flores da Cunha e Nova Pádua o conhecimento sobre o cultivo da uva e o processo de fabricação dos vinhos. A vivência ocorre através de visitas, degustações e experiências enogastrômicas, muitas vezes realizadas pelos próprios proprietários das vinícolas. Os atrativos naturais e culturais aliados à hospitalidade montam os cenários do roteiro (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 202X).

Por fim, esses diversos elementos identitários podem ser vistos também no recorte do roteiro Passo do Vinho, onde foi colocado que:

É um roteiro enogastrônomico que é formado pelos municípios de Caxias do Sul, Flores da Cunha, Nova Pádua e Nova Roma do Sul. O visitante faz um passeio pelo mundo do vinho, da mesa farta, da história e da hospitalidade. Composto por vinícolas, restaurantes, pousadas e museus, no Passo do Vinho o turista vive uma intensa experiência pelos sabores e pelas belas paisagens (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 202X).

Figura 25 – Interior de panfleto turístico produzido pela Prefeitura Municipal de Flores da Cunha

Historia do Município

Município do Estado do Rio Grande do Sul, *Flores da Cunha* localiza-se na Serra Gaúcha e é rodeada por vales e montes que tem por margem o Rio das Antas. A paisagem tipicamente europeia e cultura italiana são heranças da colonização que teve início por volta de 1877. Com a natureza exuberante, a evidência da religiosidade, belezas naturais, o sabor da farta gastronomia e dos vinhos que exalam o perfume da uva, a preservação dos costumes e cultura referem à cidade um encanto especial.

Flores da Cunha possui o título de município maior produtor de uva e vinho do país, segundo polo moveleiro e o primeiro produtor de bebidas alcoólicas do estado.

Informações:
População: aproximadamente 32 mil habitantes
Altitude: 710m acima do nível do mar
Distância de Porto Alegre: 150 km **Emancipação Política:** 17 de maio de 1924

Uma experiência colonial italiana!

Otávio Rocha, distrito de Flores da Cunha, é uma pequena vila colonial onde o visitante encontra um ambiente acolhedor e pode vivenciar a cultura italiana preservada em seus costumes e memórias. O roteiro oferece bons vinhos, espumantes, chocolates finos, geleias, gastronomia típica italiana, sabores coloniais e belezas naturais.

Contato: www.otaviorochavilacolonial.com.br

Vinhos dos Altos Montes
 Flores da Cunha | Nova Pádua

Um mundo de descobertas esperando por você!

O roteiro Vinhos dos Altos Montes oferece aos turistas que visitam Flores da Cunha e Nova Pádua o conhecimento sobre o cultivo da uva e o processo de fabricação dos vinhos. A vivência ocorre através de visitas, degustações e experiências enogastrômicas, muitas vezes realizadas pelos próprios proprietários das vinícolas. Os atrativos naturais e culturais aliados à hospitalidade montam os cenários do roteiro.

Contato: www.vinhosdosaltosmontes.com

Passo do Vinho

É um roteiro de enogastronomia que é formado pelos municípios de Caxias do Sul, Flores da Cunha, Nova Pádua e Nova Roma do Sul. O visitante faz um passeio pelo mundo do vinho, da mesa farta, da história e da hospitalidade.

Um destino turístico bem feito!

Composto por vinícolas, restaurantes, pousadas e museus, no Passo do Vinho o turista vive uma intensa experiência pelos sabores e pelas belas paisagens.

Contato: www.passodovinho.com

COMPASSOS DA MÉRICA
 Roteiro Colonial

Viva essa experiência!

O Roteiro Rural Compassos da Mérica Mérica é composto por empreendimentos que unem a tradição italiana ao lazer. Através de seus restaurantes e agroindústrias familiares são oferecidas atividades voltadas ao contato com a natureza. Destacam-se os passeios de carratão, visitação e cultivo de cogumelos, pisa da uva, colheita de frutas da época, sapeco de pinhão e gastronomia típica italiana. O roteiro tem por objetivo proporcionar ao visitante a experiência de vivenciar a verdadeira vida do interior.

Contato: www.compassosdamerica.com.br

Caminhos do Alfredo - Enoturismo Rural

Enoturismo por excelência!

Caminhos do Alfredo - Enoturismo Rural é um roteiro turístico localizada no Travessão Alfredo Chaves, interior do município de Flores da Cunha, composto por empreendimentos que prezam por um atendimento único e diferenciado. É possível conhecer as vinícolas, a gastronomia, as trilhas e belezas naturais, os espaços para lazer e a cultura de um local com quase 140 anos de história.

Contato: www.caminhosdoalfredo.com.br

Fonte: Panfleto turístico produzido pela Prefeitura Municipal de Flores da Cunha em 202X, coletado na entrada do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 202X).

No verso do panfleto, foram colocados dois mapas apresentando a localização de diversos pontos turísticos. Um deles representando a área urbana da cidade e o outro, reproduzido abaixo, representando os interiores do município. Nesse sentido, percebe-se a estratégia de localizar o turista perante a diversidade de estradas que rumam para esses interiores. Nesse mapa, a área central da cidade é representada de amarelo, sem a representação de suas ruas, e a rodovia ERS-122, que liga Flores da Cunha às localidades de Caxias do Sul e Antônio Prado, está grifada de vermelho. Através da sua observação, o leitor da presente pesquisa pode entender como se localizam algumas das localidades mencionadas ao longo do trabalho, como o distrito de Otávio Rocha (roteiro Otávio Rocha Vila Colonial), o Travessão Rondelli e a Capela Nossa Senhora do Carmo (Roteiro Compassos Mérica Mérica) e o distrito de Alfredo Chaves (roteiro Caminhos do Alfredo), próximo à cidade vizinha de Nova Pádua.

Figura 26 – Mapa dos interiores de Flores da Cunha.



Fonte: Panfleto turístico produzido pela Prefeitura Municipal de Flores da Cunha em 202X, coletado na entrada do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 202X).

De modo geral, o panfleto pode ser entendido como um guia e mapa acerca das possibilidades turísticas de Flores da Cunha, dando destaque para os atrativos dos interiores do município e apresentando a localidade a partir de aspectos de uma identidade colonial e italiana através da ativação de diversos símbolos.

Além do panfleto da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha, puderam ser coletados no Museu Municipal os panfletos próprios dos roteiros turísticos Compassos da *Mérica Mérica*, Otávio Rocha Vila Colonial e Vinhos dos Altos Montes. Todos eles possuem uma disposição parecida, trazendo mapas com a localização de seus empreendimentos, acompanhados de fotos e representações ilustrativas dos espaços. Os textos fazem o papel de convidar o turista a viver experiências únicas em uma realidade exótica: o cotidiano farto da colônia italiana. Entre as atrações encontramos uma diversidade de bens culturais construídos pelos descendentes de imigrantes italianos: restaurantes com comida típica, espaços vinculados a uma religiosidade católica, cantinas de vinho, casarões antigos e parreirais de uva.

No panfleto do Roteiro Turístico Compassos da *Mérica Mérica*, percebe-se que a propaganda gira em torno da vivência de uma experiência. As fotos escolhidas para ilustrá-lo representam o cotidiano da vida colonial, com bastante destaque para a agricultura e para os chapéus de palhas. Já as atrações são descritas da seguinte maneira:

Compassos da *Mérica Mérica* é o roteiro colonial criado na região norte de Flores da Cunha. É um roteiro caracterizado pela simplicidade, rotina e cotidiano familiar na colônia, na gastronomia típica italiana, na produção de frutas, cogumelos, chimias, sucos, vinhos e espumantes (ROTEIRO COMPASSOS DA MÉRICA MÉRICA, 20XX).

Percebe-se também que uma das estratégias utilizadas para a criação do roteiro gira em torno da ativação simbólica da trajetória de Angelo Giusti, morador da região e a quem se atribui a autoria do hino da imigração italiana no estado do Rio Grande do Sul, a música *La Mérica*, que dá nome ao roteiro. Na outra face do panfleto, apresenta-se um mapa ilustrado do trajeto do roteiro e de suas propriedades vinculadas.

Figura 27 – Panfleto do roteiro Compassos da Mérica Mérica.

O QUE VOCÊ ENCONTRA NO COMPASSOS DA MÉRICA MÉRICA

Compassos da Mérica Mérica é o roteiro colonial criado na região norte de Flores da Cunha. É um roteiro caracterizado pela simplicidade, rotina e cotidiano familiar na colônia, na gastronomia típica italiana, na produção de frutas, cogumelos, chimias, sucos, vinhos e espumantes.

COMIDA TÍPICA

A tradição de comer bem na Serra Gaúcha.

VINÍCOLAS

Sucos, Vinhos e Espumantes para brindar a história da imigração.

PASSEIOS

A colônia e seus encantos! Venha sentir os aromas das frutas e do verde da natureza num divertido passeio de 'carreirão' pelas propriedades rurais.

LA COLACION

A antiga tradição dos imigrantes italianos de servir queijo, salame, chimias, polenta, suco e vinho durante o dia de trabalho na colônia se transforma num apetitoso lanche da tarde.

TURISMO PEDAGÓGICO

As crianças têm a oportunidade de vivenciar o dia a dia na colônia, das práticas da agricultura familiar e do trato aos animais, interagindo e conhecendo realidades diferentes.

CULTIVO DE COGUMÉLOS

Conheça o cultivo de cogumelos e desfrute de seus benefícios como alimento.



O nome do roteiro, Compassos da Mérica Mérica, foi inspirado na letra da Canção La Mérica, de Angelo Giusti, que é hino oficial da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Angelo Giusti fez parte da primeira geração de imigrantes da então Colônia Caxias e morou no atual território de Flores da Cunha, no Travessão Rondelli, à beira da estrada que liga o município a Antônio Prado. Faleceu aos 81 anos, em 23 de fevereiro de 1929.



COMPASSOS DA MÉRICA MÉRICA Roteiro Colonial

Município de FLORES DA CUNHA

contato@compassosdamerica.com.br
compassosdamerica


www.compassosdamerica.com.br



FLORES DA CUNHA - RS

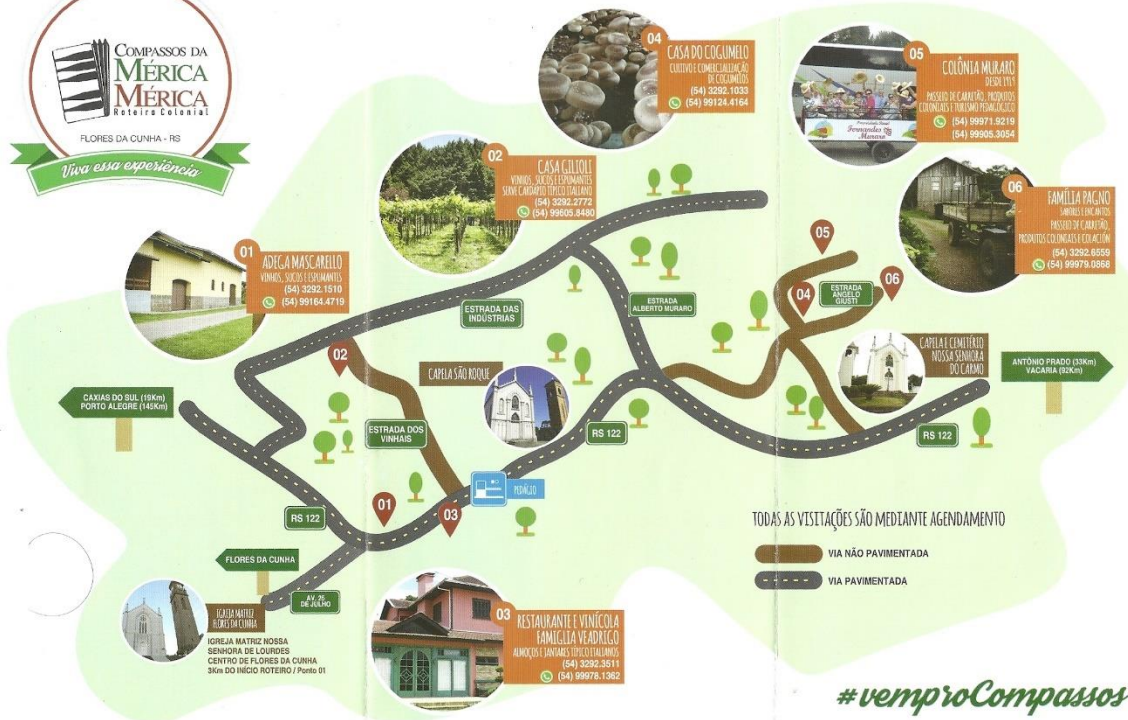
Viva essa experiência

#vemproCompassos



FLORES DA CUNHA - RS

Viva essa experiência



01 ADEGA MASCARELLO VINHOS, SUCOS E ESPUMANANTES (54) 3292.1510 (54) 99164.4719

02 CASA GIUSTI VINHOS, SUCOS E ESPUMANANTES SUAVES, CORDÃO DE ITALIANO (54) 3292.2772 (54) 99809.8480

03 RESTAURANTE E VINÍCOLA FAMILIAR VEDRICO ALMOÇOS E JANTARES TÍPICOS ITALIANOS (54) 3292.3611 (54) 99976.1362

04 CASA DO COGUMELO CULTIVO E COMERCIALIZAÇÃO DE COGUMÉLOS (54) 3292.1033 (54) 99124.4164

05 COLÔNIA MURARO PASSO DE CAMPEÃO, PRODUTOS RURAIS E TÍPICOS ITALIANOS (54) 99971.5219 (54) 99996.3054

06 FAMÍLIA PACINO SABORES E MUITO PRODUTO DO CAMPEÃO, PRODUTOS RURAIS E TÍPICOS ITALIANOS (54) 3292.8599 (54) 99979.0888

TODAS AS VISITAÇÕES SÃO MEDIANTE AGENDAMENTO

— VIA NÃO PAVIMENTADA

- - - VIA PAVIMENTADA

#vemproCompassos

Fonte: Panfleto turístico produzido pelo roteiro Otávio Rocha Vila Colonial, coletado na entrada do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi (ROTEIRO COMPASSOS DA MÉRICA MÉRICA, 20XX).

Somada à distribuição dos panfletos através do Museu Municipal, o roteiro *Compassos da Mérica Mérica* também utilizou como estratégia para o deslocamento dos visitantes do centro para os interiores do município, a fixação de um conjunto de placas em frente ao Campanário, apresentando seis faces.

Figura 28 – Foto de placas do roteiro *Compassos da Mérica Mérica* em frente ao Campanário.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 20 dez 2020.

Através delas podemos destacar como estratégia a composição de um relato biográfico a respeito de Angelo Giusti, vinculando sua trajetória com o autodidatismo, com a poesia e com a imigração italiana. Além disso, vemos a reprodução de dois de seus poemas: a música *La Mérica*, divulgada sob a legitimação da Lei 12431 de dezembro de 2005 que a intitula hino da imigração italiana no Rio Grande do Sul, e o poema *Le Campanone de Nova Trento*, criado em homenagem à chegada dos sinos do campanário, mencionados na seção acima através da reportagem do jornal *O Pioneiro* a respeito da inauguração do Campanário de Flores da Cunha (*O PIONERO*, 1949, p. 17). Somando-se à biografia do compositor, as outras duas placas realizam novas ativações simbólicas, uma delas do Campanário através de um relato histórico a respeito de sua construção e a outra da trajetória de Frei Exupèrio de La Compôte, um frei capuchinho vindo da França para a Colônia de Conde d’Eu e, posteriormente, para Nova Trento em 1913, onde estimulou a criação de corais e composições, através de um novo relato biográfico. Por fim, a última placa apresenta um mapa com as propriedades do roteiro, similar com o que vimos nos panfletos.

No panfleto do roteiro turístico de Otávio Rocha – Vila Colonial, podemos destacar elementos semelhantes aos já mencionados. O panfleto apresenta um mapa turístico de seu trajeto e referências que levam o turista a acessar o seu site oficial de divulgação, através de endereço e *QRcode*. A propaganda também gira em torno de imagens alusivas à vida colonial, com certo destaque para o cultivo de uva. O convite apresentado ao turista é feito da seguinte maneira: “Otávio Rocha é distrito de Flores da Cunha, na Serra Gaúcha, uma linda vila onde o tempo tem um ritmo diferente, um lugar para experimentar a cultura da colônia italiana. Conheça as atrações deste autêntico destino turístico colonial” (ROTEIRO OTÁVIO ROCHA VILA COLONIAL, 20XX). As duas grandes marcas de suas atrações no panfleto são os aspectos da religiosidade católica e do cultivo da uva, presente através da propaganda de espaços com descrições e fotografias no panfleto.

Figura 29 – Panfleto do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial



Fonte: Panfleto turístico produzido pelo roteiro Otávio Rocha Vila Colonial, coletado na entrada do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi (ROTEIRO OTÁVIO ROCHA VILA COLONIAL, 20XX).

Por fim, o panfleto dos Vinhos dos Altos Montes apresenta ao turista um mapa turístico com a localização das vinícolas vinculadas ao roteiro e fotos de seus interiores. O diferencial desse roteiro para os demais é que ele não se concentra em uma determinada localidade, mas suas vinícolas estão espalhadas por diversas regiões dos interiores de Flores da Cunha. Outro elemento é de que nesse a estratégia de propaganda passa mais pela atração de degustação dos vinhos do que pela comercialização de bens culturais dos descendentes de imigrantes italianos.

Figura 30 – Mapa do Roteiro dos Vinhos dos Altos Montes.



Fonte: Panfleto turístico produzido pelo roteiro dos Vinhos dos Altos Montes, coletado na entrada do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi (ROTEIRO DOS VINHOS DOS ALTOS MONTES, 20XX).

Dessa maneira, o segundo elemento que foi possível concluir através da inclusão do Museu Municipal na saída de campo da presente pesquisa, foi a sua utilização, enquanto um prédio de referência para apresentar a cidade aos visitantes, pelo setor de turismo municipal que divulgou panfletos dos roteiros turísticos dos interiores do município no local. Através da análise desse material, foi possível identificar como essas organizações se apropriaram de uma

série de representações e bens culturais de uma identidade étnica construída ao longo de décadas na localidade, transformando-as em atrativos turísticos baseados em experiências e vivências. Além disso, o próprio prédio do Museu Municipal está incluído em um projeto de preservação e restauração da área central do município, que tem entre seus objetivos a valorização do patrimônio histórico e a atração de visitantes para a cidade. Por fim, colocar novamente, que se tratam de fontes produzidas a partir das décadas de 2010 e 2020, momento onde o setor de turismo de Flores da Cunha encontrava-se em um momento de consolidação através da iniciativa desses empreendimentos.

2.5 – Revitalização da Av. 25 de Julho no entorno da Praça da Bandeira: O turismo futuro enquanto ativação simbólica para a transformação do presente

Por fim, gostaria de encerrar esse capítulo da mesma maneira que encerrei o capítulo anterior. Depois de realizar uma breve genealogia dos espaços do entorno da Praça da Bandeira e de seus vínculos com a atividade turística, penso ser interessante avaliar o que se pensa e planeja do uso desses espaços para o futuro, como uma estratégia para detectar de que maneira vem sendo atribuídas suas significações no presente. Nesse sentido, separei para análise, quais elementos o projeto vencedor da proposta de revitalização da Av. 25 de Julho foram destacados para o trecho no entorno da Praça da Bandeira, onde estão localizados o Salão Paroquial e a Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes, o Campanário, o Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi, as estátuas de São Pedro e do Leão Alado de São Marcos. Além disso, me interessou aqui analisar de que maneira a atividade turística esteve relacionada com o projeto.

No diagnóstico de avaliação, presente na prancha nº 02 do projeto, foi destacado que o trecho ao qual a Praça da Bandeira está incluída conta com:

Ocupação mais densa de construções de baixa e média altura, com rara arborização (característica cultural das cidades dos imigrantes italianos... um pouco diferente das características das ocupações urbanas de colonização alemã da região adjacente) o que deixa o pedestre em situação de desconforto térmico no verão, pela falta de sombreamento, muita poluição visual (postes com fiação excessiva e conflituosa), logotipia comercial sem regulamentação, e decorrente competição por espaço das fachadas comerciais), prioridade de mobilidade veicular (e estacionamento de veículos) em detrimento do pedestre, configurando uma cidade similar a muitas outras da região nordeste do RS (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022, Prancha 02).

Dessa forma, pode-se dizer que a atual situação do trecho se mostra desconfortável para a permanência de pedestres nas ruas, como no caso de passeios turísticos, por exemplo, e prioriza o trânsito veicular em detrimento da circulação de pessoas a pé. Nesse sentido, a avaliação realizada entende que o espaço pode passar por melhorias levando em consideração os interesses do setor de turismo. Sobre a quadra seguinte à da Praça da Bandeira, foi colocado que:

A presença dos ônibus intermunicipais na quadra seguinte à da Praça da Bandeira, resquício da pequena rodoviária que hoje nem mais existe, subsistindo como ponto de parada e estacionamento ao longo de todo o passeio Oeste, remanesce no imaginário da população como uma quadra degradada, com comércio típico de rodoviárias intermunicipais, justamente em uma quadra com grande potencial turístico, pela adjacência à Praça principal da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022, Prancha 02).

Na citação acima, pode-se perceber que o trecho da Praça da Bandeira é significado como um espaço de grande potencial turístico. Já a presença de “comércio típico de rodoviárias” aparenta ser significada como um entrave ou um concorrente ao exercício pleno desse potencial, permitindo visualizarmos um elemento de disputa de diferentes setores pelo espaço. Diante disso, a proposta construída para a revitalização do espaço foi formulada a partir da seguinte conceituação:

[...] entendemos que a simples **potencialização da latência** de uso misto (comercial e residencial de média densidade), aliada a recursos de ordem do detalhamento urbano de passeios, ciclovias, faixas de tráfego, equipamento e mobiliário urbanos, e arborização permitiriam uma metamorfose da situação de via comercial de acesso prioritariamente veicular, para uma **extensão** contínua dos espaços de permanência e fruição encontrados na Praça da Bandeira, aquilo que nos referimos na conceituação inicial do trecho 1: a ‘Rua larga’ da cidade, como a **avenida que se torna praça**; porém, no caso, uma praça urbana com qualidades paisagísticas eminentemente construídas, temperadas pela arborização como novidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022, Prancha 02, grifos do documento).

Nesse contexto, a proposta de revitalização desse trecho da Avenida 25 de Julho oferecida pelo projeto passa por dois elementos. O primeiro deles:

Re-significação pela transformação do trecho, através da pedestrianização da Avenida, diminuindo o protagonismo dos veículos, favorecendo a caminhada a pé, e o uso de bicicletas. Uma avenida para ser apreciada em espaços de permanência, ou ao ritmo de caminhada. [...] prioridade sempre do pedestre, em segundo lugar o ciclista, em terceiro os veículos (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022, Prancha 02).

Enquanto o segundo planeja uma:

Metamorfose da Avenida nesse trecho, de rua comercial acessada por veículos para uma espécie de extensão da praça da Bandeira, a sul e a norte (em direção ao futuro Complexo da Vinícola Nova Aliança), na expectativa de ressignificá-la como espaço de permanência e fruição de pedestres e turistas, com a natural atração de comércio e gastronomia vibrantes, isso em variações de tipos de configurações de ruas (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022, Prancha 02).

Ou seja, percebemos que a leitura feita do espaço hoje é de afastamento dos pedestres e favorecimento dos veículos. O projeto de revitalização da Avenida 25 de Julho planeja alterar o trecho com o objetivo de intensificar a ocupação, pensando no uso do espaço privilegiando pedestres e turistas a partir de uma ideia de permanência. Nas entrelinhas, podemos supor que há uma expectativa de mudança na natureza dos estabelecimentos do entorno, representada pela caracterização de “natural atração do comércio e gastronomia vibrantes”. Diante desse contexto, é possível somar à revitalização da Avenida 25 de Julho às demais ações de modificações realizadas no trecho e analisadas no presente capítulo, apresentando uma cidade, atualmente, em transformação que aparenta uma busca pela valorização de seus espaços paisagísticos e pelo desenvolvimento de seu potencial turístico. Nesse contexto, como vimos anteriormente, os elementos simbólicos vinculados à religiosidade católica e à imigração italiana vem sendo bem sucedidos em manterem-se presente e atualizarem-se em relação às modificações da paisagem ocorridas ao longo do tempo, através das estratégias elencadas anteriormente. A atividade turística relacionada a essa identidade étnica, também apresentada aqui como um projeto de longo prazo que veio e continua sendo construído, acabou ocupando um papel central na mobilização de recursos e planejamento dessas ações. Assim, o projeto de revitalização da Avenida 25 de Julho, coloca que:

Entendemos que essa configuração de rua criaria uma atratividade para negócios gastronômicos e relacionados ao turismo nessas duas quadras, pela proximidade à

Praça da Bandeira (eventos municipais, celebração de Corpus Christi, feira do Livro, Museu Pedro Rossi...) potencializando-os para o uso noturno e de lazer (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA, 2022, Prancha 02).

Assim, ao final do segundo capítulo da presente pesquisa, busquei mapear e investigar marcas da paisagem, relacionadas à construção do turismo, localizadas no trecho correspondente à segunda etapa de minha saída de campo, que compreende o entorno da Praça da Bandeira no centro do município de Flores da Cunha. Nesse sentido, é importante pontuar que a escolha do espaço passou por entendê-lo como uma referência geográfica, memorial e identitária do município, no qual puderam ser detectados, no intervalo temporal de 2020 a 2023, o Campanário, a Igreja Matriz e o Salão Paroquial Nossa Senhora de Lourdes, o Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi, a Praça da Bandeira e os monumentos do seu entorno e, por fim, um dos principais trechos da Avenida 25 de Julho. Após o mapeamento desses locais, iniciei uma investigação retrospectiva vinculada às suas trajetórias, possibilitando realizar novas conclusões a respeito da construção do setor de turismo local. Para isso, foram utilizadas como fontes históricas as marcas da paisagem mapeadas e registradas através de fotografias, reportagens jornalísticas do acervo do jornal O Florense, panfletos turísticos coletados ao longo da saída de campo e bibliografia temática a respeito do contexto histórico estudado. Após a realização dessa investigação, que envolveu idas e vindas no tempo guiadas pelos espaços analisados, fiz uma retomada da estrutura cronológica elaborada ao final do primeiro capítulo, no intuito de complementá-la com as novas conclusões obtidas nessa etapa da pesquisa.

Sendo assim, havia colocado anteriormente que as projeções turísticas da cidade de Flores da Cunha haviam se iniciado durante a década de 1960, com a venda de bebidas alcoólicas das empresas de Eloy Kunz, comercializadas através do símbolo do galo. Somado a isso, ao final dessa década, em 1967, foi detectada a criação da Festa Nacional da Vindima, que viria a se tornar uma das maiores ferramentas de atração de turistas para a cidade nas décadas seguintes. Conforme concluído, a criação da festividade teve relações com a projeção nacional obtida pela Festa da Uva, de Caxias do Sul, que passou a criar uma representação da região da Serra Gaúcha, baseada na vitivinicultura e na italianidade, para o restante do Brasil. Nesse sentido, ao longo da década de 1970, a cidade de Flores da Cunha inseriu-se em um processo de reivindicação étnica no estado do Rio Grande do Sul, protagonizada pelos descendentes de imigrantes italianos, para dar resposta à repressão e posterior estigma construído sobre essa identidade, desde a década de 1930. Sendo assim, além das edições da Festa Nacional da

Vindima, ocorridas durante a década de 1970, através da pesquisa ao acervo do jornal O Florense, foi possível identificar a execução de diversas outras festividades de cunho étnico e católico, espalhadas pelos diferentes interiores da cidade, tornando-se elementos relevantes no processo de positivação da identidade étnica italiana, característica da década de 1970.

Em paralelo ao processo de reavivamento étnico da década de 1970, foi possível detectar algumas iniciativas que contribuíram para o desenvolvimento de um setor de turismo na cidade de Flores da Cunha. Entre elas, podemos mencionar a fundação da Pousada Galo Vermelho, em 1972, realizada por Eloy Kunz, e a criação do Festival Vindima da Canção Popular, em 1975, que perdurou até a década de 1990. Sendo assim, é importante mencionar que, apesar do setor de turismo estar se desenvolvendo em paralelo ao processo de reavivamento étnico, nesse momento, eles ainda não se mostravam necessariamente vinculados, sendo as ações de Kunz decorrentes do sucesso de comercialização de suas bebidas alcoólicas e as Vindimas da Canção relacionadas a um movimento de festivais dessa natureza, desencadeado no estado do Rio Grande do Sul. Contudo, através da identificação de uma reportagem do jornal O Estado de São Paulo, analisada no primeiro capítulo, foi possível detectar que, ao menos no plano do discurso, Eloy Kunz vislumbrava a possibilidade de vincular a cultura italiana, agora em processo de positivação, aos atrativos turísticos da cidade. Na ocasião, além de Kunz, foram detectados outros agentes vinculados a essa ideia que, ao longo das décadas seguintes, passariam a dar continuidade ao projeto elaborado pelo empresário naquele momento.

Já na década de 1980, através de pesquisa realizada no acervo do jornal O Florense, foi possível identificar que a principal ação do setor de turismo local se deu através da realização da Festa Nacional da Vindima. Investigando as diferentes representações identitárias que a festividade colocou em circulação, foi possível perceber que, nesse período, existia um posicionamento fortemente delineado em torno da construção de uma imagem turística para a cidade, baseada em uma italianidade caracterizada pela vida colonial e pela transformação dos bens culturais dos descendentes de imigrantes italianos em atrativos. Contudo, o projeto de turismo ainda era ativado como uma potencialidade a ser desenvolvida através da conscientização da população florense. Essa visão justificava o tom assumido pelas lideranças étnicas e turísticas, que ocupavam as páginas do jornal O Florense no intuito de debater e indicar os caminhos que o setor deveria seguir. Como exemplos desse contexto, foi possível identificar momentos onde esse projeto para a cidade precisou ser defendido perante outras “ameaças” para o futuro do município, como, por exemplo, diante do projeto de aumentar o número permitido de pavimentações para os prédios da cidade, diante dos perigos de seguir os traços industriais da Festa da Uva e da cidade de Caxias do Sul ou perante o “pequeno grupo” de

produtores de uísque clandestinos que ameaçavam a imagem almejada para Flores da Cunha, caracterizada pela representação do descendente de imigrante italiano como anfitrião hospitaleiro, honesto, trabalhador e simples.

Na década de 1990, por sua vez, ocorreu um alargamento das fronteiras identitárias vinculadas às representações da cidade, colocadas em circulação pelas edições da Fenavindima daquele período. Nesse contexto, a italianidade, que buscava praticamente uma homogeneidade representativa nas décadas anteriores, passou a dividir o espaço das propagandas turísticas com símbolos da identidade municipal e gauchesca. Nesse cenário, ocorreram diversas ativações simbólicas, por parte do setor de turismo, da edificação do campanário de Flores da Cunha, do signo do galo e da própria trajetória do empresário Eloy Kunz. Em relação à identidade gauchesca, fortemente combatida na década de 1980 pela presença do churrasco, ela passou a ganhar espaço entre as principais atrações artísticas da festividade durante a década de 1990. Nesse sentido, as representações de uma italianidade colonial mantiveram-se presentes, contudo, lado a lado, com iniciativas que representavam Flores da Cunha através do resultado de um “entrelace de culturas e raças” e através de uma separação geográfica entre cidade e colônia. Para além disso, é importante ressaltar que, nesse contexto, o antigo projeto de deslocar os turistas para os interiores coloniais da cidade apresentou-se como uma oferta, representando avanços nos objetivos do grupo de transformar o cotidiano colonial dos descendentes de imigrantes italianos em bens culturais comercializados pelo turismo.

Porém, essa multiplicidade de representações identitárias originadas na década de 1990 passou a ser representada a partir de uma conciliação na década de 2000, onde, nas páginas do jornal O Florense, a trajetória da cidade de Flores da Cunha foi narrada a partir de suas origens italianas e coloniais e complementada, ao longo de sua história, pela chegada de outros grupos étnicos. Nessa narrativa, a aptidão ao trabalho e a fé dos primeiros imigrantes italianos foram representados como legados transmitidos às próximas gerações de moradores da cidade, que teriam dado continuidade ao processo de prosperidade econômica, através de uma diversidade de ofícios, que incluía a lida colonial e o desenvolvimento industrial. Foi diante desse cenário que foram detectadas as primeiras propagandas a respeito da criação de uma nova modalidade de turismo municipal, representada pela criação de rotas de turismo, que incluíam os interiores de Flores da Cunha como atrativos turísticos, juntamente com outras cidades vizinhas.

Esse cenário se intensificou na década seguinte, de 2010, quando a cidade viu nascer as primeiras iniciativas de roteiros turísticos exclusivos dos interiores florenses, conforme detectados nas fontes analisadas no primeiro capítulo dessa dissertação. Através dessa nova modalidade, originada nas décadas de 2000 e 2010, pode-se considerar que o projeto de turismo

defendido pelo grupo de agentes locais estudados na presente dissertação, defendido ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990, passava a se estruturar no município. Junto a esse processo, ao longo da década de 2010, foi possível identificar um processo de transformação paisagística, guiada a partir de motivações turísticas, para a cidade, no qual podemos incluir como exemplos a instalação do Monumento do Leão de São Marcos na Praça da Bandeira, em 2013, a instalação de uma diversidade de placas de roteiros turísticos, ao longo da década de 2010, o restauro do Casarão dos Veronese, entre os anos de 2015 e 2017, a instalação do canteiro em formato de uva e da placa de *gemellagio* no pórtico da cidade, em 2016, o tombamento e projeção de restauro do Museu Municipal e Arquivo Histórico Pedro Rossi, em 2018, o tombamento e execução de restauro do Campanário, entre 2019 e 2023, e a aprovação do projeto de revitalização da Avenida 25 de Julho, realizado no ano de 2022.

Sendo assim, interpretando esse processo de renovação paisagística como um indício do desenvolvimento turístico que a cidade vem experimentando nas últimas décadas, passei a dedicar a última etapa de minha saída de campo para estudar o surgimento do que entendi ser o principal fenômeno do turismo florense, ao longo da última década: a nova modalidade formatada em roteiros espalhados pelos diferentes interiores da cidade de Flores da Cunha.

3 - CAPÍTULO 3 – DO CENTRO AOS INTERIORES DO MUNICÍPIO: AS ROTAS DE TURISMO ÉTNICO E RURAL DE FLORES DA CUNHA

Dando sequência à narrativa da saída de campo realizada, após a análise do entorno da Praça da Bandeira, guiado pela divulgação dos roteiros turísticos encontrados naquele espaço, passei a percorrer os interiores do município. Assim, o presente capítulo é resultado da saída de campo realizada em dois roteiros turísticos mencionados acima: o Compassos da *Mérica Mérica* e o Otávio Rocha Vila Colonial. A seleção dos roteiros para realização da saída de campo atendeu aos critérios de se tratarem, no momento de realização da pesquisa, dos dois roteiros mais estruturados em termos de disponibilidade de fontes e de aparições constantes em divulgações turísticas de diversas naturezas (placas, *websites*, reportagens jornalísticas), além de serem as rotas que mobilizaram uma abundância maior de símbolos identitários vinculados à italianidade em suas propagandas, sendo consideradas, portanto, com maior potencial para responder as problemáticas da presente pesquisa.

O roteiro Passo do Vinho, pelo fato de envolver quatro municípios diferentes, acabou ficando inviável. Já o roteiro Vinho dos Altos Montes, por se tratar de um roteiro exclusivamente de vinícolas e com base na degustação de vinhos, mobilizou menos elementos identitários que estiveram no cerne da presente investigação, ficando de fora da presente análise. Já o roteiro Caminhos do Alfredo poderia ter entrado na saída de campo, mas, como seu lançamento efetivo ocorreu próximo ao término da pesquisa, não houve tempo hábil para sua inclusão. Contudo, seu lançamento pôde ser considerado como mais um indício de que estive analisando um objeto de estudo do tempo presente, sem a presença de um marco temporal de encerramento do fenômeno, que, provavelmente, irá perdurar nas próximas décadas. Porém, é importante colocar que os roteiros que não foram incluídos na saída de campo do presente capítulo, contribuíram para a dissertação através da análise de suas divulgações, que auxiliaram a identificar representações produzidas da cidade, colocadas em circulação por suas propagandas, e estratégias adotadas para a atração de turistas, compondo o processo de criação de um estereótipo visual construído coletivamente pelas diferentes iniciativas do setor de turismo local.

Sendo assim, o presente capítulo é resultado da terceira etapa de minha saída de campo, realizada ao longo dos roteiros Compassos da *Mérica Mérica*, localizado no Travessão Rondelli de Flores da Cunha, e Otávio Rocha Vila Colonial, localizado no distrito de Otávio Rocha, no intervalo temporal entre 2020 a 2023. Levando em consideração que as propagandas analisadas falaram em sentir o “tempo em um ritmo diferente” e “experimentar a cultura da colônia italiana”, os objetivos centrais do capítulo passaram por tentar identificar e compreender as

estratégias empregadas no funcionamento dessas rotas, através do mapeamento, da descrição e da análise das marcas da paisagem, das experiências oferecidas e do universo simbólico construído como atrativos ofertados por esse setor de turismo. Para isso, iniciei o capítulo elaborando uma breve trajetória cronológica a respeito da criação dos roteiros turísticos, utilizando reportagens jornalísticas do acervo do jornal O Florense, algumas selecionadas no processo de pesquisa do capítulo anterior e outras pesquisadas pontualmente a partir do conhecimento das datas de lançamento dos roteiros, e, na sequência, dediquei uma seção do capítulo para descrever e analisar cada um dos roteiros percorridos. Sendo assim, foram utilizadas como fontes históricas as fotografias das marcas da paisagem, decorrentes do processo de mapeamento realizado durante a saída de campo, obras de memorialistas locais a respeito desses espaços, o registro das experiências vivenciadas ao longo desse processo, as reportagens do jornal O Florense mencionadas acima e o estudo de bibliografia temática.

3.1 – A Criação das rotas de turismo em Flores da Cunha

Conforme visto anteriormente, a ideia de transformar a paisagem dos interiores da cidade e a vivência dos descendentes de imigrantes italianos em atrativos turísticos existia, ao menos no plano do discurso, desde a década de 1970. Através da análise da reportagem do jornal O Estado de São Paulo, Ciuffo escreveu:

Esses usos e costumes têm um atrativo bastante forte e capaz de gerar um considerável fluxo turístico, que poderá ser o elemento definitivo na fixação do homem na terra, diz Eloy Kunz, produtor de vinhos e proprietário do melhor hotel da cidade, “Pousada Galo Vermelho”. Como exemplo dessa afirmação, cita a “Rota do Vinho”, na França, onde o turismo gera um fluxo econômico tão significativo quanto o obtido com a produção do vinho. Turismo e vitivinicultura podem, assim, constituir um binômio fundamental na preservação das riquezas naturais de regiões tranquilas, sem problema de poluição de nenhuma espécie, nem de gigantescas aglomerações. Formam um cenário bastante solicitado pelos habitantes das grandes cidades, que buscam na prática do turismo a necessária troca de rotinas e de panoramas (CIUFFO, 15/fev/1976, Suplemento de Turismo, p. 10)

Através da reportagem, é possível perceber que Eloy Kunz buscou inspiração em experiências da França para construir uma projeção para o futuro do turismo de Flores da Cunha. Deve-se considerar que, para a formulação de tal ideia, Eloy Kunz já era, naquela época, um empresário bem sucedido do ramo de bebidas alcoólicas e do turismo, sendo assim, a busca

de oportunidades de negócios deveria ser um hábito constante de seu ofício. Logo, diante do forte movimento de posituação da identidade étnica italiana, eclodido a partir da comemoração do Centenário da Imigração Italiana, em 1975, Kunz, devido a sua vivência, teve a capacidade de ler o novo cenário constituído no Rio Grande do Sul e vislumbrar a possibilidade de construção de um setor econômico lucrativo na cidade. Como argumentado anteriormente, provavelmente através da articulação de Kunz com outros agentes interessados no desenvolvimento do turismo local, como, por exemplo, os ex-prefeitos Raymundo Paviani e Angelo Araldi, que forneceram depoimentos, inclusive, para a mesma reportagem, essa projeção de turismo foi encontrando adeptos na sociedade florense.

Através da pesquisa ao acervo do jornal O Florense, explicada no capítulo anterior, passei a encontrar referências diretas a esse projeto turístico, inclusive referindo-se já ao formato de criação de roteiros de turismo, a partir do final da década de 1980, lembrando que o periódico foi fundado apenas em 1986. É importante relembrar o leitor nesse momento que o periódico foi fundado por Carlos Raimundo Paviani, filho do ex-prefeito Raymundo Paviani, citado acima.

Além disso, é possível destacar que a inspiração para criação dessa modalidade de turismo surgiu a partir de experiências de outros lugares. No caso da reportagem acima, a França foi citada como exemplo. No mesmo sentido, em reportagens identificadas no jornal O Florense foi possível perceber que frequentemente os agentes de turismo local mencionavam exemplos de outras cidades ou regiões para expor suas expectativas ao futuro florense. Assim, no dia 01/07/1988, o editorial do jornal publicou o texto “Roteiro do vinho?” onde mostra a indignação pela ausência da cidade de Flores da Cunha em um roteiro da região:

A União Brasileira de Vitivicultores publicou em sua Revista do Vinho, edição nº 4, do mês de janeiro e fevereiro de 1988 um roteiro do vinho, no Rio Grande do Sul.

Neste roteiro foram incluídas as cantinas e vinícolas dos municípios Bento Gonçalves, Garibaldi, Caxias do Sul, Santana do Livramento e Viamão. Os municípios de Flores da Cunha, Antônio Prado, Veranópolis e São Marcos foram apenas citados, no final da reportagem, sem ao menos constarem no mapa que situa geograficamente o “Roteiro do Vinho”.

Esta pe [é] uma realidade que deve ser analisada por todas as empresas florenses ligadas ao setor vinícola, pelas autoridades e até mesmo pelos agricultores. Têm sido constantes [constantes] notícias que circulam no estado e restante do país, falando de assuntos que só denigrem a imagem de Flores da Cunha. Por outro lado,

pouco ou praticamente nada se lê ou se ouve apontando o que de bom nosso município possui.

Este fato nos faz pensar que existe algo ou alguém querendo eliminar Flores da Cunha como um centro produtor de vinhos (O FLORENSE, 01/jul/1988, Edição Nº 46, p. 2).

O texto foi escrito próximo ao período em que estavam ocorrendo investigações e autuações às indústrias de bebidas do município, justificando o sentimento de perseguição com a cidade. É interessante perceber como o editorial do jornal assume um papel de agente de turismo ao passo que o texto assume um papel de alerta e advertência ao setor vitivinícola, às autoridades e aos agricultores em relação ao ocorrido e ao que deve ser feito.

Em 28 de setembro de 1988, em sua coluna “Porta dos Fundos”, Floriano Molon adotou um tom similar, contudo, com um direcionamento voltado para a administração pública:

FORA DO ROTEIRO: O Touring Club do Brasil vem de editar o 2º número do seu Jornal, com distribuição para todo o Brasil. E como notícia de capa traz a manchete: “O FRIO E O VINHO – Um Roteiro Europeu nas Serras do Rio Grande”. E mais uma vez a grande novidade. Citadas que foram dezenas de vilas do interior [interior] da região, nenhuma linha, nenhuma citação, nenhum comentário sobre Flores da Cunha. E pensar que temos uma Secretaria de Turismo para exatamente divulgar, impor, conquistar os turistas e também os jornalistas que vêm à serra e fogem do “Maior produtor de uvas e vinhos per capita do País” (MOLON, 23/set/1988, Edição Nº 52, p. 11, grifo do autor).

Esses textos demonstram que as estratégias assumidas por alguns dos agentes de turismo internos do município tiveram influência de cidades vizinhas. Nos capítulos anteriores, vimos que, em diversos momentos, as cidades de Canela, Gramado e Caxias do Sul foram mencionadas como exemplos ou contra-exemplos a serem observados. Nas duas fontes analisadas acima, percebe-se que a ausência da cidade de Flores da Cunha nos meios de divulgação turística era um dos grandes pontos que incomodavam o grupo de agentes naquele momento. Em reportagem publicada no dia 19/10/1990, sob a manchete “Festival de Turismo pretende consolidar Região da Uva e Vinho”, pode-se identificar outra tentativa de inserção da cidade no circuito dos roteiros:

O 2º Festival de Turismo, que acontece em Gramado hoje e amanhã (19 e 20) colocará frente-a-frente organizadores de eventos, e agências de viagem e operadoras

turísticas do Brasil e até mesmo da América Latina, tornando-se assim um excelente local para a comercialização de produtos turísticos. Para fazer parte deste evento, seis municípios da região (Flores da Cunha, Antônio Prado, Caxias do Sul, Farroupilha, Carlos Barbosa, e Garibaldi) estarão expondo na feira e apresentando os principais eventos e as possibilidades turísticas para o próximo verão na serra gaúcha, mais precisamente na região da Uva, e do Vinho.

[...]

Carlos Paviani, acrescenta ainda que, Flores da Cunha estará apresentando aos agentes de viagem um roteiro de visitação de um dia para nosso município, em que além dos pontos turísticos se enquadram visitação a cantinas, produtores rurais para colheita de uvas, empresas do município, aproveitando assim o turista que vem para fazer compras na região (O FLORENSE, 19/out/1990, Edição N  108, p. 12).

Na  poca, Carlos Paviani, sócio fundador do jornal O Florense, ocupava a secretaria de turismo no mandato do prefeito Alberto Walter Oliveira (PMDB), que também estava presente no evento, segundo a reportagem. Através do depoimento de Paviani para o jornal,   possível perceber que, naquele momento, a criação de roteiros para visitação nos interiores já era almejada pelo grupo, bem como a busca pela inserção de Flores da Cunha nos destinos turísticos da Serra Gaúcha, ao lado de cidades vizinhas, através do vinho e dos interiores como principais atrativos turísticos. Já em 11/11/1994, no “Espaço Aberto” que costumava trazer assuntos enviados pela população, foi escrito que:

Dois leitores assíduos da Revista Quatro Rodas ficaram surpresos nesta semana, quando ao folhear a edição n  412, deste mês, observaram que no caderno de turismo há um mapa da região da serra gaúcha e Flores da Cunha nem   citada. Moisés Mambrini e Gilberto Pagno, indignados, questionam como podemos falar em Turismo, justo agora que estamos nos preparando para mais uma Fenavindima (O FLORENSE, 11/nov/1994, Edição N  311, p. 2).

Contudo, pouco tempo depois, em 20/01/1995, Floriano Molon destaca em sua coluna “Porta dos Fundos” que:

Um outro capítulo do Guia destaca os Roteiros de Viagem. São 10 roteiros, abrangendo 83 localidades, desde a Serra Gaúcha até o Delta do Parnaíba, no Piaul . No roteiro n  1, “o melhor do vinho e do frio do Sul do País”, Flores da Cunha é a cidade n 1, “uma das melhores cidades da serra, seus atrativos estão nas encostas cobertas por parreiras e matas nativas. Preserva muitas das tradições italianas”.

[...]

Assim, a Quatro Rodas presta um inestimável serviço ao setor turístico florense que aos poucos, conquista um lugar de destaque no cenário nacional. A Festa Nacional da Vindima deve ser um importante fator de conagração da comunidade, conscientizando-se que o turismo não é brincadeira, mas fonte de recursos, que são espalhados para todos (MOLON, 20/jan/1995, Edição Nº 319, p. 9).

A sequência de trechos aqui destacadas demonstram que havia uma séria preocupação dos agentes em inserir Flores da Cunha nos roteiros divulgados em veículos externos. Após uma sequência de cobranças, o município aparece como destaque em um desses exemplares, o que nos faz levar em consideração que possa ter sido fruto da pressão exercida internamente entre agentes de turismo, órgãos públicos e proprietários do setor. Quando isso acontece, o tom pedagógico de alerta para o restante da comunidade em relação ao exercício do turismo retorna, servindo como justificativa para cobrar dos moradores locais empenho na realização da Fenavindima de 1995, que se aproximava naquele momento. Outro fato interessante de ser percebido, é a representação atribuída pelo autor ao turismo, como algo que deve ser levado à sério, e a consciência de que é uma atividade que permite mobilizar recursos, os quais o autor garante serem repassados aos diversos setores da sociedade, como uma espécie de justificativa para suas cobranças e alertas constantes para a população “despertar” para esse setor.

De acordo com artigo escrito por Tomazzoni, Bock e Simon, por volta dessa mesma época, Floriano Molon idealizava a criação do primeiro roteiro de turismo do qual a cidade de Flores da Cunha estaria inserida, chamado de Caminhos da Colônia. Segundo os autores:

O Roteiro Caminhos da Colônia foi idealizado em 1995, pelo então secretário de Turismo de Flores da Cunha, Floriano Molon, cujo projeto obteve receptividade dos possíveis integrantes e dos gestores públicos do turismo regional. Uma das razões da criação do roteiro turístico como atrativo de implantação iniciou-se com visitas aos empreendedores, reuniões com as comunidades, elaboração de mapas, visitas a roteiros similares, realização de cursos de qualificação, busca de patrocínios, colocação de placas de identificação e de sinalização e fundação da Associação Cultural e de Desenvolvimento dos Caminhos da Colônia (ADECA).

Implantado pelas secretarias de Turismo de Caxias do Sul e de Flores da Cunha, o roteiro envolve os dois municípios, visando oferecer um novo produto típico, ligado ao trabalho agrícola e à preservação das tradições da imigração italiana. Seu percurso é de 35 quilômetros. No trajeto realizado em estrada parcialmente asfaltada, encontram-se quatro restaurantes, duas pousadas, várias vinícolas, fábrica de joias, orquidário, igrejas, parques, mirante, parreirais e outras propriedades agrícolas,

museus e casas centenárias dos antigos imigrantes italianos (TOMAZZONI, BOCK, SIMON, 2012, p. 256).

Dentro da metodologia da presente pesquisa ao acervo do jornal O Florense, explicada anteriormente, a primeira menção encontrada ao roteiro Caminhos da Colônia se deu na data de 09 de fevereiro de 2002, momento em que era realizada a 10ª Fenavindima, presidida por Floriano Molon. Na ocasião, o roteiro dos Caminhos da Colônia é apontado como uma ferramenta para aumentar o fluxo de visitantes às festividades da Fenavindima, de Flores da Cunha, e da Festa da Uva, de Caxias do Sul. Na mesma reportagem, existe menção a um novo roteiro de enoturismo no município, a Rota dos Vinhos dos Altos Montes, que estaria abrindo as portas de cinco vinícolas para visitaçãõ.

Figura 31 - Reportagem sobre roteiros turísticos de Flores da Cunha no jornal O Florense.

Caminhos da Colônia projeta incremento turístico

O roteiro Caminhos da Colônia pretende ampliar o número de visitantes durante a realização da Feira da Vindima e da Festa da Uva nos meses de fevereiro e março. Para isso, foi melhorada a estratégia de *marketing* do roteiro. “A intenção é aproveitar o trânsito de turistas em Caxias do Sul e Flores da Cunha durante esse período. Por ser nossa primeira experiência neste sentido, não temos idéia de quanto aumentará o fluxo”, analisa o secretário da entidade que administra o projeto, Pedro Ferrari.

De acordo com Ferrari foi realizada a limpeza e a reposição de placas danificadas no trajeto. Outras quatro, novas, foram instaladas em locais que recentemente aderiram ao roteiro. No Acesso Sul foi colocada sinalização indicando a continuação do trajeto na parte florense através do caminho que liga ao distrito de Otávio Rocha. Além disso, a Prefeitura imprimiu 40 mil folders sobre o Caminhos da Colônia que serão distribuídos nos dois pontos de informações turísticas instalados no município durante a Feira da Vindima (veja matéria à esquerda) e em Caxias do Sul, na Festa da Uva.

Novo presidente
Mosar Tonet foi eleito novo presidente do projeto turístico Cami-

nhos da Colônia. A reunião que elegeu o novo presidente – no lugar de Floriano Molon, que agora tornou-se vice-presidente – ocorreu segunda-feira, dia 4 de fevereiro, no Parque das Pitangueiras. A secretaria ficou com Pedro Ferrari enquanto que Darci Dani assume a tesouraria. A nova diretoria fica no cargo durante o biênio 2002/2003. A posse ocorrerá no Restaurante Gianella, em Caxias do Sul, no dia 11 de março. A próxima reunião com colaboradores e empreendedores do projeto está marcada para a data da posse.

Enoturismo
Um novo roteiro que explora o segmento enoturístico é o Vinhos dos Altos Montes, que também quer aproveitar o afluxo de visitantes nesta época. Neste e nos próximos quatro finais de semana, cinco vinícolas locais - Monte Reale, Panizzon, Viapiana e Boscato - abrem suas portas à visitaçãõ. O objetivo é oferecer outras atrações além da degustação e venda de produtos. Curso de iniciaçãõ ao conhecimento sobre vinhos (por enquanto oferecido apenas pela Boscato) e opção gastronômica (Ristorante Vale del Mis, da Monte Reale) são algumas delas.

Fonte: Acervo do jornal O Florense (O FLORENSE, 09/02/2002, Edição nº 684, p. capa).

A reportagem registrava os primórdios de uma nova tendência de turismo do município que viria a crescer nas décadas seguintes: a criação de roteiros pelos interiores da cidade e a atração de turistas em fluxo contínuo ao longo do ano. Na edição seguinte da Fenavindima, realizada em 2007, foi possível identificar novamente a divulgação dos dois roteiros vinculados à realização da festividade, como visto em fonte reproduzida no capítulo anterior. Percebe-se que a Rota dos Vinhos dos Altos Montes dobrou a quantidade de vinícolas pertencentes de 5, em 2002, para 10, em 2007, representando um aumento da adesão desse setor do município às atividades turísticas. Nesse sentido, é interessante destacar que a iniciativa viria a sanar um desejo antigo dos agentes de turismo local que, desde a década de 1980, conforme visto nas reportagens analisadas no capítulo anterior, almejavam a participação de vinícolas no setor de turismo e, em diversas ocasiões, utilizaram das páginas do jornal O Florense para expressar sua frustração com os “cantineiros”.

Já no ano seguinte, em 2008, foi anunciada uma medida de integração regional do turismo através do lançamento da rota Vales da Serra que, na verdade, reuniria atrações turísticas das cidades de Antônio Prado, Caxias do Sul, Flores da Cunha, Nova Pádua e São Marcos. Através da medida, pode-se perceber que a elaboração de rotas passava a ganhar destaque entre as estratégias turísticas adotadas pelo município de Flores da Cunha e vizinhos da região da serra gaúcha.

Figura 32 - Reportagem sobre lançamento da rota turística Vales da Serra.

13 de junho de 2008

GERAL

17 OFLORENSE

Região lança rota turística *Vales da Serra*

Flores da Cunha e Nova Pádua integram os locais de visitação

A Associação de Turismo da Serra Nordeste (Atuaserra), através da sua micro região 4, promoveu na terça-feira, dia 10, o coquetel de lançamento da rota turística *Vales da Serra* e do roteiro integrado Experiência Viva. A Rota é composta pelos municípios de Antônio Prado, Caxias do Sul, Flores da Cunha, Nova Pádua e São Marcos.

O lançamento ocorreu no Restaurante da Festa da Uva e contou com a presença de prefeitos, vereadores e secretários de turismo dos cinco municípios, da coordenadora da micro região 4, Patrícia Schenkel, das Soberanas da Festa da Uva, além de professores e estudantes de turismo e hotelaria.

O presidente da Atuaserra,

Clacir Romagna, destacou a potencialidade de cada um dos cinco municípios integrantes da Rota. Em nome dos chefes de executivo, o prefeito de Caxias do Sul, José Ivo Sartori, destacou a importância da unidade e da integração entre os municípios que abrangem a nova Rota. "A Rota Turística Vales da Serra representa um avanço no que diz respeito à regionalização do Turismo, e é também uma forma de valorizar e divulgar a nossa cultura, a gastronomia e as belezas naturais", apontou. Com o objetivo de desenvolver o turismo regional, a Atuaserra iniciou um planejamento estratégico e formatou a rota turística e um primeiro roteiro integrado, em parceria com o Sebrae. Com o

apoio do poder público, iniciativa privada, instituições de ensino e entidades ligadas ao Turismo, a *Rota Vales da Serra* passa a ser uma nova atração, oferecendo farta gastronomia, excelentes vinhos e sucos, música típica, hospitalidade e belas paisagens.

Os roteiros *Melhor Idade, Caminhos da Colônia e a Rota da Apromontes* passam a integrar o 'Vales da Serra' como atrações de Flores da Cunha. Por Nova Pádua, estarão sendo trabalhadas as belezas naturais como o Belverê Sonda e os esportes de aventura (rafting, rappel e trilhas ecológicas). "Ter mais um roteiro, de caráter regional, agrega mais divulgação", ressalta a secretária de Turismo de Flores da Cunha, Silvana De Carli.

FOTO: PAULO RIBEIRO



Discursos destacaram a importância de ser fazer turismo regionalizado.

Fonte: Acervo do jornal O Florense (O FLORENSE, 13/jun/2008, Edição nº 1012, p. 17).

INFORMATIVO

CENTRO EMPRESARIAL
FLORES DA CUNHA

ENTIDADE QUE CONGREGA OS SETORES PRODUTIVOS DE FLORES DA CUNHA E NOVA PÁDUA

Formação permanente

A sociedade atual requer de empresários e profissionais uma atualização constante. Pensar na formação pessoal, realizar um curso, uma pós-graduação, uma viagem de estudos é quase uma obrigação. As pessoas são colocadas diante do dilema: fazer o que gosta ou, atender a uma demanda do mercado, uma oportunidade momentânea. Esta escolha não é uma tarefa fácil. Normalmente só realizamos escolhas livres quando nossas necessidades básicas estão absolutamente resolvidas. Nem sempre conseguimos fazer o que gostaríamos, mas também, de nada adianta fazer o necessário se ali não encontramos prazer algum. Ao fazer uma opção pelo necessário é importante entender este momento como uma etapa para uma coisa melhor. Há cursos e especializações que requerem muito tempo, trabalho, dedicação e um certo afastamento do lazer e da família. Então a dúvida: Vale a pena? As atribuições do crescimento pessoal podem exigir esforço, mas devem ser feitas com prazer, sem estresse. Trabalhar em um projeto de formação continuada cursa, mas, não pode estressar, por isso boa sorte em suas escolhas.

Uma opção para quem deseja se especializar é o curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia, oferecido pela Universidade de Caxias do Sul – UCS em Flores da Cunha:

Pós-Graduação Lato Sensu – UCS
Curso de Especialização em Psicopedagogia em Flores da Cunha/RS
Local: Centro Empresarial – Rua Ari Koppe, 390
Período de realização: Junho de 2008 a dezembro de 2009
Público-alvo: Portadores de diploma de curso superior nas áreas de Pedagogia, Psicologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Serviço Social e nas licenciaturas afins à área de formação do curso oferecido.
Coordenação: Prof. Ms. Siloe Pereira – Departamento de Psicologia
Inscrições: Podem ser feitas pela Internet, até o dia 20 de junho, ou diretamente na Secretaria de Pós-Graduação, até o dia 24 de junho de 2008.
Matriculas: De 26 a 30 de junho de 2008.
Investimento:
De 30 a 34 alunos: 20 parcelas de R\$ 228,00
De 35 a 40 alunos: 20 parcelas de R\$ 196,00
Horários: Encontros quinzenais às sextas-feiras, das 19h30min às 22h30min e sábados, das 8h às 12h e das 13h30min às 16h.

Fonte e Texto: Mazzocchi Koppe - Vice-Presidente de Serviços do Centro Empresarial
Editoração: Positiva Comunicação e Marketing

Agência Empresarial

Seguindo por essa lógica, no ano de 2013, um novo roteiro turístico, o *Compassos da Mérica Mérica*, com atrações exclusivamente localizadas na cidade de Flores da Cunha, foi apresentado durante o 25º Festival do Turismo de Gramado e no 2º Salão do Enoturismo. É possível perceber que a estratégia de divulgação da rota, que reuniu estabelecimentos coloniais e familiares do interior da cidade de Flores da Cunha, girou em torno do dialeto *talian*, presente no próprio nome da iniciativa e através da presença do coral Nova Trento entoando canções durante o lançamento. A referência se deu pelo fato de o roteiro homenagear Angelo Giusti, considerado um poeta agricultor que residiu e permanece sepultado no entorno de onde se passa a rota. Giusti é considerado o autor da canção *Mérica Mérica*, oficializada como Hino Estadual da Imigração Italiana através da Lei 12.411 de dezembro de 2005. Assim, considero o

lançamento do roteiro Compassos da *Mérica Mérica*, por um lado, um indício do contínuo desenvolvimento do setor turístico que Flores da Cunha vinha atingindo desde o início da década de 2000 e, por outro lado, o marco inicial de uma nova etapa do turismo florense, caracterizada pelo surgimento de diversos roteiros com estabelecimentos exclusivamente dentro dos limites geográficos da cidade.

Figura 33 - Reportagem sobre lançamento do roteiro turístico Compassos da *Mérica Mérica*.

O Florense - 14 de novembro de 2013

GERAL 11

Novo roteiro para divulgar o município

Compassos da Mérica, Mérica foi lançado em Gramado no dia 8

Foi no 25º Festival do Turismo de Gramado e no 2º Salão do Enoturismo que foi lançado o roteiro turístico Compassos da Mérica, Mérica, de Flores da Cunha. A cerimônia, no dia 8, contou com a animação do coral Nova Trento, que entoou cantos italianos, enfatizando a canção a qual nomina o roteiro: *Mérica, Mérica*.

O Compassos foi apresentado pelo secretário de Turismo, Indústria, Comércio e Serviços, Everton Scatmin, que elogiou a iniciativa dos integrantes. "É preciso valorizar as propriedades do interior e cultivar as nossas tradições para alavancar o turismo florense", ressaltou. O presidente da Associação dos Empreendedores de Turismo Nossa América, Ricardo Pagnó, falou sobre o objetivo de agregar valor às propriedades e convidou os presentes, em dialeto, a visitarem o roteiro. "Estamos nos organizando para bem atender aos turistas e temos como finalidade mostrar o dia a dia do interior, os hábitos da cultura italiana", explicou.

O projeto tem como parceiro o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-RS), onde foram realizados diversos cursos de capacitação, visando aprimorar os ideais da entidade e profissionalizar os empreendedores. Na solenidade de abertura esteve presente o gerente regional do Sebrae, Rogério da Silva Rodrigues, que se pronunciou em apoio ao roteiro. "Trabalhamos juntos

e obtivemos resultados. Parabéns ao grupo que está tendo esta conquista", frisou.

Integram o roteiro Compassos da Mérica, Mérica os seguintes empreendimentos e/ou empreendedores: Adega Mascarello, Fernandes Muraro, Joel Bolzan, Joel Bolzoni e vitícolas Gilioli, Mascarello, Muraro, Pagnó, Veadrigo e Vilela. Além do Compassos, Flores da Cunha tem as rotas Vales da Serra (que inclui Flores da Cunha e Nova Pádua), Vinhos dos Altos Montes e Caminhos da Colônia.

Criado em 2013 pela Associação dos Empreendedores, o roteiro colonial busca valorizar propriedades do interior, promovendo o desenvolvimento sustentável e mantendo vivas as tradições, a gastronomia e a cultura trazidas pelos imigrantes. A rota abrange as comunidades de São Roque, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Bom Conselho (Serra Negra) e São Viçar. No passeio, os turistas conhecem também o cotidiano das famílias das propriedades rurais, vivenciam o cultivo e produção da uva e do vinho e conhecem o manjão de outros frutos e cogumelos. A degustação de comida típica é um capítulo à parte com geleias, queijos e pães caseiros. O nome foi criado em homenagem ao imigrante Angelo Giusi, autor da letra da música *Mérica, Mérica*, considerada por lei estadual o Hino da Imigração Italiana

(ele está sepultado no cemitério da comunidade do Carmo).

Enoturismo

Além de destinos já reconhecidos, como o Vale dos Vinhedos (Bento Gonçalves), o Salão do Enoturismo apresentou o roteiro Caminho do Moscatel, em Farroupilha. O estande foi coordenado pelo Instituto Brasileiro do Vinho (Ibavin), em parceria com o Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares - Região Uva e Vinho. As regiões da Serra, Campanha e do Alto Uruguai tiveram espaços tematizados para aproximação direta com o *troude* turístico.

O enoturismo é uma atividade que se baseia na viagem motivada pela apreciação do sabor e aroma dos vinhos e nas tradições e cultura das localidades que produzem esta bebida. Para as vitícolas, os benefícios da atividade são comprovados pela oportunidade de fazer com que o vinho produzido seja visto e degustado, pela proximidade entre produtor e consumidor, pela maior margem de lucro por meio da venda direta ao turista e ao retorno imediato quanto a qualidade dos produtos. O enoturismo também se destaca por proporcionar aos visitantes um conhecimento maior sobre o setor vitivinícola, que pode resultar no aumento do consumo de vinhos no país.

LARESA VEIDI



Atividade em Gramado foi conduzida por comitiva florense.



Informativo Rural

Olir Schiavenin

oir@strflores.com.br

Safra de grãos

A produção de grãos da safra 2013/2014 no Estado poderá ultrapassar 30 milhões de toneladas. A estimativa, segundo levantamento da Conab, indica um crescimento de 7,2% em relação ao ano passado. A expectativa positiva se deve a inúmeros fatores dentre os quais a manutenção de bons preços, as condições climáticas normais e boa situação financeira dos produtores.

O produto que teve o maior ganho foi o do milho, com 16,3% de variação positiva em área, devendo chegar a 1,06 milhão de hectares e produção de 5,57 milhões de toneladas. O crescimento se deve ao aumento da demanda e ao preço de mercado com boa rentabilidade. Para o Brasil, a safra está estimada entre 192,4 milhões e 196,6 milhões de toneladas, o que representa uma variação de 3% a 5,3% acima da registrada em 2012/2013.

Assembleia Geral Ordinária

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Flores da Cunha e Nova Pádua convoca seus associados para uma Assembleia Geral Ordinária a ser realizada no dia 18 de novembro no auditório da entidade, a primeira convocação às 13h30min e, a segunda, às 14h. A pauta: apresentação, discussão e votação da Previsão Orçamentária de 2014; valor das mensalidades para o exercício de 2014; e assuntos gerais.

Campanha

A campanha do STR "Pagar Mensalidades de Prêmios" se encerra no dia 6 de dezembro. Todo o associado que quitar as mensalidades de 2013 até aquela data concorre a 10 prêmios. O sorteio será realizado no dia 7 de dezembro dentro da programação da 19ª Festa do Aposentado.

19ª Festa do Aposentado

O evento ocorre no dia 7 de dezembro com a seguinte programação: 10h30min - Missa em ação de graças na Igreja Matriz.

12h - Almoço de confraternização no salão paroquial.

À tarde haverá sorteio dos prêmios, distribuição de brindes, mensagem do Papai Noel e reunião dançante. Os ingressos podem ser adquiridos a partir da próxima terça-feira, dia 19 de novembro, com os líderes das comunidades ou na sede do STR.

Fonte: Acervo do jornal O Florense (O FLORENSE, 14/nov/2013, Edição nº 1292, Geral, p. 11).

Já em 2019, foi a vez do distrito florense de Otávio Rocha lançar o seu roteiro turístico com atrações localizadas exclusivamente na localidade. O lançamento ocorreu

aproximadamente 1 ano após a inauguração do restauro do Casarão dos Veronese, finalizada em dezembro de 2017. O Casarão dos Veronese é o único bem patrimonial gaúcho tombado em Flores da Cunha e trata-se de uma edificação de pedra, construída por volta de 1898, por um dos primeiros imigrantes italianos que estabeleceu residência no atual território da cidade. O bem foi inscrito no livro tombo em 23/12/1986 e, desde então, passou por diversos riscos de desabamento até a realização do seu restauro, ocorrido entre os anos de 2015-2017 (BARILI, 2018). Antes disso, a localidade já vinha sediando festividades turísticas e promovendo investimentos para a atração de visitantes. Através do lançamento do roteiro, a estratégia de divulgação escolhida foi o rótulo de ser uma vila colonial italiana, sendo o roteiro denominado de Rota Turística Otávio Rocha Vila Colonial.

Figura 34 - Reportagem sobre lançamento da rota turística Otávio Rocha Vila Colonial.

4

GERAL
10 de maio de 2019

O FLORENSE

Uma (nova) experiência colonial italiana

Rota Turística Otávio Rocha Vila Colonial foi lançada nesta semana, unindo oito empreendimentos locais

Uma experiência turística diferenciada. Esse é o principal intuito das oito empresas – Casa das Cucas, Casa Gazzaro, Chocolate com Arte, Hotel e Restaurante Dona Adélia, Restaurante do Gringo, Vinhos Pauleti, Silber e Uvas Slaviero –, que lançaram nesta semana a Rota Turística Otávio Rocha Vila Colonial. O evento, na última terça-feira, dia 7, reuniu autoridades e a comunidade no Casarão dos Veronese, junto ao distrito, coroando um trabalho iniciado há dois anos, com consultoria do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), apoio da Prefeitura de Flores da Cunha e Associação dos Amigos de Otávio Rocha, e o patrocínio da Cooperativa Sieredi.

Durante o lançamento, falaram em nome da rota Michael Molon e Jaqueline Isoton Longhi, que valorizaram o percurso dos últimos meses, lembrando pontos turísticos e investimentos realizados no distrito, como o próprio Casarão dos Veronese. "Sempre fomos reconhecidos por ser um local turístico, mas não havia uma união, uma organização ou uma promoção do destino. Então, em 2017, esse grupo de empreendedores se uniu para começar a pensar no futuro turístico de Otávio Rocha, valorizando todos os nossos atrativos culturais", contou Molon.

O primeiro passo foi o desenvolvimento do planejamento estratégico, com consultoria de Ivane Fávero. "Com esses apoios, chegamos a nossa marca e slogan, que é 'Otávio Rocha Vila Colonial, coleção histórias e experiências'. Esse foi o entendimento que todos os empreendedores queriam, uma experiência diferenciada", complementou Jaqueline. Com a rota foram lançadas as mídias sociais, o site (www.otaviorochavilacolonial.com.br), bem como materiais gráficos e as placas que identificam cada empreendimento.

Durante a noite, o historiador e pesquisador Floriano Molon, natural de Otávio Rocha e entusiasta do turismo local, foi homenageado pela comunidade.

Iniciativa privada

A consultora Ivane Fávero, que também é presidente da Associação Internacional de Enoturismo (Aenotur), destacou durante o lançamento a união entre diferentes negócios visando um objetivo maior. "Esses empreendimentos estão preparados para bem acolher. Essa é a expertise, trabalhar com produtos de qualidade e serviços cheios de atributos, baseados nos valores que noricam toda a criação dessa rota. Entendemos que o turismo é uma atividade coletiva, ninguém visita uma empresa, as pessoas visitam um território", afirmou.

Ivane acompanha o grupo de empreendedores desde 2017. "A riqueza desta rota é justamente sua autenticidade. É para quem busca os reais valores, os reais sabores, propriedades que têm história e a dedicação de pessoas daqui, que querem fazer de Otávio Rocha e Flores um destino turístico cada vez mais respeitado e consolidado, trabalho a qual a prefeitura também vem desenvolvendo há muito tempo", finalizou a consultora.



GABRIELA FIORIO

Roteiro foi apresentado no Casarão dos Veronese.

O prefeito Lídio Scortegagna adiantou alguns investimentos, como a pavimentação de mil metros que fará a ligação com a comunidade de Santa Justina, em Caxias. "Este é um destino que tradicionalmente é muito hospitaleiro e hoje esses empreendedores concretizaram um trabalho que vem sendo desenvolvido de muitas formas", valorizou.

Quem são os empreendimentos

<p>– Casa das Cucas: Criada por Selmira Cleci Back Matte e família, oferece pães, cucas, grossolis, biscoitos e outras variedades de produtos feitos pela equipe de Cleci.</p> <p>– Casa Gazzaro: Trabalha com vinhos, sucos e espumantes, além</p>	<p>da Casa Gazzaro, um cenário com mesas e cadeiras ao estilo rústico que convida a saborear as diversas opções elaboradas pela casa.</p> <p>– Chocolate com Arte: Oferece itens de chocolate belga, que são comercializados na loja própria.</p>	<p>– Hotel e Restaurante Dona Adélia: Possui mais de 50 anos de tradição familiar na prestação de serviços de hospedagem e alimentação.</p> <p>– Restaurante do Gringo: Oferece a culinária da imigração italiana e um acolhimento familiar com massas, polenta brustolada, queijo frito e sopa de agnolini.</p> <p>– Vinhos Pauleti: Na propriedade é possível conhecer os vinhedos e degustar os produtos com o acompanhamento da família Pauleti.</p> <p>– Silber: A agroindústria,</p>
---	--	--

idealizada por Maria Aparecida da Silva Bernardi, oferece o Caminho dos Mirtilos, além de diversas opções gastronômicas.

– **Uvas Slaviero:** A propriedade recebe turistas há mais de 40 anos, mostrando a vida da colônia.

Fonte: Acervo do jornal O Florense (O FLORENSE, 10/mai/2019, Edição nº 1569, Geral, p. 4).

Mais uma vez, o movimento de criação de rotas turísticas no município se mostrou em expansão quando, na edição de 11/12/2020, o jornal O Florense publicou um caderno especial denominado de Caminhos & Rotas Turísticas, através do qual divulgou os roteiros consolidados até então. Além disso, na ocasião, também anunciou a criação de outras duas novas rotas

turísticas em vias de consolidação na cidade. Uma delas é a rota Caminhos do Alfredo que, no momento da publicação, estava em vias finais de preparação e que estaria localizada no distrito florense de Alfredo Chaves, com foco voltado para a categoria do enoturismo, A outra, é a rota Passo do Vinho que passou a contar com atrações espalhadas pelas cidades de Nova Roma do Sul, Nova Pádua, Flores da Cunha e Caxias do Sul com o foco voltado para a visitação de vinícolas e degustação de vinho.

Figura 35 - Reportagem sobre lançamento do roteiro turístico Caminhos do Alfredo.

6

Caminhos & Rotas Turísticas

11 de dezembro de 2020

O FLORENSE

Um novo roteiro pelos Caminhos do Alfredo

Rota está sendo finalizada e terá muitos atrativos, desde degustação de vinhos a um elevador panorâmico

Aos poucos, o novo roteiro de Flores da Cunha, na localidade de Alfredo Chaves, está saindo do papel e ganhando forma. O Caminhos do Alfredo será composto por 11 empreendimentos que, juntos, fazem uma rota de enoturismo rural cheia de experiências inovadoras. A região, que possui enormes poten-

cialidades, terá do tradicional vinho e espumante, aos sabores do suco de uva puro e da gastronomia, passando pela grappa e pelo presunto, até chegar aos vales onde as belezas naturais imperam. A previsão de inauguração é para o dia 22 de janeiro.

Instagram: @caminhosdoalfredo

Familia Bebbber

A vinícola está passando por reformas para atender ao público, adaptando todo o processo produtivo, para que ele seja de fácil visualização e visitação, construindo uma sala de vinificação nova e adequando o espaço da sala de barricas para se ter experiências nesses ambientes com os visitantes.

Antunes & Scortegagna

A empresa é uma fábrica de presuntos, inédita no Brasil, e será um diferencial no roteiro. A empresa começou a operar há poucos meses e os pernis estão em fase de cura para posterior comercialização. O local terá áreas especiais para varejo e atendimento ao cliente.

Vinhos Viapiana

Atuando desde 1936 em Flores da Cunha, a Vinhos Viapiana trabalha em busca no enoturismo desde 2002. A vinícola possui um espaço totalmente voltado ao recebimento de visitantes com wine bar, sala de cursos, restaurante e boutique. No dia 31 de outubro a vinícola inaugurou o Trattoria Gazoldo, que serve almoços de sexta-feira a domingo.

Cantina Gelain

A junção dos vinhos e espumantes com uma vista de tirar o fôlego. O empreendimento tem espaços para receber o turista onde poderá passar o dia ao ar livre admirando as belezas de um mirante, além de um restaurante anexado à vinícola para ventos sob agendamentos.

Sociedade Vinícola Bordin

A propriedade, além da vinícola, terá trilhas ecológicas, comporta hospedagem em cabanas, passeios de quadriciclo, piquenique em meio aos parreirais, além de aluguel de espaços para eventos. O local possui a famosa Cascata Bordin.



As vinícolas possuem espaços especiais para receber os turistas.

Terrasul Vinhos Finos

A Vinícola Terra Sul tem suas raízes fixadas no Alfredo Chaves. Situada em um prédio histórico, o qual foi sede da Companhia Vinícola Rio-Grandense, o empreendimento disponibiliza visitas guiadas.

Della Famiglia

A agroindústria familiar Della Famiglia tem como diferencial o suco de uva tinto e branco integral. No local poderá ser degustado os produtos além de conhecer o processo de produção.

Sociedade de Bebidas Caldart

Com o foco voltado para a grappa, o empreendimento levará ao turista o conhecimento da elaboração do produto que vem de gerações dentro da família. O local também possui um memorial da família.

Vinhos Fabian

A vinícola, localizada no município de Nova Pádua, também fará parte do roteiro. O empreendimento oferece visitação guiada pela vinícola, com degustação e vista para os vinhedos. Também disponibilizam os produtos elaborados pela vinícola, além de acessórios para vinhos e espumantes. Para o próximo ano, a empresa também é opção gastronômica, onde estão construindo um restaurante anexado à vinícola, juntamente com reformulação de todo o paisagismo.



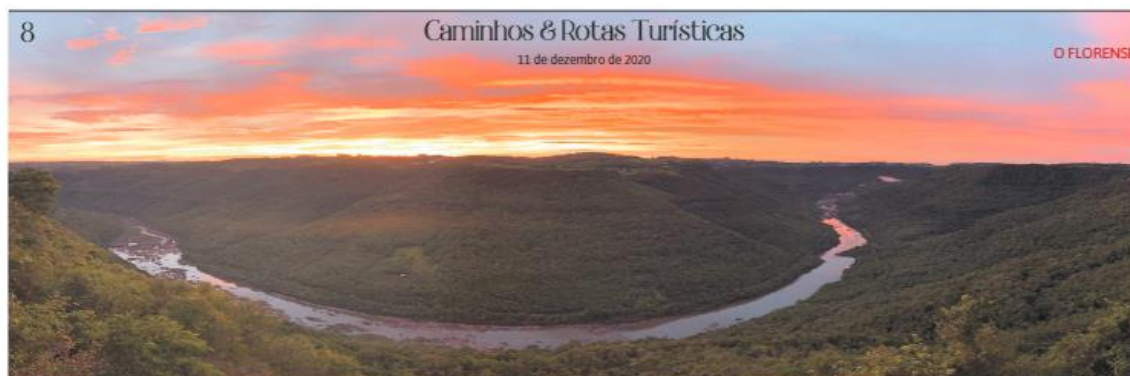
Quem chega a Alfredo Chaves se depara com a linda Igreja da comunidade.



Paradouro do Suco

Focada na produção de suco de uva, o empreendimento explorou todo o potencial de suas terras. Além da vinícola, que tem espaços diferenciados, a propriedade contará com um belo mirante e um elevador panorâmico, onde será possível ver a pequena Alfredo Chaves de cima.

Figura 36 - Reportagem sobre lançamento do roteiro turístico Passo do Vinho.



Passo do Vinho reúne atrativos em quatro municípios

Flores da Cunha e Nova Pádua estão entre as atrações

Uma nova rota turística com atrativos localizados em Nova Roma do Sul, Nova Pádua, Flores da Cunha e Caxias do Sul, denominada Passo do Vinho, deverá receber forte impulso no próximo ano. É o que projeta o presidente da associação, Evandro Lovatel, que já conta com 18 associados. "Nossa intenção não é concorrer com outras iniciativas ou regiões. Queremos ser uma opção de destino da Serra Gaúcha", explica Lovatel.

Além do lançamento da rota, para 2021 ainda está programado a implantação de sinalização

turística, que tem patrocínio do Sicredi, e um forte trabalho com o trade turístico para inserção da rota junto aos operadores e profissionais do turismo, além da ampliação da divulgação.

A busca de uma sede, com apoio de um dos municípios que integram a rota também está no planejamento da associação, revela Lovatel. Doris Weiss, da agência de comunicação Farol 8, que está assessorando a estruturação do Passo do Vinho, explica que o roteiro já tem site, perfil nas mídias sociais Facebook e Instagram

e um planejamento estratégico pronto para ser implantado a partir do próximo ano. "A pandemia nos puxou o freio de mão, mas para o ano que vem vamos iniciar a implantar o planejamento estratégico, que já está pronto, e posicionar o Passo do Vinho como roteiro turístico", explica a consultora Doris Weiss. Novos empreendimentos deverão se associar a partir do próximo ano.

O Passo do Vinho foi fundado em 13 de dezembro de 2018 e está configurado como uma iniciativa privada, apoiada pelo

governo municipal de Caxias do Sul, Flores da Cunha, Nova Pádua e Nova Roma do Sul. Tem sua essência no enoturismo, enogastronomia, turismo cultural, turismo ecológico e de aventura. Funciona como uma rede de cooperação, na qual cada um dos participantes impulsiona e move a cadeia de turismo e, conseqüentemente, promove a economia da região.

Site: www.passodovinho.com.br
E-mail: atendimento@passodovinho.com.br

Face e Insta: @passodovinho



Evandro Lovatel preside a rota Passo do Vinho.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Pousada da Capela, em Nova Pádua, tem atendimento personalizado pelos proprietários.

Viva esta experiência, temos muitas histórias para contar!

O destino Passo do Vinho oferece experiências inesquecíveis em enoturismo, unindo tradição, arte, cultura, gastronomia, vinícolas, entretenimento, lazer, aventura, ecoturismo, hospedagem e muitas histórias de famílias empreendedoras e imigrantes que construíram a economia da região.

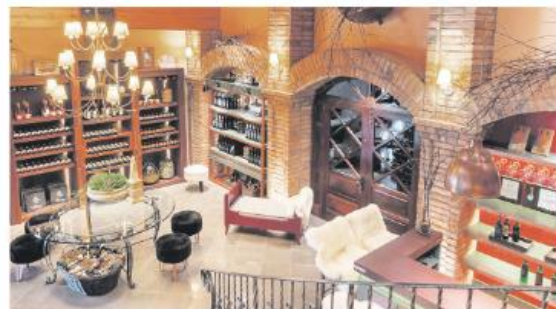
O roteiro de atrações turísticas apresenta ainda pousadas, museu, restaurantes, adegas, espaço junto à vista mais incrível da serra gaúcha para fazer um piquenique romântico, além de produções artesanais como doces e geléias coloniais.

1- Nova Roma do Sul
2- Nova Pádua
3- Flores da Cunha
4- Caxias do Sul

passodovinho.com.br
atendimento@passodovinho.com.br
Acesse nosso canal! [f](https://www.facebook.com/passodovinho) [i](https://www.instagram.com/passodovinho)

Confira os empreendimentos que fazem parte do roteiro

<p>Nova Pádua <i>Adega Dom Camilo</i> – (54) 9.8139.6671 / www.adegadomcamilo.com.br / Redes sociais @adegadomcamilo</p>	<p><i>restaurantebelvederesonda</i></p>
<p><i>Pousada da Capela</i> – (54) 3296 1626 ou (54) 9.9975.2975 / www.pousadadacapela.com.br</p>	<p><i>Vinícola Boscato</i> – (54) 3196 8300 / www.boscato.com.br / Redes sociais @boscatovinhosfinos</p>
<p><i>Pousada Rugero</i> – (54) 9.8112.2088 / www.pousadarugero.com.br / Redes sociais @pousadarugero</p>	<p>Flores da Cunha <i>Casa Venturini</i> – (54) 3292 2710 / www.casaventurini.com.br / Redes sociais @casaventurini</p>
<p><i>Susin e Bisoto Belvedere Sonda</i> – (54) 3296 1745 ou (54) 9.9961.8715 / www.belvederesonda.com / Redes sociais @belvederesonda</p>	<p><i>Vinhos Monte Reale</i> – (54) 3292 1011 www.montereale.com.br / Redes Sociais @vinicolamontereale</p>



Casa Venturini, em Flores da Cunha, com seus vinhos premiados nacional e internacionalmente.

Fonte: Acervo do jornal O Florense (O FLORENSE, 11/dez/2020, Edição nº 1645, Caminhos & Rotas Turísticas, p. 8)

Logo, diante do que foi colocado até aqui, é possível afirmar que, a partir da década de 2000, consolidou-se em Flores da Cunha uma nova modalidade turística, caracterizada pela criação de rotas de turismo envolvendo espaços da cidade. Inicialmente, esses espaços foram se vinculando a rotas que envolviam outras regiões da Serra Gaúcha, contudo, a partir da década de 2010, foi inaugurado um movimento de criação de rotas formadas por espaços localizados exclusivamente dentro dos limites geográficos do município.

De certo modo, pode-se considerar que a consolidação desses roteiros representou a execução de um projeto de turismo, almejado por agentes do turismo local, desde, pelo menos, a década 1990. Contudo, o cerne de seus atrativos, baseados em colocar o turista em contato com o cotidiano rural dos descendentes de imigrantes italianos que habitam os interiores da cidade, foi detectado no plano do discurso ainda na década de 1970, conforme analisado na reportagem do jornal O Estado de São Paulo.

É importante considerar que, no momento em que os roteiros foram criados, a partir da década de 2010, essas iniciativas passaram a se apropriar de uma diversidade de representações simbólicas construídas pelo setor de turismo da cidade, ao longo do período que compreendeu as décadas de 1970 até o presente, onde os agentes de turismo local se empenharam em construir uma imagem de Flores da Cunha baseada em uma italianidade colonial.

Dessa maneira, considerando que o período inaugurado após a década de 2010 trata-se do auge, até o presente momento, de um movimento de desenvolvimento turístico local, a análise que segue no presente capítulo teve como objetivo compreender de que maneira funcionam esses empreendimentos turísticos. Dessa maneira, realizei uma saída de campo ao longo dos roteiros Compassos da *Mérica Mérica* e Otavio Rocha Vila Colonial, no intuito de mapear e analisar estratégias empregadas no exercício dessas atividades.

3.2 – Uma saída de campo pelos interiores de Flores da Cunha: Análise do roteiro Compassos da *Mérica Mérica*

Após finalizar o trajeto do entorno da Praça da Bandeira, segui pela Avenida 25 de Julho até passar pelo pórtico norte de entrada da cidade, momento em que a avenida reencontra a rodovia ERS-122, que, por sua vez, contorna a área urbana da cidade pelo Oeste e segue em direção ao município de Antônio Prado. Uma vez dentro da rodovia, logo nos primeiros metros, é possível visualizar placas de sinalização do roteiro Compassos da *Mérica Mérica*.

Figura 37 – Foto de placa do roteiro Compassos da *Mérica Mérica* na ERS-122.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 05 jan 2023.

Através de conversa informal com proprietários dos estabelecimentos, foi colocado que a ideia do roteiro surgiu em 2009, quando os proprietários da localidade passaram a se encontrar em reuniões periódicas, idealizadas por lideranças locais, para discutir possibilidades de agregar maior valor às propriedades. Entre o levantamento de possibilidades, decidiu-se pela criação de um roteiro turístico. Após a ideia consolidada, os proprietários buscaram a ajuda do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que auxiliou na construção da proposta. Após o roteiro ficar estruturado em 2011, ele foi apresentado oficialmente no 25º Festival do Turismo de Gramado e no 2º Salão do Enoturismo, em 2012. Portanto, recentemente, completou uma década de funcionamento.

A partir da visualização da placa mostrada acima, conforme o mapa visualizado anteriormente no panfleto do empreendimento na página 182, o roteiro se localiza entre duas rodovias asfaltadas de maior tráfego, a ERS-122 e a Estrada das Indústrias, com estradas paralelas, de menor tráfego, a Estrada dos Vinhais, a Estrada Alberto Muraro e a Estrada Angelo Giusti, que interligam as duas rodovias mencionadas anteriormente ou estão localizadas no território entre elas. Dessa maneira, ao percorrer o trajeto, o contraste entre essas vias acaba provocando um sentimento de transição entre diferentes temporalidades e estilos de vida. As duas primeiras são caracterizadas pelo trânsito mais rápido e barulhento, onde é frequente a passagem de caminhões pesados, sobretudo na ERS-122, via importante para o transporte de mercadorias dentro do Rio Grande do Sul, enquanto a Estrada das Indústrias apresenta um transporte de mercadorias de caráter local. Além disso, a paisagem dessas vias mescla

propriedades agrícolas e indústrias, apresentando um contraste arquitetônico entre os pavilhões das empresas e as residências, muitas delas casarões antigos de madeira que expressam uma arquitetura vinculada com a imigração italiana. Ao se deslocar dessas rodovias para as estradas de seu interior, de imediato, o turista entra em contato com uma paisagem predominantemente marcada por propriedades agrícolas, principalmente, de parreirais de uva. Nesse sentido, a diminuição considerável do trânsito, em termos de velocidade, barulho, tamanho da pista e quantidade de veículos, somada à modificação da paisagem, tem o potencial de gerar no viajante uma sensação de relaxamento e curiosidade ao entrar em contato com uma realidade contrastante. Os caminhões grandes da via anterior, que, por vezes, estão apenas de passagem pelo município, passam a ser substituídos por pequenas carretas de transporte agrícola locais, enquanto o pesado barulho do trânsito dá espaço aos sons da natureza e os parreirais de uva dominam a paisagem.

Figura 38 – Foto de parreiras de uva ao longo do roteiro *Compassos da Mérica Mérica*.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Nesse sentido, é interessante perceber como, diante dessa simples experiência de troca de ambientação que o turista pode passar, a principal estratégia utilizada aqui pode ser descrita como o seu deslocamento até aquele espaço, uma vez que lá estando, a potencialidade turística se expressa através do contato com um cenário exótico de funcionamento intrínseco e, de certo modo, desconectado do turismo. Ou seja, se não houverem turistas nessas estradas, a atividade agrícola e industrial continuará acontecendo normalmente. Assim, percebe-se que o cerne desse

atrativo está em colocar o viajante em contato com esse espaço e permiti-lo a interagir com esse cotidiano exótico para ele.

Dentro desse contexto, destaca-se como uma estratégia utilizada para a ambientação do visitante a nomenclatura das ruas percorridas. Com exceção da rodovia ERS-122, pode-se dizer que todas elas carregam um simbolismo vinculado com a identidade estudada ou com a atividade do turismo. Por exemplo, o contraste mencionado acima pode ser representado pela esquina entre a Estrada das Indústrias e a Estrada dos Vinhais, ponto que está devidamente sinalizado com uma placa. As vias restantes, a Estrada Alberto Muraro e a Estrada Angelo Giusti, carregam o nome de personalidades vinculadas com o roteiro turístico²⁴. Assim, destaco outro elemento bastante presente nas estratégias de desenvolvimento do setor turístico de Flores da Cunha: o uso de trajetórias biográficas como elemento simbólico para valorizar os bens culturais divulgados como atração turística. Contudo, é importante ressaltar que essa é uma prática bastante marcante do processo de construção e valorização de identidades do grupo de descendente de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul de modo geral, sendo entendida aqui, como uma prática reapropriada e ressignificada em paralelo pelo setor de turismo. Nesse sentido, a estrada Alberto Muraro carrega o sobrenome de um dos empreendimentos turísticos localizados nela. Já a Estrada Angelo Giusti refere-se ao já mencionado poeta e compositor que teria vivido na localidade, cujo nome foi apropriado também para identificar o roteiro. Sua escolha, foi motivada pelo prestígio que o seu nome já contava anteriormente através da autoria da canção *La Mérica*, legitimada como Hino Oficial da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, através de lei estadual. Assim, a estrada com essa nomenclatura leva o turista até a Capela e Cemitério Nossa Senhora do Carmo, onde estão localizados os restos mortais do compositor.

Ao chegar no local, o turista encontra uma pequena capela, construída entre um campanário e um cemitério. Essa é uma paisagem que se repete em diversos pontos do interior da cidade, bem como de outros municípios da região colonizada por imigrantes italianos.

²⁴ A Estrada Alberto Muraro foi nomeada dessa maneira através da Lei Municipal Nº 3.191, no dia 18 de junho de 2015, pelo prefeito Lídio Scortegagna (PMDB). Já a estrada Angelo Giusti foi nomeada através da Lei Municipal nº 3.211, no dia 30 de novembro de 2015, no mandato do mesmo prefeito. O roteiro Compassos da *Mérica Mérica*, por sua vez, foi inaugurado no ano de 2012. É interessante destacar que foi no mandato de Lídio Scortegagna que foi realizada a restauração do Casarão dos Veronese, entre os anos 2015 e 2017. Em conversa informal com proprietários dos estabelecimentos foi colocado que uma das motivações para a nomeação das estradas foi facilitar a localização para turistas e o recebimento de mercadorias, uma vez que anteriormente elas não estavam nomeadas por se tratarem de vias de movimentação local. Nesse sentido, é possível interpretar o ocorrido como um exemplo de como a atividade turística marcou o território habitado.

Figura 39 – Foto da Capela, do Campanário e do cemitério de Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Em frente à capela, do outro lado da rua, encontramos a presença de placas do roteiro turístico *Compassos da Mérica Mérica*, similares as que se encontram em frente ao Campanário, no entorno da Praça da Bandeira, transmitindo ao visitante que passou pelos dois espaços uma sensação de reconhecimento e familiaridade.

Figura 40 – Foto de placa do roteiro *Compassos da Mérica Mérica* em frente à Capela Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022

Nas placas encontramos o poema *La Mérica* na íntegra, o mapa do roteiro, o relato biográfico de Angelo Giusti e o seguinte texto contando a origem da capela e do cemitério:

Logo após a chegada dos primeiros imigrantes²⁵ que formaram a comunidade do Travessão Rondelli na 15ª légua da antiga Colônia Caxias, foi providenciada a construção de uma capelinha de madeira. A escolha do santo que daria nome ao templo, inicialmente não teve unanimidade entre as famílias, que se dividiam entre devotos de São Miguel e de Nossa Sra do Carmo²⁶, a escolhida com o passar do tempo.

Inaugurada em 1951, a atual capela de alvenaria guarda em seu interior as imagens da Padroeira e de São Miguel, e é resultado da união de esforços da comunidade.

Os primeiros sepultamentos desta comunidade eram feitos na Vila de Nova Trento, atual Flores da Cunha. Depois de instalado o cemitério local, por volta de 1920, os enterramentos se davam em covas feitas direto na terra, onde eram colocadas cruzes de ferro com a inscrição dos nomes, datas e mensagens dos familiares.

Neste cemitério, que faz parte da Sociedade Capela Nossa Senhora do Carmo encontram-se os restos mortais do poeta Angelo Giusti, ilustre morador desta comunidade.

Através da inscrição, é possível destacar diversas ativações simbólicas como uma estratégia de valorização dos bens culturais do grupo. Inicialmente, podemos destacar a rememoração do processo de imigração italiana como ponto de origem para a formação comunitária da localidade, incluindo a menção das primeiras famílias de imigrantes italianos a se fixarem naquele território, que pode ser entendida como uma estratégia de personalizar a narrativa de uma memória compartilhada por diversas famílias da localidade. Junto ao processo migratório, está a ativação simbólica da religiosidade católica, vinculando os santos padroeiros da localidade com simbologias originadas em um passado longínquo da Europa. A memória da disputa entre São Miguel e Nossa Senhora do Carmo, representando, de certo modo, as diferentes identidades regionais daqueles imigrantes provenientes da Península Itálica, se assemelha muito com a narrativa de disputa em torno da escolha do nome do município, mencionada no primeiro capítulo, assim como o ato simbólico de manter no interior da igreja

²⁵ “As famílias Pagno, Sozo e Pirolli foram as primeiras a se instalar nesta comunidade, em 1878, vindas da região do Vêneto/Itália. Nota retirada da própria placa.

²⁶ A Ordem do Carmo teve origem no século XII, quando um grupo de eremitas se instalou no monte Carmelo, Palestina, iniciando um estilo de vida simples e pobre, ao lado da fonte de Elias, o qual teve a visão da Virgem naquele local. O termo Carmelo ou Carmo em hebraico significa “vinhas do jardim de Deus”. Nota retirada da própria placa.

as imagens tanto de São Miguel como de Nossa Senhora do Carmo se assemelha com a narrativa acerca da Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes, que manteve em seu interior as imagens de São Pedro e São José, padroeiros dos dois povoados que se uniram para a formação de Nova Trento. É possível interpretar a elaboração dessas narrativas no presente, momento em que se percebe a consolidação de uma identidade que se reconhece como “italiana”, como uma estratégia de pacificação de dissidências do passado em busca de uma memória compartilhada, seja de forma consciente ou inconsciente. A escolha por incluir esses detalhes nas narrativas dos espaços aponta para uma tentativa de ressignificação do conflito passado, sendo apresentados como diversidades culturais de uma mesma identidade inseridos em uma narrativa envolvente para o turista.

Outro aspecto que chama atenção na narrativa é a menção da construção que antecede a atual versão da capela. Ao mencionar a “capelinha de madeira”, o texto faz menção ao estilo arquitetônico característico dos primeiros imigrantes, que pode ser visto em diversas moradias ao longo do caminho até a capela. Por outro lado, a “atual capela de alvenaria” é significada como “resultado da união de esforços da comunidade”, valorizando o aspecto do trabalho comunitário, traço que, como vimos, foi se construindo como parte da identidade do grupo de descendentes imigrantes do município e como elemento valorizado pelos agentes envolvidos no desenvolvimento do turismo local. Além disso, a inscrição ressignifica o cemitério, originalmente um espaço destinado ao sepultamento dos moradores locais, em um espaço turístico através do resgate de uma prática cultural que se apresenta como exótica para a atual temporalidade da cidade: o enterramento em covas diretamente na terra e a colocação de mensagens e cruzeiros de ferro. Por fim, o espaço é valorizado a partir da presença do túmulo de Angelo Giusti, representado como morador ilustre.

Assim, através das estratégias empregadas, o local passa a ser ressignificado para além do seu uso original e cotidiano, enquanto espaço de prece e memória, para um espaço turístico, onde o viajante pode entrar em contato com uma realidade exótica através de uma paisagem, temporalidade e cultura distinta da sua vida cotidiana. Somado a esse fenômeno, o grupo local apresenta para o turista o espaço a partir da elaboração de uma identidade étnica, caracterizada pela presença de descendentes de imigrantes italianos marcados pela religiosidade e pelo trabalho comunitário, permitindo à atividade turística ser considerada uma via por onde essa versão identitária encontra atualização e permanência no presente.

Ao adentrar o cemitério, encontrei o túmulo de Angelo Giusti com facilidade. Nele, uma lápide carregava o nome, a foto e as datas de nascimento e morte do poeta, acompanhado com a descrição do local de nascimento como “Itália”. Junto a essas informações, acompanhava sua

identificação como autor do poema *La Mérica* e sua referência como Hino Oficial da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul através da Lei Estadual nº. 12.411 de 23/12/2005.

Figura 41 - Foto do túmulo do poeta Angelo Giusti.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022

Figura 42 – Foto da lápide do túmulo do poeta Angelo Giusti.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022

Sobre o túmulo se encontravam três inscrições em ferro com as seguintes mensagens em italiano:

Anni 81. Qui riposa Angelo Giusti. Fu poeta di poco valor. L'anima di lui e sortitta per far i conti con nosotro signor morto. 2 – 23 – 1929.

Anos 81. Aqui jaz Angelo Giusti foi poeta de pouco valor. Sua alma partiu para acertar as contas com nosso senhor morto. 2-23-1929.

Quivi riposa Giusti Onor ata in cuesta tomba d imenso scalar l'alma sua bela nelcielo e salita nel gaudio del nostro signor. Mori il 28 febraio del 1908 D'anni 57.

Aqui repousa o horando Giusti neste túmulo de imenso calor sua bela alma ascendeu ao céu na alegria de nosso senhor. Ele morreu em 28 de fevereiro de 1908 de 57 anos.

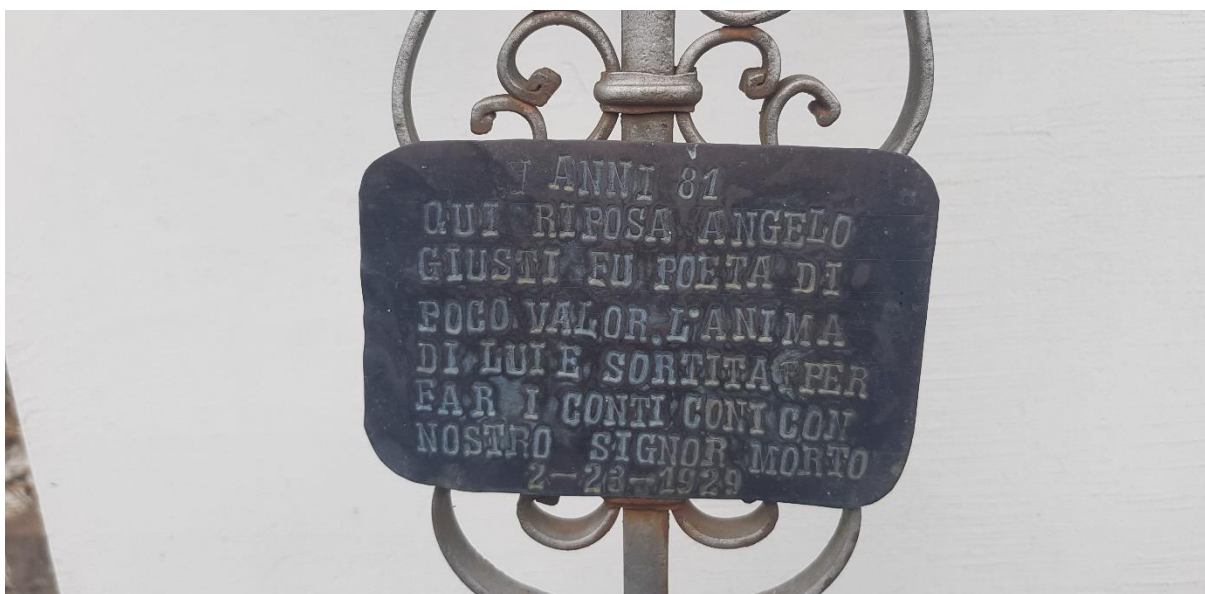
Qui riposa leossa di Maria Fontana d'anni 64 moglie di Angelo Giusti

Aqui repousa os ossos de Maria Fontana de 64 anos, esposa de Angelo Giusti.

Assim, diante das estratégias detectadas através da pesquisa, é possível perceber como esse espaço, originalmente configurado como um espaço de memória da família Giusti, passou a ser ressignificado como um espaço turístico com o potencial de atrair visitantes e como símbolo identitário do grupo de descendentes imigrantes italianos. Entre os bens culturais ativados simbolicamente para a atividade turística desse espaço, além do uso da trajetória de

Giusti, pode-se destacar o uso do *talian* e a prática de deixar mensagens em ferro nos túmulos de cemitérios, característico dos primeiros imigrantes italianos da região. Nesse contexto, a identidade do grupo é reforçada pelos traços da religiosidade católica e das origens “italianas” através da exposição da vida e descanso de Giusti.

Figura 43 – Foto 1 de mensagem sobre o túmulo de Angelo Giusti.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Figura 44 - Foto 2 de mensagem sobre o túmulo de Angelo Giusti.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Figura 45 - Foto 3 de mensagem sobre o túmulo de Angelo Giusti



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Nesse sentido, além das ativações simbólicas realizadas por parte do setor de turismo sobre a figura de Ângelo Giusti, é interessante pensar nele como uma liderança étnica que atuou na construção identitária do grupo. De acordo com Regina Weber, “Um tipo peculiar de intelectual étnico são os que expressam de modo literário e artístico, pelo romance ou pela poesia e por meio da música, instrumentos que podem ser tão ou mais poderosos que os artigos de jornalistas ou textos acadêmicos” (WEBER, 2014, p. 726). Como exemplo disso, basta pensarmos na relevância da canção “*La Mérica*” para a construção da identidade étnica dos descendentes de imigrantes italianos.

Somando-se a Capela e ao Cemitério de Nossa Senhora do Carmo, outro ponto marcado no mapa do roteiro turístico é a Capela de São Roque, localizada na ERS-122. Ao chegar no espaço, foi possível perceber a similaridade da construção com a Capela de Nossa Senhora do Carmo e com a Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes. Junto da capela, estavam localizados um pequeno campanário e um salão comunitário. Nesse ponto, mais uma vez, o aspecto da religiosidade é exposto ao visitante juntamente com o apreço do trabalho comunitário. Além do salão, esse traço pode ser visualizado nos vitrais da pequena capela, que contavam com a inscrição de famílias que realizaram a doação. Do outro lado da rodovia, está localizado um pequeno cemitério, muito similar ao da Capela Nossa Senhora do Carmo, em tamanho e características. Contudo, o acesso mais complicado próximo à rodovia e a ausência de placas turísticas passam a sensação de que o espaço não está destinado à visitação, aflorando, nesse momento, um sentimento de “invasão” ao visitá-lo, muito diferente do que tive no anterior que

se apresentava como “convidativo”. Por fim, próximo à localidade, das margens da rodovia, era possível avistar exemplares de casarões antigos de madeira ao fundo que, apesar de não serem listados como pontos do roteiro e nem estarem aberto à visitasões, possuem o potencial de serem lidos como bens culturais arquitetônicos e atrativos paisagístico pelos visitantes.

Figura 46 - Foto da Capela e do Campanário de São Roque.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022

Figura 47 – Casarão antigo localizado próximo à Capela de São Roque.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

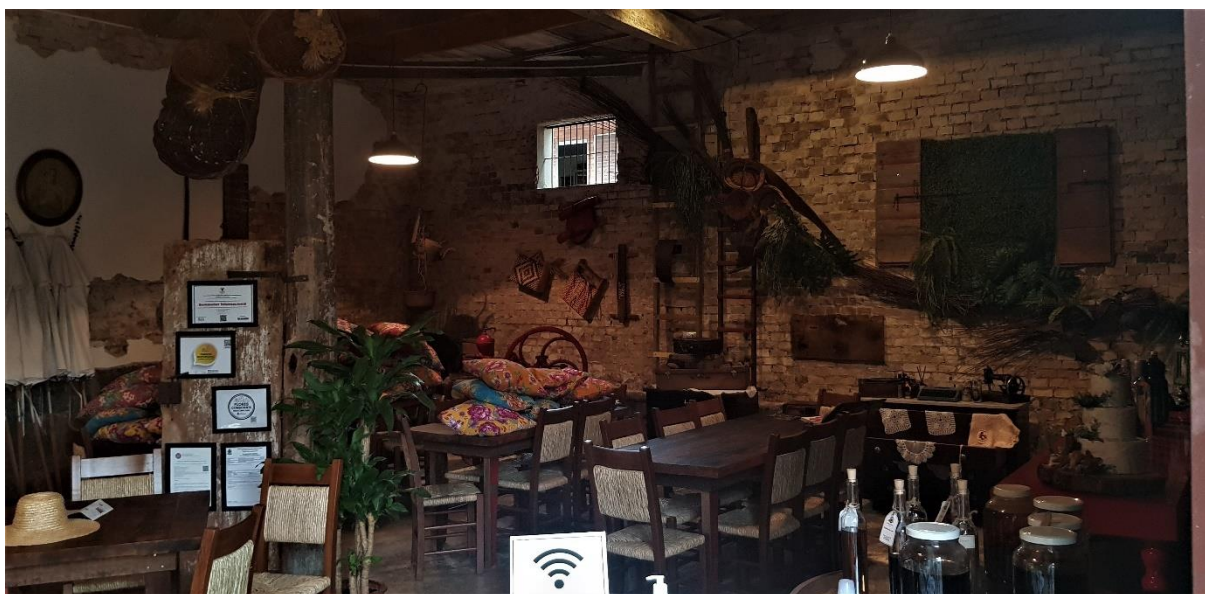
Distribuídos no entorno desses elementos paisagísticos mencionados acima, estão localizados os estabelecimentos turísticos que compõe o roteiro, sendo formados por cantinas, restaurantes e propriedades rurais com produção agrícola. Em frente a cada um deles, foi fixada uma placa padronizada com o nome do estabelecimento, o logo do roteiro e alguns versos da canção *La Mèrica* de Giusti. Além de transmitirem um sentimento de acolhimento aos viajantes que estão percorrendo os interiores locais, essas marcas da paisagem valorizam a poesia de Giusti como bem cultural ao mesmo tempo que transmitem marcas da identidade étnica que está sendo comercializada. A letra evidencia o *talian*, a lembrança do processo migratório, a predisposição para o trabalho dos imigrantes, a superação das adversidades e o progresso atingido, atuando como reforço do mito civilizatório do imigrante italiano. Ao mesmo tempo, a incompletude do poema através da seleção de versos, convida o turista a continuar seu percurso pelo roteiro através da visita de outros espaços.

Somado a isso, percebe-se que os nomes dos estabelecimentos reforçam esses elementos, sendo a maioria deles composto pelo sobrenome das famílias proprietárias, que remetem às origens italianas. Além disso, a utilização dessas nomenclaturas, de certa forma, representa uma apropriação da representação do descendente de imigrantes italianos como um anfitrião acolhedor, capaz de fornecer a fartura da própria produção, construído por agentes do grupo a partir da década de 1980, conforme vimos no capítulo anterior, ao mesmo tempo que a reforço no tempo presente. Esse elemento se fortalece ao longo da visita pelo fato de que, na grande maioria dos espaços, a recepção e o atendimento são realizados por membros da família que, geralmente, mesclam o trabalho do turismo com outra atividade (produção agrícola, produção de vinho, confecção e venda de alimentos, entre outros) exercida naquele lugar. Nesse sentido, é interessante perceber que, de modo geral, os estabelecimentos do roteiro não são formados exclusivamente para o turismo, mas, o cerne dessa atividade turística em questão ocorre através da atração do viajante até o cotidiano e a cultura local, encontro do qual podem ocorrer trocas culturais significativas entre ambas as partes.

Outro elemento comum à maioria dos espaços diz respeito a presença de objetos que remetem aos primórdios da imigração italiana e à vida cotidiana da época dos primeiros imigrantes e de seus descendentes. Entre eles, é possível mencionar a presença de fotografias de familiares antigos, imagens religiosas de santidades católicas, objetos de palha (como cestos e chapéus, por exemplo), garrafas de vidro, garrafões de vidro trançados com palha, máquinas de costura, panos bordados de crochê, ferramentas de trabalho agrícola, malas antigas, entre outros. É interessante perceber como, ao estarem expostos, muitos desses objetos perdem seus

usos originais e passam a ser ressignificados como uma espécie de elo entre diferentes temporalidades. Ao ser apresentado ao que é diferente de seu cotidiano, o turista passa a estabelecer conexões com realidades exóticas, culturais e temporalmente distintas das suas, dando espaço para o prazer do turismo cultural se estabelecer. Por outro lado, para os descendentes de imigrantes italianos vinculados ao setor de turismo, esses objetos costumam carregar simbologias que auxiliam a compor a identidade étnica que o grupo apresenta ao seu diferente, construindo alteridade e demarcando fronteiras. Suas escolhas fazem parte do processo seletivo de rememoração coletiva do grupo, onde cada um deles passa a ser significado através de seu vínculo com traços identitários. As imagens de santos representam a religiosidade católica, as garrafas e garrafões remetem à produção do vinho, os chapéus e cestos e palha remetem ao trabalho agrícola e à simplicidade, enquanto as malas rememoram o processo migratório.

Figura 48 – Foto de exposição de objetos antigos no porão de uma residência vinculada ao roteiro turístico Compassos da *Mérica Mérica*.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Entre as experiências vivenciadas ao longo do trajeto do roteiro, gostaria de tecer alguns relatos e análises que penso serem relevantes para ajudar a responder a problemática central da pesquisa. Em uma das propriedades do roteiro, realizei um passeio de carretão em meio à produção agrícola da localidade. No início do passeio, todos os visitantes recebem um chapéu de palha, que passa a exercer uma funcionalidade ambígua: por um lado, apresenta o uso pragmático de proteger os visitantes do Sol ao longo do passeio, por outro, apresenta um uso

ritualístico e atua como elo de ligação com os costumes do grupo, reforçando o item como um símbolo identitário. Ao longo do trajeto, os visitantes passam por plantações agrícolas diversificadas e realizam paradas onde podem colher as frutas diretamente das plantas e experimentá-las. O proprietário acompanha o grupo contando detalhes a respeito das particularidades de cada plantação, os efeitos do clima e das épocas do ano sobre cada uma, relata histórias do passado e compara colheitas já realizadas. Nesse contexto, percebe-se como as vivências do grupo estudado passam a ser ressignificadas como bens culturais e comercializadas como atrativos turísticos.

Diante disso, o contato com a produção rural e a paisagem onde o turista está inserido passa a ser ressignificada como atrativo turístico e bem cultural. Ao longo do trajeto realizado, além do contato com a natureza, é possível visualizar casarões antigos de madeira e pedra que remetem aos primórdios da imigração italiana. Percebe-se como, uma vez que se tem sucesso de transportar o turista até a localidade, esses casarões que podem estar abandonados ou servindo como depósitos, sem maiores esforços, possuem o potencial de se transformarem em bens culturais que conectam o visitante com a memória e a identidade do grupo. Somado a isso, outro detalhe percebido foi a colocação de placas de madeira ao longo do trajeto contendo ditados escritos em *talian*. Através de conversa informal com os proprietários, na ocasião, me foi relatado que as placas foram inseridas a partir do momento que o estabelecimento passou a receber turistas. Os ditados teriam sido aprendidos através da convivência cotidiana com os antepassados dos proprietários. À medida que o carretão alcançava os novos espaços, o proprietário traduzia as expressões e explicava os seus significados, aguçando a curiosidade do grupo e conquistando sorrisos. Logo, através dessa ação, é possível perceber como o dialeto do *talian* passou a ser ativado simbolicamente pelo empreendimento turístico, sendo apresentado como atrativo. Ao mesmo tempo, através do turismo, o signo identitário encontrou uma nova via para se manter vivo. Entre os ditados visualizados, estavam os seguintes exemplos:

Soldi e bote no i torna piu indrio

Dinheiro e botas não voltam mais atrás.

Chi va rosto perde 'l posto.

Quem vai fora perde o lugar.

Chi no ga testa ga gambe.

Quem não tem cabeça tem perna.

A chi sparagna, gatta magna

Os que se espalham, tem que comer.

Figura 49 – Foto de placa com ditado em *talian*.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Figura 50 – Foto de passeio de carretão com vista para a Capela de Nossa Senhora do Carmo ao fundo.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Figura 51 – Foto 1 de casarões antigos ao longo do passeio de carretão.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Figura 52 - Foto 2 de casarões antigos ao longo do passeio de carretão.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Figura 53 – Foto de parreirais de uva visitados ao longo do passeio de carretão.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Outra experiência realizada foi o esmagamento das uvas com os pés, dentro de um utensílio de madeira, uma espécie de barril cortado ao meio, conhecido como *mastel*. Para a realização da atividade, percebe-se que foi criado um espaço temático a céu aberto, com quadros decorativos e parreiras de uvas plantadas no teto do quiosque. O ato é animado através da execução de músicas cantadas em italiano que rememoram o processo imigratório. O objetivo da experiência é remeter-se aos primórdios da imigração italiana na região, quando os primeiros produtores de suco de uva e vinho esmagavam a fruta dessa maneira. Atualmente, o ritual já se encontra bastante consolidado como signo identitário, sendo frequentemente exercido em desfiles temáticos de festividades de região, como a Festa Nacional da Vindima de Flores da Cunha ou a Festa da Uva de Caxias do Sul. Assim, é interessante perceber que, diferente de outros momentos do roteiro, onde a atividade turística ocorre através do contato do visitante com o cotidiano da localidade, esse ato remete a uma simulação do passado, podendo ser considerado uma estratégia para relembrar o passado compartilhado do grupo e colocar o turista em contato com uma realidade exótica em termos de prática e temporalidade. Assim, ao longo do roteiro desenvolve-se uma mescla de atividades cotidianas com rituais de rememoração, no intuito de apresentar ao turista elementos culturais do grupo.

Figura 54 – Foto do local onde é realizado a pisa de uvas.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Por fim, foi realizada uma trilha educativa em meio à natureza tematizada pelo personagem do *Sanguanel*. O personagem mitológico remete à vivência dos primeiros imigrantes italianos da região e ficou caracterizado por ser uma criatura vermelha, travessa, bagunceira, por vezes assustadora, em outras, brincalhona. O mito se espalhou pela região, uma vez que os antepassados do grupo, com frequência, afirmavam ter visto ou presenciado o ser, transmitindo a história adiante entre gerações e marcando-a como um traço presente na memória coletiva do grupo. De acordo com Beneduzi, através da análise do mito desse personagem, é possível identificar um exemplo de como a vida terrena e a vida sobrenatural se misturavam no imaginário dos primeiros imigrantes italianos a partir de um imaginário social baseado no sincretismo religioso:

Um personagem muito conhecido no cotidiano colonial é o *sanguanel*, também denominado de *sanguanello* ou *sanguinello* dependendo da área de imigração ou da tradição familiar. Alguns memorialistas traduzem esse termo – *sanguanel* – por saci-pererê; entretanto, muito embora existam características comuns em seus hábitos e atitudes, cada um reflete uma leitura particular do social, entendida a partir dos códigos próprios de um processo de significação do mundo. A rigor, a figura do *sanguinel* cria uma vinculação imagética com esses espíritos brincalhões da floresta, os quais povoavam o imaginário pagão e, posteriormente, aquele de um sincretismo forjado ao interno do processo de cristianização, tornando-se expressão de uma ressemantização do passado (BENEDUZI, 2004, p. 236).

Nesse sentido, as histórias acerca do personagem eram utilizadas para manter a ordem e educar crianças em uma sociedade caracterizada pela moral católica. Nesse contexto, o *sanguanel* assumia uma função de rompimento com essa ordem, representando o caos, o sobrenatural, o mal, a bagunça, ou seja, uma ameaça para aqueles que fizessem algo de “errado” para os padrões sociais da época. Ainda de acordo com Beneduzi:

Essa figura mágica do *sanguinel* representava uma possibilidade de explicação das rupturas de normalidade no universo rural – ele consistia em uma compreensão das “coisas ruins” que rondavam o mundo dos homens. Enquanto representação imagética, o *sanguinel* poderia ser entendido como uma personificação do próprio mal – do demônio – posto que ambos são vermelhos. Dessa forma, por efeito associativo é possível uma sobreposição de imagens, pois quando se fala em tomar cuidado com o *sanguinel*, também se quer dizer para ter atenção para com as trapaças do demônio, visto que ambos utilizavam-se da trapaça para atrapalhar os homens. Constitui-se, ainda uma forma de representação concreta da atuação do mal na vida humana, a partir de prejuízos específicos às necessidades dessa realidade do cotidiano do *contadino* (BENEDUZI, 2004, p. 238).

A realização da trilha se deu por uma caminhada em meio à natureza e foi guiada por placas que contavam uma narrativa acerca do personagem, que era mediada com o visitante através da presença de objetos e equipamentos de som. Nesse sentido, a experiência torna-se um ótimo exemplo de transformação de um bem cultural do grupo que passou a ser transformado em atrativo cultural através da implementação de estratégias turísticas. Além dos turistas, um dos principais alvos da trilha são estudantes da educação básica da região, transformando a atração também em um instrumento educativo a respeito da cultura local e em uma estratégia de manutenção e atualização desse aspecto memorialístico e identitário do grupo de descendentes de imigrantes italianos local.

Figura 55 – Foto de placa e malas inseridas ao longo da trilha do *sanguanel*.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 23 jan 2022.

Em meio a essas experiências, ao longo dos empreendimentos vinculados ao roteiro, o turista também é inserido em um ambiente de lazer, onde pode realizar o consumo de sucos, vinhos e alimentos produzidos localmente. A principal estratégia empregada nas atividades dessa natureza é a possibilidade de consumir os produtos nos espaços em que foram produzidos e nos quais o turista teve a oportunidade de conhecer através de visitação. Além disso, a recepção realizada pelos proprietários ou produtores são estratégias que possuem o objetivo de transmitir ao turista uma sensação de acolhimento e pertencimento ao espaço.

3.3 – Uma saída de campo pelos interiores de Flores da Cunha: Análise do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial

O roteiro Otávio Rocha Vila Colonial, conforme mapa analisado na página 52, está localizado no distrito de Otávio Rocha pertencente à cidade de Flores da Cunha. Contudo, pode-se dizer que sua localização está disposta entre as cidades de Caxias do Sul e Flores da Cunha, fazendo com que existam uma diversidade de trajetos que possibilitam ao turista chegar até a localidade. Como consequência disso, foi possível identificar, como uma estratégia do roteiro,

a presença de placas indicativas do trajeto turístico em diversos locais, tanto na cidade de Caxias do Sul como nos diversos acessos provenientes da cidade de Flores da Cunha.

Figura 56 – Placa do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial na rótula de entrada do município de Flores da Cunha.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 04 jan 2023.

No caso do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial, segundo a reportagem que noticiou seu lançamento, analisada no início desse capítulo, o trabalho para formulação da rota iniciou em

2017. Nesse sentido, conforme veremos na seção seguinte, levando em consideração que naquele ano foi realizada a inauguração do restauro do bem patrimonial gaúcho Casarão dos Veronese, é importante destacar que esse acontecimento mobilizou a comunidade local para pensar em ações de desenvolvimento turístico. Sendo assim, o roteiro foi lançado após 2 anos de trabalho, em 2019, e, ainda de acordo com a reportagem, ao longo desse período contou com a consultoria do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e da profissional Ivane Fávero, com o apoio da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha e da Associação Amigos de Otávio Rocha e com o patrocínio da Cooperativa Sicredi (O FLORENSE, 10/mai/2019, Edição nº 1569, Geral, p. 4).

Contudo, no caso desse roteiro, é necessário listar uma série de outros elementos que ajudam a compreender seu contexto de criação. Em primeiro lugar, é preciso mencionar o nome de Floriano Molon, agente promotor do turismo e da identidade étnica local que, como visto nas reportagens analisadas no início desse capítulo e no capítulo anterior, posicionava-se publicamente a favor da criação de rotas de turismo em Flores da Cunha desde a década de 1980. Floriano Molon possuía vinculação direta com a localidade de Otávio Rocha, tendo sido presidente da Associação dos Moradores de Otávio Rocha. Além disso, já havia participado da criação do roteiro turístico Caminhos da Colônia, em 1997, que incluía localidades de Caxias do Sul e Flores da Cunha. Sendo assim, através da articulação dessa liderança na comunidade local, é possível compreender que a ideia de lançar uma rota turística já estava germinada naquela localidade desde meados das décadas de 1980 e 1990. Além disso, como veremos adiante, o distrito de Otávio Rocha já possuía um histórico vinculado à promoção de festividades e ao desenvolvimento turístico, desde a década de 1970.

Outro elemento importante de destacar é o de que, em 2017, quando iniciaram as reuniões para pensar no lançamento da rota, a cidade de Flores da Cunha já contava com a experiência bem sucedida do roteiro Compassos da *Mérica Mérica*, desde 2012. Juntamente com o restauro do Casarão dos Veronese, pode-se considerar que foram fatores determinantes que abriram caminho para a estruturação do projeto.

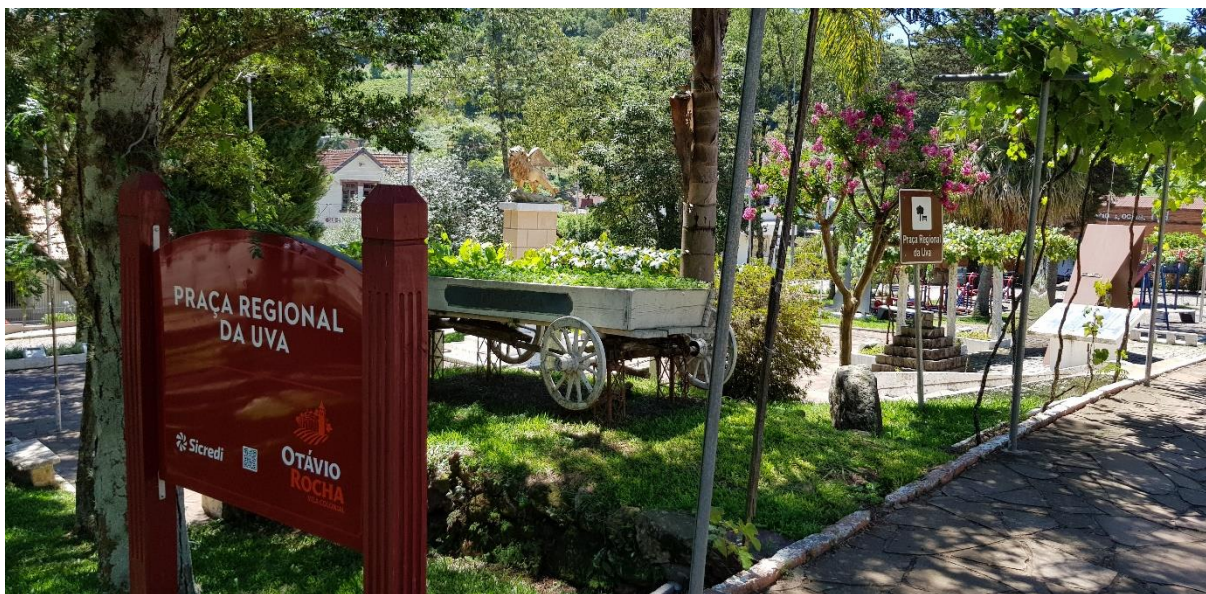
Por fim, é interessante destacar a contratação de uma consultoria privada para construção do planejamento estratégico da iniciativa. Ivane Maria Remus Fávero é Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Especialista em Gerenciamento do Desenvolvimento Turístico e Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e possui MBA (*Master in Business Administration*) de Planejamento e Marketing do Turismo pela George Washington University. Além disso, é importante mencionar que Fávero atuou também na Secretária de Turismo de outras cidade da Serra

Gaúcha, como Bento Gonçalves e Garibaldi, municípios que contavam com empreendimentos similares aos que vem sendo originados em Flores da Cunha. Ou seja, é importante mencionar que para protagonizar esse movimento local de criação de novas iniciativas turísticas, sobretudo na década de 2010, a cidade de Flores da Cunha buscou profissionais especializadas na área e com vasta experiência em outras localidades. Nesse sentido, a presença de Ivane Fávero na criação do empreendimento Otávio Rocha Vila Colonial pode ser comparada com a presença de Cristina Seibert Schneider nos casos do Casarão dos Veronese, do Campanário e do Museu Municipal.

Tendo sido feitas essas considerações, me deterei agora em proceder com a descrição e análise da saída de campo pelo roteiro. Assim, partindo pelo princípio de acesso à rota, ao se afastar da ERS-122 e percorrer as estradas que levam em direção ao distrito de Otávio Rocha, a paisagem visualizada é marcada pela presença de residências rurais, produções agrícolas com destaque para a presença de parreirais de uva, vinícolas, indústrias de outros segmentos, capelas e cemitérios. A sensação de percorrê-las é a de estar adentrando nos interiores do município, uma vez que a paisagem urbana deixada para trás vai sendo substituída pelo cotidiano de uma área rural. Ao chegar ao distrito de Otávio Rocha, o viajante depara-se com um pequeno núcleo urbano em meio ao interior de Flores da Cunha, caracterizado pela presença de poucas ruas que se entrecruzam em quadras que contam com a presença de algumas casas, estabelecimentos comerciais, hotéis, restaurantes, a Subprefeitura Municipal, agência bancária e posto de gasolina, justificando o título de “vila colonial” escolhida para nomear o trajeto. Contudo, basta percorrer poucas quadras que essa paisagem termina e o viajante se vê novamente em meio à estradas de paisagem inteiramente rurais. Nesse contexto, o roteiro se espalha entre empreendimentos localizados no núcleo urbano e outros que estimulam o viajante a desbravar os interiores, através da sinalização de placas que o guiam por essas estradas.

Diante disso, resolvi iniciar a análise do roteiro pelo seu ponto central: a Praça Regional da Uva e o seu entorno. Localizada em meio ao núcleo central descrito, a praça é rodeada pela Capela de São Marcos, por um pequeno campanário, pelo Salão Comunitário da Paróquia, pela Subprefeitura Municipal e pelo Museu Padre Alberto Lamonato, conferindo ao espaço uma função de referência geográfica, tanto para os moradores locais como para os turistas. Junto a isso, foi possível perceber que o espaço carrega um universo simbólico através da presença de diversas marcas de memória.

Figura 57 – Foto da Praça Regional da Uva.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

De acordo com a pesquisa, a construção do espaço esteve diretamente relacionada com a realização de festividades comunitárias, que passaram por diferentes nomenclaturas e temáticas ao longo do tempo. No dia 15 de fevereiro de 1991, momento em que se comemorava 25 anos da Festa Colonial da Uva (FECOUBA), principal festividade do distrito de Otávio Rocha, o jornal *O Florense* publicou uma ampla reportagem trazendo uma retrospectiva da festa. Nela, foi escrito que:

Idealizada pelo Vigário de Otávio Rocha, Padre Pedro Piccoli²⁷, a 1ª Fecouva aconteceu de 20 a 27 de fevereiro de 1966. Naquele ano a festa nasceu com o nome de Festa Paroquial da Uva.

[...]

No dia da abertura oficial da festa, houve a inauguração e benção da Igreja Matriz de São Marcos, a primeira Igreja do Estado construída em estilo moderno. A benção foi dada pelo Bispo Diocesano Dom Benedito Zorzi (*O FLORENSE*, 15/fev/1991, Edição Nº 121, Edição Especial Fecouva, p. 2).

²⁷ É interessante destacar também a atuação de membros do clero como lideranças comunitárias do grupo estudado. Conforme Regina Weber, “Para o sul do Brasil, são inúmeros os estudos que descrevem o papel do clero junto às comunidades imigrantes, cujo leque abrange desde párocos de comunidades rurais até congregações com sede em grandes centros urbanos” (WEBER, 2014, p. 718-719). Nesse sentido, além da menção ao vigário Padre Pedro Piccoli, idealizador da Fecouva, em 1966, já apareceram menções ao vigário Frei Tomaz de Machadinho por participar da criação da Fenaindima, em 1967, e ao padre Dom Augusto Finotti, pelo seu protagonismo em trazer os sinos da França para o Campanário de Flores da Cunha, em 1949. De certo modo, todas as ações mencionadas estiveram vinculadas com o processo de construção da identidade étnica estudada.

Da mesma maneira em que a reportagem vincula a construção da Igreja de São Marcos com a primeira edição da Fecouva, a Praça Regional da Uva, é vinculada com a realização da 2ª Fecouva. Ao visitar o espaço, é possível destacar que o símbolo da uva foi a principal ativação simbólica do espaço, mobilizado como uma estratégia para atrair os visitantes, indo além da própria nomenclatura da praça para a criação de espaços de memória que giram em torno da temática. De acordo com a reportagem:

A 2ª Fecouva aconteceu de 20 a 27 de fevereiro de 1977 com uma intensa programação. Na abertura oficial da Festa, foi inaugurada a Praça Regional da Uva e o Monumento do Leão Alado de Veneza, réplica feita por Mário Ramos, Secretário de Turismo do Estado. A estátua do Leão Alado representa a integração Brasil/Itália e é uma homenagem aos colonizadores italianos.

Durante toda a semana da festa, os turistas participaram de diversas programações, como visita à cantinas e parreirais, desfiles de carros alegóricos, bailes, apresentações artísticas e esportivas (O FLORENSE, 15/fev/1991, Edição Nº 121, Edição Especial Fecouva, p. 3).

Através do trecho acima, é possível perceber como a realização da festividade é considerada uma estratégia fundamental no desenvolvimento do turismo regional, assim como já havia sido detectado no caso da Festa Nacional da Vindima. Além disso, percebe-se que a programação destacada na reportagem pode ser entendida como a ação de colocar os turistas em contato com o cotidiano dos descendentes de imigrantes italianos através da visita às cantinas e parreirais. Juntamente com a praça, ocorreu a inauguração do Monumento do Leão Alado de Veneza, ativado simbolicamente como uma representação da integração com a Itália e como um espaço de memória e homenagem aos colonizadores italianos. Como visto no capítulo anterior, na década de 2010, o município receberia de presente uma estátua similar proveniente da Itália significada de maneira semelhante, instalada na Praça da Bandeira presente na região central, ato que, de certa forma, pode ser entendido como a continuidade de um trabalho de memória e identidade em curso desde a década de 1970. Por outro lado, demonstra o protagonismo que o distrito de Otávio Rocha teve na construção da identidade étnica italiana, promovendo uma série de ações e marcando a paisagem intensamente nesse intervalo entre a década de 1970 e a década de 2010. Assim, ao visitar a praça, me deparei com a estátua do leão alado bem ao centro do espaço, identificada através de uma placa que carregava a seguinte inscrição:

Leão alado de São Marcos de Veneza
Homenagem ao Imigrante Italiano
Colonizador indomável desta terra
Secretaria de Turismo – RS.
Prefeitura de Flores da Cunha
II Festa Colonial da Uva.

Através da leitura da inscrição, é possível identificar diversos significados. Em primeiro lugar, é necessário contextualizá-la dentro de um período onde o Estado do Rio Grande do Sul colocava em prática uma política de valorização das diferentes etnias que compuseram o estado, priorizando, as etnias europeias. Assim, nesse período, foram realizadas diversas ações de valorização do patrimônio, da memória e da identidade de grupos étnicos, numa tentativa de oficializá-las. Em paralelo com a valorização identitária dos descendentes de imigrantes italianos, cuja inauguração do monumento do leão pode ser entendida como um exemplo, percebe-se uma vinculação do setor de turismo, que pode ser entendida através desse ato estudado, onde reuniram-se os governos estaduais e municipais para inaugurar um monumento de caráter étnico em uma atividade turística, a Festa Colonial da Uva. Em segundo lugar, destaca-se a estratégia de vincular a região com os traços identitários de origem italiana e da religiosidade católica, através da ativação do leão alado de São Marcos de Veneza. Por fim, nota-se que o monumento vai além de ser uma “homenagem ao imigrante italiano” e passa a representá-lo como “colonizador indomável desta terra”, podendo ser entendido como uma estratégia de ativação do mito do imigrante italiano, mencionado no início do trabalho, onde o imigrante passa a ser representado como a figura que venceu a natureza e trouxe civilidade para o meio da floresta.

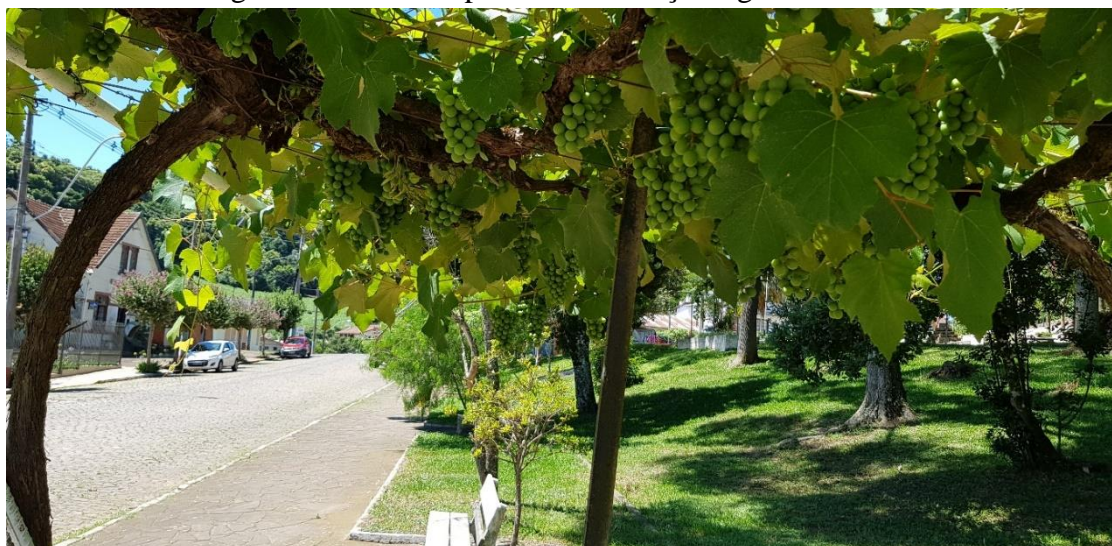
Figura 58 – Foto do Monumento do Leão Alado de São Marcos na Praça Regional da Uva.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

De volta para a análise da praça, é possível identificar a realização de um trabalho de construção da paisagem baseado no estereótipo local vinculado com a uva, que é identificada como principal ativação simbólica do espaço. Essas ativações remetem às motivações originais de construção da praça, vinculada ao momento da Festa Colonial da Uva, marcam a nomenclatura do espaço, Praça Regional da Uva, e estão expostas ao longo da praça através de diversas estratégias empreendidas. Uma delas, por exemplo, se trata da presença de parreiras de uvas verdadeiras plantadas no espaço, permitindo ao turista entrar em contato com a planta dentro do próprio núcleo urbano do distrito.

Figura 59 – Foto de parreiras na Praça Regional da Uva.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

Contudo, é na presença de diversos canteiros de flores com a inscrição de nomes de cidades vizinhas da região que compreendemos a origem da nomenclatura do espaço. Trata-se de um monumento que tem como objetivo vincular a cidade de Flores da Cunha com outros municípios da região da Serra Gaúcha, através da identificação de traços em comum. Nele, identifica-se as inscrições de Antônio Prado, São Marcos, Veranópolis, Bento Gonçalves, Garibaldi, Caxias do Sul e Farroupilha. Junto a essa marca da paisagem, está uma placa identificando geograficamente a ligação entre as localidades, acompanhada da seguinte mensagem:

Praça Regional da Uva

Homenagem de Flores da Cunha e do Distrito de Otávio Rocha aos municípios da região da uva e do vinho, como símbolo de integração.

Obra da administração de Cláudio R. Bedin inaugurada pelo exmo. Sr. Governador do Estado José Augusto Amaral de Souza.

Flores da Cunha, 27 – 07 – 1980

Através dela, pode-se perceber a ativação simbólica da produção da uva e do vinho como símbolo de integração regional com as cidades vizinhas, podendo ser destacada como estratégia para o desenvolvimento do turismo. Como visto anteriormente, a estratégia de integrar-se a uma “região turística”, como a Serra Gaúcha, que já havia sido mencionada nas reportagens estudadas no início desse capítulo, continuaram pressionando pela inserção da cidade de Flores da Cunha em roteiros turísticos regionais identificados a partir do rótulo de Serra Gaúcha ao longo das décadas de 1980 e 1990.

Figura 60 – Foto de canteiros de flores com nomes de cidades da Serra Gaúcha na Praça Regional da uva.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

Figura 61 – Foto de Placa da Praça Regional da Uva.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

Assim, nesse ponto da análise, é importante retomarmos a contextualização histórica, realizada na seção 3 do capítulo 3, da presente dissertação, ao abordar o surgimento da Fenavindima. A 1ª Fecouva, realizada em 1966, ocorreu um ano antes da 1ª Fenavindima, realizada em 1967. Nesse sentido, como colocado anteriormente, é fundamental relacionar a fundação desses eventos com a enorme projeção nacional que a cidade de Caxias do Sul construía para a região da Serra Gaúcha, através da Festa da Uva, durante as décadas de 1960

e 1970. Como colocado anteriormente, a edição da Festa da Uva de 1965, um ano antes da fundação da 1ª Fecouva, foi “considerado o maior evento do gênero na América do Sul” (KIELING JUNIOR, 2021, p. 160), enquanto a edição de 1972 foi escolhida para ser o primeiro evento transmitido a cores pela televisão brasileira (KIELING JUNIOR, 2021, p. 164). Além disso, é importante mencionar que esse contexto irá se unir, na década de 1970, com o movimento de reavivamento étnico eclodido pela comemoração do Centenário da Imigração Italiana, em 1975, nos ajudando a compreender a fundação da Praça Regional da Uva e da instalação do Monumento do Leão de São Marcos naquele espaço, em 1977, durante a 2ª edição da Fecouva. No mesmo sentido, ao se aproximar da década de 1980, caracterizada por um forte movimento de ativações simbólicas por parte do turismo na região da Serra Gaúcha, foi possível identificar a construção do monumento que visava conectar Flores da Cunha com outras cidades da região.

Nesse contexto, também interessante retomar o aspecto simbólico dos alimentos para o grupo de descendentes italianos no sul do Brasil já mencionados no capítulo 1 dessa pesquisa, onde ele passa a se tornar um símbolo identitário vinculado ao trabalho e a prosperidade. Dessa maneira, a produção agrícola de determinados alimentos passou a ser significada pelo grupo como símbolo representativo da capacidade de seus membros em superar adversidades, prosperar a partir do trabalho braçal e de trazer fartura alimentar para a mesa das famílias. Logo, é importante analisarmos a realização dessas festividades como ferramentas de construção desse arsenal de simbologias identitárias dos descendentes de imigrantes italianos.

Logo, diante do que foi colocado até aqui, outra marca da paisagem que chama a atenção dos visitantes na Praça Regional da Uva é um túnel construído na rua em frente à praça, que a separa da capela São Marcos, sinalizado por uma placa como “túnel da uva”. A passagem, que ilustra os panfletos e o *website* do roteiro, é coberta de parreiras de uvas que, durante os primeiros meses do ano, exibem a fartura de seus frutos aos turistas que passam pelo local, bem como disseminam o aroma da fruta aos visitantes em meio ao núcleo urbano do distrito. Sendo assim, o túnel soma-se aos demais exemplos citados para construir um estereótipo de paisagem vinculada com o signo da uva.

Figura 62 – Foto do Túnel da Uva, localizado em frente à Capela, ao Campanário e ao Salão Comunitário de São Marcos.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020

Em sintonia com esse cenário, as ruas do distrito também foram nomeadas com exemplares de uvas produzidas na região. De acordo com o *website* do roteiro “Em 1975, ocorreu a substituição dos nomes das ruas de Otávio Rocha por nomes de uvas. As vias passaram a ser chamadas de Uva Itália, Uva Isabel, Uva Barbera, Uva Bordô, Uva Moscato, Uva Bonarda, Uva Niágara, entre outras” (OTAVIO ROCHA VILA COLONIAL, 20XX). As nomenclaturas estão exibidas em placas colocadas em cada esquina.

Figura 63 – Foto de placa com nomenclatura de ruas do distrito de Otávio Rocha.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

A única fonte jornalística encontrada ao longo dessa pesquisa sobre a medida, é um texto de João Francisco Zilli, datado de 28 de abril de 1989, publicado sob o título de “Troca de nome de ruas”. Nele, Zilli, representante do distrito de Otávio Rocha no jornal O Florense, opina sobre uma tentativa de modificação do nome de algumas ruas:

Na última legislatura municipal, por dois projetos de Lei do saudoso Vereador Alberto Sogari, duas ruas de Otávio Rocha ficaram alteradas em sua denominação. A rua Bordeaux para Adélia Slaviero e a Avenida Uva Itália para Walter Werner Molon. Os dois projetos foram vetados pelo Prefeito Municipal e, finalmente, a Câmara de Vereadores aceitou o veto do mesmo, deixando as mesmas com sua denominação anterior. É sabido que as ruas de Otávio Rocha são todas denominadas com nomes de uvas, proposição, aliás, de um dos que seriam agora homenageados. Situação, segundo nos parece, única e insólita, motivo suficiente para que isto seja mantido. Com todo o respeito que os homenageados merecem, e principalmente por isso, é nossa opinião que tamanho foi o prestígio, liderança e serviços que os mesmos prestaram em vida, que ditas homenagens transcendem a vila em que viveram, sendo merecedores de tal homenagem na própria sede do município. Esperamos que algum Vereador disto se lembre, pois Walter Werner Molon, Vereador que foi por duas legislaturas, industrialista do vinho, e Dona Adélia Slaviero, com seu hotel conhecido em todas as paragens do Estado e mesmo fora dele, mais do que engradeceram Flores da Cunha, o município que os viu nascer (ZILLI, 28/04/1989, Edição Nº 67, p. 10).

Através do trecho, temos um exemplo de como o projeto de turismo da localidade de Otávio Rocha é fruto de um trabalho de organização e disputa do grupo vinculado a esse setor. Na ocasião, Zilli protestava contra uma medida que visava homenagear personalidades importantes da localidade para o turismo, contudo, em sacrifício do padrão de nomear as ruas com os tipos de uvas. Levando em consideração que a iniciativa veio de representantes do centro da cidade, e sem relativizar a memória dessas personalidades locais, o colunista sugeriu que as homenagens fossem realizadas na própria sede do município, mantendo como legado dos mesmos a permanência das nomenclaturas criadas no passado. O texto de Zilli ainda sugere que a criação das nomenclaturas teria sido criada por um dos homenageados. Ao pesquisar a respeito destes nomes, descobri que Walter Werner Molon havia sido vereador de Flores da Cunha no passado e sido mencionado em um discurso de homenagens à realização da Festa Colonial da Uva, proferido pelo vereador Ademir Antonio Barp (MDB) na sessão ordinária 2690, realizada no dia 14 de março de 2022, na Câmara de Vereadores de Flores da Cunha. Apesar da extensão, considerei interessante trazer um recorte de seu discurso no intuito de

analisar como estes elementos simbólicos continuam a ser alvo de um trabalho memorialístico e a mobilizar ações no presente. Além disso, apesar da narrativa linear elaborada como forma de homenagem, em um contexto onde o setor de turismo do município encontra-se em pleno desenvolvimento, o texto nos ajuda a compreender nuances da construção do projeto de turismo para Otávio Rocha e como esse passado vem sendo narrado e simbolizado pelo grupo:

[...]. Portanto, em 20/02/1966, teve início a 1ª Festa Paroquial da Uva e foi realizada a grande festa de inauguração da igreja matriz de Otávio Rocha. O engenheiro Ildo Meneghetti, governador do Estado, e a numerosa caravana prestigiaram as festividades. A festa teve uma repercussão excepcional e, no ano seguinte, nascia em Flores da Cunha a Festa da Vindima, promoção essa que se por um lado veio projetar nacionalmente o município florense, por outro fez desaparecer até 1977 a realização da nova Festa da Uva em Otávio Rocha. Mas em 20 de março de 1973, então surge a Associação dos Amigos de Otávio Rocha, com o objetivo de unir a comunidade e procurar soluções para as aspirações locais. Já, no primeiro ano, como sugestão do vereador Walter Werner Molon, foi organizado uma festa em homenagem ao colono e ao motorista. A iniciativa serviu de estímulo para que outros locais também promovessem ações para exaltar o trabalho das duas categorias. Ao longo do tempo, com a celebração dos 100 anos da imigração italiana, em 1975, os imigrantes, os carreteiros, os colonos e os motoristas despertaram o respeito e a motivação para uma série de iniciativas de resgates históricos dos sofrimentos e das ações desses imigrantes. As festas trouxeram pessoas, melhoramentos os mais diversos na infraestrutura e o distrito de Otávio Rocha, além da avançada agricultura, conseguiu se firmar como polo de turismo, com a sua gastronomia, pontos turísticos, produção primária centrada nas uvas e, agora, nos moranguinhos e hortifrutigranjeiros. A Festa Colonial da Uva, com o êxito das festas em homenagem aos colonos e motoristas, a Associação de Amigos de Otávio Rocha, depois de consultadas as lideranças locais e do estado, especialmente a secretaria de Turismo, resolveu levar a efeito a segunda Festa da Uva. Foi estabelecido o período de 20 a 27 de fevereiro de 1977. A expressão “paroquial” que definiu a 1ª festa foi substituída por “colonial”, tendo em vista uma maior abrangência desta segunda promoção, que visava atingir todo o distrito, pois ficava fora a área do distrito de Mato Perso e pela atração da palavra “colonial” representava todo o distrito. Na época, Mato Perso ainda não era distrito e pertencia ao distrito de Otávio Rocha. Tinha ainda a dificuldade de, que não tinha essa estrada que faz a ligação hoje. Então essa é um pouco da história da parte inicial da Fecouva. E essa experiência então da 2ª Fecouva, realizada em plena zona de colônia, agradou os turistas vindos de diversas partes do Brasil, que se mostraram incansáveis em elogios pela singularidade da promoção realizada entre os vinhedos e cantinas de Otávio Rocha. Nos anos seguintes, como 1983, foi realizada a 3ª festa; em 1986, a 4ª;

1991, a 5ª; 1992, a 6ª; e 1993, a 7ª; e 1997, a 8ª; 2001, a 9ª; 2005 foi realizada a 10ª, no Grêmio Esportivo Otávio Rocha. Foi uma inovação também pra época, haja visto que já apresentava um pouco de dificuldades nos antigos estabelecimentos que era realizada a festa antes nos pavilhões. E junto com a 11ª Fecouva, nascia também a 1ª Festa do Moranguinho, produto agrícola que começou a representar muito para a região. A 12ª festa, de 2013, conta também com a 2ª Festa do Moranguinho; e a 13ª, em 2017, foi realizada nos entornos da igreja matriz e reuniu homenagem à uva e o morango. Então um pouco da história, a história mais antiga de todas essas festas deu pra perceber que de 1991 até 1996 foram, aconteceram várias festas e aquilo ajudou a projetar, também, a Fecouva. Então quero, oportuno, homenagear a todos os presidentes, as soberanas que se envolveram na nossa importante festa (CÂMARA DE VEREADORES DE FLORES DA CUNHA, 2022).

Através do discurso, é possível identificar uma série de elementos relevantes para compreender como o setor de turismo se desenvolveu na localidade de Otávio Rocha. O primeiro fator citado que gostaria de destacar é a menção à criação da Associação dos Amigos de Otávio Rocha, criada em 1973. Trata-se de uma associação comunitária de forte atuação que tem aparecido frequentemente nas fontes analisadas nessa pesquisa. A associação tem atuado através da organização de festividades e reivindicações materiais para a realização de ações comunitárias, memorialísticas e étnicas. Seus membros reuniram, ao longo do tempo, um grupo de indivíduos locais interessados no desenvolvimento do turismo e na promoção da identidade étnica que também costumaram circular em outros espaços como, por exemplo, as páginas do jornal O Florense e cargos públicos. Entre eles, podemos mencionar Floriano Molon, João Francisco Zilli, Walter Werner Molon, Remi Damin e Ademir Barp, citados em fontes dessa pesquisa. A existência da Associação Amigos de Otávio Rocha pode ser considerada uma estratégia fundamental para explicar porque a localidade de Otávio Rocha atingiu tamanho progresso e organização na área do turismo, sendo um diferencial do distrito comparado com outras regiões do município.

O segundo elemento que gostaria de destacar é de que o vereador Ademir Barp menciona que “com a celebração dos 100 anos da imigração italiana, em 1975, os imigrantes, os carreteiros, os colonos e os motoristas despertaram o respeito e a motivação para uma série de iniciativas de resgates históricos dos sofrimentos e das ações desses imigrantes” (CÂMARA DE VEREADORES DE FLORES DA CUNHA, 2022). O ano corresponde com a indicação do *website* para a definição das ruas com nomes de uvas e com o período de atuação de Walter Werner Molon, nos apontando uma direção para a criação da medida.

Além disso, através da leitura do trecho, é possível perceber como as festividades de Otávio Rocha são significadas no presente, podendo ser identificadas como principal fator de desenvolvimento do turismo local. Apesar de termos mencionado com mais intensidade a Festa Colonial da Uva até o momento, é importante destacar que a localidade de Otávio Rocha realizou, e continua realizando, outras diversas festividades turísticas e comunitárias como, por exemplo, a Festa da Colônia e a Festa da Gruta. Nesse sentido, identifica-se como foram exercidas uma série de ações estratégicas para consolidar esses eventos no radar de atrativos turísticos da região. Com base no trecho, nota-se como as festas mudaram de nome ao longo do tempo para aumentar suas representações identitárias, como o moranguinho foi acrescentado às homenagens da festividade recentemente e como a realização de múltiplos eventos na mesma época puderam, por vezes, atrapalhar e, por vezes, auxiliar na promoção das festividades locais, sendo sempre um elemento de preocupação presente nas fontes estudadas.

Esses fenômenos apareceram em diversas fontes históricas coletadas durante a pesquisa jornalística, das quais separei um exemplo representativo abaixo. No dia 12 de agosto de 1987, em coluna publicada no jornal O Florense sob o título de “Colonos x Motoristas”, Zoelso Renosto escreveu que:

No último dia 26/07/87, Flores da Cunha viveu a Festa do Colono e a Festa do Motorista. Depois de 15 anos da Festa de Otávio Rocha, com repercussão estadual, o Sindicato dos Condutores Autônomos de Caxias do Sul vem, não se sabe porque motivo, escolher São Gotardo para sediar a festa, isto é, logo na entrada principal para a Festa de Otávio Rocha. Os moradores do 3º Distrito vêm manifestando sua contrariedade à referida promoção, realizada no mesmo dia e no mesmo município, quando há inúmeros salões comunitários espalhados em Caxias, e mesmo na região, sem ser precisamente o de São Gotardo, na “boca” da Festa do Colono. Mais uma vez, e até na Festa, os Colonos são passados para trás.

As boas relações que devem facilitar a sadia convivência entre as comunidades está sendo ameaçada. Será que é justo sobrepor dentro do mesmo município uma outra festa, no caminho de um evento já consagrado, que anos após ano tem trazido milhares de visitantes? Será que querem “matar” a Festa do Colono de Otávio Rocha?” (RENOSTO, 12/ago/1987, Ed. 23, p. 2).

Contudo, no ano seguinte da realização da festa, em matéria intitulada “Otávio Rocha prepara a XVI Festa da Colônia” e publicada no dia 17/06/1988, é possível perceber algumas mudanças:

A Associação Amigos de Otávio Rocha, com o apoio da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha, estará realizando nos dias 16 (sábado), 17 (domingo) e 25 (segunda-feira) do mês de julho, a XVI Festa da Colônia (novo título designativo do evento) coincidindo com a realização da XIII Vindima da Canção Popular na sede do Município. A Festa da Colônia procurará manter as características consagradas ao longo de 15 anos de realização e dará a oportunidade para o surgimento de novas atrações, procurando homenagear o colono, o imigrante, o carreteiro e o motorista. (O FLORENSE, 17/jun/1988, Ed. 45, p. 12).

Assim, nota-se uma mudança no nome da festa, que deixou de ser “Festa do Colono” e passou a ser “Festa da Colônia”. Essa mudança parece ter sido feita com o objetivo de realizar uma extensão entre os homenageados, incluindo, além do colono, também o imigrante, o carreteiro e o motorista, antes rival, agora homenageado. Dessa forma, a festa é anunciada como uma mescla entre o novo e o tradicional. Isso nos remete ao pensamento de Prats, quando nos diz que a eficácia de um símbolo está vinculada com a sua capacidade de abrangência representativa, ou seja, a festividade ao expandir estrategicamente seus homenageados simbólicos aumenta suas possibilidades de consolidação, desde que se mantenha dentro dos limites impostos pela identidade, geralmente mediado pelos seus vínculos com o cotidiano do grupo (PRATS, 1997, P. 37). A inclusão dos moranguinhos entre os alimentos festejados, mencionada no discurso anterior, também pode se aplicar a esse ponto de vista. Além disso, na mesma edição, chama a atenção uma das atrações propagandeadas na reportagem:

Otávio Rocha está localizada a 150 Km de Porto Alegre, a 7 Km do asfalto da Rodovia Caxias-Flores da Cunha e dispõe, para hospedagem, o Hotel Dona Adélia, estabelecimento de grande prestígio por deixar o hóspede completamente à vontade, convivendo com descendentes de italianos no seu dia-a-dia (O FLORENSE, 17/jun/1988, Ed. 45, p. 12).

Nela, identificamos um dos principais objetivos do projeto de turismo almejado pelo grupo de acordo com a presente pesquisa, a de colocar o turista em contato com o cotidiano dos descendentes de imigrantes italianos, no intuito de transformar as próprias vivências e indivíduos do grupo em um atrativo turístico. Segundo o jornal, esse atrativo poderia ser encontrado no Hotel Dona Adélia que, mais tarde, seria uma das homenageadas na tentativa de troca dos nomes de ruas. Por fim, percebe-se que a festividade foi marcada em conjunto com XIII Festival Vindima da Canção Popular, conhecido por atrair turistas de fora do município,

provavelmente, como estratégia para atrair público ao evento. Ou seja, nesse caso, a simultaneidade dos eventos deixa de ser condenada e passa a ser adotada como estratégia.

A temática dos festivais da Vindima da Canção Popular em Flores da Cunha foi objeto de estudo da historiadora Taísa Verdi. A autora colocou que, a partir da década de 1960, o país viveu uma “Era dos Festivais” de canções autorais que eram transmitidos através da televisão (VERDI, 2020, p. 130). A repercussão dos programas passou a motivar cidades do país a realizarem eventos de entretenimento baseados no mesmo formato, onde eram reunidos artistas de locais diversificados, em busca de apresentações ao público e competições por premiações. De acordo com a autora, mesmo o Brasil tendo encerrado a “Era dos Festivais” em 1972, o movimento chegou até a cidade de Flores da Cunha em 1975, ano em que ocorreu a 1ª edição do Festival da Vindima da Canção Popular. Nas palavras da autora:

O município sediou dezesseis edição da Vindima da Canção Popular entre os anos de 1975 a 1993, acontecendo com periodicidade anual (com exceção dos intervalos entre os anos de 1987, 1989 e 1992), reunindo em três noites, compositores e intérpretes em canções inéditas, lotando o espaço do salão da paróquia e passando a preencher os assuntos mais abordados das rodas de conversa dos amigos, com refrãos cantados repetidamente como forma de reafirmar o gosto pela cultura da Vindima da Canção. Ao longo das dezesseis edições, duas categorias foram criadas: uma voltada à temática da imigração italiana (categoria Especial) e outra com temáticas gerais (categoria Geral ou Popular), o que atraía inscritos de todas as partes do Estado, do país e do cone sul, como os vizinhos da Argentina e do Uruguai (VERDI, 2020, p. 61).

Diante disso, através da análise do cenário de construção do turismo no município de Flores da Cunha, é possível perceber que a realização dos festivais integrou o conjunto de ações que buscavam desenvolver o turismo local e atrair visitantes ao município, ao mesmo tempo em que incentivava a realização de atrações culturais. Além disso, percebe-se que, em paralelo, os festivais atuaram também na produção de representações acerca do município e dos descendentes de imigrantes italianos, uma vez que uma das categorias era dedicada exclusivamente à imigração italiana. O próprio nome do festival tinha como objetivo colocar em destaque o processo da produção e colheita da uva: Festival Vindima da Canção Popular. Assim, podemos visualizar como, na localidade de Otávio Rocha, o festival foi apropriado pelas autoridades locais e utilizado como estratégia para a atração de visitantes para suas próprias festividades.

De volta para a Praça Regional da Uva, é possível identificar um símbolo que remete a parte desse processo de disputas e estratégias pela consolidação das festividades locais. Ao centro da praça, está localizado um monumento similar a um “carretão”, homenageando a categoria que foi incorporada à festividade e aos símbolos oficiais da localidade (ver figura 57 na página 233). Consegui encontrar uma significação do monumento em um texto publicado por Floriano Molon, onde ele escreve que:

Há ainda na Praça inaugurado em 26 de julho de 1981 um monumento ao Carreiro. Era uma classe esquecida e que foi responsável por mais de 50 anos no transporte de tudo o que era produzido na serra e necessitava de ser apanhado nos grandes centros para a subsistência dos moradores da região (MOLON, 2002, p. 294).

Inserida nesse contexto de início da década de 1980, foi possível detectar outra marca da paisagem na praça. Trata-se de uma pequena inscrição em concreto, posicionada no chão da praça ao lado de um grande pinheiro, com os seguintes dizeres: “Pinheiro - Marco vivo do centenário da colonização (25/07/1982)”. A simples inscrição pode ser interpretada como uma estratégia encontrada para rememoração do processo imigratório que deu origem ao distrito.

Figura 64 – Foto de Marco Vivo da Praça Regional da Uva em homenagem ao Centenário da Colonização Italiana em Otávio Rocha.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

Através da pesquisa ao jornal O Florense, foi possível detectar que próximo à data, foi realizada uma nova festividade no local:

No ano do Centenário da Colonização Italiana de Otávio Rocha realizou-se a 3ª Festa Colonial da Uva de 13 a 20 de fevereiro de 1983.

[...]

Marcando época em torno do passado e do presente, a Fecouva focalizou o homem e a mulher da colônia, o seu trabalho de cultivo à parreira, produção de vinhos, seus pães coloniais, polenta, queijos, macarronadas, suas canções e os jogos de bocha e da mora (O FLORENSE, 15/02/1991, Edição 121, p. 4).

Nesse sentido, percebe-se como, a partir da festividade, o grupo evidenciou os traços de uma identidade colonial vinculados com uma identidade italiana, ativando símbolos tradicionais como o trabalho, a uva, o vinho e a colônia. Junto a isso, foi possível detectar que, por volta da mesma época, em homenagem ao Centenário da Colonização Italiana na localidade, o grupo marcou a data através de uma obra que consagrou os traços de religiosidade católica do grupo: o Monte Calvário. Ao visitar o espaço, localizado algumas quadras da Praça Regional da Uva, entrei em contato com uma ampla escadaria que levava ao topo de um morro. Durante o trajeto, o visitante pode visualizar uma série de capelinhas com imagens representando a via sacra. No topo da escadaria, localizada em meio à vegetação, encontra-se uma cruz de ferro e um espaço para a observação do núcleo urbano de Otávio Rocha.

Figura 65 – Foto de placa e escadaria do Monte Calvário em Otávio Rocha.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

Figura 66 – Vista para o distrito de Otávio Rocha do topo do Monte Calvário.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

Em texto publicado no jornal O Florense, sob o título de “Monte Calvário – Turismo e Fé”, o espaço foi significado da seguinte maneira:

Basicamente, o Monte Calvário – que é um monumento erigido em 1982 para assinalar os 100 anos de colonização de Otávio Rocha – constitui-se de uma enorme cruz de ferro com um Cristo crucificado em tamanho natural, a qual está num dos pontos mais altos da vila. Uma escadaria com aproximadamente 170 degraus leva o visitante até seu topo, donde, de um belvedere, o panorama vislumbrado é deslumbrante.

De seu cimo, qual tapete de retalhos, avistam-se todos os parreirais que circundam a vila, com suas moradias, igreja, praça, escola, fábricas, clube... alongando-se a vista, bem no horizonte, o maior centro de fé da colonização italiana – o Santuário de Caravaggio – emerge sobranceiro sobre o verde e por todo o redor se sobressai.

O monumento do Centenário, ou o Calvário como mais conhecido, inicia assim neste ano, além de ser um ponto turístico visitado por todos os que vêm a Otávio Rocha, um costume de fé e devoção que irá se tornar parte integrante das cerimônias da Sexta-Feira da Paixão (ZILLI, 27/abr/1990, Edição n° 90, p. 11).

Através do trecho, é possível evidenciar como os agentes de turismo local passaram a ativar simbolicamente a paisagem como um atrativo turístico. Nesse cenário, o autor manipula signos identitários vinculados a rememoração do processo imigratório, à religiosidade católica e a elementos da natureza para construir uma imagem turística para localidade.

Ainda no entorno da Praça Regional da Uva, do outro lado da rua, encontra-se a sede da Subprefeitura do distrito de Otávio Rocha e o Museu Padre Alberto Lamonato. De acordo com o texto de Floriano Molon, o prédio que abriga as duas entidades foi construído em 1935 e teve diferentes usos ao longo do tempo, até ser ressignificado como espaço de memória e turismo no presente:

No subsolo, funcionou de forma precária, nos velhos tempos, uma cadeia. Serviu de residência para inúmeros subprefeitos. Hoje além dos serviços administrativos do distrito, acolher o acervo histórico doado pelo Pe. Alberto Luiz Lamonatto, com destaque para as coleções de licores e vinhos. O Pe. Alberto, era natural de Guaporé e foi o 5º Vigário da Paróquia de Otávio Rocha em 1979, Embora interinamente e por pouco tempo granejou grandes amizades pela sua simpatia e idealismo. Residindo em Caxias do Sul, próximo a Paróquia do Pio X, em testamento deixou doado todos os valiosos e históricos objetos e bebidas recolhidas ao longo do tempo, à Otávio Rocha. Um dos seus “hobbys” era a elaboração de dezenas de variedades de licores. O museu

foi inaugurado em 1998, com o acréscimo de doações dos moradores de Otávio Rocha (MOLON, 2002, p. 294).

Ao longo da pesquisa, encontrei menções anteriores à construção do Museu onde já era possível detectar o projeto do grupo de construir um espaço de memória como esse. Durante a realização da 5ª Fecouva, o jornal O Florense publicou uma reportagem, assinada por João Batista Zilli, sob o título de “Exposição de fotos e objetos antigos”, onde o autor menciona a iniciativa organizada pela escola da localidade que arrecadou objetos antigos para serem expostos durante a festividade. De acordo com a reportagem:

Para tanto, foram conclamados todos os moradores de Otávio Rocha e arredores para que se dispusessem a emprestar as fotos, documentos e objetos que estivessem guardados, às vezes aos poucos cuidados, quando não, atirados aos cantos.

Muitas antiguidades foram expostas, mas muitas outras ainda ficaram sem serem exibidas. Estima-se que o que foi exposto, represente pouco mais que dez ou vinte por cento do que se poderia conseguir. Na medida que se pensa num futuro museu, a exposição foi um ótimo começo.

Parece que o que mais atrapalha para que se crie um museu, onde seriam preservados os objetos, é a falta de um espaço para tanto, bem como alguém que se responsabilize. A própria Associação dos Amigos, como entidade representativa da comunidade, poderia se encarregar disso. Fica porém, ainda, o problema do local. A conscientização foi feita, e todos sentiram a necessidade e o “gostinho” de cultivar a memória. A semente foi lançada, há que cultivá-la para que produza frutos (ZILLI, 28/03/1991, Edição nº 127, p. 3).

Através do trecho, é possível perceber como algumas das lideranças comunitárias significavam o uso de objetos antigos como elementos de construção memorial e identitária. Segundo o discurso, através da atuação dessas lideranças, foi possível ressignificar os objetos “abandonados” como elementos destacados para serem expostos, função que o Museu Padre Antônio Lamonatto veio a exercer durante as décadas seguintes. Através da visita ao espaço, foi possível entrar em contato com um pequeno acervo que remete aos primórdios da imigração italiana e, sobretudo, para a produção de bebidas alcoólicas na região. Outro ponto a ser destacado é o de que, ao ressignificar o uso do prédio, a arquitetura dos primórdios da localidade também passa a ser um elemento simbólico a ser apresentado culturalmente ao turista.

Ainda dentro do roteiro, vinculado ao contexto da década de 1980, afastando-se alguns metros da Praça Regional da Uva, o visitante tem a possibilidade de visitar o Parque da Gruta,

um espaço em meio à natureza. Em seu artigo, Floriano Molon explica brevemente como o espaço foi ressignificado pelo grupo com o objetivo de se transformar em um atrativo turístico:

Propriedade da Associação dos Amigos de Otávio Rocha, o Parque da Gruta é uma área localizada a um km da vila de Otávio Rocha que abriga em seu interior uma represa da antiga usina, uma gruta natural e cascata. A gruta é formada por uma grande rocha que se projeta, formando um local que pode abrigar até 200 pessoas. Em frente à gruta despenca uma cascata de aproximadamente 15m de altura e forma um poço natural. No interior da gruta há uma fonte natural e em local de destaque sobre uma rocha interna, foi colocada uma imagem de N.S. das Graças, em 20.01.1980 e que recebe a cada ano, no primeiro domingo de dezembro, uma festa votiva. São muitas as preces e as graças ali recebidas. A associação vem investindo com diversos melhoramentos no Parque para oferecer uma boa acolhida aos visitantes, com churrasqueiras, local para festas, casa do zelador, parque infantil, canchas esportivas de vôlei de areia e futebol sete, além de preservar a mata original (MOLON, 2002, p. 298-299).

Dessa maneira, percebe-se como, a partir das modificações realizadas, o espaço passou a ser aberto aos visitantes, ofertando diversas atividades. Logo, no texto, a significação do espaço é ampla, sendo caracterizado como local de contato com a natureza, de orações e de realização de festividade, apresentando uma estratégia de construção turística muito parecida com a do Monte Calvário. Em texto escrito por João Francisco Zilli, encontrado na pesquisa realizado ao acervo do jornal O Florense, datado de 07/dez//1990, sob o título de “Festa na Gruta”, foi noticiado que:

A festa deste ano começa com uma missa na gruta, cantada pelo Coral Típico de Otávio Rocha, às 10h30min, e, ao meio-dia, no galpão será servido churrasco, galetos, maionese, saladas, pão e vinho. Já é tradição neste dia, diversas famílias reunirem-se no parque e almoçar à sombra do bosque (ZILLI, 07/dez/1990, Edição nº 114, pág. 2).

Nesse sentido, é interessante perceber como o grupo utilizou como estratégia para a promoção do turismo a apropriação da paisagem em meio à natureza. Em paralelo, foram realizadas modificações pontuais com o intuito de marcá-la com simbolismos identitários e ocorreram novas apropriações do espaço, potencializando seu uso. A instalação da imagem de uma santidade católica e a promoção anual de uma festividade comunitária e religiosa podem ser entendidas como exemplos desse processo de transformação do espaço em atrativo turístico.

Através da reportagem, é possível ver que esse simbolismo foi expandido através da realização de ritos religiosos, como a realização de missa, e a presença de corais com músicas italianas. Assim, o evento reuniu alguns dos traços identitários já identificados aqui: a religiosidade católica e as origens italianas, sendo considerado mais um dos rótulos que a localidade oferece para o turista. É interessante destacar que, na ocasião, o cardápio da festividade permitiu um alargamento das fronteiras identitárias, incorporando o churrasco no lugar da culinária “italiana”.

De volta para a Praça Regional da Uva, vinculado a esses elementos que reúnem traços de uma identidade católica e signos de uma identidade étnica, foi possível encontrar representações de uma santidade católica identificada como Nossa Senhora da Uva. A santidade está presente através de duas representações. Uma delas trata-se de uma imagem inserida dentro de um monumento metálico, construído em formato de uva, no interior de uma pirâmide metálica. Enquanto, a outra, trata-se de uma estátua convencional representando a santidade.

Figura 67 – Foto de Monumento em homenagem à Nossa Senhora da Uva na Praça Regional da Uva.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 04 jan 2023.

Figura 68 – Estátua de Nossa Senhora da Uva na Praça Regional da Uva.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

Através dos escritos de Floriano Molon, descobri que o primeiro monumento criado foi o da pirâmide de aço e que esteve vinculado com a realização das festividades estudadas:

Por ocasião da 9ª Festa Colonial da Uva, no dia 25.02.2001 foi inaugurado o Monumento do 3º Milênio e a Nossa Senhora da Uva. O Monumento é uma pirâmide futurista, com duas peças triangulares, com um dos ângulos para o centro da Terra, representando os dois milênios passados e outra em forma de triângulo, em aço inoxidável representando o novo milênio de esperança e de luz que está nascendo. A pirâmide, em suas três pontas, repousa sobre três dos pontos cardeais, ficando a parte da frente livre, para acolher o nascer do sol pelo leste. Embaixo deste conjunto sob um pedestal de pedra, foi colocado uma reprodução de um quadro do pintor francês Pierre Mignard (1612-1695) de Nossa Senhora da Uva (MOLON, 2002, p. 294).

Logo, trata-se da tentativa de inserir um novo culto na localidade, o da Nossa Senhora da Uva, resgatada através de um quadro pintado em estilo renascentista. Como estratégia de apresentação do signo para a comunidade, o grupo mesclou a sua simbologia com elementos futuristas que faziam parte da expectativa de chegada do novo milênio. O culto da santa passou a reunir dois traços identitários de grande prestígio por parte do grupo de descendentes de imigrantes italianos vinculados ao turismo: a religiosidade católica e a uva enquanto símbolo do trabalho e da fartura. Através da trajetória deste signo, é possível perceber como o grupo age no seu trabalho de fixação através de marcas da paisagem. Em 2010, durante a realização de uma nova festividade, o trabalho continuou com a instalação de uma nova estátua. De acordo com reportagem publicada no jornal O Florense:

Foi no dia 25 de julho de 2010, durante a 37ª Festa da Colônia, que foi inaugurado, na Praça Regional da Uva, um monumento a Nossa Senhora da Uva. O conjunto é formado por uma base, reproduzindo duas bordalesas e parreiras, sustentando a estátua com 2 metros de altura, pesando 600 kg. A imagem é inspirada no quadro de Pierre Mignard (O FLORENSE, 12/fev/2021, Edição nº 1652, p. 11).

Ainda de acordo com a mesma reportagem, publicada em 2021, é possível perceber como o trabalho em torno da oficialização de culto da santidade continuou, excedendo o distrito de Otávio Rocha e sendo apropriado por espaços da sede do município:

O município maior produtor de uvas e vinhos do Brasil quer fazer uma homenagem a Nossa Senhora da Uva. A Secretaria de Turismo, Indústria, Comércio e Serviços estuda, juntamente com a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, a construção de um

santuário no Parque da Vindima Eloy Kunz para venerar a santa, além de enviar um projeto para a Câmara de Vereadores para instituir o dia da Nossa Senhora da Uva no calendário oficial do município. A paróquia, que ainda não possui a imagem da santa, confeccionou um estandarte – através das mãos do artesão Jéssus Reis Pereira – com a pintura de Nossa Senhora e o Menino Jesus segurando um cacho de uva. O estandarte passou por um ato de sacralização realizado pelos freis da paróquia, e na segunda-feira, dia 8, foi abençoado pelo pároco, frei Edson Cecchin, e entregue para a comunidade. A obra sacra ficará na Igreja Matriz de Flores da Cunha. A diretora de Turismo de Flores da Cunha, Thelma Bebbber, foi quem idealizou o projeto durante a programação do ‘É Tempo de Vindima’, passando pelas comunidades do interior para derramar a bênção de Nossa Senhora da Uva para todos os vitivinicultores. “A uva e o trabalho do agricultor têm uma importância muito grande no nosso município, e trazer o símbolo da Nossa Senhora é de grande valia”, ressalta. O parque, local onde se trabalha a questão da uva e do vinho durante a Festa Nacional da Vindima, foi o local escolhido para venerar a Nossa Senhora da Uva. “Juntamente com a paróquia, pensamos em trazer a Capela da Lagoa Bela, que atualmente está interdita e necessita um processo de restauração para os pavilhões. Queremos prospectar, num primeiro momento, a nossa população local, mas atrair o olhar externo para uma santa que é tão pouco divulgada”, destaca Thelma, destacando o turismo religioso e cultural. Para o restauro, a paróquia e o Poder Público buscam parceiros para viabilizar a obra (O FLORENSE, 12/fev/2021, Edição nº 1652, p. 11).

Através das projeções, é possível perceber como o grupo de agentes de turismo local trabalha na construção e consolidação de um símbolo, mobilizando traços da identidade local (agricultura, produção da uva e do vinho, religiosidade católica) e tendo como uma das motivações a potencialidade para o turismo. Por outro lado, trata-se de mais um exemplo representativo de como o setor de turismo do município continua mobilizando ações para o seu desenvolvimento no tempo presente.

Após o afastamento do entorno da Praça Regional da Uva, o visitante é direcionado pelas placas do local a se deslocar pelos interiores rurais nos arredores do distrito de Otávio Rocha. Nesse momento da saída de campo, o ambiente encontrado é predominantemente agrícola, as estradas pavimentadas dão lugar às estradas de chão e a paisagem encontrada apresenta uma mescla entre matas originárias, plantações de alimentos, criação de animais e residências rurais. A mediação entre a paisagem e o roteiro turístico é marcada pela presença de placas que indicam ao turista por quais estradas seguir, caso o desejo seja o de encontrar os estabelecimentos vinculados ao roteiro. Nessa etapa da visita, pode-se dizer que o visitante é colocado em contato com o cotidiano da localidade, sendo possível observar o espaço e as

vivências que se apresentam a ele, inclusive a movimentação e o trabalho dos habitantes locais, elementos que por décadas foram alvo de divulgação turística.

Figura 69 – Foto de placa do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 15 jan 2022.

Em meio aos interiores, a religiosidade católica continua presente através de capitéis de santidades construídos nas beiras das estradas. Através desses itens, é possível perceber a lógica do processo de criação dos roteiros estudados. Tendo tido usos distintos no passado, inicialmente caracterizados pela expressão religiosa dos primeiros imigrantes e, em seguida, como marco do enraizamento desses indivíduos no novo território através da modificação da paisagem, atualmente, passam a ser ressignificados como espaços turísticos, utilizados na divulgação das localidades e significados como locais que permitem ao visitante entrar em contato com uma realidade diferente da sua, em termos de temporalidade, cultura e crenças.

Figura 70 – Foto de Placa do roteiro Otávio Rocha Vila Colonial ao lado de um capitel.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 15 jan 2020.

Afastada da Praça Regional da Uva, foi possível encontrar uma nova capela, vinculada com Nossa Senhora de Caravaggio. De acordo com o *website* do roteiro, o projeto do local foi baseado no santuário da santa na região da Lombardia, na Itália, ressaltando a identidade étnica do grupo. O cenário, encontrado em tantas outras localidades ao longo da saída de campo, se repete: capela, salão comunitário, campanário e cemitério localizados lado a lado. Na porta do campanário, encontram-se expostas placas com inscrições informando a data de inauguração como 30 de dezembro de 1951 com o nome dos construtores e ajudantes e as homenagens realizadas na comemoração do cinquentenário da torre, realizadas no dia 13 de janeiro de 2002, servindo como instrumentos memorialísticos e ressignificados como turísticos.

Figura 71 – Capela, Campanário e Salão Comunitário de Nossa Senhora de Caravaggio no distrito de Otávio Rocha.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 15 jan 2022.

Ao visitar o pequeno cemitério, percebi que, em algumas lápides, existe uma inscrição identificando os imigrantes como vindos da Itália. Esse detalhe pode ser significado através de diferentes interpretações e usos. Por um lado, trata-se de um espaço de memória familiar enquanto, por outro, pode ser entendido como um lugar de memória coletiva do grupo de descendentes italianos e como uma materialidade que evoca a rememoração da imigração italiana. A partir da criação da estrutura do roteiro, esse espaço passa a ser ressignificado como um espaço turístico e, ao ser colocado em contato com forasteiros do grupo, pode ser entendido como uma expressão de identidade étnica.

Figura 72 – Foto de lápide no Cemitério da Capela Nossa Senhora de Caravaggio no distrito de Otávio Rocha.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 22 dez 2020.

Além disso, espalhados pelo roteiro encontram-se uma diversidade de espaços cujo objetivo principal é comercializar artigos da localidade (comidas e bebidas) e oferecer experiências de lazer e cultura. Nesses locais, é possível destacar uma diversidade de usos e apropriações de elementos da identidade étnica estudada como estratégias de divulgação. As nomenclaturas seguem uma lógica parecida com a do roteiro Compassos da *Mérica Mérica*, evidenciando sobrenomes familiares de origem italiana ou traços da representação construída para o descendente de imigrante italiano como bom anfitrião. Além disso, na maioria dos espaços, o turista é colocado próximo a unidade de produção dos artigos consumidos, podendo vivenciar aspectos cotidianos de sua constituição, muitas vezes apresentados pelos próprios proprietários. Nesse processo, identifica-se a transformação de lugares que eram originalmente voltados para a produção em locais que passam a exercer, em paralelo, visitas turísticas e vendas. Nesse sentido, a vivência com os proprietários e com a sua rotina de trabalho passa a ser entendida como um atrativo turístico para aquele visitante que pode vivenciar uma experiência distinta de sua realidade, ao mesmo tempo que desfruta de uma atividade de lazer. Como exemplo, podemos citar a visita a parreirais de uva, ao lado de jardins onde o turista pode comprá-las e consumi-las, enquanto aprecia a paisagem. Ou vinícolas que abrem espaço

para visitas em suas unidades de produção, onde o turista pode beber e comer no local. Outra estratégia bastante presente desses espaços é a utilização de objetos antigos que remetem à lembrança do processo migratório, à memória familiar do espaço ou às práticas da religiosidade e do trabalho.

Figura 73 – Foto de Vinícola vinculada ao roteiro Otávio Rocha Vila Colonial.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 15 jan 2022.

Figura 74 – Foto de garrafas enfeitando cerca em Vinícola vinculada ao roteiro Otávio Rocha Vila Colonial



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 15 jan 2022.

3.3.1 – Usos e ativações simbólicas do Patrimônio Histórico-Cultural: O caso do Casarão dos Veronese

Por fim, o último espaço que gostaria de incluir na análise é o Casarão dos Veronese, bem patrimonial gaúcho tombado pela Coordenadora do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (CPHAE) e localizado no distrito de Otávio Rocha da cidade de Flores da Cunha. O local encontra-se a uma pequena distância da Praça Regional da Uva, mas, ao mesmo tempo, está afastado do pequeno núcleo urbano e situa-se em uma região com bastante natureza e plantações no seu entorno. Atualmente, o visitante que chega ao local depara-se com um grande casarão de pedra que mescla em sua aparência elementos conservados do passado e traços de sua recente restauração, sobretudo através de seu telhado e de sua fachada superior panorâmica, bem como através da passarela que dá acesso a sua entrada. Em seu interior, o turista encontra ambientes temáticos com exposições de objetos antigos, vinculados à produção de vinho e à rememoração da imigração italiana e, no último andar, depara-se com uma espécie de auditório propenso para a realização de reuniões, palestras e oficinas.

Figura 75 – Foto do Casarão dos Veronese em Otávio Rocha no dia da inauguração de seu restauro.



Fonte: Acervo pessoal de Deiner Lucian Barili. Registro feito em 15/dez/2017.

Como dito anteriormente, o bem patrimonial foi meu objeto de estudo em pesquisa anterior que culminou na realização de meu Trabalho de Conclusão de Curso denominado “Uma casa para sempre”: Do tombamento ao restauro do Casarão dos Veronese (Flores da Cunha-RS, 1986-2017). Nesse trabalho, pesquisei a respeito da trajetória do Casarão, com ênfase nos fenômenos de tombamento (1986) e restauro (2015-2017), no intuito de analisar como esses marcos influenciaram nos processos de construção da memória e da identidade dos descendentes de imigrantes italianos locais. Dessa forma, a maior parte das fontes e referências que trago nessa seção do trabalho são provenientes da pesquisa anterior, inseridas agora na atual e ampliada problemática de pesquisa.

De forma resumida, pode-se dizer que a edificação foi construída por volta de 1898 pelo imigrante italiano Felice Veronese, momento em que chegavam os primeiros imigrantes italianos na região de Flores da Cunha. Felice Veronese é descrito como originário de Monte Malgre (Schio Vivenza – Itália) e, de acordo com as fontes estudadas, teria chegado na atual região da serra gaúcha no dia 14/05/1882, solteiro, aos seus 26 anos de idade. O imigrante teria recebido um dos lotes de terra que o Estado costumava conceder para algumas famílias provenientes da Península Itálica na época. De acordo com a pesquisa realizada, Felice casou-se com Domênica Sella no ano de 1885 e dedicou-se à produção de uva e vinho, tornando-se um dos maiores produtores da região, momento em que teria iniciado a construção. Vivendo no local, o casal teve dez filhos. Um deles, Luís Veronese, atraído pelos estudos da Química, passou a desenvolver no casarão outras duas atividades econômicas: a utilização do tártaro que sobrava da produção de vinho de Felice para a produção de ácido tartárico e a produção de pólvora, comercializada localmente. Mais tarde, Luís teria se mudado do casarão para a localidade de Caxias do Sul, onde fundou uma bem sucedida empresa de produtos químicos.

Ainda de acordo com a pesquisa, após a família Veronese mudar-se para a cidade de Caxias do Sul, o casarão foi vendido para a família Schio e, mais tarde, para a família Galiotto. Com o passar do tempo, o prédio se deteriorou e passou a ser utilizado como espaço de armazenamento para ferramentas e automóveis utilizados na produção agrícola, bem como para estocar parte da colheita. Em 1986, através da solicitação da Associação dos Amigos de Otávio Rocha e da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha, a edificação foi tombada pela Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (CPHAE), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE). Contudo, devido ao seu avançado estado de deterioração, sua estrutura ficou em risco mesmo após o tombamento. Dessa maneira, em 2001, a Prefeitura Municipal de Flores da Cunha ressarciu os

proprietários e tomou posse do bem. Por fim, em 2015, financiadas através da Lei de Incentivo à Cultura por duas empresas com sede em Flores da Cunha, iniciaram as obras de restauro do prédio, que foram finalizadas em 2017 e tiveram um orçamento aproximado de R\$2,5 milhões. Já no ano de 2019, como visto anteriormente, foi lançado o roteiro turístico Otávio Rocha Vila Colonial do qual o Casarão faz parte das atrações.

Figura 76 – Foto antiga do Casarão dos Veronese, sem registros do ano ou do fotógrafo.



Fonte: Processo de tombamento do Casarão dos Veronese (COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADUAL, 1986, folha 7).

Figura 77 – Foto do Casarão dos Veronese feita no dia 15/07/2011 por Daniela Xu.



Fonte: Retirada de matéria publicada no *website* do jornal O Pioneiro (JORNAL O PIONEIRO, 2015).

Os detalhes e fontes da narrativa acima podem ser encontrados na pesquisa referida. Sua construção foi baseada numa diversidade de fontes que incluem reportagens jornalísticas, obras biográficas a respeito dos membros da família, documentos oficiais a respeito do processo migratório e o processo de tombamento do bem. O intuito de reconstituí-la na presente pesquisa foi o de informar o leitor a respeito de parte da trajetória do prédio para que consiga entender algumas de suas apropriações simbólicas. Nesse sentido, o meu objetivo a partir da atual problemática de pesquisa foi o de revisitar as conclusões da pesquisa anterior e investigar como ele foi ativado simbolicamente ao longo desse processo, sobretudo, no que diz respeito ao seu vínculo com a atividade turística.

Dessa maneira, entre as numerosas fontes jornalísticas e documentais encontradas a respeito do casarão, foram identificadas diversas atribuições simbólicas a respeito da construção. Na data de 29 de julho de 1986, duas solicitações de tombamento foram encaminhadas ao CPHAE, uma da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha e outra da Associação dos Amigos de Otávio Rocha. Na solicitação feita pela Associação dos Amigos de Otávio Rocha, assinada por seu presidente Francisco Caldart, os motivos alegados para o tombamento foram os de que:

- 1) O “Casarão dos Veronese” se constitui num dos mais importantes exemplares da arquitetura em pedras da área da colonização italiana do Rio Grande do Sul;

- 2) No “Casarão dos Veronese”, Felice e Domenica Veronese sediaram a sua numerosa família, local ainda que serviu como a primeira fábrica de pólvora e foguetes da região;
- 3) A área de Otávio Rocha tem-se destacada com uma série de promoções, a nível estadual, no sentido de preservar as tradições italianas e um local destacado, como o Casarão dos Veronese, viria complementar todo o trabalho;
- 4) Esta Associação mantém um coral típico e realiza anualmente a Festa do Colono e esporadicamente a Festa Colonial da Uva, eventos que tem trazido numerosos visitantes, além de Otávio Rocha contar com dois hotéis, com regular movimento (COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO ESTADUAL, 1986, p. 4).

Assim, através do documento, é possível identificar que o casarão foi ativado simbolicamente a partir do seu valor arquitetônico e a partir do seu valor memorialístico para a imigração italiana, sendo descrito como símbolo do processo dessa colonização no Rio Grande do Sul. Em segundo lugar, é possível perceber que a trajetória da família Veronese e de seus ofícios praticados também foram utilizados como elementos simbólicos no intuito de gerar valor para o prédio. Em terceiro lugar, o Casarão dos Veronese é descrito como um símbolo do trabalho já realizado pela localidade de Otávio Rocha na preservação das “tradições italianas” e na promoção de atividades e festividades étnicas e coloniais, das quais se fez questão de relacionar com a atração de turistas. Já na solicitação encaminhada pela Prefeitura Municipal de Flores da Cunha e assinada pelo Secretário de Turismo Assis Ferreira Borges, foi escrito que:

A Associação Amigos de Otávio Rocha, decidirão juntamente com a comunidade o que o “casarão ds Veroneses” deverá abrigar. Algumas idéias já surgiram, como a instalação de um museu, de uma pousada ou abrigar a Feira da Colônia, que funcionará durante as festas realizadas em Otávio Rocha.

[...]

Sabedores que somos do empenho que V.S^{as} estão dedicando para manter os traços de nossa história e do grande valor cultural que representa para a nossa região, esperamos receber o apoio e compreensão deste núcleo (COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO ESTADUAL, 1986, p. 3).

Nesse documento, além da ativação do prédio como uma ferramenta de grande valor cultural para a manutenção dos traços da história da região, o Casarão dos Veronese é ativado simbolicamente a partir de seus usos projetados para o futuro. Entre eles, pensava-se na época

em usos memorialísticos (museu) ou turísticos, incluindo a comercialização de produtos coloniais da localidade (pousada ou feira colonial vinculada às festividades). Assim, podemos perceber como, já na década de 1980, a localidade de Otávio Rocha utilizava o turismo como um valor simbólico para mobilizar ações e recursos materiais no presente, processo do qual o tombamento do Casarão dos Veronese pode ser entendido como um exemplo.

Essas ativações simbólicas também passaram a ser realizadas pela imprensa ao longo das décadas. Alguns anos após o tombamento, na edição de 14 de abril de 1989, foi publicada uma extensa reportagem sob o título de “Casarão dos Veronese, por que recuperar? Por que preservar?” no jornal O Florense. Nela, o Casarão foi significado como um monumento histórico e arquitetônico do processo de colonização italiana e como um elo de ligação com a cultura dos antepassados do grupo estudado:

Guardadas as devidas proporções de espaço-tempo, o Casarão dos Veronese está para a Colonização Italiana e para a História do Brasil como o Coliseu está para a Cultura Romana e para a História Italiana. O Casarão é um “monumento de especial significado arquitetônico”, “representante legítimo do processo cultural iniciado no final do século passado na região de Colonização Italiana.” O Casarão é um livro aberto onde se pode ler o modo de pensar e fazer do imigrante italiano de cem anos atrás. O Casarão conta, por exemplo, que todo o material utilizado para sua construção foi feito pelos próprios imigrantes, nada é industrializado. Conta também que foi construído sem auxílio profissional, o que nos diz muito da sabedoria dos imigrantes de então (O FLORENSE, 14/04/1989, Edição nº 66, p. 5).

Através da reportagem, é possível perceber como o bem patrimonial foi apropriado com o objetivo de reforçar o mito do imigrante italiano, construindo a identidade e representação oficial do imigrante que se fez a partir dos próprios braços. Além disso, a reportagem também realiza projeções acerca dos seus usos futuros, ativando simbolicamente o casarão a partir de novas significações funcionais, como uma forma de mobilizar recursos e ações para a sua restauração:

Quando estiver restaurado os visitantes poderão ouvir a História da Colonização Italiana passeando pelos cômodos do Casarão – é como se ela estivesse ali, viva e a cores.

A restauração do Casarão não vai só evitar que ele morra. Vai injetar nele vida nova, de ontem, de hoje e das futuras gerações. Ele vai servir de sede para a Fundação Cultural do Imigrante Italiano no Brasil. Vai ter auditório completo para Seminários,

Palestras, Aulas e Atividades Comunitárias. Vai ter locais para a venda de produtos coloniais. Vai ser pousada para os que querem ficar mais tempo. E vai ter Salão de Exposições de Arte e de Artesanato. Além disso, a Cozinha, o Refeitório e o local para reuniões do térreo vão funcionar para festas e encontros da comunidade ou de visitantes. E a Cantina virará uma exposição com pipas, máquinas de fazer vinhos e outros equipamentos. Toda a área em volta será recuperada e ajardinada. O Casarão dos Veronese vai virar uma das mais bonitas atrações de Flores da Cunha, além de ser um dos maiores patrimônios culturais do país. Por isso, e por ser talvez o mais antigo casarão de pedra da Colonização Italiana, o Casarão dos Veronese não deve ser só restaurado e preservado, mas tratado também como uma relíquia preciosa de nosso passado de duas pátrias (O FLORENSE, 14/04/1989, Edição nº 66, p. 5).

Assim, é possível perceber que o bem patrimonial é valorizado pela potencialidade de seu uso e significado como “uma relíquia preciosa de nosso passado de duas pátrias”, sendo ativado simbolicamente como um marco memorialístico do processo de imigração italiana e como uma ferramenta identitária que conecta o presente brasileiro do grupo estudado com o passado da Península Itálica. A reportagem ainda orienta a respeito da possibilidade de contribuir com o restauro do Casarão através da aplicação do imposto de renda pela Lei Sarney. Na mesma edição, de 14 de abril de 1989, o editorial do jornal O Florense, publicado sob o título de “Casarão dos Veronese – Restaurar ou Esquecer o passado”, escreveu que:

Um novo compromisso deve ser assumido pela comunidade florense. Compromisso que só poderá ser realizado com a participação da comunidade. Sem ela, este compromisso não teria valor. É o de restaurar e restituir parte da memória histórica de nosso município e da imigração italiana, que se encontra nas entrelinhas da arquitetura do Casarão dos Veronese de Otávio Rocha.

Muitos já afirmaram que um povo sem memória é um povo sem cultura. [...] Já temos corais, já temos o “sotaque” e o dialeto, já temos a gastronomia e outras particularidades que diferenciam nosso município e nossa região do restante do estado e país. Agora, teremos de ter também nossa arquitetura.

[...]

A comunidade de Otávio Rocha, também já está preparada e aguardando pelos fatos. Agora é só conseguir os recursos. Parece realmente que, desta vez, um dos atos de nosso presidente poderá ser útil, Lei esta que foi criada ainda quando nosso presidente era Senador. Estamos falando da Lei 7505, popularmente a Lei Sarney, que permite que empresas privadas façam investimentos no setor cultural sem gastar mais, apenas reduzindo uma parcela do que gastariam em imposto de renda.

E, para tanto, é importante que nossos empresários fixem-se na idéia de que, ou pagamos imposto de renda integralmente, ou investimos parte destes recursos em obras nossas, garantindo assim uma verdadeira e excelente aplicação destes recursos (O FLORENSE, 14/04/1989, Edição nº 66, p. 2).

A nota, além de representar o Casarão como símbolo da memória e da arquitetura da imigração italiana, como já havia sido visto em fontes anteriores, significa o seu restauro como “um compromisso que deve ser assumido pela comunidade de Flores da Cunha”. Outro aspecto interessante de se perceber, é que o Casarão é visto como um símbolo arquitetônico que vem complementar um universo simbólico já constituído pelos “corais, dialeto, sotaque e gastronomia”, traços da alteridade construída para a cidade pelo grupo em relação ao resto do país. Por fim, os empresários locais são convidados a se engajarem nas atividades de preservação e promoção da identidade étnica estudada. Nesse sentido, percebe-se como o tombamento e restauro do casarão esteve inserido em um processo mais amplo de preservação da memória e construção da identidade do grupo de descendentes de imigrantes locais e de promoção do turismo vinculado a esse grupo. Nesse contexto, o jornal O Florense e as lideranças do grupo que escreveram em suas páginas atuaram como agentes promotores desse processo.

Décadas mais tarde, no dia 24 de dezembro de 2012, o jornal o O Florense publica a manchete de que “Casarão Veronese prestes a ser restaurado”. Nela, é comunicado que foi publicado no Diário Oficial do Rio Grande do Sul uma portaria que autoriza a captação de recursos através da Lei de Incentivo à Cultura. É interessante mencionar que, segundo a reportagem, naquele momento, Floriano Molon ocupava o cargo de Secretário de Turismo, Indústria, Comércio e Serviços. Mais uma vez, para além de noticiar o restauro, a reportagem destaca que o Casarão seria utilizado como um centro cultural futuramente:

De acordo com o projeto de ocupação, o prédio irá se transformar em um centro de cultura, preservando as características arquitetônicas originais. O restauro preparará o imóvel para o seu aproveitamento em três aspectos, que valorizam a cultura dos imigrantes italianos, como religiosidade, trabalho, cotidiano, gastronomia e divertimentos. Haverá um museu com salas temáticas sobre uva, vinho, milho, polenta, trigo e pão; recriação do quarto de colônia, da moenda (retratando como era extraído o mosto da cana de açúcar), do forno à lenha e do alambique (para preparação da graspa) e aspectos da família Veronese.

A casa centenária terá ainda espaços culturais multiusos que servirão para a realização de reuniões, cursos e apresentações artísticas e também um local de difusão

gastronômica. Neste, serão preparadas refeições que valorizam a culinária deixada pelos imigrantes italianos. A moradia também servirá como sede do roteiro turístico Caminhos da Colônia.

A ação de buscar a aprovação da restauração foi liderada pela Secretaria de Turismo florense e tem como órgão gerenciador a Associação Amigos de Otávio Rocha (O FLORENSE, 21/dez/12, Edição nº 1246, capa).

Dessa maneira, é interessante perceber como, nesse contexto de mobilização para o tombamento e restauro, inúmeras foram as estratégias e ativações simbólicas realizadas para a efetivação da ação. Por fim, através do projeto, o bem patrimonial passou a expandir seu uso simbólico de uma ruína representativa da arquitetura da imigração italiana para um centro cultural cujo objetivo seria a preservação e a difusão traços da identidade étnica construída pelos descendentes dos primeiros imigrantes italianos. A projeção de uso vinculado ao turismo aparece em sua menção como sede do Caminhos da Colônia, roteiro turístico que envolve os interiores das cidades de Caxias do Sul e Flores da Cunha (incluindo Otávio Rocha) criado em 1997 com participação de Floriano Molon (MOLON, 2002, p. 258-259).

Já no dia 15 de dezembro de 2017, após a finalização do restauro do prédio, o jornal O Florense publicou a notícia “Casarão será inaugurado após dois anos de restauro” (O FLORENSE, 15/dez/2017, Edição nº 1500, p. 34), anunciando a entrega do bem patrimonial para a comunidade. Junto a ela, foi publicado um caderno especial dedicado ao histórico do prédio com detalhes de sua restauração. De acordo com a edição:

A proposta é que o visitante inicie sua trajetória de apreciação do espaço ainda no estacionamento, quando terá uma vista total do prédio. Após passar por sobre a passarela, ele poderá adentrar no casarão de pedra e vislumbrar onde ficava antigamente a cantina. Em seguida, subirá para o terceiro pavimento e assistirá a um vídeo introdutório que apresentará a história da casa, das famílias e do processo de restauro. Após, o visitante será convidado a passear pelos cômodos, onde cada sala trará uma exposição específica do casarão, como história, origens, vitivinicultura. Seguindo o fluxo, no andar térreo ele poderá contemplar uma exposição temporária e participar das oficinas de gastronomia na ala da cozinha ou simplesmente degustar algum produto no bistrô. O objetivo do passeio é que o visitante possa contemplar toda história do prédio, desde sua construção até a restauração (O FLORENSE, 15/12/2017, Edição nº 1500, p. 2).

Na época, devido a minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso, tive a oportunidade de participar da solenidade de inauguração do restauro do Casarão. Através da

análise dos discursos realizados na ocasião, foi possível refletir a respeito de como o fenômeno estimulou os processos de construção memorial e identitária do grupo dos descendentes de imigrantes italianos da localidade. Nesse momento, revisei as fontes utilizadas na época no intuito de apontar alguns trechos que podem ajudar com a resolução da atual pesquisa, permitindo identificar ativações simbólicas realizadas pelo grupo através do bem patrimonial. Na época, registrei que durante a abertura da solenidade:

[...] foram mencionados cinquenta e um nomes identificados a partir dos seguintes cargos: secretários da prefeitura, prefeitos do município e de cidades vizinhas, primeira dama, ex-prefeitos, vereadores do município e de cidades vizinhas, ex-vereadores, deputados estaduais, empresários ou diretores de empresas, arquitetos, membros do IPHAE, governador, reitor da Universidade de Caxias do Sul, ministros, membros da Brigada Militar, membros do IBAMA e cônsul italiano no Rio Grande do Sul. Dentre estes nomes, dez deles foram chamados para compor a mesa citada e, mais tarde, proferirem seus pronunciamentos, na seguinte ordem: Paulo Veronese, neto de Felice Veronese; Remi Damin, presidente da Associação Amigos de Otávio Rocha; Leandro Mantovani, diretor da empresa Keko Acessórios; Gelson Castellan, vice-presidente da empresa Móveis Florense; Nicola Occhipinti, cônsul da Itália em Porto Alegre; Renata Horowitz, diretora do IPHAE; Moacir Ascari, presidente da Câmara dos Vereadores de Flores da Cunha; Vitor Hugo Alves da Silva, secretário estadual de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer; Carlos Búrigo, secretário estadual de Planejamento, Governança e Gestão, enviado como representante do Governador do Estado José Ivo Sartori e, por último, Lídio Scortegagna, prefeito municipal de Flores da Cunha (BARILI, 2018, p. 53).

Nesse contexto, gostaria de destacar para a presente pesquisa que, através dos discursos proferidos na solenidade de inauguração, diversas ativações simbólicas foram realizadas através do Casarão dos Veronese. Em primeiro lugar, selecionei dois recortes, proferidos por Paulo Veronese e pelo presidente da Câmara de Vereadores Moacir Ascari (PMDB), onde é possível identificar como a partir da edificação surgiram discursos que rememoraram o processo da imigração italiana através do mito do imigrante:

Paulo Veronese: Eu fico a imaginar se eles pudessem também estar aqui presentes, que emoções sentiriam o casal Felice e Domênica e os filhos Luis, Enrique, Luisa, Albino, Elisa, Atilio, Rosina e Ernesto que moraram nesse casarão. Felice Veronese chegou, imigrou da Itália, chegando aqui com 27 anos, solteiro, sozinho, em seguida conheceu a nona Domênica, Domênica Sella, casou em 1894 em Caxias e é de espantar, chama a atenção, o fato de que num curto espaço de tempo de 16 anos, esse

casal pôde prosperar e a partir de uma colônia de terra virgem, terra crua, poderem, através do trabalho e do empenho, poderem construir essa casa de pedra enorme com requintes e peculiaridades não usuais para a época, demonstrando todo o resultado de um trabalho muito árduo, mas isso não seria exclusividade daquele casal, pois isso demonstra que todos os imigrantes que chegaram nesta região, chegaram em Otávio Rocha, chegaram nesta região, trouxeram consigo essa vontade de trabalhar, “*la volontà di laborare*” em dialeto “*la voia de laurare*”. Isso caracterizou todo esse grupo de gente, eu diria que é um valor que ainda está presente nas gerações posteriores, isso podemos provar pelo desenvolvimento dessa nossa região.

Moacir Ascari: Na verdade, se nós formos lá buscar a família Veronese quando veio pra cá com 27 anos da Itália, um imigrante, desbravador das matas aqui e construir, ele devia ter sido um arquiteto, um engenheiro né, um pedreiro, um marceneiro, para construir e iniciar uma obra há tantos anos atrás, mais de 135 anos de imigração italiana. Então, nós temos hoje um orgulho de estarmos preservando aquilo que os nossos antepassados fizeram e fazem pelo nosso município, pelo estado do Rio Grande do Sul, para não dizer pelo Brasil. Aonde existem imigrantes que vieram da Itália, né consul?, certamente deu certo e dará certo porque são pessoas desbravadoras, pessoas empreendedoras e que bom que nós estamos aqui no dia de hoje.

Através dos trechos, é possível identificar a ativação de traços da identidade étnica construída pelo grupo ao longo das décadas e representações oficiais do imigrante italiano ideal, caracterizado pela aptidão ao trabalho e pela prosperidade de seu próprio esforço. O processo de imigração italiana no estado é representado a partir da “civilização” trazida através do desbravamento da mata e da prosperidade obtida da “terra virgem”. Nesse contexto, o Casarão dos Veronese é representado como um símbolo dessas representações e tais características são expandidas para todos os membros do grupo de imigrantes italianos e descendentes, demarcando as fronteiras étnicas e identitárias da coletividade: a vontade e a aptidão para trabalhar, a coragem de desbravar, o empreendedorismo.

Já Remi Damin, presidente da Associação dos Amigos de Otávio Rocha, significou o Casarão a partir de seus usos futuros:

Acredito que Otávio Rocha não será mais a mesma comunidade, após a inauguração desse empreendimento. Vai estimular ainda mais o desenvolvimento turístico, a agricultura e a indústria. Pode ter certeza, prefeito Lídio, Carlos Búrigo queria que levasse isso para o governo do Estado e as empresas parceiras, que Otávio Rocha vai ter muito a agradecer pela entrega dessa obra. Nossa comunidade se destaca pelos inúmeros turistas recebidos ao longo dos anos, mas com certeza haveremos de acolher

muito mais. O casarão Veronese será objeto de estudo tanto na arquitetura como também contando sua história. Além dos vários pontos turísticos que temos, tenho certeza que todos que visitarem o Casarão Veronese vão levar consigo para suas cidades uma bela imagem desse local que está sendo entregue à comunidade e ao povo do Rio Grande do Sul.

Damin significa o Casarão e seu restauro como um elemento de estímulo para o desenvolvimento econômico da localidade, destacando as áreas do turismo, da agricultura e da indústria. Por outro lado, valoriza o bem patrimonial a partir da ativação de valores históricos e arquitetônicos. É interessante perceber que o Casarão não é representado como uma obra que vai permitir o surgimento do turismo local, mas, um atrativo que vai se somar aos “vários pontos turísticos” já consolidados no distrito. Ainda assim, para Damin, a inauguração da obra foi representada como uma ruptura, uma vez que “Otávio Rocha não será mais a mesma comunidade, após a inauguração desse empreendimento”.

A projeção de uso turístico para o bem patrimonial foi um elemento para ativar simbolicamente o Casarão presente também no discurso do cônsul da Itália em Porto Alegre, Nicola Ochipinti, que projetou o Casarão como uma “fonte de prosperidade”:

A todos os arquitetos, engenheiros, representantes das autoridades públicas locais e centrais que conseguiram realizar este maravilhoso e espetacular projeto que além de ser inteligente, por que inteligente? Porque é sustentável, é arquitetura sustentável, então, para as gerações futuras será uma fonte de prosperidade para esta região, vai contribuir no incentivo do turismo nesta região, então estou realmente ansioso para entrar porque ainda não entrei no prédio.

Victor Hugo Alves da Silva, Secretário de Turismo e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, por sua vez, ativou simbolicamente o Casarão através da sua apropriação pelo turismo. Para além disso, a partir do restauro, simbolizou o Casarão como um elo entre o passado, o presente e o futuro e como um elemento constituinte de um movimento de reaproximação entre a Itália e o Brasil:

O sol resplandece e o sol traz o passado aos nossos corações. O sol permite que projetemos a luz dessa manhã brilhante pra conduzir a história bonita desta família, deste povo, desta gente. A história que se perpetua. Um ato de restauro, restaura a própria vida, restaura a verdade bonita da vida. É por isso, é evidente é transparente que eu gostei demais de ouvir aqui falar em turismo cultural. É por isso que eu que tenho a honra, por ter sido convidado pelo governador Sartori para ser secretário de

cultura e turismo, duas áreas tão bonitas, tão emblemáticas, fico feliz, por ter saído lá de manhã cedo de Porto Alegre para estar entre vocês, com vocês, com o passado, com o futuro que há de vir de uma comunidade que por seu protagonismo une forças para fazer a entrega desta maravilha.

[...]

É realmente uma grande alegria, uma honra, estar aqui com vocês. Ontem, falei com o embaixador da Itália no Brasil, Antônio Bernardini sobre esta minha viagem aqui em Flores da Cunha, então ele me pediu de enviar o seu forte abraço a todos os presentes porque está seguindo com muito interesse as dinâmicas da reaproximação dos últimos anos entre Itália e Brasil, especialmente entre Rio Grande do Sul e a Itália.

Dessa maneira, a partir do caso analisado, é interessante perceber como os bens patrimoniais podem receber diferentes significações, sendo ativados simbolicamente através de uma ampla gama de valores e usos, transcendendo apenas a relação de memória e identidade.

3.4 – Os bens culturais enquanto atrativos turísticos: O entrelace entre turismo, memória e identidade nos roteiros *Compassos da Mérica Mérica* e Otávio Rocha Vila Colonial de Flores da Cunha

Logo, ao final da saída de campo aos roteiros turísticos *Compassos da Mérica Mérica* e Otávio Rocha Vila Colonial, ambos localizados nos interiores da cidade de Flores da Cunha, e a posterior análise a respeito de suas constituições e desenvolvimentos, gostaria de registrar algumas considerações finais a respeito das conclusões alcançadas. Em primeiro lugar, é importante destacar que ambas as iniciativas foram criadas na década de 2010, caracterizada pelo surgimento de empreendimentos turísticos na cidade. Contudo, através da saída de campo, realizada no intervalo temporal entre 2020 e 2023, foi possível perceber que os roteiros se apropriaram, no tempo presente, de uma grande diversidade de marcas da paisagem construídas ao longo de todo o processo de enraizamento dos imigrantes italianos e seus descendentes na localidade. Sendo assim, o elemento central que caracteriza os roteiros analisados é o processo de marcar e ressignificar a paisagem e a cultura, vinculadas ao cotidiano do grupo, no intuito de transformá-las em atrativos turísticos. Nessa dinâmica, pode-se dizer que ambas as iniciativas são formadas a partir da associação de espaços, públicos e privados, que tem como objetivo se projetarem como atrativos turísticos a partir de traços da italianidade, onde, entre eles, incluem-se restaurantes, vinícolas, parques naturais, praças, cemitérios, capelas, igrejas, entre outros.

Nesse sentido, o primeiro a ponto a ser destacado é o de que as estratégias de atração turística estiveram vinculadas com as seguintes ações: colocações de diversas placas ao longo

das estradas de Flores da Cunha e proximidades com o objetivo de direcionar visitantes para os roteiros; a criação de *websites* de divulgação dos roteiros, onde foram colocadas em circulação diversas ativações simbólicas e representações da cidade de Flores da Cunha e de seus habitantes vinculados a traços de uma identidade étnica italiana e colonial; a criação e distribuição de panfletos turísticos de estética semelhantes aos *websites* mencionados em pontos estratégicos da cidade, como o Museu Municipal; a ativação simbólica de diversos bens culturais como atrativo turístico para os roteiros.

Dessa maneira, uma vez que o turista é atraído até os roteiros, ele se depara com ambientes construídos através de um repleto universo simbólico, vinculado com a construção de uma identidade étnica baseada em traços de italianidade. Nesse contexto, um dos pontos que gostaria de destacar é o de que os espaços encontrados, ao menos a grande maioria deles, são marcados por uma vivência cotidiana e por outros usos além do turismo. Nesse cenário, podemos pensar em exemplos como as capelas comunitárias, utilizadas para a prática da religiosidade católica, os cemitérios, utilizados como espaços de memória e recordação, as vinícolas, utilizadas na produção industrial, as colônias, utilizadas na produção agrícola, as praças e parques, utilizados para o lazer dos moradores locais, entre outros. Ou seja, tratam-se de espaços com vida própria, marcados pela cultura dos habitantes locais, e ressignificados, em paralelo, como espaços turísticos, onde o cerne da ideia de atrativo turístico se dá em colocar o visitante em contato com a cultura, a memória e a identidade construídas pelo grupo local.

Por fim, é importante colocar que, apesar de existirem bens culturais e marcas da paisagem referentes a várias temporalidades diferentes, o processo de significá-los, ou construí-los, a partir de um uso projetado para o turismo, intensifica-se, principalmente, a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, acompanhando uma tendência de toda a região da Serra Gaúcha, que passa a tentar se projetar turisticamente. Outro elemento importante de ser destacado diz respeito à contribuição que a realização de festividades teve nesse processo, uma vez que, após serem inauguradas na década de 1960, suas promoções passaram a motivar o grupo a marcar e construir a paisagem através de signos identitários que, mais tarde, passaram a ser ativados simbolicamente pelo setor de turismo.

4 - CONCLUSÃO

Logo, ao final da presente pesquisa, penso que foi possível identificar uma série de fenômenos relacionados à construção do setor de turismo étnico da cidade de Flores da Cunha. Em primeiro lugar, para compreender o surgimento desse fenômeno, penso ser necessário contextualizá-lo de forma mais ampla a partir de uma diversidade de processos em termos globais, já mencionados nos referenciais teóricos do trabalho ou ao longo da análise das fontes da pesquisa. Entre eles, devemos levar em consideração o processo de avanço da urbanização, característico das sociedades modernas do século XX, e a consequente ruptura que esse modelo de sociedade trouxe para as sociedades tradicionais. Em contrapartida, a partir da década de 1960, diversos grupos das sociedades ocidentais passaram a protagonizar um movimento de resgate, preservação e reconstrução de suas memórias e identidades. Em paralelo, o avanço da urbanização e do capitalismo nessas sociedades contribuiu para o desenvolvimento da atividade turística, em suas várias facetas, protagonizado por grupos sociais que acumulavam recursos e passaram a ter uma estrutura cada vez mais acessível para realização dessa atividade exploratória. A partir de uma busca memorial e de um acelerado processo de construção identitária a partir da alteridade, conhecer outros ambientes, espaços, grupos e culturas tornou-se uma atividade turística prazerosa e lucrativa. Nesse processo, a memória e a identidade, ou melhor, as memórias e as identidades encontraram seus espaços de desenvolvimento dentro desse fenômeno, tornando-se mercadorias representadas, principalmente, pela comercialização dos bens culturais construídos a partir de suas ativações simbólicas.

No estado brasileiro do Rio Grande do Sul, é possível encontrar exemplos desse processo, cada qual com suas peculiaridades e temporalidades, seja no turismo indígena da região das Missões, no turismo germânico da rota romântica ou no turismo italiano da serra gaúcha. Na presente pesquisa, o que tentei realizar foi uma análise desse fenômeno na cidade de Flores da Cunha, onde foi possível identificar o amplo desenvolvimento de um setor de turismo baseado na comercialização de uma identidade étnica italiana.

De todo modo, a partir da pesquisa realizada, foi possível identificar que, além desse movimento global, o surgimento e desenvolvimento do setor de turismo mencionado também esteve vinculado com a trajetória do grupo social identificado como descendentes de imigrantes italianos no estado do Rio Grande do Sul. Nesse cenário, a bibliografia estudada apontou para uma complexa trajetória de construção identitária realizada pelo grupo, iniciada pela chegada dos primeiros imigrantes que carregavam consigo diferentes identificações regionais da Península Itálica, passando pelo processo de enraizamento e domesticação do ambiente onde passaram a construir uma identidade enquanto imigrantes proprietários de terras, pela repressão

de suas identidades durante a Campanha de Nacionalização, na década de 1930, até chegar em um movimento de posituação dessa identidade étnica a partir das comemorações do Centenário da Imigração Italiana no estado do Rio Grande do Sul durante a década de 1970. Tendo guiado a presente investigação a partir desses marcos, o meu objetivo principal foi compreender de que maneira se construiu um setor de turismo na cidade baseado na comercialização de bens culturais dessa identidade étnica. Dessa maneira, foi possível identificar uma série de ações realizadas, sobretudo a partir do final da década de 1960, pelos descendentes de imigrantes italianos da cidade de Flores da Cunha que, em um primeiro momento, buscavam positivar suas identidades étnicas e que, posteriormente, após a construção e ativação de um vasto universo simbólico, passaram a ativar seus signos identitários a partir de objetivos turísticos.

Para isso, realizei uma saída de campo entre os anos de 2020 e 2023, percorrendo espaços que se projetam como pontos turísticos da cidade, no intuito de realizar um mapeamento e, posteriormente, investigar suas construções como locais de visitação. Diante dessa dinâmica, apesar dos esforços empreendidos em contextualizar os diferentes momentos da trajetória de cada espaço, sinto que a exposição da estrutura temporal dos acontecimentos possa ter ficado comprometida. Por isso, assim como fiz ao final de cada capítulo, buscarei organizar cronologicamente as conclusões acumuladas ao longo de toda a etapa de investigação, com o objetivo de apresentar ao leitor um entendimento efetivo acerca do fenômeno estudado. Para isso, organizei a narrativa a partir da identificação de dois fenômenos: a construção da identidade étnica do grupo identificado como descendentes de imigrantes italianos locais e a construção de um setor de turismo da cidade.

Dessa maneira, os primeiros elementos que interessaram a presente investigação foram identificados ao longo da década de 1960, correspondendo às primeiras manifestações de um setor de turismo local através da projeção nacional que a cidade obteve com o sucesso da comercialização dos produtos das empresas de Eloy Kunz, vinculando a cidade ao signo do galo. Em paralelo, aproveitando a projeção que a região da Serra Gaúcha obteve com a Festa da Uva, sobretudo a partir da edição de 1965, surgiram no município duas festividades similares, a Fecouva, criada em 1966, e a Fenavindima, criada em 1967. Através da realização dessas festividades, iniciou-se no município um processo construção identitária e paisagística baseada no signo da uva.

Na década seguinte, de 1970, conforme comentando anteriormente, o município de Flores da Cunha, juntamente com as cidades vizinhas da Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul, esteve inserido em um processo de reavivamento da identidade étnica italiana. Dessa maneira, as edições das festividades mencionadas passaram a mobilizar a produção de

representações positivadas dessa identidade, sobretudo, através da representação de traços coloniais. Nesse contexto, foram detectadas criações de marcas da paisagem que expressaram esse movimento como, por exemplo, a criação da Praça Regional da Uva, em Otávio Rocha, e a instalação do Monumento do Leão de São Marcos. Em paralelo a esse processo, agentes de turismo local continuaram trabalhando no desenvolvimento do setor. Através de reportagem detectada no jornal Estado de São Paulo, em 1976, lideranças como Eloy Kunz, Raymundo Paviani e Angelo Araldi divulgavam a cidade através de suas potencialidades turísticas e, apropriando-se da positivação identitária que estava em curso, passaram a projetar um vínculo futuro entre a cultura italiana e a promoção do turismo, sobretudo, através da exploração da paisagem rural.

A década de 1980, por sua vez, ficou caracterizada pela diversidade de ações colocadas em curso pelos agentes locais com o objetivo de ativar simbolicamente signos identitários da identidade étnica italiana para fins de construção do turismo local. Esse movimento pôde ser estudado, principalmente, através das páginas do jornal O Florense, lançado no ano de 1986. Nesse espaço, uma diversidade de lideranças, passou a defender um projeto claro de turismo para o município, inclusive perante outras projeções para o futuro da cidade, que buscava se basear na ideia de transformar os interiores rurais do município e a cultura dos descendentes de imigrantes italianos em uma mercadoria turística. Além disso, esse fenômeno pôde ser evidenciado através da criação de diversas marcas da paisagem que remetem à década de 1980, principalmente no que diz respeito ao distrito de Otávio Rocha. É importante mencionar que, no final da década de 1980, já existiam projeções no jornal O Florense de vincular a cidade a roteiros turísticos regionais, baseados na vitivinicultura.

Na década de 1990, juntamente com a contínua produção de representações vinculadas à identidade étnica italiana, ganharam popularidade signos representativos da memória do município de Flores da Cunha, como o galo e o Campanário. De modo geral, as representações do município passaram por um processo de alargamento das fronteiras identitárias, aparecendo elementos como a identidade gaúcha e processos de miscigenação nas narrativas elaboradas sobre o município. O setor do turismo continuou buscando desenvolvimento através de seu principal representante da época que era a Fenavindima.

Já com a aproximação da década de 2000, Flores da Cunha passou a integrar, pela primeira vez, roteiros turísticos estruturados, compartilhados com empreendimentos de outras cidades. Ao que tudo indica, esse processo iniciou a partir da liderança de Floriano Molon, com a criação dos Caminhos da Colônia, sendo seguido por outros representantes do setor. A partir

desse período, o setor de turismo local passa a se apropriar das representações identitárias construídas até aquele momento para se divulgar turisticamente através de rotas de turismo.

Esse movimento apresenta uma evolução na década seguinte, de 2010, quando surgem os primeiros roteiros com atrações exclusivas na cidade, incluindo o roteiro *Compassos da Mérica Mérica* e *Otávio Rocha Vila Colonial*. Da mesma forma, esses empreendimentos passam a se apropriar de representações da cidade vinculadas a aspectos de uma italianidade vinculada aos costumes da colônia para atrair visitantes. Com base na saída de campo, realizada entre 2020 e 2023, foi possível identificar que as rotas ressignificaram uma diversidade de espaços no intuito de aproveitar suas potencialidades turísticas. Além disso, ao longo dessa década detectou-se um movimento de renovação paisagística da cidade, legitimado também através de ativações simbólicas realizadas sobre o setor de turismo.

Dessa maneira, entendo que, através da extensa análise realizada, tenha sido possível identificar aspectos relacionados à construção do setor de turismo florense e analisar a natureza das relações estabelecidas entre bens culturais, italianidade e turismo na cidade de Flores da Cunha, sobretudo a partir da década de 1960 até os dias atuais.

5 - REFERÊNCIAS

5.1 – Leis

CÂMARA DE VEREADORES DE FLORES DA CUNHA, *Lei nº 3191, de 18 de junho de 2015*. Denomina de Estrada Alberto Muraro uma via pública no município de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Câmara de Vereadores de Flores da Cunha, [2015]. Disponível em: https://arquivos.camaraflores.rs.gov.br/131/DocumentAssets/90407/images/original/legislacaoOriginal_4053_0_nor.doc Acesso em 27/04/2023.

CÂMARA DE VEREADORES DE FLORES DA CUNHA, *Lei nº 3211, de 30 de novembro de 2015*. Denomina de Estrada Angelo Giusti uma via pública municipal da localidade de Nossa Senhora do Carmo, [2015].

RIO GRANDE DO SUL. *Lei nº 12.411, de 22 de dezembro de 2005*. Institui a música “La Merica”, de Ângelo Giusti, como tema da colonização italiana no Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, [2005]. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/replegis/arquivos/12.411.pdf>. Acesso em 30 dez. 2022.

5.2 - Documentos

CÂMARA DE VEREADORES DE FLORES DA CUNHA. Indicação do vereador Vitório Francisco Dalcerro, de 30 de junho de 2022. Flores da Cunha: Câmara de Vereadores de Flores da Cunha [2022]. Disponível em:

<https://arquivos.camaraflores.rs.gov.br/131/DocumentAssets/208777/images/original/Ind.%20144.2022%20Ver.%20Vitorio%20-%20gemellagio.pdf> Acesso em 30 dez 2022.

CÂMARA DE VEREADORES DE FLORES DA CUNHA. Anais da sessão ordinária 2690 de 14 de março de 2022. Flores da Cunha: Câmara de Vereadores de Flores da Cunha [2022].

Disponível em [https://xadmin.s3.us-east-](https://xadmin.s3.us-east-2.amazonaws.com/131/DocumentAssets/192728/images/original/Anais%202690%20-%2014.03.2022%20(041%20a%20059)_OK.pdf)

[2.amazonaws.com/131/DocumentAssets/192728/images/original/Anais%202690%20-%2014.03.2022%20\(041%20a%20059\)_OK.pdf](https://xadmin.s3.us-east-2.amazonaws.com/131/DocumentAssets/192728/images/original/Anais%202690%20-%2014.03.2022%20(041%20a%20059)_OK.pdf) Acesso em 04 jan 2022.

COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO ESTADUAL.

Processo Nº 34.010-19.00/86. Processo de tombamento do Casarão dos Veronese, 27 de novembro de 1986. Porto Alegre, Coordenadoria da Patrimônio Histórico e Artístico Estadual do Rio Grande do Sul [1986].

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA. Ata final de julgamento do Concurso Público Nacional de Arquitetura e Urbanismo para a Requalificação da Avenida 25 de Julho em Flores da Cunha, RS. Flores da Cunha, Rio Grande do Sul, 27/01/2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA. *Outdoor* localizado na ERS-122, entre Caxias do Sul e Flores da Cunha, próximo à localidade de São Gotardo: Visite nossos roteiros. Flores da Cunha, Rio Grande do Sul, 202X.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA. Projeto de pasta 6 para o Concurso Público Nacional de Arquitetura e Urbanismo para a Requalificação da Avenida 25 de Julho em Flores da Cunha, RS. Flores da Cunha, Rio Grande do Sul, 2022.

5.3 – Documentos de Propagandas

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA. *Outdoor* visite nossos roteiros, localizado na ERS-122 próximo a São Gotardo. Flores da Cunha, Rio Grande do Sul, 202X.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA. Panfleto Flores da Cunha – Serra Gaúcha. Flores da Cunha, Rio Grande do Sul, 202X.

ROTEIRO COMPASSOS DA *MÉRICA MÉRICA*. Panfleto Turístico. Flores da Cunha, Rio Grande do Sul, 20XX.

ROTEIRO DOS VINHOS DOS ALTOS MONTES. Panfleto Turístico. Flores da Cunha, Rio Grande do Sul, 20XX.

ROTEIRO OTÁVIO ROCHA VILA COLONIAL. Panfleto Turístico. Flores da Cunha, Rio Grande do Sul, 20XX.

5.4 - Fontes da Internet

COMITATO VENETO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL [Site Institucional].

Leoni Nelle Piazze. Comitato Veneto do Estado do Rio Grande do Sul. Ilópolis, Rio Grande do Sul, 201X.

COMPASSOS DA *MÉRICA MÉRICA* ROTEIRO COLONIAL. [Site Institucional]. 20XX.

Disponível em <http://www.compassosdamerica.com.br/> Acesso em 05/06/2021.

FIORIO, Gabriela. Lançado o projeto de restauro e requalificação do Campanário. *O Florense*, Flores da Cunha, 2022. Disponível em

<https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/lancado-o-projeto-de-restauro-e-requalificacao-do-campanario/17452>. Acesso em 19/11/2022. Acesso em 04/01/2023.

JORNAL, O FLORENSE. Caminhos e Rotas Turísticas: Um novo roteiro pelos Caminhos do Alfredo. *O Florense*, Flores da Cunha, 2020. Disponível em

<https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/caminhos-rotas-turisticas-um-novo-roteiro-pelos-caminhos-do-alfredo/13839>. Acesso em 16/11/2022. Acesso em 19/11/2022.

JORNAL, O FLORENSE. Campanário deverá ser tombado como Patrimônio Histórico em Outubro. *O Florense*, Flores da Cunha, 2019. Disponível em

<https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/campanario-devera-ser-tombado-como-patrimonio-historico-em-outubro/10308>. Acesso em 19/11/2022.

JORNAL, O FLORENSE. Placa identifica o ‘*Gemellaggio*’ de Flores da Cunha com Sospirolo. *O Florense*, Flores da Cunha, 2016. Disponível em

<https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/placa-identifica-o-gemellaggio-de-flores-da-cunha-com-sospirolo/5530>. Acesso em 16/11/2022.

JORNAL, O FLORENSE. Projeto de restauro e requalificação do Campanário é aprovado no conselho estadual de cultura. *O Florense*, Flores da Cunha, 2021. Disponível em

<https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/projeto-de-restauro-e-requalificacao-do-campanario-e-aprovado-no-conselho-estadual-de-cultura/16494>. Acesso em 16/11/2022.

JORNAL, O FLORENSE. Vencedor do concurso nacional de arquitetura será anunciado na próxima terça-feira. *O Florense*, Flores da Cunha, 2022. Disponível em

<https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/vencedor-do-concurso-nacional-de-arquitetura-sera-anunciado-na-proxima-terca-feira/16750>. Acesso em 16/11/2022.

JORNAL, O FLORENSE. Obras na Avenida 25 de Julho. *O Florense*, Flores da Cunha, 2011.

Disponível em <https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/obras-na-avenida-25-de-julho/1512>. Acesso em 16/11/2022.

JORNAL, O PIONEIRO. Ordem de início das obras do Casarão Veronese, de Flores, será assinada. *O Pioneiro*, Caxias do Sul, 2015. Disponível em

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2015/04/ordem-de-inicio-das-obras-do-casarao-veronese-de-flores-sera-assinada-4730922.html> Acesso em 07 jan 2023.

LOPES, Rodrigo. Campanário de Flores da Cunha, um símbolo de 70 anos. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 2019. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2019/10/campanario-de-flores-da-cunha-um-simbolo-de-70-anos-11885500.html>.

Acesso em 19/11/2022.

OTÁVIO ROCHA VILA COLONIAL. [Site Institucional]. 20XX. Disponível em <https://www.otaviorochavilacolonial.com.br/historia.html>. Acesso em 05/06/2021.

OTÁVIO ROCHA VILA COLONIAL. Ruas com nomes de uvas. 20XX. Disponível em <https://otaviorochavilacolonial.com.br/component/zoo/item/ruas-com-nomes-de-ucas.html?Itemid=101>. Acesso em 04/01/2023.

OTOBELLI, Danúbia. Canteiro do pórtico sul em formato de uva. *O Florense*, Flores da Cunha, 2018. Disponível em <https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/canteiro-do-portico-sul-em-formato-de-uva/8098>. Acesso em 16/11/2022.

OTOBELLI, Danúbia. Prédio do Museu e Arquivo Histórico deverá ser restaurado. *O Florense*, Flores da Cunha, 2018. Disponível em <https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/predio-do-museu-e-arquivo-historico-devera-ser-restaurado/8349>. Acesso em 16/11/2022.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES [Site Institucional]. História do Monumento São Pedro. 2015 Disponível em https://paroquiafloresdacunha.wordpress.com/2015/09/04/historia_monumento_sao_pedro/. Acesso em 19/11/2022.

PASSO DO VINHO. [Site Institucional]. 20XX. Disponível em <https://www.passodovinho.com/>. Acesso em 05/06/2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA. [Site Institucional]. 2017. Disponível em https://floresdacunha.rs.gov.br/noticias_int.php?id=418. Acesso em 16/11/2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA. [Site Institucional]. 20XX. Disponível em <https://www.floresdacunha.rs.gov.br/secao.php?id=1>. Acesso em 05/12/2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PÁDUA. [Site Institucional]. 20XX. Disponível em <https://www.novapadua.rs.gov.br/secao.php?pagina=1>. Acesso em 05/06/2021.

TURISMO FLORES [Site Institucional]. Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi. 20XX. Disponível em <https://www.turismoflores.com.br/turismo/atrativos/museu-de-arquivo-historico-pedro-rossi/detalhes>. Acesso em 20/11/2022.

TURISMO FLORES [Site Institucional]. O Município Marca Turística. 20XX. Disponível em <https://www.turismoflores.com.br/pagina/marca-turistica>. Acesso em 27/04/2023.

TURISMO FLORES [Site Institucional]. 20XX. Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes. Disponível em <https://www.turismoflores.com.br/turismo/atrativos/igreja-matriz-nossa-senhora-de-lourdes/detalhes>. Acesso em 07/01/2023.

VALES DA SERRA. [Site Institucional. 20XX. Disponível em <https://www.valesdaserra.com.br/>. Acesso em 05/06/2021.

VINHOS DOS ALTOS MONTES. [Site Institucional]. 20XX. Disponível em <https://www.vinhosdosaltosmontes.com.br/> Acesso em 05/06/2021.

5.5 - Fontes Jornalísticas

BAGGIO, Camila. Um percurso da memória italiana. *O Florense*, Flores da Cunha, 21/jun/2013, Edição nº 1271, Geral, p. 6.

BAGGIO, Camila. Monumento do apóstolo Pedro é restaurado. *O Florense*. Flores da Cunha, 2014, 09/mai/2014, Edição Nº 1316, Geral, p. 11.

CAPRA, Giovani (Editorial). A nós, uma festa com sabor de alegria. *O Florense*, Flores da Cunha, 12/fev/1999, Edição Nº 529, Opinião/Geral, p. 2.

CAPRA, Giovani. Organização divulga público de 84 mil na Festa. *O Florense*, Flores da Cunha, 21/mar/1999, Edição Nº 741, 10ª Fenavindima, p. 4.

CIUFFO, Romolo. Flores da Cunha e Veranópolis. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15/fev/1976, Edição Nº 30.950, Suplemento de Turismo, p. 10.

ESTRASULAS, Robinson Luis. Campanario pode sumir. *O Florense*, Flores da Cunha, 15/out/1986, Edição nº 2, Educação & Cultura, p. 13).

FIORIO, Gabriela. Uma (nova) experiência colonial italiana. *O Florense*, Flores da Cunha, 16/mai/2019, Edição nº 1569, Geral, p. 4.

FORTUNATI, José. Uma Festa Realmente Popular. *O Florense*, Flores da Cunha, 02/fev/1990, Edição nº 85, Idéias & Opiniões, p. 2.

FORTUNATI, José. Linha Direta. *O Florense*, Flores da Cunha, 17/fev/1995, Edição nº 323, FenaVindima, p. 12

FORTUNATI, José. O sucesso esperado. *O Florense*, Flores da Cunha, 23/mar/1990, Edição nº 88, Idéias & Opiniões, p. 2.

KUNZ, Yasmin. Eloy Kunz: Turismo pode dar certo. *O Florense*, Flores da Cunha, 13/jul/1990.

MOLON, Floriano. VI Fenavindima quer trazer de volta os turistas a Flores da Cunha. *O Florense*, Flores da Cunha, 04/out/1986, Edição nº 1, Educação & Cultura, p. 16.

MOLON, Floriano. VII Fenavindima deve ser realizada no ano que vem. *O Florense*, Flores da Cunha, 01/abr/1987, Edição nº 14, Política & Políticos, p. 3.

- MOLON, Floriano. Turismo - Porta dos Fundos. *O Florense*, Flores da Cunha, Edição Nº 295, Especial, p. 12.
- MOLON, Floriano. Fora do Roteiro – Porta dos Fundos. *O Florense*, Flores da Cunha, 23/set/1988, Edição Nº 52, Rural & Agrícola, p. 11.
- MOLON, Floriano. Porta dos Fundos. *O Florense*, Flores da Cunha, 16/fev/1990, Edição nº 86, Otávio Rocha, p. 5.
- MOLON, Floriano. Porta dos Fundos. *O Florense*, Flores da Cunha, 20/jan/1995, Edição Nº 319, Geral, p. 9.
- MOLON, Floriano. Porta dos Fundos. *O Florense*, Flores da Cunha, 17/fev/1995, Edição nº 323, FenaVindima, p. 14.
- O FLORENSE. Festival de Turismo pretende consolidar Região da Uva e Vinho. *O Florense*, Flores da Cunha, 19/out/1990, Edição Nº 108, p. 12
- O FLORENSE. I Festival da Polenta, *Formaggio* e *Vino* veio para ficar. *O Florense*, Flores da Cunha, 04/out/1986, Edição nº 1, Disso & Daquilo, p. 12.
- O FLORENSE. Minha cidade é assim. *O Florense*, Flores da Cunha, 29/out/1986, Edição nº 3, Disso & Daquilo, p. 9.
- O FLORENSE. Fenavindima realiza curso de Guias Turísticos. *O Florense*, Flores da Cunha, 12/nov/1986, Edição nº 4, Disso & Daquilo, p. 14.
- O FLORENSE. Pesquisa de Opinião Pública. *O Florense*, Flores da Cunha, 26/nov/1986, Edição nº: 5, Política & Políticos, p. 5.
- O FLORENSE. Encerramento do curso de guia turístico. *O Florense*, Flores da Cunha, 10/dez/1986, Edição nº 6, Disso & Daquilo, p. 14.
- O FLORENSE. Câmara Aprova Projeto de Oito Andares. *O Florense*, Flores da Cunha, 24/dez/1986, Edição nº 7, Política & Políticos, p. 3.
- O FLORENSE. O veto aos Oito Andares. *O Florense*, Flores da Cunha, 21/jan/1987, Edição nº 9, Política & Políticos, p. 3.
- O FLORENSE. Fevereiro, Mês de Festa da Vindima. *O Florense*, Flores da Cunha, 04/fev/1987, Edição nº 10, VII Fenavindima, p. 7.
- O FLORENSE. Oito andares após o Plano Diretor. *O Florense*, Flores da Cunha, 18/fev/1987, Edição nº: 11, Política & Políticos, p. 3.
- O FLORENSE. A Festa Ficou Descaracterizada. *O Florense*, Flores da Cunha, 18/mar/1987, Edição nº 13, VI Fenavindima, p. 6.
- O FLORENSE. Fim de Festa. *O Florense*, Flores da Cunha, 18/mar/1987, Edição nº 13, VI Fenavindima, p. 7.

O FLORENSE. Sugestões. *O Florense*, Flores da Cunha, 18/mar/1987, Edição nº 13, VI Fenavindima, p. 7.

O FLORENSE. Guias de Turismo tiveram ótimo desempenho na VI Fenavindima. *O Florense*, Flores da Cunha, 01/abr/1987, Edição nº 14, Turismo & Lazer, p. 7.

O FLORENSE. Zero Hora Denuncia Uísque Falsificado em Flores da Cunha. *O Florense*, Flores da Cunha, 29/jul/1987, Edição nº 22, p. 12.

O FLORENSE. Prós e Contras. *O Florense*, Flores da Cunha, 11/mar/1988, Edição nº 38, Rural & Agrícola, p. 6.

O FLORENSE. Vereador Francescatto sugere Torre como ponto turístico. *O Florense*, Flores da Cunha, 20/mai/1988, Edição nº 43, capa.

O FLORENSE, Operação “Nova Escócia” (Editorial). *O Florense*, Flores da Cunha, 20/mai/1988, Edição nº 43, Idéias & Opiniões, p. 2.

O FLORENSE. Roteiro do vinho? *O Florense*, Flores da Cunha, 01/jul/1988, Edição Nº 46, Idéias & Opiniões, p. 2.

O FLORENSE. Otávio Rocha Prepara a XVI Festa da Colônia. *O Florense*, Flores da Cunha, 17/jun/1988, Edição nº 45, p. 12.

O FLORENSE. Casarão dos Veronese, por que recuperar? *O Florense*, Flores da Cunha, 14/abr/1989, Edição nº 66, Disso & Daquilo, p. 5.

O FLORENSE. A Festa está aí (Editorial). *O Florense*, Flores da Cunha, 02/fev/1990, Edição nº 85, Idéias & Opiniões, p. 2.

O FLORENSE. Caxienses apóiam troca de nome. *O Florense*, Flores da Cunha, 27/jul/1990, Edição nº 96. Disso & Daquilo, p 5.

O FLORENSE. Festival de Turismo pretende consolidar Região da Uva e Vinho. *O Florense*, Flores da Cunha, 19/out/1990, Edição Nº 108, p. 12.

O FLORENSE. O relógio de pulso da cidade. *O Florense*, Flores da Cunha, 11/jan/1991, Edição nº 118, p. 8.

O FLORENSE. I FECOUVA. *O Florense*, Flores da Cunha, 15/fev/1991, Edição Nº 121, Edição Especial Fecouva, p. 2.

O FLORENSE. I FECOUVA. *O Florense*, Flores da Cunha, 15/fev/1991, Edição Nº 121, Edição Especial Fecouva, p. 3.

O FLORENSE. III FECOUVA. *O Florense*. Flores da Cunha, 15/fev/1991, Edição nº 121, Edição Especial FECOUVA, p. 4.

O FLORENSE. Espaço Aberto. *O Florense*, Flores da Cunha, 11/nov/1994, Edição Nº 311, Comunidade, p. 2.

- O FLORENSE. Pórtico e passarela estarão prontos para a 8ª Fenavindima. *O Florense*, Flores da Cunha, 18/nov/1994, Edição nº 32, Município, p. 3.
- O FLORENSE. Informativo da Fenavindima. *O Florense*, Flores da Cunha, 27/jan/1995, Edição nº 320, Sociedade, p. 5.
- O FLORENSE. Informativo da Fenavindima. *O Florense*, Flores da Cunha, 03/fev/1995, Edição nº 321, Geral, p. 9.
- O FLORENSE. Visitantes poderão participar da colheita. *O Florense*, Flores da Cunha, 17/fev/1995, Edição nº 323, FenaVindima, p. 5
- O FLORENSE. Propaganda da 8ª Fenavindima. *O Florense*, Flores da Cunha, 17/fev/1995, Edição 323, FenaVindima, p. 8.
- O FLORENSE. Gravados comerciais para TV. *O Florense*, Flores da Cunha, 22/jan/1999, Edição Nº 526, Comunidade, p. 13.
- O FLORENSE. Propaganda da 9ª Festa Nacional da Vindima. *O Florense*, Flores da Cunha, 29/jan/1999, Edição nº 527, Capa.
- O FLORENSE. *Parreiral Tur* é opção de lazer para visitantes. *O Florense*, 12/fev/1999, Edição Nº 529, Especial, p.13.
- O FLORENSE. Encerrada a Festa com sabor de alegria. *O Florense*, Flores da Cunha, 19/mar/1999, Edição Nº 534, Comunidade, p. 12.
- O FLORENSE. Caminhos da Colônia projeta incremento turístico. *O Florense*, Flores da Cunha, 09/fev/2002, Edição nº 684, Cadernos de Sábado, capa.
- O FLORENSE. Shows tradicionalistas são destaque da programação. *O Florense*, Flores da Cunha, 24/jan/2003, Edição Nº 733, Caderno de Sábado, p. 2.
- O FLORENSE. Floriano Molon: A ‘vindima do trabalho’ homenageia a imigração. *O Florense*, Flores da Cunha, 21/fev/2003, Edição Nº 737, Especial, p. 7.
- O FLORENSE. Muitos locais para se visitar. *O Florense*, Flores da Cunha, 23/02/2007, Edição nº 945, Suplemento Especial Encartado – Retratos da Nossa Festa – XI Fenavindima, p. 16.
- O FLORENSE. Região lança rota turística Vales da Serra. *O Florense*, Flores da Cunha, 13/jun/2008, Edição nº 1012, Geral, p. 17.
- O FLORENSE. Casarão dos Veronese prestes a ser restaurado. *O Florense*. Flores da Cunha, 21/dez/2012, Edição nº 1246, Cadernos de Sábado, Capa.
- O FLORENSE. Praça ganhará Leão Alado. *O Florense*, Flores da Cunha, 07/jun/2013, Edição nº 1269, Geral, p. 9.

O FLORENSE. Novo roteiro para divulgar o município. *O Florense*, Flores da Cunha, 14/nov/2013, Edição nº 1292, Geral, p. 11.

O FLORENSE. O Florense: mais que um jornal, uma editora. *O Florense*, Flores da Cunha, 03/10/2014, Edição 1337, Suplemento Especial Encartado, p. 2

O FLORENSE. À Comunidade o Casarão dos Veronese. *O Florense*, Flores da Cunha, 15/fev/2017, Edição nº 1500, Suplemento Encartado Especial Casarão dos Veronese, p. 2.

O FLORENSE. Casarão será inaugurado após dois anos de restauro. *O Florense*, Flores da Cunha, 15/fev/2017, Edição nº 1500, Geral, p. 34.

O FLORENSE. Prédio do Museu Municipal é patrimônio histórico. *O Florense*, Flores da Cunha, 23/nov/2018, Edição nº 1548, Geral, p. 5.

O FLORENSE. Uma (nova) experiência colonial italiana. *O Florense*, Flores da Cunha, 10/mai/2019, Edição nº 1569, Geral, p. 4.

O FLORENSE. Campanário será patrimônio histórico. *O Florense*, Flores da Cunha, 06/10/2019, Edição Nº 1586, Geral, p. 13.

O FLORENSE. Um novo roteiro pelos Caminhos do Alfredo. *O Florense*, Flores da Cunha, 11/dez/2020, Edição nº 1645, Suplemento Especial Encartado Caminhos & Rotas Turísticas, p. 6.

O FLORENSE. Passo do Vinho reúne atrativos em quatro municípios. *O Florense*, Flores da Cunha, 11/dez/2020, Edição nº 1645, Suplemento Especial Encartado Caminhos & Rotas Turísticas, p. 8.

O FLORENSE. Uma capela para Nossa Senhora da Uva. *O Florense*, Flores da Cunha, 12/fev/2021, Edição nº 1652, Geral, p.11.

O PIONEIRO. Inauguração do Campanário da Igreja Matriz de Flores da Cunha. *O Pioneiro*, Caxias do Sul, 05/nov/1949, p. 17.

ORTIZ, Fátima. Esclarecimento. *O Florense*, Flores da Cunha, 29/jul/1990, Edição Nº 296, Vinicultura, p. 8.

PAVIANI, Carlos Raimundo. Futuro. *O Florense*, Flores da Cunha, 31/dez/1987, Edição nº 33, Idéias & Opiniões, p. 2.

PAVIANI, Raymundo. Todos têm direito aos raios solares. *O Florense*, Flores da Cunha, 24/mai/1991, Edição nº: 135, Opinião, p. 2.

RECH, Maria de Lurdes. É tempo de vindimar - Cotidano. *O Florense*, Flores da Cunha, 16/fev/2007, Edição Nº 944, Caderno de Sábado, p. 7.

RECH, Maria de Lurdes. Fenavindima e sua história – Cotidiano. *O Florense*. Flores da Cunha, 17/jan/2020, Edição nº 1602, Caderno de Sábado, p.7.

RENOSTO, Zoelso. Colonos X Motoristas. *O Florense*, Flores da Cunha, 12/ago/1987, Edição nº 23, Idéias & Opiniões, p. 2.

TOSETTO, Valdinéia. Um novo olhar para o imponente símbolo florense. *O Florense*, Flores da Cunha, 14/jan/2022, Edição nº 1698, Geral, p. 11.

ZILLI, João Batista. Troca de nomes de ruas. *O Florense*, Flores da Cunha, 28/abr/1989, Edição nº 67, p. 10.

ZILLI, João Batista. Monte Calvário – Turismo e Fé. *O Florense*, Flores da Cunha, data/1990, Edição nº 90, p. 11.

ZILLI, João Batista. Festa na Gruta. *O Florense*, Flores da Cunha, 07dez/1990, Edição nº 114, interior p 2.

ZILLI, João Batista. Exposição de fotos e objetos antigos. *O Florense*, Flores da Cunha, 28/mar/1991, Edição nº 127, Geral, p. 3.

5.6 - Referências Bibliográficas

ARAGÃO, Ivan Rêgo; MACEDO, Janete Ruiz de. História e Turismo: Os “Lugares de Memória” como fator de identidade e atração nas cidades coloniais. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH, São Paulo, julho de 2011.

BARILI, Deiner Lucian. “*Uma casa para sempre*”: do tombamento ao restauro do Casarão dos Veronese (Flores da Cunha-RS, 1986-2017). 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. 2. Ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2011 [texto original escrito em 1969]. p. 185-227. Tradução de Elcio Fernandes.

BENEDUZI, L. F. *Mal di paese*: As reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de *Conde D’Eu* (1884-1925). Tese de Doutorado (História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____. Caminhos de memória: Uma análise de percursos de italianidade no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 40-55, jan./jun. 2009.

_____. Bens culturais, mercado e italianidade: memórias da imigração no Rio Grande do Sul. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 26, p. 93–120, Edição Especial Dossiê Patrimônio e Culturas Tradicionais, 2020.

- BORGES, Stella Maris Araújo. Identidade étnica: idéia positiva de identificação. Italianos e seus descendentes em Porto Alegre/RS, Brasil. *História UNISINOS*, número especial, jul./dez. 2002. p. 57-82.
- BOSCATTO, Claudino Antônio. *Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento*. Flores da Cunha: O Florense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 [primeira edição: 1989].
- _____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Tradução de Glória Rodríguez, Luiz Alberto Monjardim, Maria Magalhães e Maria Carlota Gomes. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002 [primeira edição: 1998], p. p. 183-191.
- BULLA, Adriana; BARFKNECHT; Margarete Menin; NESELLO, Leocir José; LORENZET, Sônia Malacarne. O núcleo colonial italiano no Rio Grande do Sul. In: VAILATTI, Gissely Lovatto (org); MAZZAROTTO, Graziela (org). *Nossa história: De Nova Trento a Flores da Cunha*. Porto Alegre: Evangraf, 2006.
- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 5, 1991, p. 173-191.
- COSTA, Stela Maris Paim Lemos. A colonização da Província de São Pedro do Rio Grande. In: VAILATTI, Gissely Lovatto (org); MAZZAROTTO, Graziela (org). *Nossa história: De Nova Trento a Flores da Cunha*. Porto Alegre: Evangraf, 2006.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 2, nº 4, p. 19-34, 2013.
- FACCIONI, Victor. Mais gaúcho-brasileiros que “gringos”... In: MAESTRI, Mário (coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996, p. 200-209.
- GALIOTTO, Fátima Caldart. E o sonho do trem? In: VAILATTI, Gissely Lovatto (org); MAZZAROTTO, Graziela (org). *Nossa história: De Nova Trento a Flores da Cunha*. Porto Alegre: Evangraf, 2006.
- HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, Jul/Dez 2006.
- HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Fontes documentais sobre a emigração italiana no século XIX e XX, no Rio Grande do Sul In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (orgs.). *Fontes Diplomáticas: Documentos da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EducS, 2016.

- KIELING JUNIOR, Bolívar. *Tradicionalismo Gaúcho e Italianidade: construção de identidades em Caxias do Sul (1950 – 2010)*. Tese de Doutorado (História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- MENESES, José Newton Coelho. *História & Turismo Cultural*. 1ª edição, 1ª reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MOLON, Floriano. Os Caminhos da Colônia. In: BRAMBATTI, Luiz E. (org.). *Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo de. O passado encravado no presente: turismo histórico e passado-espetáculo nas Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 155 – 171, jan./jun. 2009.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 15, nº 42, 2000, p. 7-21.
- OTOBELLI, Danúbia. *Flores da Cunha: 90 anos de emancipação política 1924-2014*. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2014.
- PRATS, Llorenç. *Antropología y patrimonio*. Barcelona: Editora Ariel, 2ª edição, 2004 [primeira edição: 1997].
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 4ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985 [primeira edição: 1980].
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Tradução de Dora Rocha Flaksman.
- _____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Tradução de Monique Augras.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. 2. Ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2011 [primeira edição: 1997]. Tradução de Elcio Fernandes.
- SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas F. Dos lugares de memória ao patrimônio: emergência e transformação da ‘problemática dos lugares’. *Projeto História*, São Paulo, n. 52, p. 245-279, jan/abr 2015.
- SANTOS, Miriam de Oliveira. A colonização italiana para o Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos. ZANINI, Maria Catarina Chitolina (orgs.). *Migrantes no Sul do Brasil*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2010, p. 153-172.
- SARETTA, Carla Maris. *Do galo da vergonha ao galo da prosperidade*. Flores da Cunha: 2013.

TEDESCO, João Carlos. *Gemellaggios* e transnacionalismo étnico: ritualidades de memória coletiva de italianidades. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 129-153, julho-dezembro de 2019.

TOMAZZONI, Edegar Luis; BOCK, Isabel Angélica; SIMON, Simone. Caminhos da Colônia: Turismo Rural na Serra Gaúcha-RS. *Rosa dos Ventos*, Caxias do Sul, v. 4, nº 2, p. 250-262, 2012.

VAILATTI, Gissely Lovatto (org); MAZZAROTTO, Graziela (org). *Nossa história: De Nova Trento a Flores da Cunha*. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

VERDI, Taísa. *A Terra do Galo que canta: O Festival das Vindimas da Canção Popular de Flores da Cunha*, Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado (História). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020.

WEBER, Regina. O avanço dos “italianos”. *História em Revista*, Pelotas, v. 10, p. 75-94, dez./2004.

_____. Líderes, intelectuais e agentes étnicos: significados e interpretações. *Diálogos*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 703 – 733, mai.-ago./2014.

WEBER, Roswithia. *Mosaico identitário: História, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica*. Tese de Doutorado (História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.